

Dane Rudhyar

A DIMENSÃO GALÁCTICA DA ASTROLOGIA

O Sol também é uma Estrela

A DIMENSÃO GALÁCTICA DA ASTROLOGIA

O Sol também é uma Estrela

DANE RUDHYAR

A DIMENSÃO
GALÁCTICA DA
ASTROLOGIA

O Sol também é uma Estrela

Tradução
TEREZINHA SANTOS



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original:
The Galactic Dimension of Astrology

Copyright ©1975 by Dane Rudhyar
a First American Edition, Aurora Press INC.

Edição

1-2-3-4-5-6-7-8-9-10

A n o

91-92-93-94-95

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374 -04270 - São Paulo, SP - Fone: 272-1399
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas

Sumário

Capa - Contracapa

PARTE I

1 — Introdução ao Nível Galáctico da Consciência	9
2 — O Sol Visto como uma Estrela	22
a) Um Enfoque Galáctico do Sistema Solar	22
b) Planetas de Funcionamento Orgânico	30
c) Planetas de Transformação e Transcendência	37
3 — A Polaridade Urano-Netuno	47
4 — Plutão e a Experiência da Profundez, do Vácuo e da Recentralização	64

PARTE II

5 — Os Planetas Transaturninos nos Signos do Zodíaco	80
6 — Os Ciclos Interpenetrantes de Urano, Netuno e Plutão	109

PARTE III

7 — Um Enfoque Transfísico da Galáxia	130
8 — As Relações Transpessoais e a Comunidade Galáctica	148
9 — O Desafio da Galacticidade na Astrologia Humanista	160

Apêndice

Apêndice	181
----------------	-----

Epílogo

Epílogo	186
---------------	-----

Índice Remissivo

Índice Remissivo	192
------------------------	-----

PARTE I

Introdução ao Nível Galáctico da Consciência

Há aproximadamente cinco séculos, Copérnico e Galileu imaginaram um sistema soar no qual planetas sombrios, impelidos pela força da gravitação, giravam subservientes em torno de um magnífico Sol central, monarca do céu. Todo o sistema compunha-se de corpos materiais que se moviam no espaço vazio — matéria sólida no caso dos planetas, matéria em estado incandescente no caso do Sol. O sistema era regido por rígidas leis mecânicas. Este modelo veio suplantar a antiga visão geocêntrica do universo, segundo a qual a Terra constituía o centro e uma hierarquia de esferas celestiais — lunar, solar, planetária, estelar e divina — girava em torno dela.

Chamou-se a esta mudança da antiga para a nova visão de mundo de Revolução Copernicana, conquanto Galileu e Kepler tenham contribuído muito para sua formulação e difusão, bem como posteriormente, Francis Bacon, Newton e Descartes, os quais desenvolveram melhor as implicações da nova visão. O sistema heliocêntrico foi aceito em toda parte. Curiosamente, a sociedade clássica emergente na Europa em fins do século XVI e ao longo do século XVII foi modelada, sem dúvida inconscientemente, pelo padrão do sistema heliocêntrico: um rei autocrático governava com poder absoluto um país que teoricamente era seu, e cujo povo sujeitava-se à sua vontade pessoal; esse rei cercava-se de ministros, cortesãos e criados de diversas classes sociais, o que refletia o seu poder. Uma sociedade e sua cultura baseiam-se sempre em um conjunto de pressupostos, de base metafísica e/ou religiosa, que encontram sua expressão em grandes símbolos e mitos. Ao longo do desenvolvimento da mesma, uma minoria curiosa e criativa de pensadores das classes dominantes cultas — que por sua vez controla os sentimentos e crenças religiosas das massas — questiona a validade de alguns dos

conceitos básicos até então aceitos como dogmas e paradigmas. Quando isso ocorre, a revolução, já em processo nas mentes de um pequeno grupo de pioneiros, gradualmente engloba toda a sociedade, produzindo suas mudanças. O modo de vida do povo e a mentalidade oficial imposta ao sistema educacional pela inteligência dominante pouco a pouco vão sendo transformados. Inúmeras são as influências sempre presentes nessas mudanças revolucionárias, algumas produzidas por alteração das condições materiais e econômicas, por novas invenções ou súbitas mudanças de climas. Contudo; enfocamos aqui apenas a transformação mental-espiritual operada quando novos conceitos, novas maneiras de interpretar antigos fatos ou a descoberta de novos fatos estimulam profunda e irrevogavelmente, e de certa forma constroem, as mentalidades dominantes de uma dada cultura a modificar radicalmente a visão do universo e da vida circundantes.

O que Copérnico, Galileu, Kepler e Newton realizaram entre os séculos XVI e XVIII, Roentgen, Curie, Planck e sobretudo Einstein e seus sucessores repetiram há menos de um século, quando verdadeiramente "desmaterializaram" para nós o universo em que implicitamente acreditávamos há cerca de três séculos. Um universo composto de sólidas esferas de matéria, separadas umas das outras por grandes distâncias e unidas por imutáveis leis da natureza, as quais expressam um absoluto princípio 'de causalidade, transforma-se, após Einstein, num universo de campos de energia (ou campos de força) que, somente sob determinadas condições, apresenta ao observador o caráter de solidez material. O antigo modelo - "sensato" - do universo desapareceu quase inteiramente sob o ar rarefeito de grupos algébricos, números irracionais e níveis de infinidade. Mais recentemente, a radiotelescopia informou-nos sobre galáxias inacreditavelmente distantes, quasares, buracos negros e buracos brancos. Um universo em expansão, repleto de todos os tipos de vibrações intangíveis e de partículas indefiníveis, as quais tanto podem ser matéria como antimatéria, bem como ocorrer no tempo negativo ou positivo, é apresentado às nossas mentes bastante aturdidas. Realmente, aceitamos este universo? *Podemos aceitá-lo?*

Cerca de dois séculos foram necessários para que a Revolução Copernicana fosse oficialmente assimilada, sobretudo depois que os conceitos de Newton imprimiram-lhe maior finalidade. Com o grande aumento do número de cientistas e da velocidade na comunicação sócio-cultural, o novo modelo do universo — e do mesmo modo a

desafiadora modificação dos conceitos mantidos durante muito tempo, referentes à natureza e às potencialidades inatas dos seres humanos — possivelmente estará concluído e inteiramente aceito até o fim deste século; conquanto ainda esteja sendo constantemente alterado e possa vir a ser reformulado sob bases radicalmente novas. Talvez este modelo seja válido apenas parcialmente. Caso a atual crise da civilização leve a eventos cataclísmicos, tal modelo poderá mostrar-se apenas transitório — destruidor de antigas ilusões, mas ainda não verdadeiramente construtivo, por não ter encontrado a chave fundamental (ou, poderíamos dizer, os novos *símbolos básicos*) necessária para oferecer uma ordem significativa para uma crescente massa de dados, cuja correlação ainda não foi realizada, dados estes que consideramos como fatos.

Mas o que são "fatos"? A etimologia da palavra sugere que um fato é algo "feito" (jactam). Nossos meios de percepção permitem-nos, enquanto seres humanos, tomar consciência daquilo que denominamos um fato. Sabemos que, se fotografarmos uma paisagem com filmes sensíveis aos raios infravermelhos ou ultravioletas, obteremos uma fotografia inteiramente diferente da que nossos olhos vêem. Não vemos as nebulosas extremamente distantes, cujas vibrações são detectadas pelos nossos radiotelescópios — tampouco divisamos num nevoeiro os objetos que nossos radares localizam para nós. Isto são fatos? Em caso positivo, por que os espíritos da natureza e os deuses descritos pelos nossos antepassados não são considerados fatos? Por que não considerar as visões de místicos medievais fatos que pertencem à experiência *deles*, quando nós, mentes cientificamente treinadas, acreditamos em nebulosas há bilhões de anos-luz de distância — ou em partículas subatômicas cujos traços, na melhor das hipóteses, entrevemos com o uso de instrumentos sofisticados — como fatos da nossa experiência?

Nossos antepassados elaboraram sistemas religiosos e cosmologias complexas, a fim de interpretar seus fatos de modo a obter um sentido de ordem universal. Assim fizeram os santos católicos medievais e assim fazem nossos modernos astrônomos. Toda cultura constrói o modelo de universo que mais eficaz e convenientemente produz, na mente humana e no seu profundo sentimento de estar vivo e ser criativo, o tipo de ordem ao qual o estágio da evolução humana, característico da cultura, possa corresponder mais significativamente. Esta ordem expressa-se através de mitos e símbolos. Os atuais símbolos são matemáticos. Nossos mitos são encontrados na teoria darwinista da evolução;

na premissa básica da ciência moderna — não questionada até muito recentemente — segundo a qual a materialidade e a mensurabilidade constituem as únicas chaves para a compreensão do mundo; e em nosso enfoque laboratorial da psicologia e da medicina. Até mesmo as verdades "evidentes por si mesmas" por nós entronizadas na Carta de Direitos nacional e internacional (embora em verdade envidemos todos os esforços para que sejam seguramente colocadas em segundo plano ou inteiramente ignoradas) constituem, no mais profundo sentido da palavra, um *mito*. A implicação de tudo isto significa simplesmente que qualquer sociedade, qualquer grupo característico de seres humanos e, em sentido mais restrito, qualquer indivíduo que não constitua apenas um espécime indistinto de determinado tipo racial, econômico ou social, percebem o universo como cada qual *necessita percebê-lo*. O homem projeta no mundo exterior o que ele é *em potencial*, embora ainda não saiba o que é, com o fito de descobrir e realizar seu potencial inato. O homem "cria" coletivamente o universo de que necessita apenas porque precisa do acaso para funcionar com a melhor eficácia possível; e assim age, seja ele um antigo xamã, um sufi ou um místico cristão, ou um cientista moderno em seu laboratório ou observatório.

Quando o homem antigo via deuses no céu, era porque precisava deles para comunicar-se e para recrutá-los como ajudantes. Se o homem europeu clássico percebia o sistema solar como um vasto mecanismo que trabalhava segundo leis quase ritualísticas (isto é, imutáveis) — as leis da natureza —, isto se devia à sua necessidade de um sentido material e exterior de segurança, a fim de ordenar e favorecer o desenvolvimento do seu individualismo social. Quando reis e imperadores eram destronados, uma constituição sacrossanta assumia o lugar deles — ou, em religião, "O Livro".

O que o homem percebe no universo, sendo uma projeção de suas necessidades mais características, constitui por esse motivo um *símbolo do que ele é*. É uma imagem cosmificada ou deificada de si mesmo; mas não é só isso. Enquanto símbolo, contém, de maneira latente e "oculta", a resposta às necessidades humanas básicas. É uma resposta em termos impessoais — uma resposta formulada em linguagem simbólica, cuja decifração é difícil. Mas a linguagem dos sonhos e oráculos também é, e sempre foi, de difícil interpretação.

Atualmente testemunhamos o surgimento gradual de um modelo de universo que nos apresenta um problema especial, pois exige a

aceitação de uma *nova dimensão da realidade*. Esta "quarta dimensão" pode ser definida com uma palavra evasiva, conquanto reveladora: INTERPENETRAÇÃO. Nela está implícito que o universo e a totalidade de nossos seres se "interpenetram". A era de individualidades isoladas, irredutíveis e quase absolutas, bem como de objetos físico-materiais, inteiramente distintos e sem relação entre si, está no fim. Tudo não mantém apenas relação com todo o resto; tudo o que existe interpenetra todo o resto. Permanecem as "particularidades", num espaço agora visto mais como plenitude do que como vazio; mas a realidade básica é esse espaço no qual cada particularidade interpenetra todas as demais "nas vizinhanças" — e vizinhança aqui pode incluir um vasto campo de atividades correlatas.

A humanidade como um todo, ou mesmo uma considerável minoria de seres humanos que representa a vanguarda evolucionária, ainda não tem uma experiência *direta* deste modelo de universo. Não existem ainda nos seres humanos "normais" órgãos de percepção que nos permitam perceber de maneira totalmente convincente o tipo de *ordem*, de relação e os *processos de transformação* invocados pela matemática abstrata na física moderna e na astronomia. Os poucos sensitivos ou videntes capazes de "ver" ou de sentir o que a maior parte das pessoas não consegue perceber, com frequência não são muito confiáveis, em parte porque trabalham contra a pressão da mentalidade coletiva da sua cultura; falta-lhes um sistema de referência consistente para suas experiências. Percepções místicas, conquanto em geral apontem para a interpenetração, de certa forma idêntica, de uma realidade que transcende tempo e espaço, possuem um caráter absolutista e subjetivo que as tomam essencialmente incomunicáveis. A comunicabilidade implica a possibilidade de serem formulados alguns princípios de organização. As novas experiências precisam submeter-se a um novo tipo de ordenamento, o qual envolve novas formas de relacionamento entre os elementos de qualquer sistema que consideremos ou do qual participemos.

As novas descobertas da física e da astronomia fornecem-nos dados extremamente intrigantes, os quais, por sua vez, vêm sendo constantemente modificados por novas observações. O cientista está de tal forma consciente da necessidade de formular novas teorias gerais que, no exato instante em que se percebe um novo fato desafiando algum aspecto do modelo até então aceito do universo, ele tenta transformá-lo na base

de um novo modelo. Contudo, em geral falta-lhe imaginação ou coragem para libertar-se completamente dos antigos paradigmas da sua cultura. A princípio, ele sente dificuldade em deixar de lado o conceito tipicamente ocidental da materialidade fundamental do mundo. Sob o pretexto de que as soluções devem ser simples, não exigindo a introdução de qualquer fator desnecessário, nossos criadores de teorias não reconhecem sua tendência cultural inata. É tão simples dizer que o universo é um sistema organizacional caracterizado pela "vida", quanto afirmar que ele é constituído de "matéria", e que aquilo que nós chamamos de vida é um epifenômeno ou efeito secundário da química dos processos materiais. Experimentamos a vida de maneira direta, tanto em nós mesmos quanto em nosso meio ambiente. Tudo o que nos cerca nasce e morre — até mesmo, por exemplo, as montanhas quando vistas em termos do longo processo evolutivo do planeta como um todo. Hoje sabemos que até mesmo as estrelas nascem, amadurecem e morrem. Entretanto, a duração da vida delas é tão ampla comparada à nossa ou até mesmo à duração de uma sociedade, capaz de transferir de uma geração a outra o conhecimento adquirido, que um processo cuja duração no sistema solar é de muitos anos pode corresponder ao que num ser humano demora apenas alguns segundos. Desse modo, H. P. Blavatsky, em sua obra *A Doutrina Secreta*, afirma que o ciclo de onze anos da mancha solar corresponde a um único batimento (sístole e diástole) do coração humano.

O conceito de hierarquia dos "níveis de organização" foi recentemente endossado por eminentes cientistas; e deve ser compreendido em termos de uma visão "holística" da existência. Tal enfoque holístico, inicialmente apresentado por Jan Smuts, e que discutirei no próximo capítulo, atualmente vem superando, ou modificando por completo, a visão de mundo "atomista" que, nos últimos quatro séculos, transformou tudo em entidades separadas e fundamentalmente isoladas — átomos, seres humanos, almas, sociedades e os próprios acontecimentos. Cada vez mais, a *relação* entre essas entidades e sua participação numa totalidade mais abrangente — que por sua vez é parte de uma totalidade ainda maior — é considerada a essência mesma da realidade. O conceito de "campo" vem sendo cada vez mais utilizado (existe uma excelente revista publicada por Julius Stulman, fundador do World Institute Council de Nova York, intitulada "Fields Within Fields").

Já discuti esta questão em outros livros; mas deve-se acrescentar aqui que esta visão holística, que vem transformando potencialmente nossa imagem do universo, foi desenvolvida e está se difundindo neste momento histórico *porque a humanidade necessita dela agora*. Os conceitos que emergiram da Grécia antiga, após um período de obscuridade, tornaram-se as bases do universo europeu clássico que a América herdou, não podem, na sua presente forma, ajudar-nos na transformação imperativa da consciência e, em termos práticos, de nossas atitudes e convicções sócio-culturais cada vez mais obsoletas. Precisamos repensar a maior parte das aquisições do pseudo-iluminismo do século XVIII, se quisermos salvar o que puder ser usado da nossa tradição ocidental construtivamente na nova situação global com que nos defrontamos no momento. Para fazer isso de modo eficaz em todos os níveis, e não apenas como uma operação provisória, necessitamos de um novo e abrangente sistema de referência para nossas novas experiências, o qual poderá ser encontrado no universo holístico e hierárquico, com o qual estamos travando conhecimento. Esse tipo de universo nos está sendo revelado *porque constitui a imagem-espelho daquilo que, conquanto ainda num estágio de potencialidade, está prestes a acontecer dentro de nós*. O homem sempre descobre fora de si mesmo aquilo no que está prestes a tomar-se. Infelizmente, a inércia da tradição cultural do passado e do conhecimento congelado em teorias rígidas impediu-o durante muito tempo de ver e aceitar o que representa o próximo passo no seu desenvolvimento.

Não devemos nos esquecer de que a nova mentalidade que tomou forma durante o Renascimento e estabeleceu-se ao longo da segunda metade do século XVII na Europa, foi forjada na sua forma básica por astrônomos que estudavam o céu. O homem europeu de então transpunha o conceito do universo como uma máquina ao seu comportamento, e encontrava em um Sol central e irradiador de energia a justificativa simbólica para o direito divino dos reis — *Le Roi Soleil*. Hoje, a nova imagem do universo deve emergir a partir do que a ciência moderna começa a perceber em ambas as extremidades da escala de grandezas cósmicas — o átomo e as galáxias. O núcleo do átomo serve de espelho para a natureza complexa e ambígua do eu mais íntimo do homem, enquanto as perspectivas que surgem ao investigarmos o nível de organização representado pelas galáxias em espiral indicam-nos a possibilidade — na verdade a inevitabilidade, em futuro mais ou menos próximo — de uma

forma de organização da sociedade, baseada em novos modelos de relação interpessoal e intergrupal. Contudo, o problema, repito, está em como interpretar as recentes revelações da astronomia e da cosmologia sem permitir que nossas mentes continuem funcionando segundo os velhos padrões de mecanismo e materialidade — padrões evocados por nossa tendência inata à criação de entidades e nosso individualismo egocêntrico e orgulhoso.

É aqui que a astrologia, a seu modo particular, nos oferece um quadro simbólico do processo de expansão da consciência e do comportamento humano, do estágio arcaico tribal ao individualismo euro-americano — estendendo-se além deste último até uma civilização global, integrada conscienciosa e harmonicamente com todas as atividades infinitamente variadas, conquanto interdependentes, que tomam lugar nos diversos níveis do organismo planetário da Terra.

Na primeira parte de meu livro *As Casas Astrológicas** mostrei que a astrologia começou como um sistema de interpretação dos fatos revelados pela observação da "cúpula do céu" estritamente centrado na localidade — antes um hemisfério celestial do que uma esfera, já que não havia como observar o que ocorria abaixo do nível terrestre plano, limitado pelo horizonte. Tribos antigas afastavam-se muito pouco do solo do qual retiravam sua subsistência; eram ligados à terra como um ovo une-se ao revestimento do útero materno. Suas culturas foram modeladas pelo clima e pelas características do meio ambiente local, com tudo o que este continha. Os homens das Eras Vitalistas sentiam-se fundamentalmente unidos à natureza; não haviam desenvolvido um senso de separação de tudo o que se lhes afigurava como manifestações variadas da Vida Única a preencher todo o espaço. Contudo, foram levados, devido às experiências contrastantes de seu ambiente tropical e do céu, a conceber esta Vida Única como bipolar em suas manifestações: terra e céu.

A "natureza celestial" para eles consistia no aspecto positivo e criativo da Vida que se expressava em uma porção de grandes hierarquias espirituais de Inteligências divinas. Algumas destas funcionavam diretamente através do Sol que, em sua trajetória ao longo do céu, concentrava o poder das doze grandes constelações zodiacais. Outras constelações ofereciam significados mais transcendentais ou espetaculares

* Ed. Pensamento, São Paulo.

(em geral altamente inquietantes) ao espaço que circundava algumas estrelas particularmente brilhantes. Para estes homens dos tempos arcaicos, a natureza celestial era a polaridade fecundadora e ativa; e a natureza terrestre, o pólo passivo e reflexivo. Em essência os dois formavam um, por conseguinte os homens podiam comunicar-se com os seres celestiais. Tais comunicações aconteciam de inúmeras maneiras — em visões; em grandes sonhos, compartilhados por no mínimo dois membros de uma tribo, a fim de provar sua validade; em presságios e oráculos. Assim, a astrologia constituía a linguagem dos deuses celestiais — uma linguagem misteriosa que precisava ser cuidadosamente interpretada, como os sonhos e pronunciamentos dos oráculos. Era a linguagem que os deuses utilizavam para fornecer-nos "informação".

Podemos comparar as informações fornecidas a nós pelas cartas astrológicas àquelas que as moléculas de ADN dão à célula. Interpretamos estas informações em termos químicos porque nossa mente precisa interpretar os resultados segundo um enfoque materialista, a fim de que possamos compreender os processos de vida no interior da célula. Naturalmente as linguagens astrológica e química são diferentes, pois originam-se de diferentes enfoques do universo. Contudo, afirmar que todos os processos de vida por nós observados resultam de operações químicas materiais implica a aceitação de postulados indemonstráveis, do mesmo modo que a atribuição de tais processos de vida a Inteligências divinas. Evidentemente, para a mente materialista é difícil visualizar a possibilidade dos planetas constituírem manifestações visíveis de deuses comunicando aos seres humanos o tipo de mensagem e informação organizacional que os astrólogos acreditam que a carta natal de uma pessoa contém. A dificuldade surge primariamente porque a maior parte das mentes modernas enxergam qualquer coisa separada de todo o resto — e sobretudo não conseguem conceber qualquer conexão "real" entre movimentos planetários tão distantes da superfície terrestre e o destino, comportamento ou temperamento dos seres humanos, cada um dos quais acredita-se seja também um indivíduo distinto e autônomo. Para a consciência primitiva, não havia separação. entre céu e terra; constituíam as duas polaridades de uma existência resultante da interação contínua e ritmada de ambos — interação simbolizada pelo filósofo chinês como a influência recíproca de duas forças cósmicas, Yin e Yang.

Foi somente com a crescente individualização dos seres humanos — especialmente através da vida urbana, a qual encorajou a

ambição do ego e a sede de poder — que um novo conceito veio substituir o de independência absoluta entre os dois aspectos da Vida universal — céu e terra, deuses e homens: o conceito de uma analogia estrutural básica entre o universo e o homem. O primeiro considerado como macrocosmo, o segundo como microcosmo, e um "correspondendo-se" ao outro, cada qual desenvolvendo-se paralelamente ao outro; o macrocosmo visto como positivo e o microcosmo como receptivo. Tal paralelismo estrutural, que faz uma ligação não muito clara entre dois grupos inteiramente diversos de acontecimentos e padrões de comportamento característicos, recebeu uma forma modernizada e restrita pelo psicólogo Carl Jung, sob o nome obscuro de "sincronicidade".

Este princípio hermético de correspondência, "O que está acima é como o que está abaixo" provavelmente desenvolveu-se no Egito helenizado, embora sua origem possa ser mais antiga. Ele formou a base para um tipo de linguagem astrológica relativamente nova, transmitida à Europa cristã sobretudo por intermédio de Ptolomeu, da Alexandria, e também por alguns astrólogos do Império Romano, então em lenta desintegração. A Revolução Copernicana, que levou ao modelo heliocêntrico clássico do universo, provocou profunda mudança na consciência do homem. O que muitas pessoas não perceberam é que esta transformação heliocêntrica conduziu e, de certa forma, implicou — conquanto seus criadores provavelmente não se tenham apercebido disto — um enfoque não somente mecanicista, mas materialista de *todas as formas de existência*. O fato importante não foi o de que a terra tomou-se um globo girando em torno do Sol em vez de ser o centro do universo, mas sim que a *relação* entre todas as partes desse universo clássico vieram a ser *interpretadas* em termos de forças e trações entre massas materiais, representadas como entidades isoladas no espaço vazio. O universo tornou-se atomizado *porque* o homem ocidental havia atingido um estágio na evolução humana que exigia poderosa acentuação do que quer que justificasse e fornecesse uma base universal e lógica para o individualismo — ou poderíamos dizer, para um enfoque "ultra-individualista" da existência, seja no nível pessoal ou social.

A teoria heliocêntrica trouxe muitas complicações ao modelo astrológico. A mudança no estudo do movimento dos corpos celestes de "centrada no local" para "centrada no global" originou uma série de ambigüidades, no que se refere à natureza do Zodíaco e das Casas astrológicas. E, mais importante, a nova imagem do universo

essencialmente como uma máquina alterou o *significado* da informação que a astrologia podia fornecer. O céu mecanicista, transformado num amplo relógio cósmico, só podia dizer aos seres humanos a hora, — o tempo no qual podia-se esperar que ocorressem os *eventos* — e, em termos de uma imprecisa Doutrina de Correspondência, *onde* aconteceriam no microcosmo, isto é, no indivíduo. A astrologia clássica deixa de lidar com a "vida" — e o Sol e a Lua, nos séculos anteriores duas fontes dos processos de vida bipolares, logo tomaram-se, para o astrólogo moderno, simples membros do grupo planetário. O indivíduo passou a ser considerado exterior à sua carta natal — e a alma individual também exterior à natureza terrestre. O homem era "sábio" na medida em que "governasse as estrelas".

A ruptura entre o indivíduo e o universo tomou-se mais acentuada no século XIX. O homem inebriou-se de orgulho com o progresso, pelo qual em o único responsável, e com o poder colocado em suas mãos, graças a seu intelecto analítico e inventivo, porém limitado pelo materialismo. Somente após a conjunção de Netuno e Plutão em 1891-92 — quinhentos anos depois de conjunção semelhante demarcar os primórdios do Humanismo e do período da pré-Renascença — com a descoberta da radiatividade, das teorias de Planck e Einstein, do uso de telescópios maiores e posteriormente de radiotelescópios, chegou-se a um modelo quase totalmente diferente do universo. As implicações de tal modelo ainda não foram compreendidas, excetuando-se talvez uns poucos filósofos-cientistas, assim como os efeitos a longo prazo da Revolução Copernicana só foram avaliados um ou dois séculos mais tarde.

Hoje, com a criação dos instrumentos que possibilitaram uma nova imagem do universo, o homem atingiu um estágio em que necessita terrivelmente da integração das capacidades recentemente desenvolvidas por ele com as aptidões complementares que precisara menosprezar (e até mesmo rejeitar) a fim de concentrar-se na construção de seus novos poderes de análise, interpretação e generalização. Os resultados da tecnologia que possibilitou ao homem construir instrumentos capazes de aumentar mil vezes sua capacidade perceptiva, constrangeram-no a desafiar a validade exclusiva do enfoque intelectual e social, que tornou viável a criação de tais instrumentos. A tecnologia constitui importante vitória, mas a próxima geração poderá morrer com a aplicação inexorável da mesma, a menos que reconsidere e modifique completamente

os postulados sobre os quais nossa civilização ocidental baseia sua imagem clássica do universo e do relacionamento do homem com esse mesmo universo. As recentes descobertas científicas ainda não apagaram de fato esta imagem da consciência coletiva da maioria das pessoas, incluindo grande parte dos líderes políticos, religiosos e educadores.

Isto *não* significa que devemos voltar a um modelo antigo e ingenuamente "vitalista" do universo; e, em astrologia, voltar a uma forma de interpretação "centrada no local" em um céu repleto de hierarquias de deuses. Portanto, o abismo entre o homem e o universo precisa ser *sanado* — pois constituía verdadeira enfermidade, provavelmente destinada a levar o homem a um estado febril capaz de forçá-lo a sobrepujar a inércia das antigas formas tribais de existência social. *Deve ser restabelecida a comunicação entre o universo e o homem.*

Isso só ocorrerá quando o homem sentir-se parte funcional do universo e não mais um estranho dentro do mesmo; quando a experiência que o homem tem, primeiramente da vida, e em seguida da consciência e da inteligência deixar de ser compreendida como um acidente casual em um universo sem sentido — no qual massas de matéria passam sem rumo e a velocidades inconcebíveis — e sim como constituintes básicos do cosmos. Neste cosmos, matéria, vida, mente e uma energia-substância supramental a qual denominamos vagamente espírito, irão ser consideradas e (talvez) diretamente experimentadas como diferentes "níveis de organização" da realidade. Esta realidade de múltiplos níveis permeia todo o espaço e mantém-se ativa ao longo de um período de tempo infinito. Seu funcionamento é cíclico, pois sua natureza é dual ou bipolar, e o que denominamos e experimentamos como existência resulta da interação contínua de duas forças cósmicas — interação esta que produz uma seqüência rítmica de manifestações cósmicas em campos de atividade espaço-temporal limitados — que retornam periodicamente a um estado metacósmico de potencialidade infinita.

Os traços metafísicos essenciais deste modelo de mundo não são novos, mas o modelo como um todo precisa ser radicalmente reformulado, a fim de que possa responder melhor às necessidades de uma humanidade que vem desenvolvendo um novo tipo de mente e de relações interpessoais. Uma nova formulação implica novos símbolos, ou, para ser mais exato, um *novo nível de simbolização*; e seguramente não é fácil atingir um nível mais elevado, por conseguinte mais abrangente, de conceitualização e simbolização. Contudo, isto deve ser feito e os elementos para tal já

existem, fornecidos pelas novas descobertas da física nuclear e da astronomia galáctica. O problema, repito, reside em como usar estes novos elementos sem reduzi-los a padrões conceituais pertencentes ao modelo intelectual e mecanicista da astronomia clássica. É uma questão de interpretação — interpretação com base em nova dimensão da consciência, conferindo novo caráter a todas as realidades básicas da existência humana. A palavra que já utilizei, interpenetração, afigura-se a mais adequada para definir esse caráter.

Do ponto de vista de uma astrologia livre do fantasma de um tipo ainda mais sofisticado e "científico" de adivinho, este novo enfoque quadridimensional da existência e da consciência humana é melhor simbolizado pela galáxia — assim como o enfoque clássico tipicamente europeu poderia, significativamente, relacionar-se como modelo Copernicano e Newtoniano do sistema solar. Conseqüentemente, estou falando de uma "dimensão galáctica da astrologia", a qual também pode apresentar-nos um conceito "galáctico" da sociedade e da humanidade, segundo o qual nossa Galáxia em espiral simboliza a lenta emergência da "Comunidade Universal do Homem".

O Sol Visto como uma Estrela

a) Um Enfoque Galáctico do Sistema Solar

Segundo a visão holística da natureza do universo e da humanidade, o que chamamos existência consiste em um estado de atividade que funciona em termos de "totalidade". Uni ser humano constitui um todo. E um organismo, o que significa um campo organizado de atividades inter-relacionadas e interdependentes — por conseguinte funcionais. Classificamos essas atividades consoante seu funcionamento no nível físico-biológico, psicológico, mental e (na falta de um termo melhor) supramental ou nível da alma. O homem, enquanto pessoa total, constitui um todo que inclui todos estes níveis.

No homem, este campo organizado e orgânico de existência possui no mínimo o potencial para desenvolver um tipo único de inter-relação entre cada um de seus conteúdos; vale dizer, um caráter individualizado. Tal singularidade expressa-se na seguinte percepção: "Eu sou este ser particular." No homem, portanto, o campo de atividade adquiriu um centro com o qual suas atividades mais importantes se relacionam conscientemente. Ao menos é o que parece mais importante à mente daquele que experimenta tais atividades como suas. A mente constitui a forma que a consciência, emergente do campo de atividades de determinada pessoa, assume e mantém. Em geral, esta forma é controlada pelo ego, o qual diz respeito ao modo específico com o qual o *centralismo de todo o campo* manifesta-se no nível do que denominamos "consciência desperta".

O ser humano, conforme é percebido por nossos sentidos "normais" no presente estágio da evolução humana, é acima de tudo um

corpo — isto é, um sistema biológico. As partes constituintes deste sistema são as células, a maioria das quais funciona em comunidades chamadas "órgãos" (coração, fígado, cérebro, glândulas de vários tipos); outras, em subsistemas circulatórios ou agrupamentos intersticiais, cuja relação é mais livre, distribuem-se onde são necessárias. Cada célula é uma totalidade bem definida e com propriedades características, contendo moléculas que também constituem sistemas estruturados de atividades, organizados para um tipo de trabalho específico — e as moléculas contem átomos, os quais contêm diversas partículas indefiníveis de vários tipos. Assim, percebemos, no nível de vida desta biosfera terrestre, uma série holárquica ou hierárquica de totalidades, cada qual com uma função determinada dentro da "totalidade maior" da qual fazem parte. Por sua vez, todas elas constituem uma totalidade maior para suas próprias partes componentes.

Quando a mente moderna considera objetivamente estas séries, em geral toma como certo que tais séries terminam no corpo vivo dos animais e seres humanos. Contudo, todos estes corpos vivos funcionam dentro da biosfera de um planeta que — finalmente começamos a compreender — em verdade é um sistema admiravelmente bem organizado, composto de partes em constante inter-relação, interação e interdependência. Tais partes são os vários "reinos" que conhecemos e podemos observar (mineral, vegetal, animal, humano). A estes devemos acrescentar, no mínimo, fatores telúricos ou planetários como os fatores atmosféricos, estratosféricos, bem como as correntes oceânicas e as forças ou elos magnéticos (os cinturões van Allen, por exemplo), os quais talvez representem papel fundamental no funcionamento harmônico da totalidade planetária.

Além destas categorias de atividades, pode haver outros "reinos" ou centros nodais de energia que nossos sentidos normais atualmente não conseguem perceber. Tais reinos podem ser considerados "físicos" em um diferente nível vibratório, ou suprafísicos. Todos os adeptos de antigas religiões, e muitos povos que até hoje vivem em contato com a natureza, e a maioria dos sensitivos e videntes atuais testemunham a existência de classes de entidades, via de regra não observáveis, que coexistem conosco na biosfera terrestre, ou em outras esferas incluídas no campo total da atividade planetária que denominamos Terra. Essas entidades recebem diversos nomes: anjos, devas, espíritos da natureza dos mais variados tipos, que podem ser personificações de *campos dirigidos*

de energia operando nos quatro reinos visíveis de vida. É possível que alguns destes "campos de energia" relacionem-se diretamente com radiações solares ou outras fontes cósmicas.

A crença na existência do que nos parecem formas de vida ou inteligência habitualmente invisíveis era natural no homem primitivo. Tal crença jamais desapareceu por completo, manifestando-se seja em forma religiosa ingênua e dogmática, ou "paralógica" (isto é, oculta); entretanto, foi exorcizada pelos altos sacerdotes de nossa física e cosmologia clássicas, em nome de um racionalismo totalmente subserviente ao empirismo materialista. Se tal crença baseia-se ou não em fatos indiscutíveis da experiência objetiva não é pertinente neste estágio de nosso trabalho. O que é importante é que, aparentemente, não existe qualquer motivo justo para finalizar as séries hierárquicas de campos cada vez mais abrangentes (embora sempre rigorosamente organizados) de atividades com o corpo humano ou — de acordo com o que Jan Smuts afirma em seu livro memorável, embora raramente mencionado, *Holismo e Evolução* (1926) — com o indivíduo.¹ Se concluímos a série aí, significa que só conseguimos conceber três níveis de atividade cósmica: matéria, vida e personalidade (a qual inclui a mente, inclusive em sua forma humana mais superior) — o que constituiria sem dúvida notável manifestação do orgulho humano ("Ninguém é maior do que eu, o homem"), não fosse a fé num Deus onipotente, diante do qual o homem deve curvar-se em profunda devoção e auto-entrega.

A imagem de Deus criada pela Cristandade, não obstante algumas exceções, pode ser caracterizada simbolicamente como "heliocêntrica". *O teocentrismo* das "grandes religiões" teístas — excetuando-se o Budismo na sua forma original — corresponde ao heliocentrismo da visão de mundo clássica: um Sol radiante e todopoderoso — única fonte de luz, calor e radiação — cercado de planetas sombrios e subservientes; constituindo a Terra o único astro no qual, devido a alguma boa

1. As palavras holismo e holístico vêm sendo largamente utilizadas por filósofos, cientistas e estudantes de artes, especialmente em oposição a atomismo e atomístico. Em meus últimos livros *Planetarização da Consciência* e *Podemos Recomeçar* — juntos, cunhei os termos holarquia e holárquico, a fim de me referir mais claramente ao princípio de hierarquia atuante num universo de totalidades, cada qual parte de uma "totalidade maior", bem como receptáculo e síntese de uma multiplicidade de "totalidades menores". Um universo holárquico apresenta inúmeros níveis de atividade e de consciência.

fortuna química fortuita, organismos vivos e, por fim, os homens conseguiram se desenvolver.

Tal modelo representa sem dúvida um marco definido e funda. mental na evolução da consciência humana — bem como o desenvolvimento do ego no homem, pois esta parece ser a forma inevitável que o processo de emergência dos indivíduos a partir da matriz da sociedade tribal assumiu. Um Deus pessoal, soberano do universo e criador de imutáveis "Leis da natureza" — o Sol, grande autocrata de seu próprio sistema, cuja totalidade (o "heliocosmo") controla como sua propriedade particular — o ego do ser individualizado, também governante (teoricamente) da personalidade e do corpo que deve ser seu escravo obediente: nestes três níveis impera a *mesma* idéia. Essa idéia era necessária a fim de que o processo de individuação pudesse funcionar e o homem pudesse sentir-se um indivíduo "livre e responsável". Infelizmente, o ideal do individualismo — que inspirou o conceito sócio-político de democracia — não conseguiu funcionar no nível de um tipo espiritual de individualidade, individualidade esta integrada a uma comunidade universal. Da mesma maneira, o modelo heliocêntrico do sistema solar, durante muito tempo, não salientou a fato de que *nosso Sol também é uma estrela dentro de uma totalidade cósmica mais ampla, a Galáxia*. E a adoração a um Deus individual, um Senhor todo-poderoso provavelmente não constitui o enfoque mais espiritual para o ideal da divindade — como tentaram mostrar inúmeros místicos, sobretudo Meister Eckart.

A questão básica, por mim enfatizada, é que o modelo heliocêntrico clássico do mundo constituiu uma projeção celestial da necessidade humana de um centro individual dentro da sua personalidade — necessidade inadequadamente formulada, a qual transformou o centro "Eu sou" do homem como um todo em um ego autocrático, arrogante, ciumento e belicoso. Inevitavelmente, este ego representa o primeiro passo no desenvolvimento do centro "Eu sou"; mas a este passo deve seguir-se outro. Uma forma de compreender objetivamente a diferença entre ego e núcleo espiritual, do qual o primeiro constitui no melhor dos casos somente um aspecto, está em perceber que, como já disse, o Sol não é apenas a potência dominante em seu sistema de planetas, mas também *um dos bilhões de estrelas* da Galáxia. Em outras palavras, o Sol pode ser considerado segundo dois papéis distintos; da mesma maneira pode funcionar o núcleo do ser humano, tanto como ego

quanto como um dos bilhões de núcleos "Eu sou" da comunidade humana universal.

Adquirir a percepção plena, vívida e inevitável de que o Sol-ego nada mais é que uma estrela galáctica constitui, essencialmente, o primeiro estágio de transformação do homem, e na maioria dos casos ele é, hoje, um "mais-do-que-homem" — simbolicamente um ser galáctico, uma "estrela". Esta transformação faz-se necessária para o estabelecimento de uma "Revolução Galáctica."

Quando o Sol é visto como a estrela que fundamentalmente é, um plano de referência galáctico toma forma na consciência do homem, conferindo potencialmente um novo significado a todos os padrões e eventos de nosso tradicional sistema solar. A *princípio*, os fatos planetários permanecem o que são. As órbitas, a velocidade de revolução e a inter-relação cíclica entre suas posições no céu parecem aos olhos humanos não mudar; mas a interpretação desses fatos se altera. Os termos tradicionalmente usados adquirem significado diferente — o que infelizmente causa problemas semânticos. Todo o sistema solar é visto sob nova luz, a luz da relação deste com a Galáxia. Este novo enfoque põe em relevo a diferença entre os planetas que giram na órbita de Saturno — incluindo o próprio Saturno — e os planetas transsaturninos, Urano, Netuno e Plutão.

O que eu quero dizer com essa *relação* que o sistema solar guarda com a Galáxia, segundo o ponto de vista "holárquico" que apresento, é que dentro do nosso sistema solar *duas forças* estão ativas: a atração gravitacional exercida pelo Sol e outra força, cuja natureza ainda não chegamos a compreender, o "poder galáctico". E este termo, poder galáctico, deve ser entendido como poder do tipo das energias — melhor ainda, de *qualidade de existência* — o qual permeia todo o espaço galáctico. A potência relativa destas duas forças muda segundo a região do sistema solar considerada. Na região limitada pela órbita de Saturno, o poder do autocrata solar é dominante, além de Saturno, o poder galáctico sobrepuja o poder solar. Contudo, as duas forças são ativas em todo o sistema; são ativas dentro do homem, pois cada célula humana existe no espaço galáctico, bem como no espaço heliocósmico e biosférico. O espaço de qualquer "totalidade maior" inclui os espaços mais diferenciados de todas as "totalidades menores", que ele contém e cujas atividades organiza funcionalmente, no que se refere

a suas necessidades. Na maior parte dos casos, as "totalidades menores" não têm conhecimento das necessidades das "totalidades maiores", conquanto seus padrões de vida globais (seus "destinos") estejam sujeitos às mesmas necessidades.

Se compreendermos verdadeiramente este modelo do universo, perceberemos como fundamental o conceito de *hierarquia dos espaços*; e na verdade espaço representa, durante um período de manifestação cósmica, o modo como todos os sistemas organizados de atividades operantes em qualquer região do universo se relacionam e interagem. O espaço não é um recipiente vazio no qual são despejadas substâncias materiais; mas sim a intercorrelação de todas as atividades. Com o funcionamento destas atividades em diferentes níveis de organização — ou planos de existência — a *qualidade* de sua interação e interdependência varia segundo cada nível. Existe uma hierarquia de níveis ou extensão e ritmos de atividades, por conseguinte uma hierarquia de qualidades de existência. A existência no nível biosférico do campo terrestre possui uma qualidade ou caráter diverso, comparado com os níveis heliocósmico e galáctico.

Assim, quando falo de um espaço galáctico estou me referindo ao caráter especial da relação entre entidades (isto é, campos de atividades organizados) que denominamos "galácticos" pois percebemos suas atividades como essencialmente diferentes e superiores àquelas das entidades existentes nos planetas sombrios que não irradiam luz. A tais entidades cósmicas irradiadoras de luz chamamos "estrelas"; e nosso Sol é uma delas — de nenhuma forma uma das maiores, mais brilhantes ou mais centrais.

No interior do espaço galáctico as estrelas relacionam-se entre si. No interior do espaço heliocósmico planetas e outras entidades materiais relacionam-se entre si. No interior do espaço biosférico organismos vivos relacionam-se entre si. Estes espaços diferem no caráter ou qualidade dos relacionamentos que se processam em seu interior, conquanto o espaço maior contenha o menor; portanto, o homem que habitualmente atua dentro do espaço biosférico também é impregnado pelo espaço galáctico e afetado pela relação entre as estrelas — embora normalmente não tenha consciência disto. Sua consciência não funciona no nível galáctico; e menos ainda pode ele *atuar fisicamente* nesse nível. Contudo, a consciência está sempre adiante da atividade concreta, atuando esta última segundo uma base coletiva.

Enquanto fisicamente limitados ao nível tribal de atividade sócio-cultural no interior de um meio ambiente local, ainda assim os seres humanos conseguiam ter consciência do significado da "vida" em sentido geral; e projetavam este significado para o céu, o qual divisavam repleto com a Vida Una, diferenciando-se por meio de hierarquias celestiais criativas. Quando a humanidade deu-se conta, através de viagens, da natureza esférica da Terra e da biosfera como um todo, a consciência das mentes mais evoluídas passou a considerar o universo em termos heliocêntricos — e surgiu o modelo clássico do universo, o qual os astrólogos passaram a interpretar em termos individualistas e orientado para os acontecimentos, para homens que buscavam agir como autocratas solares — ou ao menos como indivíduos autônomos. Hoje, cada vez mais é possível aos homens superar a atração gravitacional de nossa Terra e viajar no espaço heliocósmico. Tal realização física torna-se então o símbolo da *possibilidade*, para qualquer mente sintonizada a uma qualidade da existência mais ampla e abrangente do que a norma coletiva de atingir o nível de existência galáctica.

A astronomia forneceu-nos material visual, sobre o qual podemos começar a construir um modelo do que ocorre no espaço galáctico. Tal quadro no momento ainda é vago e cheio de mistérios. Contudo, a astrologia pode começar a interpretar em termos simbólicos *as relações* entre as estrelas em movimento neste espaço galáctico.

Seres humanos não são estrelas, mas o que ocorre na esfera dos astros, e em termos de uma qualidade galáctica da existência, pode ser utilizado como símbolo de um tipo de consciência humana em lento desenvolvimento, cujo caráter mais-do-que-individualista — e por conseguinte, simbolicamente, mais-do-que-heliocêntrico — pode relacionar-se com a qualidade de existência da dimensão galáctica do espaço.

O fator essencial nesta transformação da consciência humana reside na transmutação do eu "solar" num nós "galáctico". Nesta consciência-Nós atua o princípio de interpenetração. Esta é a dimensão galáctica da existência, onde desaparece o senso de separatividade de entidades isoladas (i-sol-adas!) — as quais são única e exclusivamente o que são. Tudo não apenas se relaciona com todo o resto mas, repito, toda entidade — bem como toda mente — interpenetra as demais. Quando a consciência de um indivíduo é capaz de funcionar segundo esta dimensão espiritual, ela começa a participar de maneira ativa e

transformadora do processo de integração da humanidade em um nível no qual a formação de um "pleroma" (ou plenitude) toma-se possível — o nível da mente espiritual, ou superconsciência. Nesse nível, predomina a unanimidade da consciência, conquanto cada participante do pleroma — ou como diria um verdadeiro ocultista da "Loja Branca" — detenha a capacidade de atuação.

Este nível de diferenciação funcional equivale simbolicamente ao do heliocosmo — o Sol e os planetas. Os dois níveis — galáctico e heliocósmico — relacionam-se não só pelo fato do Sol heliocósmico ser também (e primariamente) uma estrela galáctica, mas pelo fato menos óbvio de que os planetas além de Saturno (Urano, Netuno, Plutão e provavelmente pelo menos outro planeta que há muito tempo denominei Prosérpina) *estão* no sistema solar mas não *fazem parte dele*. Submetem-se Galáxia. São agentes da disseminação da qualidade galáctica da existência. Designei-os por "Embaixadores da Galáxia" — mas são o tipo de embaixador cuja função ao menos parcialmente consiste em levar a consciência humana em direção Galáxia. São radicalmente transformadores, na verdade são forças subversivas operando no sistema solar.

Um tipo de atividade transformadora sempre ocorre em qualquer sistema formal de organização humana pessoal ou coletiva — e simbolicamente na organização de qualquer tipo de ordenação centrada no Sol. Tampouco está ausente no nível biológico, onde manifesta-se segundo a *capacidade de mutação* em cada organismo vivo. Está presente no universo da biosfera, pois no âmago do planeta Terra deve haver um ponto onde se faz sentir a ação da Galáxia. Como o espaço galáctico permeia todos os organismos vivos, o âmago misterioso da Galáxia pode refletir-se sobre ou dentro do seu espaço mais íntimo, o qual vibra, ao menos potencialmente, na qualidade do espaço galáctico — a qualidade de interpenetração e radiância solar.

Enquanto mutações biológicas ocorrem apenas na substância celular ou molecular do núcleo da semente, no nível da consciência humana, o processo de transformação da mente de heliocêntrica em galáctica parece ocorrer numa região central da cabeça. Tal região relaciona-se diretamente com o "centro cardíaco", onde o Sol espiritual do homem — atman, Krishna, ou Cristo — pode ser simbolicamente localizado. Ambos os centros constituem um só, assim como o Sol também é uma estrela.

b) Planetas de Funcionamento Orgânico

Quando percebemos que o Sol é uma estrela, participando como tal, enquanto átomo ou célula, da totalidade galáctica e está firmemente arraigado na mente humana, toma-se fácil compreender como o sistema solar se divide naturalmente em duas áreas. A área limitada pela órbita de Saturno e a que se estende externamente a ele, incluindo os planetas transaturninos, Urano, Netuno e Plutão — assim como a vida de um participante ativo de um organismo nacional se divide entre os lados público e particular.

Na área limitada pela órbita de Saturno e governada pelo poder do Sol, tudo se refere organização de um sistema de atividade capaz de funcionar como um organismo estável e relativamente permanente. São três os princípios básicos de funcionamento: 1) o princípio de exclusão formal, o que estabelece a forma específica do organismo vivo e o caráter auto-regulador de suas operações: "Sou o que sou, e nada mais"; 2) A capacidade de autoconservação e crescimento por meio de expansão e assimilação metabólica; 3) o princípio de auto-reprodução e de automultiplicação biológica — e, no nível humano, também de auto-expressão na atividade criativa simbólica num ambiente sócio-cultural.

Estes três princípios (ou poderes) são representados na astrologia pelo que no passado denominei "planetas de vida orgânica" (conf. *A Prática da Astrologia*, 1970) ou "planetas do consciente" (conf. *Astrologia da Personalidade*, 1936).² Destes planetas, três giram em torno do Sol fora da órbita terrestre: Saturno, Júpiter e Marte. Três deles, se incluirmos o Sol como origem energética que possibilita a vida em nosso planeta, atuam dentro da órbita terrestre; os outros dois são Mercúrio e Vênus.

Enquanto o Sol é o centro do campo de vida orgânica, Saturno, na linguagem astrológica, representa a circunferência — os limites de *qualquer* campo de vida. Os anéis de Saturno constituem um símbolo visualmente claro do caráter limitante e convergente de sua atividade. É o princípio da Forma dividindo o campo de experiência em áreas

2. Consultar também dois outros livros, *New Mansions for New Men* (1937) e o *Tríptico Astrológico* (1968) para enfoques diferentes a uma compreensão dos planetas e do sistema solar.

externa e interna. Tal atividade estabelece limites que a princípio, e durante muito tempo, funcionam em termos de exclusão rígida e ampla. Contudo, a exclusão é necessária enquanto não se estabilizam as funções do organismo, nem tampouco está estabelecido um senso de segurança segundo a capacidade do organismo em isolar-se de matéria externa que não deve absorver, pois não consegue assimilá-la. Assimilar o que quer que seja é tomá-lo "semelhante" ao que está sendo usado funcionalmente na área interna do campo orgânico de atividade.

Entre o centro-Sol e a circunferência-Saturno estende-se o campo da vida orgânica. Júpiter, o maior planeta do heliocosmo, representa a capacidade de assimilação e, através desta, de expansão. Para que o tipo de expansão jupiteriana seja saudável, deve funcionar dentro dos limites saturninos. Contudo, quando estes últimos tomam-se excessivamente rígidos ou restritos, como resultado de medo ou de experiências chocantes, a força jupiteriana tenta fluir pelos portões dos muros de Saturno, seduzindo ou corrompendo o guarda dos portões; ou, caso isto não seja possível ou seguro, tenta compensar a rigidez saturnina construindo na imaginação alguma forma de campo celestial, no qual a força do Sol pode disseminar-se pelo espaço infinito sem limitações ou (no nível da atividade mental) sem definições rigorosas e exclusividade lógica. Entretanto, imaginar semelhante forma de extensão do espaço-campo jupiteriano é muito diferente de realmente transformar o poder de Saturno. A mente pode recusar-se a ver ou admitir a existência dos muros fortificados; ainda assim, eles existem, e permanecem como obstáculo ainda mais forte à transformação galáctica, pois o desejo jupiteriano de expansão, buscando ignorar ou negar todas as limitações, acentua ainda mais o aspecto estritamente solar do Sol. Como Júpiter considera o Sol apenas enquanto fonte de abundância sempre crescente, o otimista ou devoto religioso jupiteriano toma-se de fato cada vez mais incapaz de *ver o Sol como uma estrela.*

Júpiter encontra em Mercúrio um aliado, e com frequência um escravo conivente. Juntos formam uma união, entretanto, como funcionam em um nível diferente do par Sol-Saturno, o significado do relacionamento de ambos também é diferente. O poder jupiteriano de assimilação e metabolismo necessita de um sistema regulador do sistema nervoso. Júpiter pode ser o empresário bem-sucedido, mas estaria desamparado sem uma eficiente secretária executiva, ou uma burocracia bem integrada, e hoje, sem uma bateria de computadores — todos

referentes função de Mercúrio em qualquer campo complexo de vida orgânica ou organização socioeconômica. Contudo, se Júpiter tenta expandir-se por meio de atividades compensatórias e falsamente sonhadoras — as quais podem referir-se a experiências pseudomísticas ou exageradamente devocionais, porquanto Júpiter relaciona-se com a atividade religiosa — Mercúrio pode confundir e perturbar a consciência jupiteriana ao ocultar a qualidade de sonho dessa compensação da rigidez saturnina, sob o glamour da autojustificação intelectual e das palavras magníficas e vazias, ou dos argumentos especiosos.

A dupla Marte-Vênus funciona segundo outro tipo de função orgânica. Marte representa o desejo freqüente, conquanto não necessariamente agressivo, de reproduzir a forma pessoal e específica da personalidade que imprime suas linhas gerais reiteradamente em alguma entidade receptiva ou pouco definida que esteja próxima. Marte busca preencher o espaço cósmico com uma réplica do que o indivíduo sente ser. No nível biológico, este desejo representa a ânsia de progenitura abundante. O que podemos constatar na história bíblica de Abraão, que imaginou a terra repleta de gerações de povos, todos descendentes da semente-modelo de seu ser físico e intelectual. Isso é imortalidade biológica, que identificamos como realidade física na linhagem autêntica e ininterrupta de descendentes masculinos diretos de Confúcio, abrangendo quase oitenta gerações. Tal imortalidade também pode ser exemplificada pelos numerosos descendentes de Maomé.

Tal autoprojeção biológica toma-se possível através de Vênus, que tradicionalmente "governa" as glândulas produtoras de espermatozóides e óvulos, os testículos e os ovários. Em seu mais elevado significado, Vênus relaciona-se com a criação de arquétipos, os quais são "sementes de consciência". Os ocultistas via de regra citam Vênus como a fonte de onde emergiu o Homem arquetípico. Este arquétipo concretizou-se em nossa Terra que, enquanto planeta, movimenta-se entre Vênus e Marte, por conseguinte representa simbolicamente o fruto da atividade conjugada de ambos. Marte distribui os bens engendrados por Vênus. Como soberano de toda atividade expansiva, portanto do sistema muscular em todas as suas manifestações sutis e evidentes, Marte depende de Vênus para suas diretrizes; isto é, depende de *juízos de valor* (bons ou maus, desejáveis ou indesejáveis, ser amado por ou fugir de) fornecidos por Vênus.

Na astrologia moderna, a Lua em geral é relacionada com Saturno, pois ambos representam respectivamente a imagem da mãe e do pai na consciência da pessoa, mas não necessariamente o caráter real da mãe e do pai físicos. A Lua deve ser considerada o símbolo da capacidade de adaptação de um organismo às condições em constante mudança na vida diária e da capacidade de renovação. A Lua representa a mãe porque, ao nascer, o bebê humano é indefeso e a mãe — ou a babá — é quem providencia para que viva nas melhores condições possíveis. Mais tarde, a criança deve desenvolver sua própria capacidade de ajustamento e adaptação, o que faz através dos "sentimentos". Estes representam os aspectos mais elevados e conscientes dos instintos inconscientes e compulsivos do organismo puramente animal. A Lua também pode relacionar-se com o tipo de inteligência espontâneo que também constitui um aprimoramento do instinto animal, quase exclusivamente destinado à sobrevivência.

Mais um fator importante é encontrado no campo heliocósmico que se estende entre o centro solar e a circunferência saturnina: o anel de asteróides. Recentemente, os asteróides chamaram a atenção dos astrólogos e foi calculada uma efeméride para o maior deles.³ Contudo, já discuti a importância dos asteróides em *New Mansions for New Men* e, de maneira diferente, em artigo publicado na revista *American Astrology* em outubro de 1936. Para o astrônomo, os asteróides são uma grande quantidade de pedaços relativamente pequenos de matéria girando entre as órbitas de Marte e Júpiter no local onde, segundo a Lei de Bode, deveria haver um planeta. Esta lei, popularizada durante a última parte do século XVIII, mas em verdade descoberta por David Titius em 1751, estabeleceu uma relação bastante misteriosa entre as distâncias dos planetas e o Sol. Ela estimulou os esforços no sentido de identificar o que quer que se localizasse na região do sistema solar em que deveria ser encontrado o suposto planeta; e em 1º de janeiro de 1901 o maior asteróide, Ceres, foi observado por Giuseppe Piazzi num observatório na Sicília. Muitos outros foram descobertos ao longo do último século, e pode haver milhares de outros muito pequenos. Os quatro maiores parecem ter diâmetros que vão de 180 a 720 quilômetros

3. Cf. o livro de Eleanor Bach, *Ephemerides of the Asteroids Ceres, Pallas Juno and Vesta* (Nova York, 1973).

O tamanho dos asteróides não é fundamental na tentativa de descobrir o significado dos mesmos dentro da estrutura total do heliocosmo. O significativo reside no grande número de asteróides e no fato de enxamearem o espaço entre as órbitas de Marte e Júpiter. Na verdade, é o espaço ocupado por cada planeta no sistema solar — a região do espaço heliocósmico em que gira — o que lhe confere a significação abstrata ou arquetípica na linguagem celestial da astrologia, sobretudo quando esta região também é interpretada tomando-se como referência a órbita da Terra. Da mesma maneira, o significado funcional de qualquer órgão do corpo humano origina-se em grande medida da posição por ele ocupado, ao menos na forma humana arquetípica.

De acordo com o ponto de vista holístico (ou gestáltico), parece bastante ilógico escolher alguns asteróides do enxame por eles formado apenas porque são um pouco maiores e mais facilmente detectáveis, mesmo se individualizados com nomes mitológicos gregos. Desta maneira, cometas cujo aparecimento parece ser periódico, devem ter um significado astrológico. Os satélites de todos os planetas também deveriam ser considerados. O que é importante nos asteróides é o fato de constituírem uma *classe definida* de corpos celestiais; por conseguinte, devemos entendê-los em seu conjunto como a manifestação de algum fator básico ou principio estrutural existente em no mínimo algum tipo de sistema solar, constituindo assim uma "palavra" significativa na linguagem planetária simbólica da astrologia.

Tal palavra foi revelada consciência do homem durante o século XIX, na mesma época em que duas outras grandes palavras, Urano e Netuno, também entravam em uso, já que elas eram necessárias para uma melhor compreensão de um aspecto recentemente desenvolvido na personalidade humana. No que se refere ao ocorrido no século passado, esta palavra celestial pode ser *traduzida*, na nossa linguagem racional-cultural, como "fragmentação".

A idéia de que os asteróides foram produzidos pela explosão de um planeta foi desafiada aparentemente há bem pouco tempo; contudo, continua a constituir a hipótese mais provável. Mesmo se esses milhares de fragmentos não resultaram de uma explosão planetária, ainda assim podem ser relacionados com um estado fragmentário de existência e consciência — estado de *atomização*, de *não-integração*. Mas se agora considerarmos a série de planetas, que a partir do Sol se dirigem para fora, o fato desta condição "asteroidal" da existência ser vista

como conseqüência do tipo de atividade vital simbolizada por Marte fornece-nos uma pista bastante óbvia do seu significado. A atividade marciana manifesta-se de modo impulsivo e emocional. Nela a natureza-desejo do homem e seus músculos tencionam-se para uma ação agressiva, visando a obtenção do que quer que deseje. Mas a agressão sempre atinge seu objetivo? Nosso meio ambiente é repleto de outros agressores, os quais podem ressentir-se e lutar contra a nossa atividade externa. Mesmo que não precisemos combater a fim de obter o que queremos, com freqüência desperdiçamos nossas energias na perseguição de tantos objetos desejados, de interesses e anseios excêntricos em demasia; tomamo-nos febris com tanta atividade e rapidez, e nosso corpo e/ou psique sucumbem.

Penso ser este o simbolismo do cinturão de asteróides como um todo. Contudo, a condição desintegrada ou desintegradora por ele retratada pode ser curada, sendo a cura fornecida por Júpiter, que nos diz que a atividade individualista de Marte na busca de satisfação emocional, ou mesmo de necessidades biológicas, pode ser transformada em cooperação grupal, através da qual é possível obter sucesso, onde a agressividade pessoal desapiedada e implacável só redundaria em autofragmentação e servidão cármica. O cinturão de asteróides pode constituir o símbolo do carma de atividades passadas desarmoniosas ou espiritualmente desintegradoras. Situado como uma espécie de ponto médio entre o Sol e Saturno, representa um lembrete das implicações materiais da consciência heliocêntrica. Os asteróides parecem constituir entidades estritamente materiais, sem atmosfera, magnetismo ou combustão interna — desprovidos de qualquer tipo de vida. Não podemos considerá-los o reflexo sombrio — a sombra — da Galáxia, cujos bilhões de estrelas irradiam luz? Todo organismo material vivo forma uma sombra. Toda ação marciana muscular gera toxinas nas células contraídas. A Revolução Industrial não tem lançado profundas sombras sobre a consciência coletiva dos povos ocidentais?

O fato de Urano e Netuno terem sido localizados no mesmo período das descobertas dos asteróides é significativo, pois ambas as descobertas relacionam-se com a percepção, ao menos para algumas mentalidades livres e abertas, das possibilidades positivas e negativas inerentes à Revolução Industrial, e de tudo o que esta trouxe à humanidade. Os planetas Urano e Netuno abriram caminho para uma alteração radical de todas as implicações da existência humana, tanto

individualmente como em grupos sócio-culturais e políticos — alteração esta capaz de levar a um tipo de consciência e organização galácticas, pois o que quer que representem estes dois planetas, em última análise eles apontam para a "galactização" da humanidade.

Por outro lado, os asteróides simbolizam a fragmentação e a atomização da sociedade ocidental e sua tradição religiosa e cultural outrora homogênea. Quanto Plutão foi descoberto no século XX, assim como uma grande quantidade de asteróides cada vez menores foram identificados, o caráter centrífugo e a explosividade das ambições e reivindicações individualistas atingiu um nível tão perigoso que precisou ser ou brutal ou sutilmente reprimido por alguma forma de totalitarismo plutoniano — Fascismo e Comunismo, ou, no mundo "livre", grandes 'negócios, direcionando mentes e sentimentos humanos através da utilização de propaganda implacável, limitadora e produtora de uma paralisante ilusão de liberdade.

Na linguagem astrológica, Urano, Netuno e Plutão, enquanto agentes da Galáxia, podem constituir palavras bastante perturbadoras, porque, onde quer que o poder saturnino — inerente a tudo o que tem forma e limites — se materializa e se transforma em cidadela fortificada do ego humano, estas palavras remetem a desafios de vida e a revoltas de todo tipo. Todavia, crises assim induzidas são meios catárticos que conduzem para um fim basicamente construtivo e potencialmente glorioso. Urano, Netuno e Plutão são agentes de transformação; e, no nível humano, processos de transformação constituem partes integrais do organismo da personalidade como um todo, constituindo um quarto nível de atividade funcional, cujo propósito é permitir o funcionamento de uma quarta dimensão da consciência — a dimensão galáctica.

Quando esta dimensão se manifesta em número de seres humanos suficiente, opera-se uma transformação contagiante e, no devido tempo, alteram-se os alicerces coletivos da cultura e da sociedade. Testemunhamos hoje a disseminação de uma epidemia de mudanças, com seus fervilhantes altos e baixos e o sofrimento resultante. Tais mudanças devem abrir uma porta ao influxo de forças galácticas — a "descida" do poder espiritual e transformador que impregna o espaço global da Terra, bem como a humanidade enquanto um todo. Em seguida, poderá tomar forma uma civilização global, a qual refletirá simbolicamente o caráter essencial da Galáxia como um todo. Então a Galáxia será compreendida pelo que é *em seu próprio nível de atividade,*

e não mais apenas segundo nossas atuais percepções heliocêntricas e conceitos materialistas. A Galáxia será vista e sentida como uma totalidade cósmica de estrelas radiantes e interpenetrantes em perpétua transformação — um pleroma de centros dinâmicos da consciência galáctica, os quais, não importa como sejam em seu próprio nível cósmico, podem ser utilizados como símbolos magníficos, capazes de inspirar os homens a se tomarem mais do que homens.

c) Planetas de Transformação e Transcendência

Qualquer processo de transformação completo precisa lidar diretamente com as energias produtoras das formas que exigem alteração radical. Como vimos anteriormente, as três funções fundamentais em corpos vivos (ou mesmo em sistemas sócio-culturais estáveis) são simbolizadas no sistema heliocósmico por Saturno, Júpiter e Marte: isto é, o princípio que produz limitações mas também o enfoque das formas (Saturno) — o princípio de assimilação e expansão dentro dos limites definidos por Saturno (Júpiter) — o poder de atividades expansivas que servem ao propósito do organismo e, no homem, do ego (Marte).

Saturno, Júpiter e Marte, planetas que giram fora da órbita terrestre, regulam as relações do organismo com outros organismos e com o meio ambiente como um todo. O Sol, Mercúrio e Vênus, que se situam dentro da órbita terrestre, relacionam-se com funções internas. O Sol é a origem da força vital (*prana*) e determina o ritmo específico do organismo individual — fornecendo assim energia, a cuja expansão Saturno estabelece os limites. Mercúrio simboliza todos os processos mentais, graças aos quais o sentido social jupiteriano pode produzir uma linguagem e cultura transferíveis de geração em geração. Vênus gera valores arquetípicos e fornece julgamentos morais, os quais guiam a impetuosidade e agressividade marcianas.

Cada um destes três pares de funções — sobretudo Saturno, Júpiter e Marte — constituem os alvos para um desafio galáctico tridentado representado por Urano, Netuno e Plutão. Trata-se de um desafio de transformação e de transcendência, fundamentalmente de uma repolarização das *harmonizações psíquicas da atividade orgânica* e uma reorientação da consciência e de seu princípio central, o ego.

Falamos anteriormente do fato de toda área do sistema solar também ser parte do espaço total da Galáxia, e por conseguinte de estar ela impregnada de energias galácticas. Contudo, em qualquer sistema rigidamente limitado pelo princípio saturnino de formação sobre bases de exclusivismo e separatividade, estas energias galácticas são de natureza que transcende a possibilidade normal de ressonância do sistema. Estas energias existem dentro do campo heliocósmico em estado basicamente latente, enquanto as operações diárias e a consciência do ego nos seres humanos se ocupam com o atual estágio evolutivo do nosso planeta. Tudo o que se encontra dentro da órbita de Saturno gravita na direção do Sol e é biologicamente orientado e condicionado pelas forças compulsivas e instintivas da biosfera e das esferas ainda mais materiais de nosso globo. O desafio fundamental lançado por Urano, Netuno e Plutão reside na percepção da existência de outro tipo, oposto, de gravitação — a atração exercida pelo centro galáctico. É o desafio de concordar em ser reorientado e repolarizado. Portanto, os planetas transaturninos exigem uma *mudança de lealdades*. O que também implica uma nova perspectiva de vida e de todas as suas atividades orgânicas, um novo sentido de relacionamento com tudo o que existe e com o simples fato de existir. Por fim, um novo sentido de tempo e um novo potencial de ação no espaço — espaço galáctico, em vez de espaço heliocósmico— tomará forma na consciência.

Transformação tão radical pode ser interpretada pela mente moderna como um *despertar de vibrações* que possibilita ao organismo ressoar junto às energias galácticas. Também pode ser encarada como a remoção de uma variedade enorme de obstáculos produzidos pela consciência saturnina do ego e sua submissão a conceitos estreitos e lealdades emocionalmente limitantes, o que ocorre no nível do indivíduo, e também em qualquer tipo de sociedade, cultura e religião, seja ela tribal, provinciana ou nacional. Uma vez removidos estes obstáculos e transcendidas as limitações, o homem é capaz de responder a energias, sentimentos e pensamentos num nível de maior abrangência e de valor mais espiritual.

Esse processo de transformação e repolarização não exige nossa saída da Terra rumo a algum outro lugar. A "nova vida" não está em outro lugar; o espaço galáctico não está distante ou acima de nós, em algum paraíso mitológico e transcendente. O espaço galáctico permeia-nos a todos. Vivemos dentro dele, mas não compreendemos

verdadeiramente tal fato, pois Saturno e o ego nos tomam cegos e insensíveis a ele. *Os fatos de Saturno obliteram os fatos galácticos*; contudo, ambos são essencialmente a mesma coisa. Mas o homem, com uma consciência transformada, os vê sob luz diferente. Nada é negado; tudo é transfigurado. Uma vez empreendida a transformação, o Sol biológico torna-se mais radiante do que nunca, pois passamos a vê-lo não apenas como o nosso Sol autocrático, mas também como uma estrela galáctica. Enquanto nossa consciência e identidade vincularem-se a um corpo físico, este Sol nos conservará biologicamente; entretanto, feita a transformação, o Sol deixará de cegar-nos com sua glória. Não mais nos impedirá de perceber o fato galáctico de que, enquanto um centro individual da consciência, nós somos a expressão física de um astro na Galáxia. Este astro é nosso astro-pai, nossa identidade espiritual dentro da vasta companhia de estrelas galácticas. Tomar conhecimento desse fato de maneira incontestável e irrevogável proporcionará nossa vida segurança e paz interiores. É a verdadeira "salvação."

Hoje, esse processo de transformação e de transfiguração pode ser visto ocorrendo em dois níveis. Em seu aspecto mais essencial, atua dentro do indivíduo, processo este a que os ocultistas referem-se como "o caminho". Este leva gradualmente — as verdadeiras e grandes Iniciações — consciência supramental e, possivelmente, ao renascimento consciente em uni *self* imortal. Contudo, atualmente, a humanidade como um todo — e provavelmente o planeta Terra — está envolvida num processo de mudança acelerada, a que alguns esotéricos⁴ denominam Iniciação planetária. Tal mudança pode relacionar-se com a transição entre duas grandes Eras, em geral denominadas Era de Peixes e Era de Aquário — e talvez entre ciclos ainda mais amplos do que o da precessão dos equinócios. Devido a esta mudança e ao desenvolvimento dos poderes intelectuais que possibilitaram a Revolução Industrial e a tecnologia moderna, foram descobertos os três planetas transaturninos e determinadas a existência e estrutura da Galáxia (e outras nebulosas em espiral). Estes planetas forneceram-nos novas "palavras" para a linguagem celestial da astrologia, que auxiliaram-nos na formulação das principais fases históricas da transformação planetária.

4. A filosofia esotérica relaciona-se com a Teosofia, o Rosacrucianismo e todas as demais formas de Ocultismo sério.

A primeira fase ocorreu em fins do século XVIII, quando o direito divino dos reis e o valor das formas rígidas da religião institucionalizada foram desafiados. Este foi chamado o século do Iluminismo, porque trouxe à civilização ocidental novos ideais sociais, psicológicos e intelectuais, abrindo caminho para a Revolução Industrial, que viria modificar o modo de vida da humanidade. A descoberta de Netuno em 1846 simboliza o caráter de tudo o que acontecia no mundo ocidental e, através do colonialismo, em todo o globo. Se o uraniano século XVIII destruiu em termos revolucionários os modelos aristocráticos e dogmáticos estabelecidos na Europa, libertando o potencial de liberdade humana e a verdadeira democracia — infelizmente apenas o potencial! —, o netuniano século XIX, de muitas formas, e tanto quanto o presente estágio da evolução humana permitiu, veio dissolver as lealdades fortemente arraigadas dos seres humanos nas rígidas estruturas de classe e nos provincialismos, forçando as nações mais industrializa. das a se expandir por todo o globo, a fim de satisfazer sua necessidade de matérias-primas e de operários estrangeiros. A variedade da mistura racial/cultural assim produzida devia, idealmente, ter formado retortas alquímicas para a transformação de consciência nacional e de classe, e a emergência de organizações humanistas, não-exclusivas e internacionais, tanto no nível sócio-político como no religioso; mas falharam grandemente em suas tentativas, em razão do poder arraigado do privilégio jupiteriano e da ganância de homens ambiciosos.

A descoberta de Plutão em 1930, época da Grande Depressão que atingiu todo o mundo ocidental, ofereceu ao homem um símbolo do que inevitavelmente ocorre quando nações, grupos e indivíduos insistem, inflexíveis, em buscar o caminho da agressividade do ego, da sede de poder e do sensacionalismo, recusando-se a renunciar aos velhos privilégios e às crenças obsoletas. A cegueira interior explode em violência e crueldade externas. O Terror "vermelho" responde ao Terror "branco" com crueldade ainda maior. A fraude e a destruição são aceitos como princípios de conduta. Tudo tende a ser reduzido à mera essência, mas na escuridão espiritual o essencial toma-se o absurdo. Desaparece o encanto dos ideais, deixando inteiramente ã mostra o que não correspondeu ao ideal. Contudo, Plutão abre caminho para o eventual renascimento, onde o caos aceita ser fecundado por uma nova revelação do cosmos, e uma nova visão da ordem universalista toma forma no interior da consciência purificada.

Ainda não atingimos uma situação de caos suficientemente generalizada, a ponto de tornar possível uma aceitação *coletiva* de uma nova ordem em larga escala; contudo, certos indivíduos sempre conseguem distinguir-se da massa da humanidade ainda apegada às compulsões, violência e padrões repetitivos característicos da biosfera terrestre. Os indivíduos podem deixar a estrada de rodagem da evolução, onde o processo de transformação é lento e hesitante, e adentrar "o caminho". Esta é sempre, de alguma maneira, a Senda do Discipulado — mesmo se o guru não é fisicamente ativo — pois implica *tanto* boa vontade quanto disponibilidade do indivíduo em "elevar-se" rumo a um nível espiritual de consciência e existência mais elevado, como também a "descida" de um ser que trabalha naquele nível transcendental e, por compaixão, está pronto a ajudar (e a realmente envolver-se com) aquele que envida esforços sinceros e consistentes no sentido de tomar o Caminho do esclarecimento espiritual acelerado.

No simbolismo astrológico, este Caminho leva de um tipo de consciência e atividade planetária e heliocêntrica a um tipo galáctico. Ao trilhar este Caminho perigoso e tortuoso, ele deve enfrentar os desafios representados pelos três planetas, Urano, Netuno e Plutão. Enquanto na estrada da vida o homem caminha junto com os demais seres humanos que, mais ou menos, estão em seu próprio estágio evolutivo — desta forma fazendo parte de uma maré sócio-cultural coletiva que o impulsiona por entre cristas e depressões —, no Caminho da Iniciação o indivíduo caminha sozinho, rodeado de presenças invisíveis e estranhas e defronta-se com um teste de sinceridade, coragem, paciência e discernimento atrás de outro. Ele caminha "sobre os passos" de muitos que seguiram este caminho antes dele. Pode encontrar vestígios de alguns que deixaram-se cair na beira da estrada. Em meio à escuridão, talvez seja preciso sentir o solo sob seus pés para ter certeza de que ainda é "o caminho e a vida", e não algum desvio que leva apenas a ilusões cheias de encanto ou a desertos intelectuais e áridos. Ocasionalmente, ele pode ter um vislumbre de uma estrela cuja radiância repercute no âmago do seu ser, ou pode ter a visão fugaz de um ser que zela por ele e aponta para algum cume ainda distante. Aconteça o que acontecer, ele precisa prosseguir a caminhada — grande injunção oferecida pelo Zen Budismo. Precisa manter-se em movimento, pois mobilidade é saúde e santidade; e o movimento parece em constante aceleração, o caminho mais árduo. As exigências aumentam em intensidade e dificuldade.

Por que buscar este Caminho? Essa busca pode dar-se de duas maneiras: positivamente, porque o indivíduo teve uma visão — embora imprecisa — de um objetivo super-humano ao qual o seu ser como um todo respondeu, e de um estado de ser que fascinou sua consciência. Pode ter experimentado a presença ou o chamado interior de um ser radiante que era ele mesmo e também algo muito além de si mesmo. Ou o indivíduo pode ter buscado a entrada do Caminho negativamente, devido à rebelião emocional, à inquietação, à insatisfação divina ou ao total descontentamento com a estrada repleta da massa de homens — ou talvez apenas porque, sem razão consciente, teve de fazê-lo. Bem, não importa o que o tenha levado a iniciar-se no Caminho, ele precisa corresponder, repetidamente e em diferentes níveis, à exigência uraniana de *transformação*, ao chamado netuniano para a *transmutação* e ao chamado plutoniano profundamente inquieto para a *transsubstanciação*; isto é, uma mudança radical em sua estrutura mental — na qualidade das suas respostas a cada aspecto da vida diária e das relações interpessoais — e por fim na própria substância do seu ser interior, e talvez do exterior.

Esta tríplice mudança na forma, na resposta em termos de sentimentos e na substância psicomental constitui um redirecionamento, uma repolarização e uma reavaliação das lealdades do indivíduo, tradicionalmente simbolizadas pela metamorfose da lagarta em borboleta. Isso implica uma mudança no nível de existência — do biológico para o espiritual-mental, do planeta sombrio para a estrela galáctica. Um novo quadro de referência deve ser organizado e inteiramente testado por meio de experiências cruciais. O antigo campo heliocósmico governado pelo Sol e limitado por Saturno deve ser transfigurado pela percepção de que é uma pequena parte do vasto espaço galáctico. O indivíduo governado pelo ego deve deixar de se considerar o centro de um universo que é estruturado por seus desejos e medos, suas ambições e frustrações. Ele precisa aceitar seu papel de servo de um todo maior. Externamente, este todo maior é a humanidade, denominada por alguns ocultistas "a Grande órfã". Em sentido mais elevado, é a fraternidade de "seres-astros" radiantes, que percorreram o Caminho com sucesso e agora orientam a evolução humana.

A mudança constitui verdadeira metamorfose radical, envolvendo inevitavelmente profundas crises. Isso, significa, em termos da prática astrológica, que a presença de Urano, de Netuno e de Plutão numa

carta natal relaciona-se com processos de vida e acontecimentos que podem ser considerados desafios construtivos à transformação no "novo homem", ou transtornos drásticos para o "velho homem" dentro de cada um de nós, e são com frequência totalmente destruidores de tudo o que se refira, em termos sociais, velha ordem ou, biologicamente, à saúde física ou psicológica. As avaliações positiva e negativa aplicam-se ao que o planeta representa numa carta, segundo sua posição no Zodíaco e no círculo de casas, e ambas as possibilidades ou apenas uma das duas podem ser experienciadas. Como estes três planetas transaturninos desafiam especificamente uma dupla trindade de planetas cis-saturninos (Saturno, Júpiter, Marte — e Sol, Mercúrio, Vênus), o problema de determinar se de fato se referem a acontecimentos construtivos ou destrutivos, ou a ambos, só pode ser solucionado — e apenas experimentalmente — considerando-se também as posições dos planetas que estão sendo desafiados.

Urano desafia mais especificamente Saturno e o Sol e, conseqüentemente, a circunferência e a fonte central de energia que atua no campo heliocósmico limitado por esta circunferência. Urano recusa-se a aceitar as limitações impostas por Saturno ao poder radiante do Sol, seja no nível biológico (estrutura óssea) ou no nível psicológico do ego e seu exclusivismo. Tirano não afeta o Sol enquanto estrela mas, ao dominar ou ao menos ao perturbar profundamente os poderes de Saturno, transforma o modo de funcionamento da energia solar. Urano atua através de súbitas liberações de energia, que com frequência provocam impacto altamente destrutivo sobre o que quer que se interponha em seu caminho. De certa forma constitui uma ação semelhante do raio ou, em outros casos, do vento violento. É capaz de atingir inesperadamente as fortificações saturninas e assim as defesas longamente acumuladas ou cuidadosamente engendradas pelo ego.

Quando o poder de Saturno e os velhos modelos que garantem a segurança do ego e os privilégios sociais vão abaixo, Urano pode atuar como inspirador e como capacidade de adaptação aos novos ritmos da consciência orientada pela galáxia. Acima de tudo, sua função consiste em manter aberto o caminho para o centro galáctico, o que induz a um estado de total disponibilidade para o que quer que tenha de acontecer. Tal estado de abertura e disponibilidade está em agudo contraste com a condição saturnina, inerte, dominada pelo hábito e adoradora da tradição.

NETUNO é o "solvente universal" de que falam os alquimistas. Dissolve tudo o que Urano estilhaçou. Enquanto Júpiter relaciona-se com o processo de expansão inerente a todos os organismos vivos — e também com modernas corporações de negócios — e com a ânsia pelo tipo de poder que parece jamais satisfazer inteiramente a ambição pessoal, Netuno representa a atitude de desapego a todo objeto mensurável quantitativamente, ou a ganhos e prestígio social, qualidade necessária a todo aspirante a uma existência espiritual. A não-possessividade e a compaixão caracterizam este planeta, cujo símbolo é o mar. Mas em seu aspecto negativo, Netuno representa a fascinação por todas as formas, e a intoxicação com tudo o que *reflete*, constituindo por vezes a caricatura da consciência cósmica e do estado de união que os grandes místicos freqüentemente tentam descrever por meio de alegorias confusas. Mercúrio, que representa a mente condicionada por impulsos biológicos ou sócio-culturais, é mestre em oferecer-nos reflexos em vez de realidades. Netuno desafia nossa dependência de meras abstrações intelectuais e de modelos de pensamento social-jupiterianos.

A característica de PLUTÃO — que poucos astrólogos compreendem — é a pureza. Água pura é água que não contém material estranho; por conseguinte, uma combinação pura de hidrogênio e oxigênio, H₂O. Plutão é a força que impulsiona e, muito freqüentemente, compele qualquer organismo vivo e qualquer ser humano a abandonar tudo aquilo que não seja parte da sua natureza essencial — da sua "verdade de ser", do seu dharma. Portanto, é um agente fortemente catártico. Ele limpa e purifica, e em geral não o faz de maneira suave. Se Plutão desafia Marte, é porque este último representa o desejo amiúde imoderado de lançar-se na direção que Vênus dentro de nós faz-nos considerar atraente. As ações "marcianas", entretanto, muito freqüentemente resultam em reações que fornecem ao organismo. ou ego emocionalmente expansivo materiais e idéias estranhas à sua natureza. Esse tipo de atividade é. obsedado pelo anseio de auto-expressão, expressão esta condicionada, se não inteiramente determinada, por padrões sociais ou simples modismos. Plutão impõe nossa consciência egocêntrica a compreensão da futilidade e o perigo de expansões emocionais e ambiciosas. Destrói impiedosamente todo o encanto, descondicionando-nos e deixando-nos expostos e vulneráveis, mas — caso tudo de certo. — simples e purificados.

Com o progresso do discípulo pela Senda e sua repolarização pelas forças galácticas atuantes nos três planetas transaturninos,

começam a surgir suas aptidões no campo ampliado e elevado da existência. O que era apenas latente, enquanto parte do vasto potencial inerente à natureza humana, toma-se real.

URANO relaciona-se com uma nova aptidão de visão — ou seja, com a clarividência. O verdadeiro clarividente é capaz de "visualizar", em geral na forma de símbolos ou de mensagens proféticas, o caráter e o significado de qualquer situação para a qual dirija sua atenção. O símbolo por ele percebido possui uma qualidade abrangente. Em princípio, ao menos, revela a essência de *toda* a situação — não somente parte dos aspectos superficiais da situação ou do que a pessoa, sob domínio do ego saturnino, pensa ser (ou, até mais, *quer* que seja).

NETUNO proporciona ao discípulo na Senda ao menos o prenúncio do significado da verdadeira compaixão e santidade. Amplia a consciência de forma a capacitá-la a responder a todas as condições da existência e a aceitar tudo o que existe simplesmente do jeito que é. Transcende categorias intelectuais e preconceitos de cor ou classe, pois atua com total abrangência e amor incondicional — *agape* (Amor do Cristo) ou com a compaixão do Bodhisattva, que fez voto de ajuda a todos os seres sencientes até que atinjam a liberação dos complexos de separatividade e de existência espiritualmente obscura do tipo Júpiter-Saturno

PLUTÃO, no indivíduo espiritualmente desenvolvido, simboliza sua "preocupação última" com aquilo que sustenta toda existência, a suprema realidade que transcende todos os movimentos da existência e que não são mais que o resultado de desejos limitados e limitantes e de avaliações momentâneas ou transitórias. Relaciona-se com o poder gerado pela verdadeira concentração oculta, vale dizer, a ioga e todas as formas correlatas de autodisciplina e de meditação transcendente do ego, concentra todas as energias do organismo vivo num centro fixo de consciência. Nesse centro, o poder do centro galáctico — o divino que se encontra dentro de nós e, não obstante, além de nós — pode ser experienciado. Neste ponto, o astro — que todo indivíduo humano é em potencial — pode concentrar a sua luz. E o ritmo galáctico da estrela pode ser sentido em todo o organismo, agora capaz de abrir-se a ele, no silêncio de todos os movimentos e emoções neutralizados.

Quando Urano, Netuno e Plutão fazem seu trabalho, os limites do heliocosmo — as camadas externas protetoras mas isolantes da aura do discípulo — tornam-se translúcidos. A luz galáctica pode jorrar

através deles sem qualquer resistência. *As energias químicas da "vida" foram transmutadas em forças nucleares do "espírito"*. O homem, embora ainda "dentro" do mundo, não mais "pertence" ao mundo.

Quando um número suficiente de pessoas houver atingido este estado, inevitável conquanto gradual, ocorrerá a transformação do aspecto físico de nosso planeta. A comunidade galáctica do Homem, com a qual sonharam alguns visionários do século XVIII, poderá tomar-se um fato.

A Polaridade Urano-Netuno

Muitas são as formas de se fazer um estudo detalhado dos planetas transaturninos, pois simbolizam tipos complexos de atividades. É inevitável o caráter complexo de tais atividades, pois precisam superar formas de resistência extremamente variadas desenvolvidas pelo ser humano a qualquer processo radical de transformação. Tanto Saturno quanto Júpiter, no nível social, ético e religioso, bem como Marte e Vênus no nível das respostas mais pessoais aos desafios da vida diária, atuam segundo o princípio da inércia; isto é, da resistência à mudança. Uma vez estabelecidos, padrões (hábitos) de comportamento e de sentimento e pensamento (tais como complexos psicológicos) raramente permitem transformações suaves, quando a validade de crenças fundamentais, paradigmas ou postulados científicos dados-como-certos é seriamente questionada. Diante do que é exaltado como "o bom", o que é "melhor" surge como inimigo potencial, senão real, sendo as decisões mais difíceis aquelas em que o homem deve escolher entre um melhor, desconhecido, e o bom, tradicional. A característica essencial do homem reside na capacidade, consciente e deliberada, de melhoria contínua. Esta é a majestade humana (do Latim *major*, significando "grandioso"); tal capacidade de autotransformação progressiva — renunciando ao *grande simplesmente* em prol do grandioso — é representada pelos planetas Urano, Netuno e Plutão.

Neste capítulo e no seguinte, serão discutidas algumas das manifestações mais significativas do poder de transformação representada do por estes planetas. Poderiam ser acrescentadas outras, mas essas são suficientes para fornecer uma base para um estudo aprofundado das experiências que, conquanto possam perturbar o equilíbrio e a atuação normal do corpo e da mente, sempre devem ser interpretadas

como processos de crescimento pessoal, de expansão da consciência e de desenvolvimento espiritual — mesmo que para a mente incapaz de ir além da normalidade saturnina e dos conceitos jupiterianos de comodidade e sucesso, elas pareçam redundar em fracasso, enfermidade e morte. Resultados aparentemente negativos, quando reinterpretados em termos da consciência galáctica e da relação entre os eventos em nosso planeta sombrio e a evolução da estrela que representa o ser essencial de um indivíduo, serão compreendidos como catárticos, neutralizadores de carma e. Por conseguinte, como fatores liberadores no processo global de evolução da alma, o qual redundará por fim em perfeição e participação consciente nas atividades galácticas.

Nos estudos das ações dos planetas transaturninos, deve-se em primeiro lugar perceber que Urano e Netuno se estabelecem como opostos polares. Igualmente significativo é o fato de os dois séculos que testemunharam a descoberta desses planetas também possuírem significados históricos opostos, conquanto de certa forma complementares — o século XVIII caracterizou-se pela intelectualidade brilhante mas abstrata, o XIX pela emotividade romântica e as mudanças sociais caóticas, resultantes da Revolução Industrial e da liberação de energias novas e transformadoras, tanto psíquicas como materiais. Em suma, Urano é o profeta do individualismo e da unidade social do homem "livre" e autodeterminado. Netuno simboliza a pressão, amiúde compulsiva e indistinta, de fatores coletivos e movimentos de massa sobre o indivíduo, pressão essa que tende a diluir a integridade da personalidade nas correntes oceânicas das emoções ou sentimentos indefinidos, universalistas e utópicos que são estimulados por visões fascinantes ou personalidades carismáticas.

O Individual e o Coletivo constituem dois pólos entre os quais oscilam as totalidades existenciais, cada qual fortalecendo-se e enfraquecendo-se alternadamente.¹ Dentro do campo heliocósmico de atividades limitado por Saturno, o fator individual é ressaltado por Vênus e Marte; o coletivo por Júpiter e Saturno, planetas sociais. Em seu aspecto mais essencial, Vênus representa o tipo de atividade que

1. Cf. *Astrologia da Personalidade*, de Dane Rudhyar, no capítulo "Individual, Coletivo e Criativo"; também, com referência ao ciclo do zodíaco e das estações, *The Pulse of Life* (1942).

constrói as formas arquetípicas definidoras da individualidade de sistemas específicos — espécies-biológicas ou personalidades humanas individualizadas.² No nível do processo transformador que conduz à modificação do senso do "eu" em percepção estável da consciência espiritual "nós", Urano libera a luz espiritual que por um instante pode iluminar a limitada mente saturnina; e quando a luz transcendental toma-se mais constante, a consciência libertada começa a perceber as linhas gerais dos vastos e abrangentes modelos de organização, que são de caráter netuniano. Com o aumento do poder de Netuno, prepondera igualmente a fraternidade espiritual sobre o participante individual. A unanimidade (literalmente, estado de alma) suplanta a individualidade (ou a regra da maioria) em todas as decisões fundamentais de grupo. Como resultado dessas decisões, modelos cósmicos (em vez de leis) são estabelecidos ou postos em funcionamento, o que se relaciona com o aspecto galáctico de Plutão.

Via de regra, quando os planetas transsaturninos começam a atuar na esfera da consciência humana — seja do indivíduo ou do organismo nacional-cultural — sua ação assume a princípio um caráter destrutivo. Em termos junguianos, atuam em seu aspecto de "sombra". Urano cria cataclismas revolucionários na mente ou na psique, à medida que o "conteúdo do inconsciente" aflora na consciência, esmagando as barreiras protetoras do bom senso e das nacionalidades construídas pelo ego, segundo as tradições coletivas. O que no nível espiritual-galáctico é individual e conscientemente a unanimidade aceita pela Fraternidade Uni. versai (Loja Branca), transforma-se em poder coercitivo, irracional e compulsivo para uma multidão, compelida facilmente ao simplismo emocional de ação violenta através de um líder carismático. Neste nível de sombra, Urano é o revolucionário, Netuno a emoção de massa insuflada por ele e Plutão a impiedade e a crueldade. da lei totalitária ou de grupo.

Na vida de uma pessoa tocada pela liberação uraniana de poder galáctico, Netuno relaciona-se com o aflorar de idéias e impulsos até

2. Inúmeros ocultistas afirmam que a semente espiritual do *self* humano consciente e independente foi semeada sobre a terra há cerca de onze milhões de anos por grandes seres provenientes de Vênus, os *Kumaras* - correspondendo este processo, na mitologia grega, ao ousado feito de Prometeu, doador do fogo divino da consciência si mesmo à humanidade.

então inconscientes ou reprimidos, os quais invadem-lhe a consciência, e em alguns casos provocam um estado de êxtase. O indivíduo é arrancado de seu estado mental racional-cultural normal pelo impacto provocado por Urano, e ele se vê numa condição psíquica totalmente desconhecida, talvez assustadora, talvez estimulante. Nesse estado, o senso de "ser eu e apenas eu" tende a dissolver-se no que possivelmente ele interpretará como consciência cósmica. Ele parece ter atingido o "estado unitivo" do qual grandes místicos falaram alegoricamente; ou ao menos uma experiência culminante, tal como a descreveu o psicólogo Maslow.

Infelizmente, a experiência não perdura; e em geral o indivíduo se vê mais uma vez sentado, possivelmente atordoado e duvidando da própria sanidade no interior da familiar fortaleza saturnina do ego. É o que ocorre *nesta etapa* — a maneira como ele interpreta ou percebe em profundidade o significado da experiência transcendente — que lhe confere um caráter construtivo ou temporariamente destrutivo. Se a consciência individual conseguir assimilar o conteúdo da experiência - e, conscientemente ou não, não temer o ressurgimento da mesma, ela será eminentemente construtiva. E o será apenas na medida em que o que ela revela puder relacionar-se com uma visão de mundo filosófica ou com um ensinamento religioso que permita ao indivíduo aceitar a possibilidade desta experiência reveladora ser parte de um legítimo processo de evolução espiritual.

Se a experiência for compreendida segundo um esquema que, embora raro na vida das pessoas comuns, pode ser dotado de significado fundamental e talvez de grande valor, poderá então ser interpretada como tal — tomando-se, por conseguinte, um passo na Senda da auto-transformação. Por esse motivo, quando o homem moderno é colhido num turbilhão de forças radicalmente transformadoras, toma-se fundamental um sistema de referência no qual essas forças possam ter um significado construtivo. Este livro foi escrito como uma resposta a essa necessidade. Astrólogos atribuem a Urano, Netuno e Plutão as transformações sociais cada vez mais intensas que atingem indivíduos, grupos e nações; contudo a maior parte deles é incapaz de interpretar esses planetas segundo um sistema de referência realista e galáctico, por não compreenderem a relação entre eles e a Galáxia. Consideram que eles são simples membros do sistema solar, assim como os demais planetas, e não percebem como o nível de interpretação muda quando os

planetas transaturninos são considerados "agentes" da Galáxia, e o Sol apenas uma estrela entre bilhões de outras estrelas galácticas.

Urano é essencialmente o que desperta. Há cerca de três mil anos, na antiga Índia, um grupo de filósofos-místicos da Floresta lançaram um poderoso brado: "Despertem! Ascendam! e busquem o Mestre." Suas experiências espirituais subjetivas fizeram-lhes perceber a identidade do *self* individual e do *Self* universal, de atman e Brahman; e buscaram compartilhar essa percepção com aqueles que pudessem ser retirados de seu caminho tradicional, pois acreditavam na viabilidade deste compartilhar. Hoje, a astronomia permite-nos perceber que nosso heliocosmo (do qual a Terra é um componente planetário sombrio) não passa de uma totalidade orgânica relativamente pequena dentro da totalidade cósmica vastamente maior da nossa Galáxia, e encontramos aí uma maneira simbólica de conferir um significado construtivo às experiências traumáticas tão frequentes na vida de homens e nações modernas. Podemos integrar tais experiências em um processo ordenado e racionalmente explicável — processo este que se inicia através das diversas formas de despertar urânico capazes de incitar a humanidade a uma percepção nova dos poderes imensos — poderes galácticos — latentes dentro de si.

O que os antigos profetas hindus previram e os iogues buscaram atingir através de complexas técnicas de controle biopsíquico pode hoje receber uma formulação nova e cósmica. O despertar da consciência galáctica encontra-se acima de nós. Podemos aceitá-lo e a *todas* as suas conseqüências, luminosas ou sombrias, segundo uma astrologia em expansão, sob a condição de interpretarmos o que provocou nosso despertar em termos de um sistema de referência que se baseie no conceito da evolução espiritual humana do planeta sombrio à estrela galáctica radiante.

Ser despertado por Urano não basta; temos de aprender a usar nossas verdadeiras percepções netunianas. Precisamos ir além da mente apenas especulativa, analítica e discursiva e chegar à mente "que vê". Denominei-a mente *claripensante*, a mente do profeta, capaz de *ter a experiência direta* de idéias, símbolos e arquétipos que se interpenetram e cuja extensão é universal, ou no mínimo galáctica. Diante dessas realidades galácticas, a consciência pode expandir-se e perceber talvez não somente a identidade do *self* individual e do *Self* universal — pois talvez isso não seja necessariamente o fato último da existência —

mas também a *interpenetração* de todos os *selves* e de todas as formas dentro de uma totalidade cósmica abrangente. Esta é a grande experiência netuniana. O homem deve *despertar* espiritualmente como indivíduo; precisa nascer "sozinho" em todas as novas esferas de existência e atividades — mesmo se cercado de presenças, para ele invisíveis, que o ajudam em caso de emergência. Mas a consciência (literalmente, "saber junto"; con-scio) depende da inter-relação. O pensamento consciente exige certo tipo de linguagem de símbolos ou imagens; e todas as linguagens são criadas através da comunicação entre participantes de atividades grupais — ainda que o grupo seja formado apenas por um par de transmissores.

A comunicação e todas as formas da informação — dos gritos e gestos animais às formas mais complexas da astrologia e da matemática — implicam como fundamento a atividade grupal; e no nível mais metafísico e universalista, a emergência de um novo universo resulta da ação da relação que se desenvolve ciclicamente entre o Par Espírito e Matéria, ou, de acordo com a filosofia chinesa, entre Yin e Yang. No nível do processo de transformação analisado neste livro; o relacionamento entre os dois princípios máximos de existência pode ser simbolizado pelas interações cíclicas de Urano e de Netuno. No nível sócio-cultural, é a relação entre indivíduos inspirados (avatares, gênios, heróis)³ e a comunidade social de onde emergiram. O caráter deste relacionamento é manifestado por Plutão. *O caráter da atividade plutoniana é determinado pela natureza da relação Urano-Netuno.*

Plutão costuma finalizar e tomar irrevogável o que Urano iniciou. Sobretudo quando, durante cerca de vinte anos, fica mais próximo do Sol do que Netuno - período de fecundidade "espiritual" da mentalidade netuniana coletiva; estamos agora prestes a ingressar nesse período. Contudo, aqui "espiritual" pode significar tanto destruição como construção; assim como na mitologia hindu, Shiva é ao mesmo tempo transformador e destruidor, símbolo do processo universal de morte/renascimento. Se a mentalidade coletiva netuniana de uma sociedade, de uma classe ou grupo abre-se prontamente 'nova visão fornecida pelos seus personagens criativos (criativos num ou noutra nível),

3. Ver *Occult Preparations for a New Age*; de Dane Rudhyar (Quest Books, 1975), capítulo 8, "Two polarities of Me spiritual life".

Plutão revela *um novo centro de integração* vibrando com consciência e poder galácticos. Se Netuno nos trazer muito pouco ou nada exceto falácias, ilusão, confusão e degeneração, Plutão reduz tudo ao caos, amiúde após um período mais ou menos breve de subserviência coletiva compulsiva a um sombrio líder totalitário e poderoso.

Entre estes dois extremos de espiritualização e queda, inúmeras são as possibilidades da atividade plutoniana — como, por exemplo, a administração Nixon, altamente plutoniana, e sua ruína após Watergate. Em seu aspecto catártico e desintegrador, Plutão opera sobre os alicerces do medo produzido pelas manifestações netunianas, por exemplo, o temor social ao comunismo ou o medo pessoal da doença ou do fracasso. Este medo, que atualmente deve ser evidente, com bastante frequência é despertado por forças que o utilizariam em seu próprio favor.

Urano: O Valor Construtivo da Inconsistência

A atuação dos acontecimentos e dos fatos interiores que podem ser caracterizados como uranianos pode ser melhor elucidada se os relacionarmos com o que em geral denominamos de "inconsistência". Inúmeros eventos revelam uma tendência "consistente" (do latim *con-sisto*, que significa "manter-se unido") quando todos se ajustam harmoniosamente e nenhum deles aponta claramente uma nova direção. Da mesma maneira, esses eventos são contínuos quando não há ruptura, hiato.

Contudo, diz-se que a consistência é o bicho-papão das mentes estreitas; e este ditado tem sido usado com frequência por mentalidades desengrenadas por impulsos emocionais a fim de justificar suas mudanças de atitude ou de política. Como ocorre com muitas palavras, inconsistência pode ter um significado positivo ou negativo, ou mesmo pejorativo. Evidentemente, numerosos são os exemplos nos quais uma ruptura súbita (uraniana) numa política estabelecida e firmada possui um valor bastante construtivo, contanto que essa ruptura — essa "solução de continuidade" — seja necessária. O motivo de sua necessidade não precisa ser conscientemente percebido pelo protagonista ou pensador inconsistente; ele pode atuar intuitiva e/ou espontaneamente, e só mais tarde perceber o que legitimou o ato ou pensamento — ou mesmo, em alguns casos, o sentimento — aparentemente

inconsistente quanto ao seu comportamento, processo de pensamento ou sentimentos anteriores. Aqui, a justificativa significa que aquilo que pareceu inconsistente, visto sob um modelo de consciência estreito (saturnino-jupiteriano), em verdade era relevante e lógico quando compreendido em termos de um modelo de referência mais amplo.

Todo ato verdadeiramente criativo implica certo grau de descontinuidade. O que pode significar, coloquialmente falando, sair dos trilhos, a chamada mutação. Contudo, para o conservador limitado por uma tradição obsoleta e que se recusa a reconhecer a necessidade de mudanças fundamentais, o ato criativo e transformador pode parecer inconsistente. Diz-se que conservador é aquele que não acredita que tudo tem sua primeira vez e não consegue aceitar o fato de que, em qualquer ciclo de crescimento, sempre deve haver uma primeira vez. Sempre existem auroras que não parecem consistentes diante do que era conhecido até a noite anterior, pois durante a noite alguma experiência — a qual muito provavelmente a consciência desperta não recorda — introduziu uma acusação de contato ainda-não-experimentado com uma realidade maior, ou a percepção de um objetivo de vida e ação mais amplo e abrangente.

O que ocorre ao longo da "noite da consciência" pode parecer, durante o dia, um mistério incompreensível para a mente tomada pelas atividades sociais estruturadas segundo modelos coletivos tradicionais; contudo, se o fato interno recordado puder ser visto à luz da possibilidade de se dar um passo adiante na própria evolução, um novo senso de ordem e significado emerge gradual e inevitavelmente. Nova orientação — isto é, uma virada em direção a um novo oriente, a um novo alvorecer — será experimentada e a resistência do passado superada. A inconsistência uraniana será encarada como o prelúdio ou o alvorecer de uma nova consistência mais elevada, uma consistência galáctica.

Essa descontinuidade, e provavelmente súbita mudança de nível, pode exigir que a pessoa dê um passo ousado no limiar do novo campo de atividade. Assim, devido à impaciência, ao medo ou à ambição espiritual, ela pode calcular mal a amplitude do passo e cair inconsciente sobre o limiar ou mesmo mergulhar no abismo aberto pelo próprio despreparo.

A inconsistência também pode ser simbolizada por uma cachoeira — profunda "solução de continuidade" no fluxo normal do rio em direção ao mar. Entretanto, esta passagem descontínua ou

inconsistente pode ser usada pelo engenheiro a fim de gerar eletricidade, levando luz à cidade e possibilitando aos homens trabalhar conscientemente durante o que, de outra forma, seriam noites de consciência — permitindo assim um passo à frente na evolução da mentalidade humana coletiva. Aqui temos um símbolo da transferência do centro humano da consciência do nível de atividade e consciência, do puramente "natural" para o "mental-criativo" — símbolo também da descida do poder galáctico buscando atingir, através de Urano, o nível terrestre de consciência no homem. Urano *concentra* o poder da Galáxia, de certa forma como uma lente concentra a energia difusa dos raios solares, gerando uma área de calor relativamente intenso, no qual matérias combustíveis podem ser inflamadas. O trabalho de grandes gênios, de homens de vontade heróica e de grandes manifestações avatáricas da vontade e propósito divinos, consiste basicamente em se tomarem *agentes concentradores*, por meio dos quais aquilo que constitui, em qualquer tempo, o "passo seguinte" para a humanidade toma-se visível e fascinante.

Este princípio de concentração de energia e liberação de palavras criativas (*logoi*) encontra-se na raiz de qualquer modo de vida, seja no nível macro ou microcômico. Os físicos modernos revelaram-nos que a liberação de energia não acontece ininterruptamente, mas, ao contrário, em pequenos "pacotes" ou *quanta*. A vida é cíclica e descontínua, conquanto o homem insista em enfatizar sua aparente continuidade, por temer o desconhecido e tudo o que desafia aquilo que seu ego obcecado por segurança obriga sua consciência a aceitar como normal.

Na Ásia, onde o processo de interiorização através da meditação geralmente é aceito como um meio de autotransformação e de exorcização da sombria vontade egóica, enfatiza-se muito os momentos fugazes que podem ocorrer entre as seqüências de pensamento contínuas e consistentemente causais. Estas são as cachoeiras simbólicas no fluxo da consciência, as pausas inesperadas na melodia da mente pensante. *Através* destes breves momentos, alguns deles aparentemente "infinitos", a consciência pode libertar-se do cativeiro do universo de causa e efeito e da vida repetitiva. Nestes "buracos" no pão da vida — buracos produzidos pelo "fermento" do contágio espiritual de professor a aluno, às vezes mesmo de amante a amante, ou de amigo a amigo — atuam as energias transformadoras da Galáxia. E atuam porque

somente o que se tomou vazio do conteúdo, menos superior, da natureza pode ouvir a voz da Galáxia. Esta voz ressoa clara e continuamente em cada célula do nosso ser; pois verdadeiramente "vivemos, nos movemos e temos o nosso ser" no espaço galáctico. Contudo, não poderemos ouvi-la enquanto nossa atenção estiver totalmente voltada para o Sol, nosso senhor e mestre. A fim de conseguirmos levitar em direção ao nosso astro, precisamos neutralizar por um instante a gravitação solar. Não é preciso ir a parte alguma ou gerar qualquer poder. Todo poder de que necessitamos encontra-se aqui. Basta destruir nossos vínculos com as formas inferiores de gravitação — terrestre e solar. O que significa em primeiro lugar deixar de crer na inevitabilidade de nossa subserviência a essas formas, aquietar-se interiormente e *permitir* que as vibrações do espaço galáctico se imprimam na nossa consciência com toda a sua pureza, simplicidade e transcendência.

Deixar que aconteça: eis a chave. Devemos permitir que a luz invisível de Urano tome-se radiante em nosso silêncio. Devemos aceitar a descontinuidade, a inconsistência, os paradoxos da existência espiritual. Devemos consentir em ser "cachoeiras", conquanto isto implique ser profundamente ferido pelas rochas e receber o impacto do mergulho na profundidade, pois aquilo dentro de nós que cai pode ser resgatado em forma de luz, iluminando as mentes de todos os homens. Urano exige-nos o sacrifício da "cachoeira", e temos de deixar que isso aconteça. Esta a suprema inconsistência: o troar e a violência da cachoeira, aos ouvidos galácticos, é o silêncio onde o Divino pode enfim *semear*. No olho do furacão, existe o silêncio e a quietude — assim como no âmago de todas as crises verdadeiramente aceitas e acolhidas. Bem-vindo Urano, cerne de todas as crises de transformação!

Netuno: O Sonhador Descondicionador de Grandes Sonhos

A maioria das pessoas não percebe suficientemente como somos condicionados desde o nascimento pelo ambiente que nos cerca, pelo sentimento que há nas palavras que ouvimos, pelos exemplos que instintivamente imitamos, pela linguagem necessária ao desenvolvimento de nossa inteligência potencial e por todas as tradições da nossa sociedade, aceitas explícita ou implícita, consciente ou inconscientemente. A fim de libertar-nos deste impacto proteiforme do nosso ambiente

físico, emocional, psíquico e intelectual, precisamos passar por um processo de *descondicionamento*, freqüentemente longo, tedioso ou catártico. Netuno, que, num dê seus aspectos, representa o poder da coletividade sobre o indivíduo, também simboliza, em seu aspecto mais elevado, o processo de descondicionamento. O que pode parecer paradoxal, embora, como já foi exposto, todo processo espiritual envolva paradoxos e a transmutação de uma ordem inferior em superior. Essa transmutação pode resultar de repúdio — ou, negativamente, de fuga — ao que nos condicionou; entretanto, como ensina o caminho de vida tântrico em parte da Índia e do Tibete, também podemos consentir em viver alguns dos fatores condicionadores de uma maneira ritualística e não-egocêntrica (isto é, impessoalizada), percebendo que só somos totalmente livres de tudo quando formos capazes de viver sem qualquer apego ou motivação pessoais; assim, ao mesmo tempo, não somos mais escravos e também "sabemos" integral e existencialmente seu significado e força, combinando esta força à nossa e superando suas compulsões.

Esse processo tântrico sem dúvida é perigoso e já redundou em completo fracasso. Para que seja bem-sucedido, exige muita habilidade para visualizar a realidade ideal, transpessoal e cósmica do que está oculto atrás' do condicionamento. Exige habilidade notável e rara para distinguir o todo na parte, o universal no particular que dele deriva e para identificar o eu interior e a consciência ao futuro transcendente no exato instante em que se experimenta o legado do passado — aceitando esse passado como prelúdio necessário ao futuro e não se esquivando à experiência, pois interiormente se está livre do seu poder limitador.

Para associar a própria consciência ao futuro é preciso fazer uma imagem extremamente vigorosa desse futuro; ou melhor, essa imagem deve ser intensa e irreversivelmente estampada na mente consciente pelo poder do "todo maior" dentro do qual vivemos, nos movemos e existimos. O processo de impressão toma amiúde a forma de um "grande sonho" — o qual, para a consciência desperta, assume o caráter de realidade transcendente, de revelação "divina". Neste sentido, Netuno relaciona-se com os grandes sonhos dos homens que não apenas previram, mas se sentiram interiormente compelidos a tentar implantar, dentro ou no limiar da nossa sociedade, o que as pessoas comuns rejeitam como "utopias". Contudo, essas utopias, embora possam não resistir

às pressões da sociedade atual e ao desprezo de adeptos acomodados ou predadores ambiciosos, são as precursoras de um futuro mais ou menos distante. O grande sonho dos visionários netunianos toma-se a realidade de amanhã mais livres e gloriosos. Eles servem a um poderoso propósito, pois a humanidade jamais poderá transformar-se naquilo que alguns homens sequer imaginaram. Nada ocorre na realidade concreta e palpável que no mínimo dois ou três homens não tenham imaginado e formulado anteriormente, ao menos em linhas gerais.

O paradoxo netuniano está em que, com freqüência, a liberdade deve ser alcançada *através* da experiência do cativo — e não fora dele. Em outras palavras: a coletividade mais elevada já está implícita, conquanto latente e irreconhecível, no grupo social inferior. A primeira atua com uma liberdade que na verdade transcende o que, no nível social, consideramos liberdade, pois é realmente uma forma mais elevada de inevitabilidade ou necessidade, enquanto o que hoje chamamos "liberdade" é servidão ao mundo dualista de alternativas entre as quais a mente consciente e a vontade do ego precisam escolher após hesitações e conflitos internos. O ser verdadeiramente livre situa-se além da escolha pois, total e irrevogavelmente identificado com uma forma de vida, ele simplesmente não consegue optar por outra. O Bodhisattva que atingiu um estado de consciência puramente espiritual e abrangente não consegue *deixar* de ser compassivo. Ele é compaixão. Num nível evolutivo inferior, o sonhador de utopias cuja vida é totalmente consagrada a seu sonho grandioso, deve procurar realizá-lo. De fato, ele não tem outra escolha, pois tomou-se agente do sonho netuniano. Ele é o sonho que se toma ação. É Maria recebendo a Anunciação; a vida avatárica no interior de seu útero não poderia ser ignorada, muito menos descartada. Netuno é Maria — ou *mare*, o mar. É o mar humano insuflado inevitavelmente pelos ventos galácticos do destino, o qual devasta as estruturas saturninas de "simples homens", homens colhidos entre as pressões do passado determinante do que denominamos hoje, e incapazes até mesmo de sonhar com "o amanhã que canta".⁴

Netuno foi descoberto quando a Revolução Industrial mostrava seu poder de transformar simples camponeses em proletários cujas

4. Esta frase outrora famosa foi dita por um membro da Resistência francesa pouco antes de ser fuzilado, proclamando desafiadoramente que sua morte anunciaria "*les demâins qui chantent*".

vidas desde a infância foram arruinadas pela escravidão salarial. Uns poucos visionários passaram então a alimentar os sonhos utópicos de uma sociedade regenerada, impregnada de amor cósmico. Os sonhos, praticamente em todos os casos, não se tomaram realidades duradouras; contudo, a visão permanece e hoje vem sendo revivida de muitas maneiras; conquanto malograda, ela persiste e de fato está destinada a multiplicar-se enquanto testemunha do potencial de realizações galácticas na natureza humana. Contudo, não haverá realização concreta e duradoura enquanto não for total e irreversível o processo de descondicionamento em indivíduos cujas consciências foram iluminadas pelo sonho netuniano. E Plutão contribui para esta irreversibilidade. Ele pode auxiliar na purificação de maneira fanática e ditatorial, levando a algum tipo de totalitarismo; também pode redundar em pio. fundas catarses, após as quais não há volta ao passado opressivo e egocêntrico.

Netuno é denominado o planeta do êxtase, por referir-se aparentemente eterna ânsia humana por algo capaz de tirá-lo de seu *self* limitado e isolado e de sua postura definida de ego. O caminho netuniano pode levar-nos ao estado de união do verdadeiro místico, no qual todas as diferenciações separadoras cessam ou são esquecidas, e tudo é — ou parece ser — "um". O homem quer esquecer tantas coisas que o confinam, oprimem ou saturam. Descobriu muitas formas de fazê-lo. Mas esquecer não significa estar livre da pressão ou da solidão temporariamente olvidadas. Todas as drogas usadas pelo homem desde tempos imemoriais, do álcool aos psicodélicos, oferecem apenas uma pausa temporária ou liberação ilusória. Onde há existência há dualidade. Toda vida exige polarização. A unidade é um "sonho grandioso", se a buscarmos no universo manifesto. Contudo, esse sonho é necessário a fim de polarizar e estimula nossa existência se quisermos prosseguir, passo a passo, rumo a uma consciência e realidade sempre mais elevadas — galáctica, metagaláctica, universal. O termo *universo* é revelador, pois significa "voltado para a unidade".

Recentemente, tomou-se comum o uso da expressão "unidade na diversidade"; na verdade, deveria ser "diversidade buscando unidade". Muitos anseiam pelo estado de unidade; mas falar de um *estado* de unidade implica entregar-se à ilusão netuniana. O homem só pode alcançar a consciência da unidade; o dualismo permanece o fato real,

exceto talvez no nível mais metafísico. No que respeita à existência, podemos falar de totalidade, não de unidade. A vida ascende do todo menor ao todo maior, do átomo e células ao homem e às galáxias; e este movimento é iluminado pelo grande sonho da unidade. Para tudo o que se encontra em movimento, a unidade não passa de um sonho grandioso, um conceito não-conceituai, um "isto não, isto não... ". Até mesmo o sistema filosófico mais metafísico, de Sankaracharya, falava da condição máxima como admita, que significa "não-dual" — ou seja, uma declaração negativa. Significa o impulso dinâmico de ir além da dualidade na medida em que a dualidade é vivida em qualquer nível de existência. O que implica a convocação para que se dê um passo à frente no caminho rumo a uma percepção sempre mais ampla da totalidade do ser universal. Jamais se poderá "atingir" a unidade e permanecer "um".

Neste sentido, a unidade é uma "ilusão" (do Latim, tudo "Eu jogo") e o universo é a Diversão de Brahma, o Deus Criador. Mas Brahma não é unidade; ele é apenas o uno — o imenso Um de onde se origina o nosso universo na sua multiplicidade. Entretanto, para tudo o que pertence ao domínio da multiplicidade, a unidade é a ilusão necessária, sem a qual não haveria progresso, nem evolução material ou espiritual. Sem as formas de ilusão inacreditavelmente variadas que a vida oferece a seus organismos vivos, não se chegaria além da totalidade não criativa e restrita da unidade orgânica governada por Saturno, limitada pelo esqueleto e pela pele.

A ilusão humana mais característica da vida é o sexo ou (no sentido mais amplo do sexo) o que chamamos de amor. Sem esta ilusão, não haveria evolução. A ilusão do amor humano e da maternidade possibilita a perpetuação da espécie. Netuno é o símbolo da ilusão — por conseguinte, do acompanhamento do processo evolutivo, da totalidade menor para a maior. O que denominamos "compaixão" também é ilusão na sua forma mais elevada; pois os grandes compassivos são seres que, atingida a perfeição de seus ciclos de existência — o começo do Nirvana — são "iludidos" a recusar esse Nirvana e a identificar-se compassivamente com os fracassos e escórias do ciclo. Assim pode ser alcançada uma forma mais elevada de totalidade — um novo universo na espiral sem fim concebível.

A ilusão do Cristianismo! Se Cristo, como assegurou Rudolf Steiner, era um "Arcanjo Solar", não veio Ele redimir a humanidade e impregnar

a Terra com a mais alta vibração de Seu sangue vertido, a fim de possibilitar a *transformação do Sol em estrela galáctica*, permitindo ao homem abrir sua consciência dimensão galáctica da existência?

Atualmente, falamos muito de carisma. Mas o que vem a ser esta misteriosa capacidade que alguns seres humanos possuem de impressionar e fascinar outros se não a poderosa habilidade de evocar grandes imagens que inspiram a imaginação humana? Certa vez, falei de Netuno como "extraordinário evocador". O indivíduo netuniano evoca imagens que têm o poder de transformar. Palavras podem ser imagens com poder de transformação, assim como sementes de mutação. Toda a vida psíquica do ser humano é envolvida e movimentada por imagens. A psicologia moderna de tipo junguiano — sobretudo de acordo com o modo como foi desenvolvido por Ira Progoff e mesmo por Fritz Kunkel e Erik Berne — trata das imagens psíquicas. Mas existem imagens de todos os tipos: imagens que embalam e levam ao sono e a sonhos sem objetivo, bem como imagens que incitam à ação e à consciência mais elevada; imagens intoxicantes e até mesmo enlouquecedoras para os incautos, ou reveladoras de nova 'ordem ou de novos valores e sentimentos; imagens concentradas de desgosto ou alegria. Imagens que dissolvem o ego na morte exaustiva da ausência de sentimentos, ou provocam um êxtase capaz de levar o sentimento ao auge da intensidade criadora.

Nossa vida interior depende inteiramente de imagens e símbolos. A religião usa imagens como grandes mitos inspiradores da coletividade; é um todo integrado de imagens centradas em torno de um criador altamente imaginativo cuja consciência "eidética" consegue abranger a totalidade da existência de um ponto de observação ainda inatingível para a maioria dos seres humanos. Imagens, mais ainda do que idéias, governam o mundo, pois, a fim de alcançar poder convincente, uma idéia transformadora deve ser envolvida por um imaginário capaz de evocar nos seres humanos a quase-possibilidade de desenvolvimento novo e inspirador.

Enquanto a consciência intelectual saturnina lida com conceitos unidos pela lógica, o tipo de consciência netuniana é "eidética", porque baseia-se em seqüências de imagens frequentemente a-lógicas e, talvez, irracionais — imagens que se interpenetram, imagens do estado de sonho ou do estado entre o sono e o despertar. Alguns psicólogos atuais utilizam de maneira significativa os *revés éveillés* (sonhos

despertos), que ocorrem num estado limiar à consciência desperta – no qual as imagens fluem seguindo seu próprio impulso, conquanto possam responder à orientação externa ou consciente. Tal estado é tipicamente netuniano na sua abertura e na sua freqüente confusão e ausência de forma.

A astrologia pode ser usada de maneira semelhante, lançando mão da carta natal como meio de evocar imagens mentais na pessoa em questão – como fez o Dr. Raaum, com significativo sucesso.⁵ Técnicas asiáticas de meditação com freqüência utilizam as imagens complexas, conquanto centradas, denominadas mandalas, a fim de estimular o processo de integração pessoal. As cartas do Tarô servem a propósito semelhante, evocando imagens arquetípicas de significado universal para os seres humanos. Os Símbolos Sabeus em astrologia constituem uma série cíclica de imagens mais modernas, as quais podem relacionar-se com fatores encontrados na carta natal, ou usados com significado oracular de forma semelhante à do ancestral *I Ching* chinês.⁶

Para o homem que vive em uma esfera de atividades inteiramente limitada por Saturno e animada pelas energias de Júpiter e Marte – com Mercúrio e Vênus, suas polaridades internas de vida – as imagens evocadas por Netuno constituem um constante desafio à transformação e à percepção dos valores transcendentais ao ego e à tradição. E amiúde um desafio sutil, sempre que a ilusão de Netuno se defronta com a atração magnética de Vênus, ou qualquer brincadeira de Mercúrio com os conceitos e recordações familiares. Enquanto a ação das forças

5. Uma das idéias estranhas desavisadamente aceitas pela maioria dos atuais astrólogos, é a de que a astrologia é governada pelo planeta Urano. Considerando-se o caráter súbito e violento das sublevações uranianas, tal orientação parece totalmente injustificada; enquanto a natureza bastante confusa e imprecisa — por ser ampla e abrangente — dos conceitos e símbolos astrológicos, mais do que a fascinação ilusória que com tanta freqüência exercem sobre o aspirante idealista, ajustam-se muito bem ao caráter de Netuno.

Ocorre que as pessoas de certa forma confundiram a Musa, Urânia, a quem foi atribuída a astronomia, com o grande deus, Uranos, símbolo do espaço indiferenciado e universal anterior ao surgimento de Saturno e de Júpiter, que o destronaram. O Urano moderno não tem relação direta com o Uranos mitológico — exceto se associarmos tiranos à Galáxia, da qual Urano é apenas um agente. Contudo, tal associação trairia o significado essencial do mito cosmológico grego.

6. Cf. Dane Rudhyar, *An Astrological Mandala, The Cycle of Transformation and its 360 Symbolic Phases* (Nova York: Rendo, nome, 1973).

de Urano pode relacionar-se com "soluções de continuidade" e "cachoeiras" no fluxo de nossos sentimentos, pensamentos e comportamento, Netuno evoca a profunda ansiedade, não obstante atemorizante, da experiência do mar.

Todos os rios deságuam no mar. Tudo retoma à vasta extensão fleumática do ser oceânico. Ansiamos por este retomo, quando não mais ansiamos pela volta ao útero materno. Pode ser o mesmo profundo desejo da consciência individualizada e do ego bastante golpeado e alienado, mas é um desejo em dois níveis inteiramente diversos; não passa de insensatez reduzir o primeiro ao último. Se aos assim, como fez a forma reducionista da psicologia, com resultados desastrosos para algumas gerações de ocidentais, é porque nos recusamos a aceitar a possibilidade de nos elevar acima do nível de uma sociedade desintegradora e fundamentalmente destruidora, que proclama nas palavras ideais netunianos mais que os desdenha na prática diária — sociedade esta extremamente bem simbolizada pela tragicomédia de Watergate, que se reproduz em um sem-número de semelhantes, embora não tão públicas, formas de comportamento hipócrita.

Contra semelhante situação Plutão age com vigor implacável; e parece particularmente bem-sucedido quando — como ocorre atualmente — iguala-se à velocidade de Netuno no sistema solar e adentra a órbita deste, causando estragos com ilusão e mitos — talvez até mesmo a ilusão da vida e o mito da morte.

Plutão e a Experiência da Profundez, do Vácuo e da Recentralização

Inúmeros astrólogos consideram Plutão o símbolo do materialismo ou do poder destrutivo e desintegrador. De certo modo, eles estão certos, ao menos na maioria das atuais situações. Contudo, essa interpretação não revela o caráter essencial do complexo e universal processo simbolizado pelo planeta anunciado e descoberto neste século por astrônomos americanos. Este processo deflagra o que é necessário a fim de *reduzir ao essencial* o que quer que tenha atingido o fim de um ciclo; e o fim de um ciclo também é o momento em que pode ocorrer a reintegração como parte de um ciclo maior. Plutão lida, portanto, com *a possibilidade do renascimento*; o que naturalmente implica a experiência do que, para pessoas de estreita compreensão, costuma assumir a forma de "morte".

Plutão não assegura o renascimento. Simplesmente está ligado aos pré-requisitos para o renascimento, um deles o que testemunha. mos como um corpo que morre, ou como a desintegração psicamental de uma personalidade ou de toda uma cultura. Plutão não está preocupado com o que pode resultar do processo. Ele não lida com resultados finais, mas apenas com o que precisa ser enfrentado caso se queira produzir resultados fundamentais, na forma de alicerces necessários a uma nova vida em nível mais elevado — ou, em casos trágicos, menos elevado — na espiral da evolução. Estou certo de que Plutão não constrói os alicerces, pelos quais é responsável a atividade simbólica de um planeta transplutoniano, o qual batizei experimentalmente como Prosérpina. Mas a possibilidade desses alicerces está implícita na ação plutoniana; em verdade, ela nos proporciona tudo quanto Plutão representa na vida de uma pessoa ou de uma nação quanto ao seu propósito verdadeiro e essencial.

À luz dessa compreensão astrológica de Plutão, podemos reunir as várias peças do quebra-cabeças que este planeta oferece à mente de não poucos estudiosos da astrologia. Também podemos descartar a maior parte das declarações radicalmente negativas feitas a respeito de Plutão, considerando-as interpretações relativamente tendenciosas, e que podem causar inúmeros danos psicológicos quando incorporadas à interpretação da carta natal de uma pessoa.

Entretanto, deve ficar claro que existe na manifestação de Plutão e em seus efeitos astrológicos diversos aspectos atemorizantes e rígidos, e com frequência igualmente impiedosos, de maneira impessoal e "cármica". Contudo, Plutão atua bastante diferentemente de Saturno, em geral considerado o símbolo do carma vigorante. O carma saturnino funciona de maneira bastante precisa e automática, de certa forma segundo a velha fórmula: "Olho por olho, dente por dente." Esta atuação cármica também pode ser expressa segundo o princípio cósmico da harmonia universal. Qualquer coisa capaz de gerar um desequilíbrio à esquerda, deve ser equilibrado automaticamente — no tempo e espaço — por uma ação à direita, e vice-versa.

Tudo vai bem se a pessoa que experimenta as conseqüências cármicas de atos anteriores aprende com isso; mas a força cármica não faz caso disso. Uma sociedade que pune o criminoso segundo uma lei estabelecida com um caráter impessoal via de regra não se preocupa com a conseqüência da punição naquele que desrespeitou a lei e foi pego. Por este motivo, diz-se que a justiça é "cega". Raros são os casos em que a "punição" é propositalmente aplicada a fim de criar uma situação de controle que deflagre profunda catarse e a possibilidade de renascimento moral e social — embora o conceito de justiça na atualidade esteja evoluindo, de modo hesitante e desigual, nessa direção. Quando isto ocorre, ela tenta incorporar o espírito plutoniano.

Não esqueçamos que Saturno possui caráter semelhante ao de um autocrata solar — em outras palavras, um código legal rígido e tradicional, semelhante ao código napoleônico. Saturno relaciona-se com a justiça de um rei absoluto incapaz de aceitar desafios ao seu poder, muito menos ver suas leis desdenhadas; exceto nos raros casos em que lhe agrada mostrar — ou por motivos tortuosos vê-se forçado a mostrar — sua magnanimidade, perdoadando o ofensor. Por outro lado, Plutão nunca "perdoa", pois não "pune" nem exige automaticamente paga proporcional à ofensa. Plutão percebe ter chegado o momento em que há

a possibilidade de passar de um nível de consciência e atividade a outro; então produz as condições necessárias a essa passagem ou transmutação.

Quanto mais limitada for a consciência, segundo os padrões e memória saturninos, mais duras serão essas condições. Se Urano e Netuno não são bem-sucedidos em iniciar bem o processo de transformação, Plutão pode ser verdadeiramente cruel e implacável. Se, por outro lado, as forças de Urano e de Netuno realizam seu trabalho transformador e o indivíduo aceita a mensagem de ambos, preparando-se para a "descida ao inferno" final — a Noite Escura da Alma —, poderá encontrar, com calma e força, o processo plutoniano de total desnudamento e o vácuo conseqüente. Esta pessoa já leva no coração a visão da Nova Vida, não mais resistindo transformação, cujo propósito tomou-se seu conscientemente. A punição transforma-se em purgação — destruição dos obstáculos ao fluir do poder espiritual dentro do seu ser como um todo, ou ao menos a parte do ser total capaz de suportar o influxo sem ser destruído pela energia galáctica.

A ação do carma pode estar presente, mas a retribuição cármica totalmente aceita e com significado de liberação de recordações passadas, conscientes e inconscientes, deixa de ser saturnina; toma-se o preço que se deve pagar para adentrar a esfera galáctica da consciência espiritual. Em casos emocionais extremos, temos o êxtase feliz dos mártires cantando enquanto são torturados, porque estão certos de ser aquele o caminho para a união absoluta com o Bem-Amado Divino, o Avatar.

No simbolismo da descida de Cristo aos infernos durante os três dias após a Crucificação, percebemos um exemplo particularmente significativo da atividade plutoniana, pois a evolução da consciência galáctica exige uma experiência total do significado da desintegração e do fracasso ao longo do ciclo em que se alcança o estado de Consciência Crística. Tudo o que faz parte deste ciclo deve ser englobado pela consciência, agora com um caráter totalmente holístico, por conseguinte divino ou eônico. O Adepto Branco de alguma forma deve tomar consciência e sentir enfaticamente o trágico estado do Adepto Negro, pois em sua compaixão ele inclui as trevas e a luz. Não mais consegue sentir ódio ou honor ao mal, porquanto para o Bem supremo não existe o mal, apenas a sombra da Luz divina sobre a memória não redimida do passado ancestral. Contudo, deve ser o verdadeiro Bem supremo a revelar

incontestavelmente sua natureza, e não o pequeno bem encapsulado nas pálidas virtudes religiosas ou sociais do homem.

Profundamente significativo é o fato de a Crucificação e seu resultado, os três dias de "descida ao inferno", serem celebrados no período do equinócio da primavera; pois este momento do ciclo anual relaciona-se, ao menos simbolicamente, com o processo de germinação; e *germinação é a crucificação da semente*. A primeira porção a emergir da semente lacerada é a radícula, e esta radícula "desce" ao humo, produto da queda das folhas e de tudo o que já foi vivo. O solo escuro é o inferno da esfera da vida, mas é também o alicerce de todos os processos vitais — a "mãe sombria", que é o passado, mas que será redimida quando seu corpo em desintegração for levado em direção ao ar e luz, dentro da nova vida, alcançando finalmente o estado de flor.

A germinação é um processo plutoniano; por isso, na astrologia Plutão deve "reger" Áries, o signo zodiacal do equinócio da primavera, símbolo do impulso criativo iniciador de todos os novos processos de vida. Contudo, Plutão *associa-se* a Áries, em vez de regê-lo; pois o conceito de regência sucumbe por completo quando percebemos que os planetas transaturninos estão no sistema solar, mas não são *parte* dele. Conceito inteiramente válido no mundo ptolomaico do Sol-a-Saturno, pois expressava uma profunda filosofia de vida. Entretanto, não mais deve ser aplicado a um heliocosmo, no qual o Sol é primordialmente compreendido como uma estrela, uma entre bilhões dentro do vasto organismo cósmico da Galáxia. Pode-se afirmar apenas que o novo enfoque galáctico dos planetas e do zodíaco — o zodíaco *tropical*, pano de fundo onde assinalamos a relação em cíclica mudança da Terra com o Sol — os signos que se seguem a Capricórnio (ápice do poder saturnino) correspondem às fases básicas do processo de transformação simbolizado por Urano, Netuno e Plutão. Assim, Urano associa-se a Aquário, Netuno a Peixes, Plutão a Áries e um suposto Prosérpina a Touro. Plutão, contudo, desafia tudo o que Marte representa no sistema Sol-a-Saturno. A impessoalidade de Plutão desafia o caráter essencialmente pessoal-emocional de Marte. O desafio ocorre em Escorpião e também em Áries, assim como o desafio netuniano a Júpiter acontece em Peixes (símbolo do instante final de um ciclo cultural) e também em Sagitário (que representa a obtenção, por uma cultura, de seu caráter fundamental, filosófico e legal); e Urano desafia Saturno em Capricórnio, assim como em Aquário, pois quando os dias começam

a se alongar, o poder de Saturno está condenado, mesmo que no auge do seu poder.

Todos os desafios lançados pelos planetas agentes da Galáxia constituem causas inatas de sofrimento para a consciência encarcerada pelos processos saturninos; contudo, a aceitação do sofrimento é essencial ao processo de transformação. A "descida ao inferno" é, de certa forma, a dramatização da inevitabilidade do sofrimento nesse processo. De maneira ainda mais geral, sempre que há a experiência da profundidade, inevitavelmente ocorre a experiência concomitante do sofrimento. Entretanto, em nosso mundo global, a direção da profundidade nos leva ao centro; e a experiência do centro é essencial ao desenvolvimento espiritual. Todos os centros — sejam eles dos átomos, das células, dos sóis ou das galáxias — não apenas relacionam-se com a quarta dimensão de "interpenetração", mas em verdade existem no que se poderia denominar quinta dimensão. Tal é o milenar conceito hindu de identidade do Atman individual e o Brahman universal, expresso na saudação iogue "Eu sou Tu", a qual evoca o sentimento de identidade essencial dos centros de todos os seres humanos. Devo acrescentar que tal saudação distingue a espiritualidade hindu da hebraico-cristã, pois esta última fala em "Eu e Tu" (ver o famoso livro de Buber com este título), substituindo a identificação por um "diálogo" entre entidades fundamentalmente diferentes — diálogo que relaciona Deus, o Criador, ao homem, a criatura.

A isto podemos em seu conjunto denominar de propósitos de psicologia profunda, sob seu aspecto mais significativo, em proporcionar à consciência humana a experiência da profundidade — e, em alguns casos (sobretudo com Carl Jung e Assagioli), a experiência do centro. O processo de "indivuação", principal tema da psicoterapia junguiana e da psicossíntese, leva não apenas a uma experiência de centramento — pois o ego individual é também o centro do campo de consciência limitado por Saturno — mas à transferência do centro, do ego essencialmente limitado e temporário esfera mais ampla e permanente do "self". Este último não é apenas mais abrangente, pois inclui tanto a consciência quanto as áreas inconscientes da psique como um todo, mas é também uma esfera qualitativamente diferente, possuidora de contrastante abrangência com o exclusivismo básico da consciência governada pelo ego.

Marte desperta e concentra as energias soli-lunares da personalidade em direção ao objetivo emocionalmente desejado.

Ele representa a saída na superfície do globo, a biosfera. O que envolve uma disseminação, mais ou menos "horizontal", de energia, em termos de sua relação com algum objeto; relação que pode ser negativa, distanciando-se por conseguinte deste objeto. Plutão, ao contrário, relaciona-se basicamente com a concentração de poder (ou atividade) de alguma forma de "grupo" (concreto ou transcendental), através do indivíduo que se considera investido de tal poder, poder este que expressa ou busca uma finalidade centrante. À atuação marciana profunda, mente pessoal, Plutão responde com uma ânsia de atividade coletiva, de busca de uma mente ou vontade que, fornecendo uma concentração consciente, irá fornecer um centro do qual possa disseminar-se o propósito.

No nível mais elevado, Plutão concentra as energias galácticas sobre a humanidade *por meio de* indivíduos prontos a assumir firmemente seu papel de destino; neste sentido, a ação de Plutão é "vertical" e não "horizontal". No nível sócio-cultural, Plutão representa o ímpeto mais recôndito da coletividade — nação, grupo social, profissão — em formular, através das pessoas especialmente dotadas, a qualidade característica ("estilo". ou modo de viver) do estágio evolutivo histórico no qual atua o grupo ou nação. Enquanto Netuno representa a pressão geral da coletividade sobre os indivíduos a ele pertencentes — indicando assim, por exemplo, a subserviência do indivíduo mo. da e propaganda de todos os tipos — Plutão, em uma carta natal, indica a *possibilidade* de o indivíduo tomar-se arauto ativo do espírito de grupo, por meio de ação criativa e positiva.

Esta concentração plutoniana de energias sociais ou biológicas sobre o indivíduo capaz de expressar o caráter e objetivo grupais resulta, via de regra, em ações aparentemente inspiradas pela ambição ou autogratificação pessoal; contudo, por trás desta fachada pessoal, existe um tipo mais abrangente de motivação inconsciente ou semiconsciente. Por exemplo, no nível psicológico, a atração emocional entre um homem e uma mulher assume habitualmente formas aparentemente pessoais e possessivas; contudo, por trás dessa aparência é a espécie humana, e com frequência a cultura ou religião do casal, que os impele ou compele à união. Superficialmente, tudo parece pessoal e marciano, mas nas profundezas inconscientes dos dois jovens, é o propósito coletivo da raça ou da cultura que busca expressão. Qualquer concentração de energia e propósito social ou genérico

através das ações dos indivíduos, amiúde inconscientes do que os incita a agir, é plutoniana.¹

Esse desafio plutoniano a Marte ocorre arquetipicamente em Áries. A própria vida, no seu sentido genérico, é o verdadeiro ator em todos os primórdios cósmicos ou raciais. Este o significado, nas mitologias mais ancestrais, do grande deus Eros (ou *Kama deva*, na Índia); só bem mais tarde essa força primordial da vida universal foi reduzida ao caráter "humano, demasiado humano" das concepções populares e da linguagem familiar (vide a vulgarização do termo erótico). Na antiguidade, o Eros grego e o *Kama deva* hindu foram os primogênitos entre os deuses. Representavam o desejo cósmico de criar um novo mundo; e tal desejo implica inevitavelmente uma "descida" ao caos. O caos representa a condição primeva e indiferenciada da matéria, resíduos das formas de energia extintas, "solo negro" ou cinzas de universos passados. Toda atividade criativa, em seu caráter fundamental, constitui uma descida à matéria. O Um *universal*, no Seu estado difuso e indiferenciado, dissemina-se pelo Espaço infinito, buscando concentrar-se no *Específico*, fonte de nova manifestação; e para tal deve centrar-se na matéria. Interpretamos simbolicamente este ato falando de uma "descida" às profundezas e às sombras. Todas essas descidas são motivadas por um desejo de experiências novas e mais abrangentes sob alguma forma de vida, em qualquer nível no qual essas formas sejam imaginadas como expressões ou receptáculos de um processo cósmico (micro ou macrocósmico).

No nível da nossa atual sociedade ocidental e, em sentido mais geral, do que a filosofia hindu denominou Kali Yuga (a Idade do Ferro Grega, a Idade da Mãe Negra, Káli), a descida plutoniana possui um caráter trágico, pois indivíduos e nações devem sempre defrontar-se com inúmeras memórias sombrias e assustadoras. Essas memórias devem ser conhecidas nas trevas subterrâneas para que haja novos inícios criativos. Em termos junguianos, este é o encontro com a Sombra.

1. Neste sentido, uma força policial constitui manifestação da ação plutoniana no poder social (e às vezes político). O policial que abusa do poder comete crime maior do que o indivíduo que ofende outro — atitude marciana. Contudo, em nossa sociedade ilegal, freqüentemente ele é apenas repreendido ou despedido. O abuso do poder coletivo de que um homem é investido devia constituir o maior crime que uma pessoa pode cometer.

Entretanto, se tal encontro é corajosa e resolutamente vivido, a Sombra transforma-se no Deus-em-profundidade, o Deus dos mistérios, o Deus "vivo", que polariza o Deus-mais-elevado, revelando assim a unidade fundamental da matéria e do espírito, e também de fracasso e vitória — ou, melhor ainda, da Harmonia do Ser e do Não-Ser, ou Potencialidade e Realidade² abrangentes, imutáveis e inefáveis.

Na maior parte dos contos de fadas, a Fera horrenda em busca de amor transforma-se em Príncipe maravilhoso, quando a donzela sente em seu coração compaixão pela feiúra deformada. Na mitologia grega esotérica, Plutão não apenas é o senhor dos subterrâneos, como também símbolo de abundância e riqueza. É igualmente simbolizado pela "Pérola de alto preço" que, oculta no interior da substância viscosa da ostra, só é encontrada pelo mergulhador corajoso das profundezas marinhas do inconsciente; para ser vitorioso em sua busca, o mergulhador deve desenvolver ampla capacidade respiratória — simbolizando a respiração o aspecto mais essencial ao processo de realização espiritual. Pérolas são produzidas pela ostra após a introdução de alguma substância irritante no seu espaço vital aparentemente protegido pela concha. O sofrimento é necessário para que seja experimentado um certo grau de transmutação e transubstanciação; mas tudo depende da atitude para com o sofrimento e a dor. A tragédia deve ser aceita. Deve ser *compreendida*; e compreender não significa apenas "submeter-se" e suportar todo o fardo do que se compreende, sentindo assim todo o seu peso e conteúdo; mas também tomar-se consciente do porquê do fardo colocado sobre os seus ombros — o propósito desse fardo e da experiência dentro do amplo ciclo da existência, e se possível da existência da humanidade e do mundo.

Plutão, mais do que qualquer outro planeta, pode conduzir à realidade do que demasiado freqüentemente denomina-se "consciência cósmica"; não obstante, não precise necessariamente fazê-lo. A Sombra dispõe de maneiras mais sutis de ocultar a realidade sob as inúmeras formas de ilusão netuniana. Como já foi dito, a ação de Plutão é grandemente condicionada pela resposta do indivíduo às forças e eventos uranianos e netunianos. O revolucionário uriano pode ser facilmente arrancado do seu caminho pela intensidade de sua paixão aos fatores opressivos e arrasadores, não aceitando concessões;

2. Ver *Planetarization of Consciousness*, cap. 5.

o idealista netuniano pode ser enganado pela ilusão de experiências pseudomísticas as quais fazem-no perder-se em meio à névoa densa, embora iridescente; e o humanista netuniano pode afundar na areia movediça do sentimentalismo. A suposta consciência cósmica talvez não passe de uma *experiência-sentimento*, em vez da clara percepção da Mente cósmica-divina em sua atuação impessoal cíclica e infalível — o que Sri Aurobindo denomina superconsciente, ou mesmo o aspecto mais elevado da superconsciência.

Uma relação significativa e contrastante pode estabelecer-se entre Plutão e Mercúrio. Mercúrio simboliza a mente no estágio em que sua influência é condicionada pela necessidade de sobrevivência, expansão e reprodução do organismo vivo, e também pelas ambições sócio-culturais do ego. Por outro lado, Plutão representa a Mente cósmica totalmente impessoal — a Mente que lida com princípios e arquétipos universais, a mente holística e eônica. Em nível mais inferior, relaciona-se com o estilo de uma época mais do que à contribuição pessoal de determinado artista ou escritor, via de regra apreciado inicialmente por suas características superficiais e supostamente "originais". Por este motivo, a posição de Plutão numa das Casas da carta natal revela o tipo de experiência por meio da qual o indivíduo contribuirá proveitosamente para o estilo do seu tempo; como podemos ver atualmente, a posição de Plutão em determinado signo zodiacal fornece a chave para o estilo de vida de uma geração.

Resumindo o que foi dito anteriormente, percebemos que o significado fundamental de toda influência plutoniana reside em forçar-nos, amiúde inexoravelmente, a depreciar ou abandonar tudo o que constitua manifestação de vida *superficial*, e mergulhar tão profundamente na experiência humana quanto possa suportar a nossa condição mental, afetiva e espiritual. A vida superficial pode ser interpretada no nível sócio-cultural, em termos de nossas habituais respostas e padrões de comportamento e sentimento da, nossa sociedade ou classe. No nível mais pessoal, Plutão representa, como já vimos, todas as formas de psicologia profunda; ou seja, qualquer tentativa determinada de descobrir nossa "natureza intrínseca" — no sentido em que a filosofia zen utiliza estas palavras.

Afirma-se igualmente que Plutão leva a mente humana à percepção da existência, subjacente a. inúmeras práticas e convicções religiosas,

de uma essência de "grandes verdades". Os teosofistas referem-se a ela como "a Sabedoria-Religião Universal". Originam-se daí todos os cultos institucionalizados que, sob seus aspectos externos e populares, buscam conhecer as necessidades locais e relativamente transitórias de determinadas coletividades humanas encontradas nas diversas regiões da superfície terrestre. Ela se baseia no que é essencial à natureza humana.

Neste sentido, Plutão é o planeta mais intimamente relacionado com o verdadeiro Ocultismo — seja sob forma construtiva ou destrutiva (isto é, a linha Branca ou Negra) — não só porque o verdadeiro Ocultismo ensina-nos a atuar na esfera das *forças* (o mundo astro-mental), da qual os corpos materiais não passam de manifestações externas, mas também por afirmar que o conhecimento humano fundamental chegou à humanidade nascente através de uma "Revelação Original" concedida por Seres extraterrestres que eram a "semente" de um ciclo planetário anterior, sendo tal conhecimento, sob seu estado puro, compartilhado em Fraternidades Secretas existentes ainda hoje. Com a ajuda de alguns membros dessas Fraternidades secretas, o homem pode sintonizar-se com as suas Mentos coletivas; mas tal sintonia, e em casos raros identificação, só é obtida com um enfoque árduo e arriscado das realidades máximas da existência, o Caminho da Iniciação. Plutão governa com absoluto rigor este Caminho, baseado em leis invariáveis e impessoais, as quais personificam princípios cósmicos.

O verdadeiro Ocultismo (que praticamente nada tem que ver com o que hoje é popularmente conhecido como Ocultismo) é uma *psicologia cósmica profunda*. Ele só poderá ser significativamente compreendido e construtivamente aplicado por indivíduos que foram interna. mente "separados" da vibração da humanidade (e da biosfera terrestre de modo geral) pela visita de Urano e as profundas crises resultantes, e por aqueles que experimentaram a expansão da consciência e do *sentimento* netunianos sem serem atraídos para desvios fascinantes, pela ilusão proteiforme que circunda o Caminho secreto.

Deve-se ter em mente que o caminho oculto não é o caminho da devoção, e grande parte do que passa por misticismo pertence a outra via, não obstante todo ocultista "branco" precisar passar por experiências místicas de transformação e iluminação. A relação entre o verdadeiro Misticismo e o Ocultismo pode ser simbolizada pela relação Netuno/Plutão. Já mencionei o fato de que Plutão certas vezes se aproxima mais do Sol do que Netuno o faz normalmente; por conseguinte

pode-se afirmar que o primeiro atua nestes períodos dentro da órbita de Netuno. Estamos bastante próximos desse período, que durará cerca de vinte anos. Com freqüência, esses períodos testemunham uma repolarização da consciência coletiva e dos ideais da humanidade segundo linhas que, de uma forma ou de outra, acentuam fatores profundamente arraigados na natureza humana, ou seja, comuns a pelo menos uma ampla fatia da humanidade. Em 1942, o vice-presidente Henry Wallace afirmou que "o século que estamos adentrando — século que surgirá após esta guerra — pode e deverá ser o século do homem comum". De fato este século iniciou-se com a Grande Depressão de 1929 e os anos subsequentes, quando Plutão foi descoberto. Em meu livro *The Faith That Gives Meaning to Victory* (outono de 1942), mostrei que Henry Wallace deve ter-se referido não tanto ao "homem comum", mas à *humanidade comum ao homem*, e acrescentei:

Enquanto os indivíduos se orgulharem *por* serem diferentes dos demais e se identificarem exclusivamente com suas diferenças, não haverá paz na terra. A paz e a união só acontecerão quando as pesaras se conhecerem em *primeiro lugar* como seres humanos e depois como indivíduos; quando se dispuserem a consagrar seus dons e habilidades diversas ao bem da humanidade; quando as personalidades egocêntricas da nossa época perceberem, para usar as belas palavras de St. Exupery em seu *Vôo para Arras*, que "O indivíduo é um caminho; mas o que importa é o *Homem* que escolhe esse caminho" (pág. 15)... As raízes do individual mergulham na humanidade comum ao homem, quer ele o admita ou não, quer goste ou não... Por trás da sua vontade e poder está a grande corrente da evolução humana, a qual prossegue majestosa e finda por cumprir seu objetivo intrínseco — apenas modificado, retardado ou acelerado pela vontade individual de homens distanciados. Não resta dúvida de que o indivíduo é a floração desta evolução humana; sem dúvida, o grande gênio eleva-se como luz-guia e criador. *Mas* em que consiste este *poder dentro dele?*... O poder jarra constantemente da humanidade comum e das estruturas comuns que (o indivíduo) compartilha com todos os homens (págs. 17-18).

A força propulsora, a percepção vívida e a experiência da profundidade dessa humanidade comum constituem fatores plutonianos. O sexo foi tão glorificado neste "século do homem comum" porque a relação sexual é uma das formas mais fundamentais de obter essa experiência de profundidade do poder existente em todo organismo humano. Wilhelm Reich e os entusiastas da bioenergética situam essa experiência

plutoniana no centro de toda vida humana. Tal experiência está para além de todas as distinções pessoais e desdenha as classificações e preconceitos racial-culturais. É a experiência da "vida" na sua manifestação impessoal, ou melhor, subpessoal, enquanto sexo e energia orgásmica. A humanidade comum do homem não "transcende" as aquisições individuais de uma cultura e de seres aprimorados por essa cultura; pois, se quiser experimentá-la, o indivíduo precisa "descer" ao que é comum e indiferenciado. E a descida plutoniana. Se por vezes ela acaba por ser uma descida aos infernos é porque a função sexual, na nossa humanidade atual, e durante muito tempo, tem sido pervertida pelo ego, que usa a força vital da biosfera para prazer e poder próprios. Este foi o resultado fatal do processo de individualização que diferencia o homem dos animais. Neste sentido, Plutão força homens e mulheres individualizados e "civilizados" a descer não apenas ao nível onde impera a força animal, mas abaixo dele.

O sexo não constitui a única manifestação deste nível de atividade e consciência. Todos os rituais que levam um número relativamente grande de pessoas ao sentimento de massa e ao comportamento de multidão emocionalmente indiferenciada, buscam despertar o poder da humanidade comum ao homem. São instrumentos plutonianos, sobretudo quando atuantes numa nação que sob outros aspectos tenta fomentar o individualismo de seus cidadãos orgulhando-se dele; pois nestes casos não existe poder saturnino realmente eficaz para o estabelecimento de limites tradicionais ao comportamento do que se tornou uma turba inteiramente irracional e incontrolável. Cerimônias religiosas e, no nível sócio-econômico, práticas de negócios igualmente ritualísticas, atuam nos limites de Saturno de uma tradição que também — ao menos em certas culturas — impõe formas específicas de atividade sexual. Quando estas formas saturninas sucumbem sob a investida furiosa de forças uranianas, ou tomam-se sem sentido e tediosas diante do recém-desperto sentimento netuniano de comunidades totalmente abertas e destituídas de limites, o que até então em um ritual transforma-se em cena ou orgia da multidão plutoniana.

O "reducionismo" psicológico freudiano — isto é, a doutrina de que as manifestações mais diferenciadas e conscientes de idealismo, religião e gênio artístico podem ser reduzidas à ação de pressões, obstáculos ou distúrbios no fluxo da energia vital (*libido* e sexo) — é um processo tipicamente plutoniano, que atua especialmente sobre a função marciana, facilmente distorcida ou bloqueada em seres humanos; e a

carta natal de Freud enfatiza enormemente um Marte retrógrado e solitário. Não obstante, é verdade que o desabrochar de plantas acima do solo depende da saúde das raízes nas profundezas e das trevas simbolizadas, psicologicamente, pelo subconsciente ou inconsciente pessoal. O que até então conhecemos como "cultura" está profundamente ligado, ou no mínimo fundamentalmente condicionado, a fatores geográficos e climáticos locais — ou seja, fatores Sol-Saturno. Este é o aspecto exterior do potencial de vida humana. Uma percepção *global* da condição ideal da "civilização" — a Cidade Sagrada, Nova Jerusalém, etc. — será obtida quando seus contornos arquetípicos e os princípios determinantes de sua estrutura forem revelados pelas manifestações galácticas superiores de Plutão.

Escrevi há muitos anos um artigo intitulado "Netuno, o Mar — Plutão, o Globo". O globo contém o mar, e conquanto este último seja vasto, profundo e misterioso, não possui centro. Um globo é centrado. É uma mandala tridimensional. Netuno não apenas é o mar, como também o oceano atmosférico que permeia todo organismo vivo por meio do processo respiratório — tipo mais sutil de mar, possuindo igual-mente suas tempestades violentas e por vezes devastadoras. Os dois oceanos — água e ar — envolvem o reino onde os continentes dão á luz culturas humanas; mas os oceanos e a terra obedecem gravitação plutoniana, *a atração para o centro*.

Esta atração leva à integração; e, em certo sentido, Plutão é o Integrador máximo. Contudo, existem formas prematuras de integração, e processos integradores originados do temor ao caos netuniano. Tais processos levaram a humanidade a manifestações tais como o Neoclassicismo ou Neo-escolasticismo nas artes³ — Fascismo e Nazismo totalitários na política — e ao universo urbano de cortiços, gangues, Máfia e outros aglomerados mais ou menos criminosos e coercitivos de indivíduos frustrados e/ou desnorteados em busca de poder através de atividades coercitivas e governadas por uma liderança.

Por outro lado, quando grupos fortemente unificados emergem do processo evolutivo de crescimento social natural, atuam sob o

3. Na música temos Stravinsky, criador do Neoclassicismo após sua poderosa Sinfonia da Primavera e a Revolução Comunista na Rússia que o exilou; e Schoenberg, que transformou o cromatismo pós-wagneriano em atonalismo rigidamente formalista e intelectualmente escolástico com seu sistema de doze tons.

princípio saturnino; possuímos um sistema "clássico" racionalista e formalista, tal como testemunhou a Europa do século XVII e princípio do XVIII. (Luís XIV, rei por "direito divino" e o Castelo de Versalhes constituem símbolos notáveis de tal manifestação.)

O Neoclassicismo, como o totalitarismo ao estilo de Mussolini, emerge compulsivamente após um período de relativo caos netuniano e é investido de poder pelo temor coletivo dos resultados deste entreato caótico. Tais movimentos regressivos ("Volta a...") não aceitam o fato do caos constituir a gestação de uma ordem nova e mais abrangente. Esta atuação talvez possa ser simbolizada por um Plutão regressivo; o que não significa, na astrologia natal, que um Plutão retrógrado no mapa astral represente uma tendência a alguma forma de totalitarismo amedrontado. Com demasiada frequência, Plutão é encontrado retrógrado numa carta natal para que tal conclusão seja válida. Pode-se apenas afirmar que um Plutão retrógrado evoca a possibilidade de utilização de reações temerosas como linhas de menor resistência, quando o indivíduo defronta-se com o que lhe parecem ser situações perturbadoramente caóticas. Pode-se considerá-lo um aviso de que, quando diante de tais situações, pode ser mais sábio para a pessoa retomar prontamente às experiências básicas, em vez de mergulhar demasiado confiante ou ingenuamente num tempestuoso mar netuniano. Nem todos são internamente estruturados para serem pioneiros em aventuras fundamentalmente perigosas; e o Caminho espiritual *pode* ser uma aventura arriscada, envolvendo riscos extremamente sérios. A longo prazo, até mesmo o fracasso relativo pode transformar-se no sucesso mais espetacular; mas isto a *longo* prazo!

Plutão pode ser considerado, ao menos atualmente, o Guardiã do Limiar que termina por abrir-se para o mundo cintilante da Galáxia. Com frequência, o semblante do Guardiã é assustador; contudo, reflete apenas nossos pecados ancestrais tanto por omissão como por atuação, nosso fracasso em agir quando chega o momento cíclico de prosseguir, nossos medos e nossa culpa em geral bem ocultos. Histórias ocultistas — como o romance clássico de Bulwer Litton, Zanoni, escrito no século passado — às vezes retratam vividamente o trágico encontro entre um aspirante ambicioso e um Guardiã aterrador.

Sempre que o astrólogo confere características inteiramente negativas a Plutão, pode-se ponderar se não está retratando inconscientemente o Guardiã do Limiar com os traços com que se apresentaria

diante dele. É fácil glorificar Netuno e o fulgor aparentemente ilimitado e extasiante da espiritualidade e pseudomisticismo prolixos e ao mesmo tempo relacionar Plutão com todas as formas de materialismo e ditadura; bem mais difícil é enfrentar um Plutão que simplesmente reflete o próprio rosto oculto e aceitar verdadeiramente o confronto cármico. Só é possível passar pelo carma cumprindo-o, guardando no coração a visão do futuro — a percepção de que se é em essência uma estrela na Galáxia. Não é fácil manter com segurança e determinação tal percepção, ao mesmo tempo em que se é golpeado por terremotos plutonianos. Não obstante, este é o verdadeiro desafio plutoniano. Aquele que recua diante do desafio não pode atingir espiritualmente seu mais elevado propósito, sua estrela.

A coragem é necessária, bem como a vontade que transcende as decisões mesquinhas do ego e manifesta o caráter da inevitabilidade. Ninguém deve tentar trilhar o Caminho a não ser que *tenha* de fazê-lo, devido a um ímpeto inevitável que não pode ser ignorado. Uma vez iniciada a jornada, não se deve parar ou olhar para trás. Deve-se permitir que Urano destrua reiteradamente as próprias limitações acalentadas, a Netuno expandir a consciência e a Plutão guiar o aspirante por entre as trevas até o Vácuo onde novo foco de luz finalmente brilhará, reorganizando os fragmentos dispersos do que por tanto tempo ele aceitou como sendo ele.

PARTE II

Os Planetas Transaturninos nos Signos do Zodíaco

Muito já foi escrito sobre o que representa o zodíaco, assim não é necessário tecer uma discussão detalhada a este respeito aqui. Já enumerei em diversos livros as razões fundamentais da minha não-aceitação do zodíaco sideral supostamente relacionado com constelações de verdadeiras estrelas. Contudo, percebi que na antiguidade, quando a astrologia tinha um enfoque centrado na localidade, quando acreditava-se que a Terra era plana e os astrólogos observavam diretamente a abóbada celeste, o zodíaco relacionava-se com grupos de estrelas através das quais o Sol passava durante sua jornada anual pelo firmamento.¹ Na Índia, a astrologia reteve significativamente este enfoque, devido adoração hindu de antigas doutrinas, e as vidas dos seres humanos sintonizaram-se com tudo o que sua cultura e tradição considera verdades e fatos da existência inquestionáveis.

Quando a Terra passou a ser vista como um dos inúmeros planetas que giram volta do Sol todo-poderoso, o zodíaco tropical tornou-se um inevitável fato da existência, pois o relacionamento em constante modificação entre a Terra e o Sol transformou-se em fator fundamental na astrologia. Tal relação foi projetada sobre o céu, formando o zodíaco tropical. Os doze signos zodiacais regulares representam, na astrologia e astronomia modernas, segmentos de 30° da órbita terrestre, também chamada de eclíptica.

Para falar de um zodíaco de fato sideral, referindo-nos a verdadeiras estrelas, seria lógico considerá-lo do ponto de vista do Sol, ou seja, *heliocentricamente*. Na astrologia galáctica, provavelmente seria melhor considerar a interseção do plano do equador solar com o plano

1. Ver *As Casas Astrológicas*.

galáctico como estabelecadora de um eixo — que por sua vez fornece-nos o ponto de partida para um "zodíaco" solar (heliocêntrico). Contudo, apesar de atingirmos assim um ponto de vista galáctico, vale questionar se o próprio conceito de zodíaco teria algum significado. Estaríamos lidando com um enorme período de revolução solar em torno do centro galáctico — cerca de 200 milhões de anos — e até o momento nada sabemos sobre o significado desse período na existência do Sol. Ainda hoje alguns astrólogos professam acreditar que o Sol não somente gira à volta da Galáxia, mas também circunda, em tempo muito menor, alguma estrela galáctica, que por sua vez gira em torno do centro galáctico; entretanto, dificilmente os astrônomos contemporâneos endossam semelhante convicção.

O zodíaco deve ser considerado como um conceito estritamente terrestre e geocêntrico, constituindo um sistema de coordenadas para o estudo astrológico do que ocorre no sistema solar e nos afeta. Em qualquer momento, a estrutura do heliocosmo como um todo afeta em primeiro lugar o Sol e suas radiações; estes por sua vez afetam a Terra e todos os organismos vivos da biosfera. Mas, à medida que a Terra movimenta-se dentro deste heliocosmo, também é diretamente afetada pela situação bastante complexa produzida por todos os planetas em movimento dentro de um campo solar e galáctico saturado. Estes dois efeitos são eletromagnéticos e gravitacionais; provavelmente atuam também no nível das energias ou processos mentais (quaisquer que sejam), os quais transcendem as formas de liberação de energia que conhecemos hoje.

Em outras palavras, a situação em seu todo é tão complexa e tão cheia de incógnitas que seria pouco sensato até mesmo considerar a influência astrológica, atribuída a planetas afastados, como algo possível de ser explicado em termos estritamente "científicos". Por este motivo, só posso pensar na astrologia como linguagem simbólica e, segundo o significado original e profundo do termo, como "mito", ou *mythos*. Precisamos desse *mythos* para transmitir a ordem universal à nossa consciência; e o conceito de uma dimensão galáctica é essencial a fim de chamar a atenção do homem moderno para a atuação de forças transformadoras e transcendentes.

Os mitos são necessários à evolução de uma cultura e da consciência à qual conferem uma "estrutura específica. Assim como a democracia americana precisa acreditar que "todos os homens são livres e iguais" —

na verdade um mito, se considerarmos os fatos existenciais — a fim de manter ao menos uma orientação ideal para uma realidade espiritual transcendente; também o astrólogo, caso seja confiável e intelectualmente honesto, deve aceitar como postulado a existência no universo de um fator X que busca gravar em todos os organismos vivos um sentido de ordem cósmica transcendente.

Este sentido de ordem é fundamental especificamente à "consciência reflexiva" (Teilhard de Chardin) que denominamos humana. Em nosso atual estágio evolutivo, parece lógico- e válido falar desse fator X como "galáctico", e possivelmente implícito na atividade do centro de nossa Galáxia conquanto, conforme podemos ver, tal centro não pareça ser o que via de regra consideramos um aglomerado de substância material.

Os planetas atuantes entre Sol e Saturno fornecem-nos informações definidas sobre esta ordem universal no nível do heliocosmo — nível de consciência limitado por Saturno. Os planetas que giram além da órbita de Saturno indicam-nos como pode ser feita, de maneira mais significativa, a transição entre a consciência heliocósmica e a galáctica. Alertam-nos para as ciladas e crises do caminho; e, nas cartas natais, os trânsitos desses planetas mostram quando esperar uma mudança geral na vida do indivíduo. Contudo, *não* indicam de modo preciso e infalível os eventos concretos que deflagrarão tais mudanças; tampouco mostram *como* a pessoa reagirá ou responderá a eles, e existe uma grande diferença entre "reagir" a um acontecimento — qualquer organismo vivo ou mesmo uma molécula faz isso — e "dar uma resposta" para o que ele torna *possível*. Uma resposta — na acepção correta do termo — só pode originar-se do centro individualizado da consciência, o ego ou eu.

Em seus trânsitos, os planetas transaturninos demoram vários anos para atravessar um signo do zodíaco. Urano leva cerca de sete anos; Netuno, de doze a treze anos; Plutão, um período bastante variável, entre doze e trinta anos, devido ao alongamento incomum da sua órbita. Portanto, é evidente que o simples fato de uma pessoa nascer com Netuno ou Plutão em um signo do zodíaco pouco significa no que se refere ao caráter, vocação ou destino individual. Relaciona-se apenas com tendências coletivas; ou seja, ao caráter da geração na qual o indivíduo nasce. Entretanto, infelizmente inúmeros astrólogos e inclusive livros respeitados afirmam que nascer com Netuno ou Urano em Lao ou Libra

confere à pessoa características definidas de natureza *personal*. Tais características, quando realmente válidas, aplicam-se no máximo a um grupo amplo de pessoas. Sugerem um estilo de vida característico, e mais especificamente a maneira como aqueles nascidos em um período mais ou menos extenso consideram a questão da transformação individual ou coletiva — se enfrentam tal problema de forma consciente ou pelo menos parcialmente consciente. A posição dos planetas na Casa natal indica, na maior parte dos casos, a resposta do indivíduo ao estilo de vida coletivo e às experiências que mais provavelmente afetarão de maneira significativa sua consciência e comportamento.

Os planetas transsaturninos atuam coletivamente como agentes da Galáxia que tenta dessaturizar e, em certo sentido, dessolarizar a consciência humana, sempre que esta consciência atinge um nível em que é possível tal operação alquímica. Quando não é possível, esses planetas distantes simplesmente não atuam — e são desconhecidos ao homem. Sua descoberta nos últimos duzentos anos mostra que esta liberação e transmutação galacticamente condicionada agora é possível, em sentido coletivo. Anteriormente, isto só seria possível sob condições muito especiais e sigilosas. Eis um fato histórico fundamental que toda mente humana inevitavelmente interpreta à sua própria maneira, ou melhor, segundo uma das várias escolas de pensamento. Apresentamos aqui uma interpretação astrológica relativa às pressões espirituais, psíquicas e sociais sob as quais aperfeiçoamos um modelo cósmico mais amplo. Em tal modelo poderá ser construído um novo *mythos*, capaz de inspirar as coletividades humanas durante o período de mudança aparentemente crítico que se estende diante de nós. O recente aumento da popularidade da astrologia sugere que a humanidade está suscetível à influência de tamanho mito cósmico. É importante salientar que os fatos não se opõem aos mitos, pois qualquer mito válido e transformador da consciência baseia-se em fatos reais, experimentados por pelo menos alguns seres humanos. O mito amplia tais fatos, tomando-se não apenas propriedade comum da humanidade, ou pelo menos de toda uma cultura, mas incentivo geral e fascinante para que possamos dar o próximo passo na evolução humana.

Até agora analisamos sobretudo o modo como o indivíduo, ou determinado grupo de pessoas, emerge da esfera saturnina de existência egocêntrica e adentra a terra de ninguém por entre a qual serpenteia o tortuoso Caminho da Transformação. Urano veio primeiro,

depois Netuno e por fim Plutão e provavelmente Prosérpina, até o momento desconhecido. Mas quando lidamos com situações coletivas e históricas, é preciso perceber que a Galáxia atua através de Plutão, de Netuno e de Urano em ordem "descendente", isto é, do universal para o particular. Plutão define a linha de ação básica. Netuno e Urano desenvolvem depois e de maneiras diversas o que Plutão iniciou. Portanto, começarei com Plutão e tentarei definir em termos gerais o que a posição dos três planetas transaturninos desperta mais caracteristicamente em termos zodiacais. Como o zodíaco refere-se à relação da Terra com o Sol, as posições zodiacais são simplesmente o modo astrológico de indicar como os planetas relacionam-se tanto com a Terra quanto com o Sol. Ou poderíamos dizer que indicam a possibilidade geocêntrica de resposta àquilo que o planeta traz naquele momento a todo o sistema solar.

Plutão nos Signos do Zodíaco

Quando Plutão, finalmente, foi identificado, no dia 18 de fevereiro de 1930, por C. W. Tombaugh, do Observatório Lowell de Flagstaff, Arizona, encontrava-se a 18 graus de Câncer, retrógrado e próximo o seu Nodo Norte, então no 20° grau. Começo com este signo do zodíaco porque, para a humanidade de hoje, ele caracteriza o processo de transformação da maneira como foi apresentado no nível de consciência coletiva. A famosa quebra de Wall Street ocorrera há poucos meses e a Grande Depressão estava em seu começo. O símbolo sabeu para este 18° grau é significativo: *"Uma galinha ciscando o solo em busca de alimento para sua prole: a preocupação do indivíduo com a alimentação diária necessária para o sustento das suas atividades excedentes... A pessoa precisa alimentar (seus filhos simbólicos) com a substância social colhida ao "solo" de sua comunidade."*² Podemos lembrar aqui o que foi dito algumas páginas atrás, referente à relação entre Plutão e o humo e seu conteúdo, incluindo as sementes. De fato, para milhões de pessoas, 1930 e os anos subsequentes caracterizaram-se pelo problema da subsistência individual e familiar.

2. Ver *An Astrological Mandala*.

Plutão em Câncer (julho de 1913 a agosto de 1938)³

Câncer é o signo da integração da personalidade no nível da consciência tradicional ou do ego — a qual objetiva a sobrevivência em qualquer meio ambiente onde esta seja possível. Portanto, é um signo regido pela Lua, que representa a capacidade de ajuste ou de adaptação a condições externas, visando o máximo bem-estar orgânico. Câncer relaciona-se com a mãe e a vida no lar, *quando* esta vida constitui um baluarte contra o caos e as pressões sociais, e a mãe ensina o filho segundo seu exemplo, como desenvolver a capacidade efetiva de adaptação vida na sociedade e na natureza.

Portanto, Plutão, ao surgir no meio de Câncer, tentava mostrar à humanidade que o lar e a situação familiar precisavam ser radicalmente transformados. As circunstâncias externas eram tais que esta mensagem ficou gravada de maneira profunda e impressionante; contudo muito poucos a compreenderam! Tais circunstâncias eram em grande medida o resultado da Revolução Industrial, que passou a produzir conseqüências inevitáveis quando Plutão estava no signo de Áries, de 1822 a 1851; mas a entrada de Plutão em Câncer marcou o prelúdio balcânico da I Guerra Mundial, por conseguinte o colapso irrevogável da velha ordem social na Europa e, conseqüentemente, nos Estados Unidos e em todo o mundo. A Revolução Russa ocorreu durante o trânsito de Plutão, e os padrões fundamentais da sociedade humana sofreram drástica transformação, cujas conseqüências finais pudemos testemunhar durante a passagem de Plutão por Libra, ou seja, 90° mais adiante no zodíaco. Agora Plutão está em Libra e ali permanece até 1984, ano particularmente interessante por causa do romance que recebeu como título esta data. Pode-se iniciar o ciclo, segundo um enfoque geocêntrico, da revolução planetária em torno do Sol pelo Nodo Norte do planeta, pois os nódulos planetários constituem as duas extremidades da intersecção entre a órbita do planeta e a órbita da Terra. Portanto, o Nodo Norte inicia o ciclo da relação entre as duas órbitas; e, sob o ponto de vista

3. Como todos os planetas distantes movimentam-se para frente e para trás no zodíaco, só é possível uma estimativa aproximada do momento em que entram num novo signo. Na verdade, seria melhor usar o ingresso heliocêntrico no signo, isto é, o momento em que um planeta adentra um signo segundo sua posição heliocêntrica.

do heliocosmo como um todo, um planeta é basicamente representa. do por sua órbita e não por sua massa física — indicando esta última, em um dado momento, o setor do espaço orbital ativado pelo globo material. De acordo com esse ponto de vista, e no que respeita humanidade, o início de um ciclo completo de Plutão (com a duração aproximada de 248 anos) ocorreu quando Plutão atingiu pela primeira vez seu Nodo Norte, no outono de 1929, quase no mesmo momento da quebra da bolsa de Nova York. Encontrava-se "estacionário retrógrado" em fins de outubro; a quebra ocorreu em 29 de outubro.

Plutão permaneceu em Câncer aproximadamente entre 1665 e 1690, período em que Versalhes, corte do monarca francês Luís XIV, era o foco da cultura européia. Também encontrava-se em Câncer em princípio do século XV, quando Joana d'Arc lutou e foi morta — começo da nação moderna — e durante as Cruzadas, no século XII, por ocasião do florescimento da cultura gótica e da construção de suas grandiosas catedrais. Antes ainda, seu trânsito através de Câncer marcara a expansão do Islamismo (século VII), e durante a primeira metade do século 1 a.C., o triunfo de Roma — todos períodos importantes de consolidação sócio-cultural mas, na maior parte dos casos, resultado de destruição de governos ou culturas, cujo momento de desintegração chegara.

Quando uma geração nasce com Plutão em Câncer, pode-se esperar, vinte ou trinta anos mais tarde, que as pessoas a elas pertencentes e prontas para a transformação pessoal enfrentem as conseqüências do que ocorreu na época de seu nascimento. A geração pós-1913 defrontou-se com a II Guerra Mundial e com a Guerra Fria. E aprendeu muito pouco com a mensagem de Plutão em Câncer, não obstante todas as pressões ao antigo sistema social ocasionadas pela Era do Jazz, o Boom e a Depressão, sem falar na tendência óbvia a um modelo de organização tecnocrático e global.

Plutão em Leão (agosto de 1938 a 1938 a primavera-verão de 1957)

A entrada de Plutão em Leão constitui o prelúdio da II Guerra Mundial, isto é, o rearmamento da Alemanha Nazista e a invasão da Áustria e Tchecoslováquia. A glorificação coletiva do ego e do poder, manifesta na ascensão de líderes demasiado ansiosos por assumir a

responsabilidade de amplos compromissos na guerra ou na paz, no governo ou nos negócios. Grandes organizações floresceram fazendo uso da nova tecnologia. O poder atômico revolucionou o relacionamento entre nações. O milagre russo transformou camponeses incultos em futuros cosmonautas, e uma nação atrasada em uma das duas superpotências. Novas nações ergueram-se dos escombros da hegemonia colonial europeia: a China comunista, a Índia, Israel, e diversas nações africanas. A psicologia moderna assumiu proeminência crucial em nossa cultura com a persistente ampliação da necessidade de lidar com as excentricidades e crises do ego pessoal.

Muitos inspiradores dos protestos jovens da década de 60 e a maioria dos hippies e seus sucessores nasceram com Plutão em Leão. Gradual mente, tornaram-se líderes de uma sociedade em estado de caos crescente, conquanto as decisões fundamentais ainda permanecessem nas mãos da geração nascida com Plutão em Câncer, ou mesmo — sobretudo no nível mental — em Gêmeos.

Plutão em Leão exige que transmutemos a importância conferida ao poder e nosso comportamento excessivamente emocional e possessivo. A energia biopsíquica da vida é desafiada, e quando não enfrenta esse desafio, advém a morte. Se os homens não conseguem a união no amor, o sangue mistura-se no chão dos campos de batalha de todas as regiões habitadas da Terra. Não apenas a agressividade marciana, instintiva e superficial, precisa ser sublimada, mas também a profunda ânsia de poder, exteriorizada como orgulho e um agudo sentido de superioridade freqüentemente oculta sob a sentimento de inferioridade.

Passagens anteriores de Plutão por Leão ocorreram em fins do século XVII, quando o período clássico da cultura europeia encontrava-se em seu apogeu e a modernização da Rússia era iniciada com Pedro, o Grande. No século XV, a Ordem Católica Medieval chegava ao fim, com a lenta ascensão das nações modernas e o incipiente Movimento Humanista. Constantinopla caiu sob domínio dos turcos e a fuga de intelectuais bizantinos para a Itália foi o catalisador para a subsequente Renascença. Muito antes disto, César assumiu o poder e foi assassinado (44 a.C.), e cerca de cinco séculos mais tarde, quando Plutão também atravessava o signo de Leão, Roma foi destruída pelos vândalos, após ter sido salva, alguns anos antes, por um bispo de Roma chamado Leão.

Plutão em Virgem (verão de 1957 a outono de 1971)

Virgem é o símbolo da colheita de resultados cármicos. A intensidade emocional, a autoglorificação e a sede de poder leoninos agora são desafiados, juntamente com todas as tradições estabelecidas do passado. Tudo é criticado, e com frequência repudiado. Antigas relações são desfeitas em nome de ideais amiúde indefinidos. O ponto alto do último trânsito de Plutão por Virgem foi a conjunção de Urano e Plutão em 1965-66. Os protestos da juventude aumentavam à medida que a guerra do Vietnã crescia em importância; contudo, seu significado não foi compreendido, nem mesmo pela maioria dos jovens.

Virgem é o signo tecnológico por excelência, na medida em que enfatiza o poder de análise objetiva e a reorganização de unidades materiais em novas combinações, embora impermanentes. Plutão em Virgem relaciona-se com a computadorização de nossos processos sociais, mas também com o retreinamento e reeducação, e com a busca de novas verdades e de novos mestres ou modelos — daí o fascínio da juventude pelos gurus asiáticos.

A mensagem de Plutão em Virgem é a de que a mente deve ser reorientada e repolarizada de forma a controlar as emoções e lidar com o coma do passado, ao mesmo tempo visualizando o mais claramente possível as linhas gerais do futuro. Algumas pessoas nascidas com Plutão em Virgem chegarão maturidade na época da crise esperada para 1989-90. Os nascidos em torno de 1965-66 estarão na vanguarda de qualquer atividade ligada às mudanças. A moderna Franco-Maçonaria, criada em 1717 quando Plutão encontrava-se em Virgem, representou papel importantíssimo na revolta política do final do século. Muitos enciclopedistas, Diderot, d'Alembert, Cadillac e até mesmo Jean-Jacques Rousseau, apóstolo de um novo modelo educacional, nasceram com Plutão em Virgem. O Movimento Humanista do século XV também pode ser identificado com o mesmo trânsito plutoniano.

Plutão em Libra (outono de 1971 a inverno de 1984)

O trânsito de Plutão em Libra, signo do zodíaco que marca o equinócio de outono, é curto porque a velocidade do planeta é maior que a de Netuno: contudo, ele testemunha uma série de importantes

eventos basicamente relacionados com as mudanças ocorridas durante sua passagem pelo signo do equinócio vernal, Áries (182251). Neste período, a Revolução Industrial revelara suas verdadeiras cores e despertara fortes reações, incluindo o nascimento, em 1848, do Comunismo Mundial, com o Manifesto de Marx e Engels. Hoje testemunhamos o resultado final de mudanças sociais, culturais e políticas radicais provocadas pela Revolução Industrial. Pode relacionar-se também com o período da I Guerra Mundial, quando Plutão passou pelo signo do solstício de verão, Câncer.

Libra é o símbolo de relação e mutualidade. Plutão, neste signo, mostra-nos claramente que novos conceitos de relacionamento devem não só ser imaginados, mas aplicados — e, se necessário, implacavelmente utilizados a fim de que os que resistem mudança possam ser excluídos de uma vez por todas ou "atomizados". Os seres humanos que, sob o trânsito por Câncer, não puderam ser transformados enquanto indivíduos dentro de seus lares, comunidades ou nações, provavelmente experimentarão agora uma transformação coletiva forçada. A atual situação do petróleo é um bom exemplo de como funciona a pressão pela mudança. O poder fundamental dos relacionamentos sócio-econômicos vem sendo limitado. Os seres humanos podem sentir-se compelidos a mudar suas formas de associação, o que naturalmente implica mudanças nos negócios e profunda reorganização das relações internacionais — além de, possivelmente, guerras e/ou terrorismo.

Libra significa harmonia; mas se houver obstáculos no caminho, estes serão eficientemente arrancados assim que o caráter libriano for bastante estimulado. De qualquer modo, em Libra temos a reação decisiva, ou a resposta sensata, ao ocorrido anos atrás. Ambas podem ser sutis, mas eficazes. Teoricamente, Plutão em Libra pode afetar as artes, mas também pulverizar e atomizar resquícios de antigos comportamentos e tradições após a passagem de Netuno (e antes deste, de Urano) pelo signo. A primeira reação atômica ocorreu logo após a entrada de Netuno em Libra; e o Caso Watergate constitui um bom exemplo de Plutão em Libra, sobretudo porque a carta natal dos Estados Unidos (4 de julho de 1776 às 5:12h) tem Libra no Meio-do-Céu. Testemunhamos apenas os primórdios do processo que poderá prolongar-se até Plutão retornar a Áries, por volta de 2070, data bem próxima do que considero o começo da era de Aquário.⁴

4. Ver *Astrological Timing: The Transition to the New Age*, de Dane Rudhyar (Nova York: Harper and Row, 1970).

Plutão em Escorpião (1984 a outono de 1995)

Plutão atinge o ponto de maior proximidade com o Sol (periélio) em 1989 e durante todo o trajeto por Escorpião encontra-se interiormente à órbita teórica de Netuno. Escorpião é o símbolo do poder concentrado, o qual tanto pode ter poder de cura e vibrações psíquicas altamente positivos, quanto sentimentos negativos tais como inveja, caráter vingativo e reserva — resultados do sentimento persistente de insegurança e frustração. Como este signo simboliza a ânsia de comunhão profunda com outros seres humanos — ou super-humanos — (ânsia facilmente frustrada diante da nossa tradição cristã moralista), em geral ele tem uma má reputação; assim como Plutão. Mas Plutão em Escorpião provavelmente nos exige o mergulho resolutivo em nossa humanidade comum. Podemos testemunhar durante este período a situação de um tipo de psicologia profunda, coletiva e compulsiva, a qual pode assumir uma forma religiosa. Podemos ver-nos constrangidos a ser verdadeiramente "humanos" nos contatos com seres de outros planetas ou esferas de existência, pois só compreendemos o que somos quando arrostados por aquilo que definitivamente e inquestionavelmente não somos — isto é, por entidades totalmente alienígenas e extraterrestres. Neste momento, talvez os seres possam experimentar de maneira profunda e convincente o sentimento de "comuto" em sentido planetário amplo, ou ainda testemunhar a atuação pública e global de poderes ocultos, tanto em indivíduos quanto em organizações sociais e políticas — possivelmente com o aparecimento de um poderoso personagem ou avatar. A última vez em que Plutão esteve em Escorpião, nasceram homens que se tomaram canais liberadores da profunda ânsia transformadora do Romantismo. Outros são hoje conhecidos como Pais da democracia americana (Thomas Paine, Thomas Jefferson, John Hancock, etc.).

Plutão em Sagitário (de aproximadamente 1995 a 2010, e no ciclo precedente de 1750 a 1763-64)

Neste signo do zodíaco, Plutão começa a reduzir sua velocidade, e a transferir e interpretar, no nível mais mental, e também mais geral e público, as experiências que marcaram seu trânsito através de Escorpião.

Após a grande crise emocional experimentada pelo europeu do ano 1000 (o fim era esperado nessa época), quando não ocorreu nenhuma catástrofe, surgiu uma forte onda de atividades culturais e viagens comerciais, com Plutão em Sagitário. Podemos esperar um desenvolvimento similar no final do século XX, período aproximado da nova conjugação de sete planetas em Touro (2001). Durante o século XVIII, o trânsito de Plutão por Sagitário coincidiu com a guerra entre Inglaterra e França, iniciada na América e disseminada para a Europa. A derrota francesa abriu caminho para o surgimento dos Estados Unidos, e também para o estabelecimento do Império Britânico, prenúncio da futura organização mundial. A obra de Jean-Jacques Rousseau, *O Contrato Social*, publicada no fim desse período, também constituiu fator de influência nas revoluções americana e francesa.

Plutão em Capricórnio (aproximadamente de 1764 a 1778)

Capricórnio relaciona-se com o estabelecimento de esquemas sociais e de instituições políticas em larga escala, mas também com sua cristalização, a qual Plutão enfrenta e com frequência transforma radicalmente. Os Estados Unidos iniciaram sua existência sob este trânsito de Plutão, o qual desafiou os direitos do rei inglês, sobretudo em questões de política financeira. Plutão encontra-se na segunda Casa da carta natal dos Estados Unidos, com o meio de Sagitário elevando-se, posição altamente significativa, pois a nova nação encontrou na terra de seu nascimento tremendos recursos que impiedosa e implacavelmente usou e abusou, devido a ganância-geral e a ambição pessoal.⁵ Na França, a monarquia desmoronava sob uma variedade de escândalos. Plutão via de regra traz à luz do dia as trevas do poder político ou da ambição pessoal. Força qualquer grupo entrincheirado a abdicar de seus privilégios ou a enfrentar a revolução e a bancarrota moral-espiritual. Provavelmente Plutão entrava em Capricórnio quando Lutero desafiou a igreja católica poderosamente entrincheirada

5. A segunda Casa refere-se ao que o Eu encarnado dispõe por nascimento — seu corpo e capacidades inatas — a fim de construir sua personalidade individual. Ver *As Casas Astrológicas*.

Plutão em Aquário (1778 a 1797-98)

Neste período, o desafio plutoniano dirigiu-se aos perturbadores da ordem tradicional. Não obstante a necessidade de concretização e viabilização dos ideais, o triunfo revolucionário podia redundar em graves problemas. A uma Declaração idealista seguiu-se uma Constituição Americana conservadora: e, na França, Bonaparte sonhava com o império depois dos anos caóticos da Revolução. Inúmeras invenções tecnológicas, sobretudo a máquina a vapor (Watts), lançaram as bases para a Revolução Industrial. Plutão em Capricórnio tem como mensagem que os ideais precisam ser traduzidos em alguma forma de organização em grande escala se quiserem ser eficazes. Enquanto Plutão atravessava Aquário no século XVI, europeus; audaciosos prosseguiram em suas explorações e conquista da América do Norte e do Sul (Pizarro no Peru, Cartier no Canadá).

Plutão em Peixes (1798 a 1822-23)

Este foi o período napoleônico na Europa, momento de tensão na nova nação americana. O uso das máquinas a vapor nas ferrovias — a locomotiva (1814) —, a descoberta do eletromagnetismo e sua subsequente utilização na telegrafia, marcaram a disseminação da Revolução Industrial, a qual terminaria por solapar completamente os antigos alicerces europeus e americanos. Peixes simboliza o combate interno contra os fantasmas do passado. Napoleão buscava destruir o velho sistema nacional europeu, mas foi possuído por arquétipo ainda mais antigo, o do Império Romano. Consumiu sua "estrela". Não chegara o momento de Plutão transformar a consciência da humanidade como um todo. Ele atuou apenas — afora raros casos — no nível inconsciente da Mente planetária, exercendo pressão constante onde quer que houvesse uma mente individual receptiva.

Plutão em Áries (1823 a 1851-52)

Nesta etapa, Plutão atuou transmitindo à humanidade, tanto quanto o homem tinha condições de receber, diretrizes para uma nova ordem

mundial. Infelizmente, a princípio, este período testemunhou uma reação contra o sonho napoleônico; contudo, de maneira meio "moderna" o Império Britânico sucedeu-o e a Era Vitoriana consagrou o poder da nova classe, a burguesia — que por sua vez evocou a resposta inevitável delineada no *Manifesto* Comunista de Marx e Engels. Novo movimento religioso, que pela primeira vez anunciou o advento de uma ordem mundial — movimento iniciado por Bab na Pérsia (1844) e seus milhares de seguidores martirizados, posteriormente transformado na Fé Baha'i — trabalhava para a união dos seres humanos de todas as raças e credos. "Humanidade" deixou de ser apenas uma palavra e tornou-se uma realidade global e *potencial*. A ciência moderna começava a dominar a mentalidade coletiva do homem ocidental, tendo como base a aplicação prática dos postulados e leis universais formulados ao longo dos séculos XVI e XVII. O que se iniciara durante o Renascimento com Plutão em Áries e Touro veio a se realizar um ciclo plutoniano inteiro depois.

Plutão em Touro (1852 a 1883-84)

Este foi o período do materialismo científico simbolizado pela Era Vitoriana e na França pelos dias do Segundo Império que levou ao triunfo alemão. Foi um período sem precedentes, de adoração do poder pelas nações e barões gatunos. Darwin, Marx, Pasteur e uma variedade de cientistas estabeleceram os padrões para os alicerces materiais de nossa moderna sociedade ocidental. Os movimentos romântico e humanista do período Plutão-em-Áries foram assimilados. Contudo, a disseminação do espiritualismo americano, da Sociedade Teosófica (criada em Nova York em 1875), da Ciência Cristã e de inúmeras tentativas de introdução da filosofia oriental no Ocidente funcionaram como contraponto à tendência oficial da ciência moderna.

Plutão em Gêmeos (1884 a 1912-13)

Tudo o que foi comprovado e aparentemente consolidado durante o trânsito de Plutão por Touro tornou-se não apenas mais intelectualizado, mas foi também desafiado e levado a um estado de crise transformadora, com Plutão em Gêmeos. Este foi o período de colheita da

semeadura espiritual-mental da cultura européia; mas a colheita revelou uma necessidade crucial de total mutação, pois mostrou-se verdadeira. mente trágica e fatal ao desaguar na I Guerra Mundial. Plutão em Gêmeos atuou através da mente dos homens que estavam vivamente conscientes da necessidade de transformação radical na mentalidade coletiva de nosso mundo ocidental, e em países não-ocidentais do que foi deixado de antigos conceitos. As conjunções de Netuno e Plutão no começo de Gêmeos (1891-92) enfatizou esta percepção de uma necessidade crucial de renovação segundo o enfoque transaturnino e transpessoal. Este período de vinte e sete anos deve portanto ser considerado a "culminação da semente" do último ciclo plutoniano, iniciado em meados do século XVII; entretanto, testemunhou ao mesmo tempo o nascimento de alguns homens que se mostraram capazes de visões intuitivas da sociedade futura.

Tais percepções arquetípicas em muitos casos foram temporariamente abafadas durante o período entre as duas guerras mundiais (Plutão em Câncer), contudo, a pressão inevitável do desenvolvimento do novo mundo levou á segunda e trágica fase do ciclo plutoniano (Plutão em Leão), salientando a força pessoal e as imaginativas invenções tecnológicas, sobretudo o uso do poder atômico. A terceira fase (Plutão em Virgem) revelou o triunfo da tecnologia euro-americana com seus computadores e vôos espaciais; e hoje encontramos-nos na quarta fase (Plutão em libra), a qual vem mostrando humanidade a necessidade imperativa de organização mundial e de radical transformação de todas as formas de relacionamento interpessoal, intergrupar e internacional. O que obtivermos com o preenchimento de tais necessidades determinará os acontecimentos com que a humanidade se defrontará na quinta fase (Plutão em Escorpião) — o período de provas crucial da humanidade. Indivíduos, grupos e nações bem-sucedidas (isto é, com uma consciência de orientação galáctica) progredirão mais no Caminho do serviço e do discipulado durante a sexta fase (Plutão em Sagitário); o restante se desintegrará, ou será absorvido como humo para um futuro renascimento da civilização.

Netuno nos Signos do Zodíaco

Nesta etapa da evolução da humanidade, o ciclo de Plutão confere o ritmo básico aos processos de transformação humana. Pode-se falar, neste

caso, de profundas correntes oceânicas ou, melhor ainda talvez, do efeito sobre a maré das forças gravitacionais externas ao nosso globo. Ao considerarmos o ciclo netuniano de revolução pelo zodíaco tropical, pensamos em como este amplo movimento de maré manifesta-se segundo o formato da costa das regiões continentais. Em alguns locais, dificilmente as marés são perceptíveis; em outros, são bastante fortes e a água corre muito rapidamente sobre o terreno cada vez mais inclinado. Neste exemplo, a ação de Urano relaciona-se com a força do vento que produz tempestades e ondas gigantescas.

O Nodo Norte de Netuno é agora localizado a 11°32' do signo de Leão, embora tenha se movido cerca de meio grau desde 1920, de forma que Netuno atingiu seu Nodo Norte em tomo de 19 de outubro de 1919. Estava estacionário em 11°37' em meados de novembro, um ano após a assinatura do armistício que pôs fim à I Guerra Mundial, e um ano antes da primeira reunião da Liga das Nações em Genebra (15 de novembro de 1920) - primeira forma caracteristicamente netuniana de instituição global. A Liga das Nações foi parte do acordo de paz assinado a 28 de junho de 1919; mas o senado norte-americano recusou-se a ratificá-lo — o que tomou inevitável a II Guerra Mundial, e envolveu pesado carma antigaláctico para os Estados Unidos, ao opôr-se á inevitável maré netuniana.

Netuno em Leão (de 1915 a 1928-29)

Como é de 164 anos a duração aproximada da revolução de Netuno em tomo do zodíaco tropical, este planeta entrou no signo de Leão em 1751 e em 1587. Atingirá novamente este signo em 2079. Permanece cerca de treze anos e meio em cada signo. Desde 1970-71 encontra-se em Sagitário, já tendo cumprido um terço de seu trajeto zodiacal desde que atingiu o Nodo Norte em 1919.

O período de 1915-29 testemunhou não apenas o fim da guerra e a paz que não trouxe paz, mas a chamada Era do Jazz, cuja excitação e protestos foram parcialmente inflamados pelo trágico erro da proibição que levou à ascensão do crime organizado. Se Netuno é o Solvente Universal da Alquimia, tal solvente nesta época era representado pela venda ilegal de bebidas alcoólicas e álcool caseiro. Acima de tudo, os líderes nacionais — exceto Woodrow Wilson — mostraram-se

incapazes de captar o espírito netuniano de internacionalismo e fraternidade universal. Por conseguinte, o poder de Netuno tornou o "Comunismo internacional" a força mais eficaz, enquanto a Liga das Nações debatia-se em incerteza e confusão. Também durante este período a grande gripe epidêmica de 1918-19 matou milhões de pessoas.

Os nascidos durante a passagem de Netuno por Leão atingiram a maioria entre 1936 e 1950. Estavam em atividades durante a Grande Depressão e muitos morreram na II Guerra Mundial. Netuno tentou transmitir-lhes a mensagem de que o senso do eu — o ego — precisava perder a tradicional rigidez e abrir-se ao arquétipo do que se tornou popularmente conhecido entre as duas guerras mundiais como Inconsciente. A psicologia profunda entrou em moda, bem como a educação progressista. O *New Deal* de Roosevelt encontrou em muitos jovens a resposta entusiástica, pois ofereceu-lhes novo campo de expansão do ego no nível social.

Netuno em Virgem (1929 a 1942)

Este foi o período de depressão após o boom decepcionante do pós-guerra e o começo da II Guerra Mundial. A humanidade pagou pela sua recusa em ouvir a mensagem de Netuno em Leão. Em Virgem, Netuno busca espiritualizar o caráter crítico e analítico de nosso intelecto moderno, mas o que poderia ser uma ânsia de expansão para a mente universal, com frequência acaba por constituir uma fascinação por sonhos grandiosos mas infundados. As forças represadas do Inconsciente coletivo podem irromper na ego-consciência instável e aquisitiva e disseminar-se destrutivamente, como na Alemanha derrotada. Este trânsito netuniano ocorreu entre 1765 e 1779; e no nível construtivo temos o idealismo da Declaração da Independência. Trânsito anterior a esse iniciou-se em 1601, no final do reinado de Elisabeth, quando Galileu tentava divulgar o sistema heliocêntrico.

Indivíduos nascidos com Netuno em Virgem atingiram a maioria nas décadas de 50 e 60 deste século, iniciando os protestos da juventude contra a nossa sociedade racional e tecnológica. Eram os beatniks e os primeiros da geração psicodélica. Extasiados, ouviram a voz de Netuno, mas via de regra não estavam prontos a traduzir o que tinham ouvido na linguagem da ação construtiva (tampouco a "maioria silenciosa" e seu venerado sistema permitiu que eles agissem).

Netuno em Libra (1942 a 1956-57)

Estes foram anos de guerra para a América, e o primeiro e breve contato de Netuno com o 1º de Libra em dezembro de 1941 coincidiu com as demonstrações iniciais de uma reação atômica em cadeia controlada em Chicago. Foi criada a Organização das Nações Unidas, levando um pouco além o ideal netuniano de uma sociedade mundial que a Liga das Nações não conseguira tomar realidade. A idéia de 'grupo' disseminou-se gradualmente entre os que buscavam realizações espirituais, e a psicologia de grupo foi sendo cada vez mais aceita. Nasceram inúmeras nações novas. O comércio e as finanças mundiais interligavam progressivamente os continentes, enquanto a televisão possibilitava a seres humanos quase do mundo inteiro entrar em contato e simpatizar com pessoas de todas as raças e culturas. A música também desenvolveu-se rapidamente graças ao rádio, aos gravadores e aos amplificadores eletrônicos. Trânsitos anteriores de Netuno em Libra aconteceram de 1779 a 1793 (a luta para criar um Estado Federal Americano e o colapso da monarquia francesa) e de 1616 a 1629-30 (Francis Bacon, no *Novum Organum*, cristalizando a influência Netuno-em-Virgem).

Pessoas nascidas com Netuno em Libra que estão atualmente chegando à maioridade e fizeram parte da geração pós-guerra enfrentam agora a tarefa de desenvolver novas formas de relação interpessoal, social e política sob a influência de Netuno. A maioria delas fez experiências com drogas numa sociedade dominada por problemas químicos e psicológicos. Serão elas capazes de responder de maneira corajosa e construtiva ao poder universalista, não-possessivo e não-agressivo que a Galáxia concentrou através de Netuno durante sua juventude ou simplesmente reagirão de forma confusa ao ácido netuniano, que busca sempre dissolver tudo o que se recusa a aceitar a mudança e trabalhar de fato por uma transição saudável para a Nova Era?

Netuno em Escorpião (1957 a 1970)

Este foi um período bastante tumultuado, pois Escorpião relaciona-se com a ânsia das pessoas em experimentar a total fusão ou união com outras pessoas, ou uma participação bastante íntima em grupo coeso e mais ou menos ritualista — grandes negócios constituem a forma

moderna de vida ritualista numa sociedade ensandecida pelo lucro. Quando as energias de Netuno atuam sobre esta ânsia, costumam glorificar exageradamente as experiências de comunhão, conferindo-lhes laivos cósmicos ou místicos. Mesmo que seja apenas a mística do poder e do dinheiro. Poucas pessoas conseguem suportar o caráter transcendente e totalmente desconhecido destas experiências, por conseguinte ou se tomam psiquicamente perdidas em seus resultados, ou então materializam e degradam as experiências, o que redundará em luxúria, sadismo, magia negra e todas as formas de violência.

Quando os nascidos sob este trânsito netuniano forem arrastados pela presença de Plutão em Escorpião — poderão estar na adolescência ou no final da casa dos vinte — provavelmente os resultados das primeiras experiências terão assumido forma definitiva e inevitável, para melhor ou pior. Eles e a geração Netuno-em-Libra poderão então decidir que direção tomará a nossa sociedade, ou seu próprio destino pessoal.

Netuno entrou em Escorpião em Novembro de 1792 (O Terror durante a Revolução Francesa) e deixou este signo em 1806, depois que Napoleão autoproclamou-se "Imperador dos Franceses". O trânsito anterior durara de 1629 a 1643, podendo relacionar-se com o conflito crescente entre católicos e protestantes.

Netuno em Sagitário (1970 a 1984)

Bebês que agora nascem com Netuno neste signo se interessam por todas as formas de atividades expansivas, físicas ou metafísicas. Os processos mentais que buscam compreender os princípios e modelos de organização que estruturam os pensamentos relacionam-se com Sagitário. Os fatos iniciados com o trânsito de Netuno por Leão, sobretudo a partir de 1919, podem atingir um nível mais elevado de eficácia; e a nova geração talvez consiga realizar alguns dos ideais oriundos das ruínas causadas pela I Guerra Mundial na antiga cultura européia. Os meninos e meninas nascidos neste período atingirão a maioridade no princípio do próximo século. Os que sobreviverem significativamente às últimas duas décadas deste século poderão ter uma chance real de serem os arquitetos de uma nova sociedade: talvez os atuais processos de construção tenham de aguardar até Netuno atingir Capricórnio. Hoje, a mensagem de Netuno desencoraja a humanidade de permanecer no nível jupiteriano

de ambição política e administrativa e sede de poder. Aos nascidos neste período deve-se mostrar que só vale a pena lutar por princípios abrangentes sociais, éticos, culturais ou políticos. Enquanto Júpiter exclui o que é estranho, Netuno aceita, avalia e encontra um lugar para os elementos mais díspares.

Netuno esteve em Sagitário de 1806-07 a 1820-21. O sonho na poleônica fora esmagado e, concomitantemente, Inglaterra e Estados Unidos travavam uma batalha inútil. Nasciam as nações da América do Sul, as quais poderão encontrar um futuro grandioso no final deste século. México e Brasil ganharam sua independência quando Netuno entrava em Capricórnio em conjunção com Urano. No ciclo anterior, Netuno adentrara Sagitário em 1643, deixando este signo em 1656-57, período cromwelliano e de vitória dos puritanos. O espírito nacional do período clássico triunfava, conquanto forças contraculturais também estivessem em ação. Entretanto, o homem ainda não conhecia a existência de Netuno e não chegara o momento de veicular publicamente a natureza da mensagem galáctica do planeta humanidade.

Netuno em Capricórnio (1984 a 1998)

Netuno participa, ao longo deste trânsito, de uma reunião de planetas neste signo do zodíaco. Após 1988, Saturno e Urano juntam-se a Netuno, com Marte em Capricórnio durante parte do tempo (1988 e 1990). Em 1990, Júpiter entra em oposição ao grupo, e Vênus e Mercúrio acrescentam sua força ao grupo capricorniano em janeiro-fevereiro. Este poderá ser um período bastante tumultuado, envolvendo talvez mudanças telúricas, bem como fortes pressões políticas. Poderá haver também uma tentativa vigorosa de construção de um estado global, ou a disseminação de uma religião mundial• autoritária. O trânsito de Plutão por Escorpião, em sextil com o stellium em Capricórnio possivelmente predominará ao longo deste período.

Netuno encontrava-se em Capricórnio quando Luís XIV governava a França autocraticamente e durante o triunfo do espírito clássico. Na Inglaterra houve o grande incêndio de Londres e a restauração da monarquia após a morte de Oliver Cromwell (1658). Netuno chegou a Capricórnio em conjunção com Urano em 1820-21, deixando este signo em 1834. Forças reacionárias dominavam a Europa. Foram cons.

truídas as primeiras estradas de ferro. Mas em 1830, um espírito revolucionário emergente colocou no trono da França o rei burguês Luis Filipe I, seguindo-se outras revoluções políticas, que terminaram por levar a mudanças radicais em 1848.

Netuno em Aquário (1834 a 1848; e após 1998)

Netuno em Aquário atingiu seu Nodo Sul por ocasião de sua descoberta em 1846. Daí em diante, sua capacidade de concentrar sobre as massas humanas o aspecto de sua força galáctica característica tornou-se mais óbvia. Sua descoberta corresponde aos primórdios de diversos movimentos já mencionados, todos eles visando a unificação de amplas coletividades em todo o mundo e — ao menos teoricamente — de toda a humanidade. Assim, os acontecimentos do século dezenove evocam a forte possibilidade de que atividade global similar possa transformar a humanidade de 1998 até cerca de 2011-12, quando mais uma vez o planeta atingirá Aquário. Em maio de 2000, todos os planetas heliocósmicos, além do Sol e da Lua — sete planetas ao todo — concentrarão seu poder em Touro, em quadratura com Urano e Netuno em Aquário; interessante começo para o século vinte e um!

Netuno em Peixes (1848 a 1862)

Em Peixes, Netuno encontra-se no signo do zodíaco em que se mostra mais eficaz, e podemos ver as forças netunianas atuantes na dissolução das estruturas do passado. Esta é a época romântica e de triunfo da burguesia rica e da classe média alta. O imperador que governou a Áustria por tanto tempo, Francisco José I, chegou ao trono em 1848, e seu reinado, concluído em 1916, marcou a desintegração progressiva da Europa Central e do antigo conceito imperial herdado da Roma dos Césares. Correspondeu Era Vitoriana na Inglaterra e ao malfadado Segundo Império na França; enquanto na América, os Estados Unidos aumentaram muito em tamanho após a guerra com o México, e a Corrida do Ouro atraiu os homens para Oeste. O Japão foi forçado a abrir seus portos ao comércio estrangeiro; a ascensão desse novo poder asiático trouxe graves conseqüências, terminando em Pearl Harbor, um século mais tarde.

Netuno em Áries (1861 a 1875)

Este foi o período da ascensão alemã, tendo em Bismarck seu arquiteto. A Itália foi unificada e o Papado despojado do seu poder. A Guerra Civil Americana começou em abril de 1861, quando Netuno entrava em Áries, ali permanecendo durante alguns meses e regressando a Peixes até fevereiro de 1862. Na verdade, uma nova nação tomava forma sob a pressão do expansionismo industrial e a destruição da cultura meridional. Enquanto Saturno relaciona-se com princípios de organização relativamente estreitos e locais, Netuno simboliza estruturas mais abrangentes, ou seja, "federais" e não "estaduais". Estava armado o cenário para o crescimento de grandes nações, com interesses e ambições mundiais, além do colonialismo. Contudo, entre os nascidos com Netuno em Áries, encontramos Lenin, Sri Aurobindo (um dos primeiros indianos a lutar pela independência de seu país) e Gandhi.

Netuno em Touro (1874-75 a 1888)

O colonialismo passou a imperar no cenário mundial, com a África praticamente dividida entre as nações europeias. Netuno, neste signo do zodíaco, caracterizado pela produtividade e o materialismo, participou de maciça constelação (1881-82) de seis e até mesmo sete planetas. O presidente Franklin D. Roosevelt e diversos estadistas e filósofos, que se tornariam famosos cerca de cinquenta anos mais tarde, nasceram durante este período. Bem como o psicólogo Carl Jung e o Papa João XXIII.

Netuno em Gêmeos (1888-89 a 1901-02)

O acontecimento astrológico mais importante deste período foi a conjunção de Netuno e Plutão em 1891-92, e que marcou o início de um ciclo de quinhentos anos e da grande revolução na ciência, que logo transtornaria a maior parte dos conceitos fundamentais para a mentalidade do século XIX. Sustentado por Plutão, ainda não descoberto, Netuno transmitiu humanidade novas *informações* cósmicas que tornavam obsoletas as antigas categorias intelectuais. No início do século XX, Netuno e Plutão em Gêmeos encontravam-se em oposição a

todos os outros planetas — sete deles (incluindo o Sol e a Lua) reunidos em Sagitário na Lua Nova (eclipse solar) que precedeu o 19 de janeiro de 1900, começo do novo século (caracterizado pelo dígito 19). A física quântica e a psicologia profunda freudiana abriam as portas de par em par à transformação mental: Ao mesmo tempo, os Estados Unidos aventuravam-se em uma política expansionista internacional, a qual Theodore Roosevelt implementaria com vigor típico ao tornar-se presidente — lançando desta forma as bases para a demonstração de força mundial que em breve seria exibida por aquele país.

Netuno em Câncer (1902 a 1913-15)

Este período denominado *La Grande Époque*, caracterizou-se pelo canto de cisne da antiga cultura européia, o alarido dos conflitos políticos e por fim o avanço alemão armado sobre a Bélgica e a França, anunciando a I Guerra Mundial. Em 1914, Netuno entrava em Leão, logo depois de Plutão estabelecer-se em Câncer, juntamente com Saturno. O anterior desafio, feito em Gêmeos, à mentalidade coletiva ocidental dirigia-se agora contra seu ego orgulhoso (Leão) e seus alicerces, o lar patriarcal e seu modo de vida tradicional (Câncer).

Inúmeros líderes da atualidade nasceram com Netuno em Câncer, e alguns com Netuno em Gêmeos. Como já foi dito, Netuno atingiu seu Nodo Norte em 1919-20, no 12° grau de Leão, onde Júpiter reuniu-se àquele, concomitantemente à tentativa malograda do presidente Wilson para que o Senado ratificasse o tratado de paz, permitindo assim àquele país participar da Liga das Nações. Este fracasso de Wilson redundou em tensões trágicas e protestos apaixonados, relacionados com o trânsito de Netuno por Escorpião, 90° zodiacais além, quarenta anos mais tarde — sobretudo o atoleiro vietnamita, resultado cármico, durante muito tempo adiado, do isolacionismo americano e do temor à Rússia Soviética, características da política americana desde a década de vinte.

Urano nos Signos do Zodíaco

Urano demora em média de 83 a 75 anos para contornar o zodíaco tropical, permanecendo sete anos em cada signo. Seu Nodo Norte

encontrava-se a 13° 51' de Gêmeos em 1973, progredindo aparentemente a uma velocidade de dezoito segundos por ano. Portanto, agora deve estar localizado no 15° grau de Gêmeos. A passagem heliocêntrica do planeta Urano sobre seu (também heliocêntrico) Nodo Norte ocorreu no dia 20 de julho de 1945, quatro dias depois da primeira explosão atômica em Alamogordo, Novo México. A passagem anterior acontecera em junho de 1861, logo após a posse de Lincoln e o começo da Guerra Civil. Outros cruzamentos ocorreram em 1777, durante a Guerra de Independência e em 1693, 1609 e 1526.

É difícil definir em termos gerais as mensagens de Urano à humanidade, sobretudo aos indivíduos, porque eles são condicionados por necessidades particulares, que dependem da atuação de Saturno. O propósito de Urano é destruir a continuidade dos padrões saturninos, a fim de que no local e no momento da destruição possa ser experimentado algum tipo de visão galáctica, ou alguma intuição momentânea

De modo geral, durante a passagem de Urano por um signo do zodíaco, aqueles aspectos não-habituais e transcendentais da atividade representada via de regra pelo signo podem atuar, sempre que as formas de vida sócio-culturais e os hábitos pessoais perdem parte de seu prestígio e validade inquestionáveis. Contudo, não é fácil definir o que são estes "aspectos não-habituais e transcendentais". É fundamental o fato de que os padrões normais, tradicionais e prosaicos de comportamento, sentimento e pensamento devem ter redundado em sofrimento, frustração, derrota, tragédia ou mesmo profundo tédio e uma sensação de total futilidade. Quando isto ocorre, Urano está sempre pronto a atuar, e de maneira mais específica segundo as possibilidades inerentes à energia característica do signo do zodíaco que esteja ocupando. O processo urânico também é polarizado por aquilo que os aspectos planetários do momento permitem que aconteça; e em geral lida com experiências relativas Casa da carta natal que o planeta atravessa em seu trânsito.

Para aquele que deseja compreender a posição de Urano numa carta natal — tanto coletiva como individualmente —, é lógico esperar que de alguma maneira esta posição zodiacal se relacione com o carma individual, ou com alguma *tendência inercial* carmicamente inerente à natureza do indivíduo. Urano atua onde, em algum passado remoto, houve servidão e comportamento compulsivo. Quando Saturno e Urano encontram-se no mesmo signo, pressão cármica particularmente forte deverá ser sentida pelos indivíduos que nascerem nesse período. O período

médio entre as conjunções destes dois planetas é de cerca de quarenta e cinco anos. Encontravam-se em conjunção em Libra em 1805 (o desafio napoleônico ao antigo modelo aristocrático europeu), em Touro em 1852, em Escorpião (três vezes) em 1897 e em Touro em 1942. Estarão em conjunção três vezes em Sagitário durante 1988, período de extraordinária transformação religiosa e social, que pode afetar sobretudo os Estados Unidos, cuja carta natal tem como ascendente Sagitário (4 de julho de 1776, 5:12h, Filadélfia).⁶ Estas últimas conjunções ocorrem nos últimos graus de Sagitário, próximas ao ponto onde o centro da Galáxia se reflete em nosso zodíaco tropical. Em seguida, Saturno e Urano se reunirão a Netuno em Capricórnio, com Júpiter em oposição a eles em Câncer, signo também bastante enfatizado na carta natal dos Estados Unidos pela presença do Sol, de Vênus, de Júpiter e de Mercúrio em Câncer.

Na carta natal do século XX (19 de janeiro de 1900, meia-noite) e na carta natal para a Lua Nova precedente, fundamental para o estudo das forças vitais atuantes neste século, Urano e Saturno se encontram em Sagitário, rodeados de vários planetas e em forte oposição a Netuno e Plutão em Gêmeos — símbolo extraordinário dos conflitos ideológicos e sócio-políticos básicos, característicos de nosso século. O desafio uraniano concentra-se em tudo o que Sagitário representa nas esferas religiosa, social e filosófica. Foi quando a teoria quântica de Planck transtornou os alicerces da física e Freud fez o mesmo no campo da psicologia. A Era Vitoriana chegou ao fim em 1901. O caso Dreyfus rompeu a unidade do povo francês, desafiando a integridade dos sistemas judiciário e militar e dando início a um período de conflito entre estado e igreja. A Alemanha começou a erigir uma poderosa Marinha, desafiando assim os fundamentos do poder inglês. Explodiu a Guerra Hispano-Americana, parcialmente incitada por William Randolph Hearst e seus jornais sensacionalistas, quando Urano (com Saturno nas proximidades) entrava em Sagitário. Urano encontrava-se a 13° 06' de Sagitário, no grau do Ascendente da carta natal americana quando o presidente McKinley levou um tiro em 14 de setembro de 1901 — uma das inúmeras justificativas para este grau ascendente. A administração poderosa e agressiva de Theodore Roosevelt iniciou uma nova fase na evolução da consciência coletiva do povo americano.

6. Ver *The Astrology of America's Destiny* (Nova York: Random House, 1974).

Quando Urano entrava em Capricórnio em 1905, o Canal do Panamá foi comprado e a Guerra Russo-Japonesa apenas se iniciara, atraindo a atenção da América para o Pacífico e levando à mesa de paz a mediação do presidente Roosevelt, o que enfureceu profundamente os japoneses. Violento terremoto e incêndio em São Francisco ocorreram em 1906. Novas forças se puseram a atuar no mundo artístico, desafiando os estilos e instituições tradicionais (o cubismo com Picasso, influência oriental do Balé Russo de Diaghilev, etc.). Sob a fachada brilhante de cultura prestigiosa, crescia a agitação na Europa. A Alemanha intensificava seus desafios à Inglaterra e à França. A abortada revolução de 1905 na Rússia prenunciava-a futura revolução.

A entrada de Urano em Aquário durante o inverno de 1912 marcou o início do processo que levou à I Guerra Mundial. A primeira Guerra dos Bálcãs começou no outono de 1912, precedida por uma guerra entre Itália e Turquia. No verão de 1914 explodiu a I Guerra Mundial, quando Saturno atravessava a 7ª Casa (Aliados) da carta natal dos EUA. Se Aquário é o signo das "reformas", a passagem de Urano por este signo durante toda a guerra indica o modo de atuação do trânsito uraniano. A guerra é uma forma específica de considerar-se a reforma da humanidade, especialmente no mundo ocidental. A Revolução Bolchevista ocorreu em novembro de 1917. Indivíduos nascidos durante a guerra carregam por conseguinte a marca astrológica de Urano em Aquário. Ao alcançarem a maioridade, precisaram enfrentar o desafio da II Guerra Mundial.

Urano encontrava-se em Peixes no período entre 1919-20 e a primavera de 1927; neste período floresceu a Era do Jazz, bem como a Era da Proibição e o *boom* financeiro. Foram anos trágicos para a Alemanha e a Europa Central. A Rússia Soviética lutava em meio a radicais reformas sociais e a fome, sofrendo a hostilidade dos "Aliados" capitalistas. Inúmeros intelectuais americanos emigraram para a Europa Ocidental, onde o Dadaísmo, o Surrealismo e o Expressionismo Alemão cativaram uma inteligência tragicamente consciente da desintegração cultural e do fim de um ciclo (Peixes).

A chegada de Urano em Áries em 1927 não melhorou as coisas, ao menos externamente, mas levou, primeiramente na Europa e em seguida nos Estados Unidos, à Grande Depressão. Contudo, Urano ainda estava em Áries quando Franklin D. Roosevelt assumiu o poder e impediu o desastre do capitalismo, pelo que os ricos (estranhamente)

passaram a odiá-lo. Entretanto, ele transformou o governo norte-americano e, através de severo imposto de renda, muito do modo de vida americano. O poder das universidades americanas e das instituições educacionais e religiosas, via de regra controlados por professores ou poderosos homens de negócios, provocou profunda mudança na vida cultural americana, cujo caráter e extensão não foram suficientemente avaliados, nem tampouco seu valor. A tecnologia e a transformação de todos os conceitos relativos à administração fizeram rápido progresso. O período caracterizado pela passagem de Urano por Touro (1935-42) constituiu o prelúdio da II Guerra Mundial e da ascensão de Mussolini, Hitler e do exército japonês. O mundo ocidental lutava com todas as forças para sair da Depressão e do desemprego, e os problemas taurinos de produtividade atraíram em grande parte a atenção da humanidade. Na verdade, a guerra começou com a agressão italiana contra a Etiópia, a Guerra Civil Espanhola e a invasão japonesa à China em 1936. O átomo de urânio foi fissionado em 1939 e a primeira reação atômica controlada ocorreu em 2 de dezembro de 1942, após a chegada de Urano em Gêmeos em junho daquele ano. Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941) aconteceu quando Urano, ainda em Touro, atingira a estrela Alcíone nas Plêiades, que antigos sábios astrólogos acreditavam ser o centro em torno do qual girava nosso sistema solar — hoje provavelmente um centro obsoleto para a humanidade que alcançou a compreensão global de todas as suas partes componentes através da provação da tragédia mundial!

O trânsito geminiano prolongou-se até o verão de 1949. Já vimos que Urano atingiu seu Nodo Norte à época da primeira explosão atômica. Desde então, a possibilidade de ser lançada outra bomba atômica assombra a humanidade, junto com a extraordinária ascensão da Rússia Soviética como grande potência mundial, capaz de desafiar os Estados Unidos. A juventude da década de 60 não apenas na América, mas em todo o mundo, nasceu com Urano em Touro e Gêmeos; alguns de seus mais antigos inspiradores responderam ao desafio transformador de tirano em Áries (1927-35). Urano nos signos zodiacais de primavera costuma gerar um desejo desassossegado de ação.

Quando uma nova geração, nascida com Urano em Câncer (1949 à 1955-56) chegou à maturidade, o ímpeto para transformar os arraigados padrões de consciência egóicos e desenvolver uma consciência para além dos limites da mente controlada pelo ego ganhou mais e mais impulso, assim como a fascinação exercida pelas técnicas asiáticas tais

como a ioga, o zen e a meditação tibetana — isso sem falar em todas as formas de parapsicologia, cura psíquica, clarividência e viagem astral.

Urano encontrava-se em Leão até 1962, e os adolescentes de hoje possuem esta configuração de nascimento. Muitos deles possivelmente serão importantes líderes por ocasião da crise mundial prevista para em torno de 1990, quando estarão na dinâmica casa dos vinte. As crianças nascidas com as maciças conjunções de planetas em Aquário, durante fevereiro de 1962, ainda tinham Urano retrógrado em Leão, em conjunção com a estrela real, Régulus. Seu papel poderá ser fundamental. Do mesmo modo os mais jovens, nascidos por ocasião da conjunção Urano-Plutão em Virgem, em 1965-66 — período bastante intenso, para se nascer! — estarão com vinte e cinco anos em 1990, trinta e cinco no início do novo século. Contudo, o impulso fundamental poderá ser dado pelos indivíduos nascidos quando Urano atravessava Touro e Gêmeos.

Ao analisar os lentos planetas transaturninos nas cartas natais, devemos atentar mais especificamente para suas posições nas Casas natais, em seguida o momento em que atravessam os quatro Ângulos, o Sol e a Lua da carta natal. O trânsito de Urano sobre o Sol natal de um indivíduo em quase todos os casos indica mudança fundamental em seu modo de vida e/ou consciência, conquanto tal mudança naturalmente possa assumir uma ampla variedade de formas. Algumas delas nitidamente positivas e inspiradoras; outras a princípio parecerão negativas, caso coloquem desafios no mínimo prematuros e demasiado difíceis para o indivíduo. Em outros exemplos, é o triângulo sobre o ascendente ou a Lua que concentrará a oportunidade mais importante para a transformação da vida.

As Casas onde se localizam Urano, Netuno e Plutão indicam a *categoria das experiências* mais suscetíveis de virem a ser canais de transformação da personalidade, regida por Saturno e fascinada pelo Sol, em livro aberto pronto a absorver os valores e a inspiração galácticos. Tudo numa carta natal mostra o que é melhor para nós, revelando quais são as condições ótimas ao aproveitamento das funções simbolizadas pelos planetas (sempre incluindo o Sol e a Lua) na concretização de nosso dharma — nossa "verdade-de-ser" e nosso destino. Tal concretização pode resultar no que habitualmente consideramos tensões, duros confrontos, enfermidades ou a perda do que valorizávamos emocionalmente; mas o caminho humano, quando iluminado, conquanto

debilmente, pela luz espiritual da consciência galáctica, exige daqueles que *conscientemente* o trilham, a coragem e a boa vontade de aprender a absorver e assimilar, para em seguida transmutar e transfigurar, o sofrimento e a tragédia. Este o caminho da personificação do Pensamento Divino nas matérias resistentes e sombrias, resquícios da tarefa inconclusa de ciclos passados.⁷

7. Para um estudo do significado global de Urano, Netuno e Plutão nas Casas natais, ver *As Casas Astrológicas*.

Os Ciclos Interpenetrantes de Urano, Netuno e Plutão

O fato de os períodos de revolução solar dos três planetas transaturninos estarem relacionados da maneira aritmética mais simples é altamente significativo. O período de Netuno é duas vezes — e o período de Plutão três vezes — o de Urano. Portanto, Urano representa a unidade básica no já mencionado desafio triplo às combinações Saturno-Júpiter e Marte-Vênus-Mercúrio. Urano inicia o processo, Netuno complementa e estende e Plutão finaliza. Na maior parte dos sistemas de símbolos, diz-se que a operação (ou experiência) três vezes repetida alcança a condição de irrevogabilidade. Isso ocorre pelo menos no nível arquetípico; mas quando um sistema material oferece forte resistência inercial à mudança, este ritmo de três batidas talvez precise ser repetido durante muito tempo antes que seu propósito seja concretamente atingido.¹

Segundo o ponto de vista galáctico apresentado neste livro, o fato fundamental é que estamos envolvidos em um amplo processo de transformação; e consegue-se calcular sua evolução estudando a interrelação entre os ciclos dos três planetas. Em alguns anos os planetas encontram-se em conjunção, ou pelo menos próximos à conjunção, embora os anos exatos em que ocorre tal conjunção tripla ainda sejam vagos, pois o padrão das revoluções plutonianas não é determinado com precisão e as influências transplutonianas provavelmente atuam

1. Introduzindo-se aqui um toque de fantasia, o processo pode ser visto como semelhante a uma valsa antiga. Após rodopiar um número suficiente de vezes, o homem e a mulher estonteados lançam-se nos braços um do outro e realizam o que lhes estava destinado desde o princípio da dança cósmica.

durante longos períodos. Contudo, parece certo que, durante as primaveras de 576 e 575 a.C., Urano, Netuno e Plutão estiveram bem próximos à conjunção no meio de Touro. Em 1082 a.C., aparentemente os três se encontravam em Áries — conquanto vários graus separados. Uma conjunção tripla ou quase conjunção pode ter ocorrido em 4517 a.C. e espera-se que volte a ocorrer por volta de 2800 d.C. A obtenção de um modelo verdadeiramente confiável das interações cíclicas destes três planetas é aguardada para logo, o que exigirá a programação acurada de computadores; mas as fórmulas que têm sido usadas parecem variar ligeiramente. Se conseguíssemos dados definitivos, teríamos uma visão mais objetiva da evolução da humanidade, sobretudo do breve período de cinco mil anos de que trata a maior parte do estudo atual da história.

Vale a pena ressaltar que "história", especialmente no sentido quase místico conferido à palavra por alguns filósofos do século passado, significa apenas a consciência atual do homem ocidental, que tenta colocar em uma espécie de seqüência ordenada, e para ele significativa, a memória racial incorporada a sua cultura particular. A história trata do subjetivismo coletivo de uma cultura, ou mesmo de uma determinada comunidade ou grupo religioso. Personifica não apenas os chamados fatos e registros, mas também a interpretação dos mesmos. Nas culturas antigas, a história possuía um caráter essencialmente arquetípico, pois lidava primariamente com processos transfísicos e transfactuais; por exemplo, os grandes *yuga e mahayugas* dos filósofos profetas indianos. Hoje, para nossa cultura euro-americana materialista, a história tornou-se sobretudo busca aplicada e interpretação "crítica" de registros físicos dos chamados fatos. Mas o que é exatamente um "fato"? Não constitui apenas o que a maioria das pessoas concorda em aceitar como tal, amiúde desconhecadora das forças invisíveis ou não-reconhecidas que são as verdadeiras protagonistas?

Os ciclos astronômicos ajudam-nos a compreender não somente os amplos ritmos da maré da evolução humana subjacentes a todas as diferentes ondas que acompanham a formação, auge e desintegração de culturas locais, mas a posição ocupada pelo atual período na maré planetária do desenvolvimento da consciência humana. O início da fase humana evolutiva que hoje parece ter atingido um momento de transformação crucial pode remontar à conjunção tripla de Urano, Netuno e Plutão durante o século sexto a.C.² Nesse século, Gautama,

2. Em *A Doutrina Secreta* (Ed. Pensamento), H.P. Blavatsky menciona, sem explicação, o ano 607 a.C. como constituindo "o fim da Era Antiga".

o Buda, Pitágoras, Zoroastro (último de uma série de profetas do mesmo nome — segundo as doutrinas esotéricas de Pársis), Lao-Tsé e outros grandes personagens viveram e lecionaram. Esse século marcou o início concreto da nossa civilização ocidental, conquanto sejam citadas raízes mais antigas, relativas ao teísmo do Bhagavãd Gitã e às influências pré-natais mosaicas, caldaicas e egípcias.

O Ciclo Netuno-Plutão

Ao longo de vinte e cinco séculos, inúmeras foram as conjunções de Netuno com Plutão: durante a primavera de 82 a.C. (com Urano entrando em Áries, Júpiter e Saturno em conjunção em 84 a.C. e em quadratura com Netuno e Plutão); em 410 d.C.; em 903; em 1397 — ao que parece a primeira conjunção em Gêmeos; e em 1891-92. Isso significa que ocorreram cinco ciclos Netuno-Plutão entre 576 a.C. e 1891 d.C., e agora encontramos-nos no sexto. Segundo seu caráter esotérico, estes números são bastante reveladores.

O período de 576 a 82 a.C. leva o número 1 característico de um novo começo. Infelizmente, foi um começo fatídico e distorcido pelos fantasmas do passado, conquanto tenha representado ao mesmo tempo a reação intelectual a esse passado e a incapacidade em perceber como o novo impulso criativo relacionava-se com a safra espiritual de onde emergira. Esta foi a tragédia da cultura ateniense, ainda baseada na escravidão, enquanto sonhava com a democracia e tentava integrar as experiências dos Mistérios de Elêusis e de Orfeu, o novo ceticismo de Sócrates e o intelectualismo dos sofistas.

O segundo período testemunhou o desenvolvimento e o poder do Império Romano, o qual deixou cicatrizes indeléveis na civilização européia. O ideal grego (o número 1) assumiu a forma de cidadão romano (o número 2). O conceito de "pessoa legal" (tanto coletiva quanto individual) encontrou seu correlato espiritual no ideal de Jesus, qual seja o de todos os homens "filhos de Deus", dotados, por conseguinte, da centelha divina imanente — a semente interior de Deus.

O terceiro período testemunhou o triunfo do Cristianismo e a decadência da Roma imperial (Alarico destruiu Roma em 410 d.C., na mesma época da conjunção Netuno-Plutão). Enquanto as fases 1 e 2 contêm trevas inexpliáveis em demasia, a número 3 torna-se destrutiva

e produz o caos onde as raízes de uma nova tentativa buscam alimento; mas esta nova tentativa atua envolta por pesada nuvem que distorce as fontes originais da cultura. O Islã, em resposta ao relativo fracasso espiritual do Cristianismo, conquistou a maioria dos países meridionais, anteriormente dominados pelo Império Romano. O Papado adquire poder político, tornando-se a segunda área de conflito durante o período número 4, de 903 d.C. a 1397, período das Cruzadas e da grande Ordem Européia Medieval, dominada por uma Igreja poderosa em luta contra os ambiciosos Imperadores Sagrados, e as idéias do Oriente Próximo, introduzidas pelos árabes.

O quinto período inicia-se com o Movimento Humanista, a Renascença e a colonização das Américas. Aí ocorre o triunfo do racionalismo, do empirismo, do mecanicismo e do materialismo. O número 5 é o símbolo da mente, mas quando esta se desenvolve sobre os alicerces de um enfoque formalista, personalista e da rígida abordagem da espiritualidade, vê-se forçada a tornar-se igualmente dogmática em suas tentativas de lidar com tudo o que a ainda poderosa herança religiosa rebaixou e deixou inculco. Portanto, transforma-se em mente empírica e racional, tão voltada para o mundo material que se torna moldada pelo ritmo da matéria.

O sexto período começa em 1891-92, com a descoberta dos raios X, da radioatividade, do quantum e da famosa fórmula de Einstein que reduz a matéria à energia e transforma a luz em alma do espaço. No princípio do século XX, a oposição de Urano (e todos os demais planetas) conjunção de Netuno e Plutão anunciou simbolicamente uma era de conflitos ideológicos e de guerras brutais e mundiais — a "Guerra Civil do Homem". Hoje encontramos-nos no último quarto de século e a relação Netuno-Plutão está prestes a assumir um caráter bastante especial.

Devido ao formato muito alongado da órbita de Plutão, durante alguns anos, a cada revolução do planeta em torno do Sol ele se aproxima mais do Sol — e também da Terra — do que Netuno jamais o conseguiria. Assim podemos afirmar que, ao menos simbolicamente, Plutão penetra na órbita de Netuno. Interpreto esta penetração como uma espécie de processo interplanetário de "fecundação". Ele ocorre aproximadamente a cada 248 anos e (segundo o Observatório Naval de Washington, D.C.) acontecerá entre 1978 e 2000. Plutão estará no ponto de sua órbita mais próximo do Sol (periélio) em 1989, provavelmente a 13° de Escorpião.

Tais períodos de fecundação da órbita de Netuno por Plutão foram bastante significativos na história européia. Demarcaram acontecimentos cruciais e prolongados de meados do século XVIII à época da "descoberta" da América por Colombo e do Renascimento (1481-1503), durante o grande período das catedrais góticas e a luta entre papas e imperadores; no momento crítico do ano 1000, quando a Europa esperava o fim do mundo; durante o auge da cultura árabe no século VIII e o reinado de Carlos Magno, o qual plantou as bases do ciclo europeu; na época da conversão de Clóvis ao Cristianismo, marco da aceitação da nova religião pelo principal líder das tribos germânicas; em fins do século III; e presumivelmente durante o ministério de Cristo e os primórdios da Igreja com Paulo.

Como Plutão, na época em que se aproxima de seu periélio em Escorpião, movimentava-se um pouco mais rapidamente do que Netuno, o aspecto formado por ambos os planetas antes da sua interpenetração orbital costuma repetir-se inúmeras vezes. Pode-se afirmar que sua duração — "dentro da órbita" — é de cerca de noventa anos. Quando Netuno entrou em Libra em outubro de 1942 (primeira reação atômica acontecida em Chicago em dezembro de 1942), Plutão encontrava-se no 7° de Leão — ou seja, os dois planetas formavam um amplo aspecto de sextil (60°). Se conferirmos uma órbita de 8 graus (distância máxima) a este aspecto, ele se prolongará até aproximadamente o ano 2038, quando Plutão atingirá o 17° grau de Aquário e Netuno o 24° grau de Áries — isto é, um período de noventa e seis anos. Ao longo desse período, inúmeros anos testemunharão repetidos sextis exatos dos dois planetas.

Para simplificar, a imagem, consideremos as posições *heliocêntricas* dos planetas: o primeiro sextil exato ocorreu em torno de janeiro de 1952 (de Leão para Libra no 20°) e repetiu-se até janeiro de 1955; então Netuno avançou um pouco até 1979, quando ocorreram outros sextis exatos. Depois de 1984, Plutão entrando em Escorpião começa a movimentar-se decididamente mais rápido do que Netuno entrando em Capricórnio. Os dois planetas estarão a uma distância aproximada de 68° em 1997; mas então Plutão começará a reduzir a velocidade ligeiramente e Netuno avançará pouco a pouco. Por volta de 2065, Plutão no final de Peixes deverá entrar em quadratura com Netuno no final de Gêmeos. Designei esta época aproximadamente para o começo da Era de Aquário precessional 2062.³

3. Ver *A Astrological Timing: The Transition to Me New Age*, caps. 7-9.

O princípio do "grande sextil" entre Netuno e Plutão pelo qual estamos passando ocorreu cerca de cinquenta anos após a última conjunção dos dois planetas em 1891-92. Ocorreu também após a conjunção de 1397-98 e durou aproximadamente de 1450 a 1540. Este foi o período do Renascimento, da Era Elisabetana e da Reforma de Lutero em 1517. Os dois planetas formaram um aspecto de semiquadratura durante a Guerra dos Cem Anos e a morte na fogueira de Joana d'Arc. Atingiram sua quadratura crescente por volta de 1571-73 (guerras religiosas), e o trígono (aspecto de 120°) em fins do século XVI (revogação do Edito de Nantes, o que trouxe certo grau de tolerância religiosa). A oposição ocorreu em 1645 — a Era de Cromwell e o começo do período clássico na França, durante o reinado de Luís XIV. Netuno encontrava-se a 5° de Sagitário, Plutão a 5° de Gêmeos.

Durante o novo período plutoniano de cerca de 248 anos subsequentes — ou seja, até a conjunção Netuno-Plutão de 1891-92 — ocorreu um longo aspecto quando Plutão aproximava-se de seu perigeu por volta de 1740-41. Como Netuno encontrava-se em Câncer, o longo aspecto foi um trígono, que durou aproximadamente de 1698 a 1798 — terminando na época da aprovação da Constituição dos Estados Unidos. Esse "longo trígono" também ocorreu durante as últimas Cruzadas, iniciadas antes da oposição Netuno-Plutão. Esse foi o grande ponto de mutação na história européia, colocando a nobreza da Europa Ocidental em contato com as tradições do Oriente Próximo e particularmente com a influência sufi. Um "longo trígono" segue-se oposição Netuno-Plutão, enquanto um "demorado sextil" (aspecto 60°) ocorre cerca de cinquenta anos ou mais após essa conjunção. Contudo, na medida em que as conjunções dos dois planetas avançam através do zodíaco, ciclo após ciclo, o perigeu de Plutão permanecer praticamente estacionário, muda o caráter desse "longo aspecto". O demorado sextil será substituído por um longo septil (51 1/2°) e uma longa semiquadratura (45°). A natureza do longo aspecto é determinada pela duração do período que separa a conjunção do momento em que Plutão começa a movimentar-se quase tão rapidamente quanto Netuno e, alguns anos depois, atinge seu perigeu. Aparentemente, as últimas conjunções ocorreram cerca de 5 graus adiante da precedente; mas provavelmente este não é um valor constante.

O Ciclo Urano-Plutão

Costuma-se afirmar que a cada 127 anos ocorrem conjunções Urano-Plutão; mas em 1850 e fins de abril de 1851 houve uma conjunção três vezes repetida nos últimos graus de Áries — com Mercúrio e em seguida Saturno em maio de 1851 e Marte e Vênus alguns dias depois, unindo-se ao par — e a última conjunção (igualmente três vezes repetida) ocorreu em 9 de outubro de 1965 (18° grau de Virgem), e em 4 de abril e 30 de junho de 1966 (17° grau). O intervalo entre as duas séries de conjunções foi portanto de 115 dias. Saturno representou importante papel nessas conjunções; encontrava-se em conjunção com Urano e Plutão em 1851 e em oposição a eles em 1965-66. Júpiter estava em quadratura com esta oposição em maio de 1965 e assim permaneceu, embora com menor precisão, em março de 1966. Marte também estava presente, em Virgem em 1965 e em Peixes em 1966.

Em meu recente livro *The Astrology Of America's Destiny* ressaltai a importância do período de 1965-66, pois este foi também o período da última "Lua Nova progredida", calculada pela carta natal norte-americana de 4 de julho de 1776. A Lua Nova progredida ocorre a intervalos de cerca de trinta anos; ou seja, nos Estados Unidos em 1787, 1816, 1846, 1876, 1905, 1935 e 1965. Produzem um padrão ritmado da crescimento no ser coletivo, constituído pelos Estados Unidos, pelo seu povo e sua terra. Como o Ciclo de Luação progredido (de uma Lua Nova progredida a outra) dura trinta anos, e como o último décimo de cada ciclo constitui sempre um período de transição (ou "período da semente") que leva ao ciclo seguinte, os anos de 1962 a 1965 foram de particular importância. Esses anos foram marcados pelo progressivo envolvimento americano na Guerra do Vietnã não-declarada, pelo confronto com os russos em Cuba e a eleição e subsequente assassinato do presidente Kennedy. Durante esses anos, o LSD tornou-se mais conhecido e usado, sobretudo pelos jovens. A rebelião estudantil contra o modo como eram dirigidas as universidades teve início na Universidade da Califórnia, em Berkeley, no mês de dezembro de 1964, disseminando-se logo por todo o mundo. A revolta contra o recrutamento veio em seguida. O ano de 1965 testemunhou também o Movimento pelos Direitos Civis e as desordens Watts em Los Angeles.

Martin Luther King e Robert Kennedy foram assassinados em 1968, em circunstâncias bastante suspeitas, de certa forma

estabelecendo a relação entre os homicídios — ao menos na cabeça de muita gente — e o assassinato do Presidente Kennedy.

O período de 1850-51 provavelmente não foi tão crucial para os Estados Unidos quanto o de 1965-66. Em 1851, Cuba foi declarada independente; e o *coup d'état* de Napoleão III iniciou o malfadado Segundo Império — na França, o qual teria drásticas repercussões no México, e levou por fim à formação do Império Germânico. O processo de industrialização se firmou ainda mais, resultando na disseminação do colonialismo. O primeiro cabo telegráfico submarino foi instalado entre a Inglaterra e a França em 1851, símbolo perfeito da comunicação elétrica que logo passaria a ligar todos os continentes. Nos Estados Unidos, em 1850, o Compromisso Henry Clay fez história, e a Califórnia tomou-se o trigésimo primeiro estado de urna União que logo seria radicalmente desafiada pela Guerra Civil.

A oposição Urano-Plutão ocorrida em 1901 e 1902 foi de histórica importância. Esses anos marcaram o fim do longo reinado da rainha Vitória, da Guerra Sul-Africana; a criação da Commonwealth da Austrália, o início de graves conflitos entre o poder colonial e as ambições colonialistas da Alemanha na África — uma das duas ou três principais causas da I Guerra Mundial. No Extremo Oriente, a rebelião Boxer na China e a invasão da Manchúria pela Rússia redundou na Guerra Russo-Japonesa, na ascensão do Japão e indiretamente na II Guerra Mundial no Pacífico. Nos Estados Unidos, o assassinato do Presidente McKinley em 6 de setembro de 1901 precedeu em cerca de três meses a oposição Urano-Plutão; mas ao longo da travessia de Urano pelo Ascendente natal dos Estados Unidos (14° grau de Sagitário), o novo presidente agressivo concentrou sem demora as ambições internacionais dos Estados Unidos em uma variedade de ações uranianas.

Assim, o que começara na época da conjunção Urano-Plutão, concluía-se no período da oposição. O poder industrial e a ambição das nações modernas, sustentadas pelo poderio militar, foram fatores decisivos na série de conflitos internacionais que só poderia redundar em duas guerras mundiais — e por fim nos acontecimentos do fim da década de sessenta. Na verdade, estes podem representar o começo de uma "revolução" na consciência que talvez chegue à completa maturidade na próxima oposição entre os dois planetas. Por volta de 2048, Plutão estará entrando em Peixes e Urano em Virgem. Dois anos depois, Urano terá retornado à sua posição zodiacal nos 17°-18° graus de Virgem, os mesmos graus da conjunção Urano-Plutão em 1965-66.

Durante a posse de Teddy Roosevelt, Urano cruzava o Ascendente da carta natal norte-americana; e em 1976, as eleições presidenciais (logo após as comemorações do Bicentenário) ocorreram durante a passagem de Netuno pelo Ascendente. Plutão atingirá o mesmo ponto no começo do século XXI. Nessa época sete planetas estarão reunidos no signo de Touro, repetindo uma conjunção similar, também de sete planetas, ocorrida naquele signo em 1881 e 1882. Contudo, em maio de 2000, os três planetas, Urano, Netuno e Plutão não se encontrarão na área de Touro, pois Urano e Netuno estarão em quadratura como *stellium* planetário de Aquário. Poderão causar (após um período de caos e escassez) nova preocupação com a aquisição de recursos materiais. Os anos ao redor da ênfase taurina de 1881 foram marcados por intensos esforços de colonização da África, em busca de matérias-primas e de novos mercados.

O Ciclo Urano-Netuno

Este ciclo dura cerca de 172 anos. Hoje nos encontramos na última fase do que se iniciou em 22 de março de 1821 com uma conjunção com Capricórnio em 2° 59', o qual terminará em 1993, com conjunções no 19° e 20° graus do mesmo signo. Esta ênfase em Capricórnio, domínio essencial de Saturno, deverá ser significativo, pois provavelmente não se repetirá durante muitos séculos. O ano de 1821 testemunhou a morte de Napoleão I em seu exílio de Santa Helena e a reação monárquica predominante na Europa, mas não por muito tempo. A longa oposição entre Urano e Netuno começou em 1905, depois de Urano entrar em Capricórnio, reenergizando assim o local da conjunção de 1821. A Guerra Russo-Japonesa principiara, levando derrota russa e à revolução abortada. A oposição vigorou até Urano deixar Capricórnio, em 1912. Durante esses sete anos, pressões foram se acumulando, redundando na Guerra dos Bálcãs, no colapso da Turquia e, por fim, em 1914, no assassinato do arquiduque austríaco em Sarajevo e na I Guerra Mundial.

A quadratura crescente de Urano e Netuno passou a atuar logo após o assassinato de Lincoln, quando Urano entrou em Câncer. Foi o período de Reconstrução, caracterizado por uma alteração fundamental no caráter dos Estados Unidos — a qual levou ao imperialismo

econômico, que passou a ser exibido com a oposição Urano-Netuno, sob Theodore Roosevelt. A quadratura minguante entre os dois planetas começou por volta de 1950, quando Urano entrava em Câncer; tomou-se exata em 1953, quando Saturno reuniu-se a Netuno em Libra, e durou até 1957. A Guerra da Coréia começou em 1950; as bombas de hidrogênio foram lançadas; Stálin morreu; Eisenhower era presidente e Dulles seu braço direito. A Guerra Israel-Egito e o esmagamento da Revolta Húngara ocorreram em 1956 — e o Macartismo durou até 1954.

Durante o período 1965-66, Netuno estava em sextil harmonioso com a supracitada conjunção Urano-Plutão; esta influência benéfica pode relacionar-se com o movimento jovem e com o idealismo orientado pelo LSD dos primeiros grupos *hippies* de São Francisco. Com todos os seus erros e confusões, ainda assim este movimento é o precursor do que deverá ocorrer em algum momento do próximo século. Por outro lado, a semiquadratura de Urano e Netuno coincidiu com o caso Watergate e o reinício do conflito árabe-israelense. Nixon foi eleito quando Urano, a 200 de Libra, estava 44 graus atrás de Netuno, situado no 4° grau de Sagitário — um tenso aspecto de semiquadratura.

É importante considerar, para uma avaliação e compreensão correta de todo o processo Urano-Netuno-Plutão na atualidade, o modo como cada um destes três planetas instiga certos pontos essenciais a uma carta natal — por exemplo, o Meio-do-Céu da carta natal dos Estados Unidos a 3 graus de Libra. Netuno passou e repassou por esse grau durante a II Guerra Mundial, quando o projeto da bomba atômica revelava seu potencial de transformação mundial. Urano repetiu o trânsito quando Nixon foi eleito em 1968; e Plutão fez o mesmo durante a desastrosa campanha de 1972. Como já mencionado, o ascendente da carta natal norteamericana experimentará a tríplice onda de energia transformadora na mesma ordem; Netuno cruzando o 14° grau de Sagitário em 1976, Urano em 1984 e Plutão em 2000 ou 2001. Primeiro ocorre a *dissolução* netuniana das estruturas socioeconômicas e psicopessoais obsoletas, e a *depreciação* de ideais não mais adequados ou relevantes; em seguida, o desafio uraniano enfrenta a realidade de uma nova maneira — um desafio que com frequência a princípio exacerba temporariamente antigos desejos, temores e valores, de forma que possam surgir impiedosamente como de fato são. Por fim, Plutão retira a ilusão que envolve as velhas imagens e expõe a futilidade e feiúra

daquilo que durante tanto tempo se acreditara precioso ou sagrado. Vista sob este prisma, a chegada de Netuno ao Ascendente da carta natal norte-americana no momento do bicentenário nacional assume significado mais profundo, e de certa forma sinistro —, apesar de glorificante no fina

Para que se compreenda o mais claramente possível a atuação do tríplice processo de transformação (ou melhor, como *deveria* atuar) em determinada carta natal e na vida de modo geral, deve-se estudar as posições de Urano, Netuno e Plutão nos signos e nas Casas do zodíaco, e os aspectos que formam entre si e em relação com Saturno, Júpiter e os planetas menores. Também é possível a obtenção de outras informações considerando-se as chamadas rodas "arábicas". Essas são produzidas pela interação dos planetas transaturninos enquanto se movem ao longo de suas órbitas, e pela relação destas interações com os quatro Ângulos da carta natal — sobretudo o Ascendente, mas também, no caso de figuras públicas, o Meio-do-Céu.

Esta técnica de análise é extremamente fascinante; mas deve ser utilizada com cuidado, não lhe conferindo importância indevida, pois relaciona-se apenas com sutilezas psicológicas; contudo, de quando em vez ela é verdadeiramente reveladora. Não vamos discutir aqui a questão em profundidade, e o leitor deve consultar meu livro *O Ciclo de Luação* para um estudo das *rodas* mais freqüentemente utilizadas pelos astrólogos. Essas *rodas* são geradas pelos movimentos combinados da Lua e do Sol — particularmente a Roda da Fortuna — mas qualquer dupla de planetas movendo-se em velocidades diferentes, ou seja, cujos movimentos coordenados podem ser analisados segundo seu "ciclo de relação", produzem rodas quando suas posições no zodíaco, em constante mudança, relacionam-se com o horizonte e com o meridiano natais. Tomando-se o ciclo de relação produzido pela Lua e o Sol, a Lua é o corpo celeste mais rápido. Somando-se a longitude da Lua à do Ascendente, e subtraindo-se do total a longitude do Sol, obtém-se a longitude da Roda da Fortuna. Na conjunção da Lua e do Sol, esta roda obviamente é encontrada em conjunção com o Ascendente; na Lua Cheia

4. Enquanto escrevo estas linhas, percebo que há poucas horas houve um eclipse lunar em quadratura com Júpiter, com o Sol bastante próximo de Netuno em Sagitário (29 de novembro de 1974).

(aspecto de oposição) a Roda da Fortuna encontra-se no Descendente da carta. Considerando-se a carta natal como um modelo de referência imutável, durante um "ciclo de luação" completo com a duração de trinta dias, a Roda da Fortuna percorrerá em sentido anti-horário a primeira, segunda, terceira Casas e assim por diante, retomando ao Ascendente na próxima Lua Nova.

Contudo, em vez de somar a longitude do corpo celeste mais veloz (a Lua) ao Ascendente e subtrair deste resultado a longitude do corpo mais lento (o Sol), pode-se fazer o contrário. O que se denomina Roda do Espírito (termo extremamente inadequado e confuso) é produzida pela soma das longitudes do Ascendente e do Sol, e a subtração da longitude da Lua ao valor anterior. Esta Roda também está em conjunção com o Ascendente na Lua Nova e com o Descendente na Lua Cheia, mas move-se no sentido horário, passando sucessivamente pela décima segunda, pela décima primeira, pela décima Casa e assim por diante. Portanto, seu movimento é "retrógrado". A Roda da Fortuna é "direta"; a Roda do Espírito, "oposta".

Pode-se utilizar exatamente o mesmo procedimento com Urano e Netuno, relacionando o movimento cíclico destes dois planetas complementares com o Ascendente e com o Meio-do-Céu de uma carta natal — os outros Ângulos são menos importantes. De maneira geral, estas Rodas revelam como funciona o processo de transformação, ou como deveria funcionar, em seres humanos nascidos em qualquer fase do ciclo de relacionamento Urano-Netuno. Os nascidos pouco depois de 1821 tiveram a roda próxima ao seus Ascendentes — caso seja feito um estudo desta roda relacionada com aquele Ângulo. Os nascidos entre 1903 e 1912 tinham estas rodas na sexta ou sétima Casas, porque Urano e Netuno estavam entrando ou passando pela sua oposição. Qualquer geração específica pode ser caracterizada segundo esta técnica. Na geração *anterior* oposição Urano-Netuno, portanto com a roda na sexta Casa, a tendência a *exteriorizar* o processo de transformação através de atividades da sexta Casa (trabalho, serviço, questões de saúde, reeducação, etc.) toma-se evidente. Naqueles nascidos *após* a oposição, esta mesma tendência costuma centralizar-se no campo das relações pessoais: parceria, sociedades, problemas de cor e classe, etc. (sétima Casa).

Contudo, enquanto a roda direta "exterioriza" o efeito combinado de Urano e Netuno, a roda *retrógrada* "interioriza" tal efeito.

que significa, na maioria dos casos, que a posição da roda em uma Casa natal mostra o tipo de experiência mais provável e eficaz ao processo de transformação. Na carta dos Estados Unidos — relativa ao país inteiro como "pessoa coletiva" — esta roda encontra-se na oitava Casa (29°34' de Leão) — a Casa dos negócios (negócios enquanto realização de associações e contratos humanos) e também o do compartilhar em profundidade as experiências coletivas (ou seja, rituais, jogos de *baseball*, rituais de negócios, sentimentos grupais). Em 1776, esta roda estava próxima grande estrela Régulus, associada a poder político e de maneira geral característica da Era de Peixes. Agora que Régulus (por movimento de precessão) está a 29°27' de Leão, aproximou-se ainda mais de uma conjunção exata.

Por outro lado, a Roda Urano-Netuno *retrógrada* em geral aponta a direção na qual o indivíduo se expande e pode melhor vir a ser identificado em *consciência* (isto é, internamente) com um todo maior, e envolto com este — para melhor ou para pior. Na carta natal dos Estados Unidos, esta Roda no 26°46' de Peixes situa-se na terceira Casa — relativa ao meio ambiente e a todas as formas de comunicação, que por sua vez envolvem a habilidade e a astúcia ou esperteza na construção e utilização de tais formas. Na carta do ex-Presidente Nixon, nascido em 1913 após a oposição de Urano e Netuno, sua Roda Urano-Netuno *direta* encontra-se na Casa da sociedade e solução de conflitos (habilidade de advogado); enquanto sua Roda Urano-Netuno *retrógrada* está na Casa do trabalho, do serviço, da saúde e de crises pessoais ou de retreinamento. Em minha casa natal, a roda direta, no 20° grau de Touro, encontra-se em oposição exata com meu Urano natal real, salientando assim o caráter e destino urânico, mais enfatizado pelo fato de o meu horizonte natal ser quase idêntico ao eixo nodal de Urano (nodos heliocêntricos). A roda oposta está na sétima Casa a 7° de Câncer, isto é, conferindo importância transformadora a novos ideais da relação interpessoal.

Pelo menos em alguns casos, os Símbolos Sabeus dos graus do zodíaco nos quais ocorrem estas Rodas da Fortuna são bastante significativos. Em meu mapa, o grau da roda direta é simbolizado por "Bandos de nuvens que como asas se deslocam pelo céu — a consciência das forças espirituais exaltadas... a bênção das forças sobrenaturais"; e o símbolo para a roda oposta: "Numa clareira de fadas, enluarada, dois pequenos elfos dançam — o papel das forças invisíveis em todas as formas de vida... imaginação criativa."

Na carta de Nixon; o símbolo da roda direta (23° grau de Peixes) é o seguinte:

Um médium materializador numa sessão — a pessoa que acredita tenha uma missão ou mandato... deve comprovar essa crença. Deve produzir resultados... O que sempre exige o talento de alguma força ou valor intrinsecamente seu... a substância psíquica do médium fornece os materiais visíveis nos fenômenos, caso sejam autênticos. Depois da sessão, em geral o médium está exausto. O artifice dá de sua própria vida para o trabalho... demonstração de poder psíquico..., pode ser interpretado positiva ou negativamente, segundo os motivos que induzem o 'médium' a oferecer a sessão. (*An Astrological Mandala*, pág. 283.)

Esta passagem pode comprovar a convicção de que um dos aspectos do destino, ou carma, de Nixon consistia em revelar declaradamente o que estava errado na atual tendência à exaltação e glorificação da função executiva no governo dos Estados Unidos.

O símbolo da roda oposta de Nixon (7 graus de Peixes na sexta Casa) é o seguinte: "Neblina esconde a praia; mas, numa parte visível, repousa uma cruz." Este símbolo recebe a interpretação positiva de "bênção espiritual fortalecedora dos indivíduos que, aconteça o que acontecer, aferram-se intransigentes à sua própria verdade". Mas também pode referir-se à solidão interior do homem que carrega, como uma cruz, um ideal interior, que é incapaz de realizar simplesmente em razão de complexos intrínsecos e uma vontade crua de "auto-afirmação". (*An Astrological Mandala*.)⁵

Em outros casos, os pontos médios entre Urano e Netuno também podem ser altamente significativos — além daqueles entre Urano e Plutão, e Netuno e Plutão. Recentemente o valor dos pontos médios foi bastante ressaltado, embora em muitos casos exageradamente. Afirma-se que são "pontos sensíveis" nos quais as radiações dos dois planetas inter-relacionam-se de maneira concentrada; e se é encontrado outro planeta em tais pontos, em posição natal ou trânsito, ocorre outra combinação e ênfase. Como podem ser calculados dois pontos médios (um em oposição a outro) para cada dois planetas — ou mesmo para os ângulos - é grande o número destes pontos. Na carta de Nixon, os

5. Deve ficar claro que esses símbolos só podem ser utilizados quando se conhece o momento da primeira inspiração (ou seja, o grau exato do Ascendente).

pontos médios entre Urano e Netuno localizam-se a 2° graus de Áries e de Libra; ou seja, em quadratura com os planetas, pois estão quase em oposição. Localizam-se na oitava e segunda Casas, envolvendo questões de dinheiro e negócios — temas fundamentais a um jovem que ambiciona representar um papel dominante no todo maior que a nação (e até mesmo a humanidade) representa para ele.

Se fosse possível descobrir uma forma de, ao menos simbolicamente, sintetizar as atividades de Urano, de Netuno e de Plutão e concentrar esse resultado sobre um ponto em constante movimento, provavelmente obter-se-ia a valiosa chave do modo como todo o tríplice processo de transformação mundial expande seu potencial. Diversas possibilidades sugerem-se a si mesmas, mas eu não garantiria a validade de nenhuma delas. O mais simples e óbvio seria somar as longitudes dos três planetas e dividir o total por três. Quando os três planetas estão em conjunção exata — supondo-se que isto aconteça sempre — o ponto resultante desta operação (a qual denominarei Ponto de Transformação) recairia no grau dessa tríplice conjunção. Com a separação dos planetas, cada qual em seu próprio ritmo, a longitude zodiacal deste Ponto muda constantemente, avançando com constância, mas retrocedendo quando um dos três planetas passa da longitude 360 à longitude 1.

Logicamente, quando planetas como Júpiter e Saturno estão em conjunção com este Ponto de Transformação, devem ser obtidos resultados mais ou menos definidos — ou pelo menos a chave do significado dos acontecimentos. A posição deste Ponto numa carta natal via de regra é bastante importante como indicação do caráter global e da eficácia do processo de transformação na vida dessa pessoa. Em ambos os casos, o símbolo do grau do Ponto de Transformação é com frequência significativo. Darei alguns exemplos.

No dia do assassinato do arquiduque da Áustria, 28 de junho de 1914, que precipitou a I Guerra Mundial, Plutão estava a 0°47' de Câncer, Netuno a 27°07' de Câncer e Urano a 10°55' de Aquário. Somando estas três longitudes e dividindo o total por três, obtém-se o resultado 173°, ou 23° de Virgem — grau simbolizado por "um domador de leões". O símbolo é significativo, mesmo se o que aconteceu foi que o leão engoliu o homem que devia domá-lo! É particularmente interessante o fato de, na carta natal dos Estados Unidos, Netuno na nona Casa (diplomacia, trabalho, envolvimento externo) localizar-se nesse

mesmo grau. O Ponto de Transformação nesse dia de junho estava em quadratura com Saturno em 23°30' de Gêmeos, bastante próximo ao grau de Marte na carta dos Estados Unidos, na Casa da Guerra e das Alianças (sétima Casa).

Quando o armistício pôs fim à guerra (11 de novembro de 1918, às 5 horas em Sentis, França), o Ponto de Transformação atingira o 4° grau de Libra (Símbolo: "*Em volta da fogueira um grupo de jovens reúne-se em comunhão espiritual*": a necessidade de união com espíritos afins, ao adentrar-se caminhos ainda não trilhados... A ânsia de criar uma nova sociedade e corresponder aos novos valores... para acolher a inspiração criativa.) O ideal da Liga das Nações ajusta-se bem à posição de Libra; e, significativamente, este ponto atravessou o Meio-do-Céu da carta dos Estados Unidos durante a sua participação na guerra, inspirada pelo presidente Woodrow Wilson, em nome do grande ideal de paz e unidade mundiais; infelizmente, esse ideal foi desprezado pelas realidades políticas e econômicas da época. O presidente assinou a Declaração de Guerra a 6 de abril de 1917, quando o ponto atingia o último grau de Virgem, simbolizando o seguinte: "*Inteiramente envolvido na conclusão da tarefa imediata, o homem é cego a qualquer encanto — concentração total.*"

Em fins de outubro de 1929, à época do colapso da bolsa de valores que mergulhou os Estados Unidos na Depressão, o Ponto de Transformação encontrava-se a 4°30' de Câncer e Urano acabara de entrar em Áries, atravessando a quarta Casa da carta natal dos Estados Unidos. Saturno estava prestes a adentrar Capricórnio, em oposição ao Ponto de Transformação e em quadratura com Urano durante todo o inverno de 1930. Significativamente, o 4°30' de Câncer situa-se bem próximo ao ponto médio exato da conjunção Vênus-Júpiter na carta dos Estados Unidos, localizado na sétima Casa. Esta Casa representa todas as formas de sociedades, contratos e parcerias; e o signo de Câncer, o lar e sua segurança. Centenas de milhares de lares tiveram de ser abandonados, devido à impossibilidade de seus donos pagarem as hipotecas. O símbolo do 5° grau de Câncer ajusta-se, significativamente, à situação geral, causadora da Depressão: "*No cruzamento da estrada de ferro, um automóvel é destruído por um trem — trágicos resultados ocorrem provavelmente quando o indivíduo opõe-se imprudentemente ao poder da vontade coletiva da sociedade... reajuste cármico.*" De fato, a Depressão representou o carma coletivo de uma civilização

ocidental que, aparentemente nada aprendera com a tragédia da I Guerra Mundial.

Quando Hitler invadiu a Polônia em setembro de 1939, o Ponto de Transformação encontrava-se no 6° grau de Leão — signo do poder ditatorial — e aproximava-se do Nodo Norte da Lua no mapa dos EUA. O símbolo daquele grau mostra uma garota moderna e espalhafatosa desafiando uma senhora conservadora; e a II Guerra Mundial, com sua tecnologia avançada e a bomba atômica, de fato representou o desafio de uma sociedade futurista ao antigo sistema europeu e ao neotribalismo da ideologia nazista. Saturno entrava em Touro, em quadratura com o Ponto de Transformação, quando a Alemanha invadiu a França.

Pearl Harbor aconteceu em 7 de dezembro de 1941, aproximadamente às 8:00, quando Plutão atingira 5°35' de Leão, Netuno 29°42' de Virgem (a longitude do Ponto de Transformação quando os Estados Unidos entraram na I Guerra Mundial!), e Urano 27°38' de Touro. O Ponto de Transformação situava-se então no 11° grau de Leão, na oitava Casa da carta natal dos Estados Unidos, cujo símbolo parece menos adequado, pois refere-se a crianças dependentes de uma grande tradição para suas brincadeiras; mas em verdade a guerra já começara, e a tragédia de Pearl Harbor uniu todos os americanos em torno de sua fonte de poder nacional — e talvez a guerra continue a ser o "brinquedo" de homens ainda mentalmente infantis.

Interessante fase da inter-relação trifacetada Urano-Netuno-Plutão desenvolveu-se durante a maior parte da II Guerra Mundial, com Urano e Netuno formando aspecto de trígono em constante movimentação e Plutão movendo-se próximo ao seu ponto médio nos primeiros graus de Leão. Esta configuração começou na primavera de 1940, quando Hitler invadiu a França e quase derrotou a Inglaterra, com Netuno no final de Virgem e movendo-se para frente e para trás sobre a posição por ele ocupada em 4 de julho de 1776, na nona Casa (relações exteriores) da carta natal dos Estados Unidos. Urano atravessava o terceiro decanato (20 a 30 graus) de Touro. No dia do ataque a Pearl Harbor, Urano e Netuno ainda encontravam-se respectivamente em Virgem e Touro. Um ano mais tarde, quando a primeira reação atômica controlada ocorreu em Chicago, sob a direção do físico Fermi, Netuno passara para o 2° grau de Libra e Urano para o 2° grau de Gêmeos; formando assim um trígono exato, enquanto Plutão em Leão situava-se

próximo ao seu ponto médio e em sextil amplo com ambos. Em consequência, o Ponto de Transformação estava no 4° grau de Leão, quase em conjunção com Plutão.

Infere-se desta configuração eminentemente harmoniosa unindo os três planetas transsaturninos, que eles atuaram em íntima cooperação no processo transformador, não obstante seus efeitos drásticos no nível humano. Conclui-se também que a energia ou influência gerada por este "acordo perfeito" foi simetricamente liberada através da região do zodíaco oposta ao Ponto de Transformação, ou seja, em torno do 4° grau de Aquário. Interessante o fato de que o presidente Franklin D. Roosevelt tinha seu Vênus natal no 6° grau de Aquário e o Sol no 11°08' de Aquário. Ele tinha Plutão a 27°22' de Touro (pelo qual Urano passava enquanto o Presidente tentava preparar uma América bastante relutante para o que percebera ser uma guerra iminente) e Urano e seu Ascendente em tomo do 18° grau de Virgem (por onde Netuno transitou durante 1937-38, quando Hitler avançava na Áustria). Assim, astrológicamente falando, ele era o "homem do momento". A mesma configuração Urano-Netuno-Plutão ainda se mantinha quando a Organização das Nações Unidas tomou-se realidade oficial, após a ratificação da Rússia. Neste momento (24 de outubro de 1945), a Lua estava em conjunção com Urano, e Vênus no mesmo grau de Netuno. Júpiter encontrava-se logo à frente, em libra, prestes a transitar pelo Saturno natal dos Estados Unidos. O Sol de F. D. Roosevelt opunha-se ao ponto onde estava Plutão — uma verdadeira "coincidência"!

Quando o Presidente Nixon foi eleito em novembro de 1968, Urano cruzava o Meio-do-Céu dos EUA, e o Ponto de Transformação localizava-se no 18° grau de Libra. Acabara de atravessar o Saturno dos EUA, na décima Casa (Executiva) durante a campanha presidencial! O símbolo do 18° grau de Libra é surpreendente, com o que ocorre após Watergate: "*Dois homens presos.*" O que mostra o resultado de um "colapso no relacionamento entre o indivíduo e a sociedade" e "a imagem de *dois* homens presos sugere polarização e propósito transcendentais ao simples acesso de imprudência" ... e Nixon foi eleito duas vezes! A palavra-chave para este grau é a seguinte: "enfrentando as consequências". (Ver *An Astrological Mandala.*)

Se analisarmos o mapa de Nixon, perceberemos que o Ponto de Transformação localiza-se a 19° de Virgem, na primeira Casa e a cerca

de 6° de seu Ascendente, no 14° grau. O símbolo do 19° grau de Virgem é bastante adequado: "*Uma competição de natação*: a estimulação proveniente de esforços grupais visando o propósito espiritual... as ambições pessoais egóicas de obter vitória e ser o primeiro na verdade constituem um sinal de provável fracasso espiritual."

O Ponto de Transformação, por ocasião da posse do presidente Ford, localizava-se no 4° grau de Escorpião, simbolizado por "*um jovem carrega uma vela acesa em ritual de devoção*: o poder educativo das cerimônias que gravam as grandes imagens de uma cultura em seus participantes". Talvez um símbolo igualmente adequado para o presidente sobre cujos ombros recaiu a responsabilidade que estava pouco preparado para assumir.

Seja qual for a validade desta técnica, quando adequadamente testada, ela oferece pelo menos a possibilidade de sintetizar em um ponto a atuação trifacetada do processo transformador e evocar seu significado em momentos específicos e na carta de um indivíduo particularmente afetado pelo processo. A astrologia é rica em técnicas variadas capazes de lidar com a enorme complexidade das situações e necessidades humanas. Todo astrólogo — assim como todo psicólogo — é naturalmente atraído pelos procedimentos que se harmonizam com seu temperamento intrínseco. O caráter das formas de psicologia desenvolvidas por Freud, Adler, Jung e Assagioli torna-se claro na carta natal de cada um desses homens. As criações do homem constituem projeções do que ele é arquetipicamente. A verdade é suscetível de infinitas variações, pois deve satisfazer as necessidades específicas de todas as fases da longa evolução da humanidade, de todos os indivíduos e de todas as situações. O espírito é universal em sua essência transcendente, mas só alcança a manifestação concentrada em determinadas situações. O divino é imanente na pessoa. Atua em tudo aquilo que seja capaz de transformar o indivíduo, em seu caminho rumo à consciência aberta e mais abrangente da extensão, poder e significado da existência.

PARTE III

Um Enfoque Transfísico da Galáxia

A fim de compreender as implicações do que aqui é denominado enfoque galáctico da astrologia — e por extensão da psicologia e das diversas formas de organização social — precisamos retomar ao conceito de seqüência dialética de três grandes períodos evolutivos no desenvolvimento da consciência: o período *arcaico*, o *clássico* e o *holárquico*. Testemunhamos hoje a lenta e hesitante passagem da humanidade do estágio de consciência clássica ao holárquico; processo tão perturbador quanto o que transformou a forma de consciência e o enfoque da natureza do tipo tribal e arcaico em consciência individualista e racional, centrada na experiência-sentimento do "eu". Essa transformação está longe da aceitação universal, sobretudo em seu aspecto positivo, e vem produzindo uma divisão peculiar e trágica entre o que se considera a evolução mais elevada e mais primitiva do potencial da consciência inato a todo ser humano. As idéias expressas neste livro e em vários outros anteriores lidam com a possibilidade de solução para essa divisão, sem que seja necessário voltar à atitude arcaica do homem para com a vida e as energias biopsíquicas instintivas, atuantes no nível da biosfera.

No estado arcaico de consciência — sejam quais forem os fatos físicos e sociais existenciais com ele relacionados — o homem primitivo é envolvido por aquilo que posteriormente será denominado "Natureza". Existe dentro do útero biosférico da mãe-Terra, impulsionado pelos seus ritmos vitais, aos quais o ser psíquico do homem primitivo está tão sintonizado quanto o seu corpo físico. O homem sobrevive devido a extraordinária capacidade de adaptação proveniente de fatores físicos, tais como mãos especiais, coluna ereta e um sistema nervoso particularmente sensível. Também tem, inclusive no estágio mais

primitivo, a mente capaz de relacionar os fatos vividos ou tecer generalizações a partir desses fatos e, por meio de gestos e sons simbólicos, comunicar suas experiências a outros seres humanos. Ele é dotado — talvez exclusivamente — da habilidade de interpretar o que percebe segundo algum modelo de referência, do qual deduz um sentido de ordem.

Todo conceito de ordem origina-se da interpretação de profundo e duradouro sentimento de ordem na sucessão dos eventos experimentados, ou como compensação psíquica necessária ao que a princípio assemelha-se a uma seqüência de acontecimentos desconexa, desordenada e inexplicável. Ao defrontar-se com o que lhe pareceram duas esferas básicas de acontecimentos — os que ocorriam em uma Terra da qual só conhecia áreas pequenas e aparentemente planas, e eventos de caráter totalmente diverso, os quais ocorriam na abóbada celeste — o homem primitivo chegou à conclusão inevitável de que na verdade existiam dois mundos: o reino obscuro e sufocante das selvas, florestas ou pântanos, cheios de perigos variados, e o reino do céu, onde pontos e discos de luz se movimentavam de maneira regular e previsível, no misterioso pano de fundo constituído pelas trevas vazias do espaço celestial.

Considerando-se o que conhecemos a respeito das condições prevalentes na superfície da Terra, quando a humanidade desenvolveu um nível de consciência além do animal há alguns milhões de anos, toma-se evidente que a primeira e mais fundamental experiência-sentimento do homem foi a de quase completa subserviência à Terra-mãe e às suas energias, as quais compartilhava fisicamente. O homem sentiu o impacto e compulsão internos dessas energias vitais de maneira direta e vigorosa, sendo governado pelo seu obscuro poder. Contudo, durante a dissolução das densas névoas que circundavam a Terra plana, ou quando grupos humanos começaram a viver nos descampados das regiões semi-desérticas, por onde corriam grandes rios — o Nilo, o Eufrates, o Ganges, o rio Amarelo da China — chegou o momento em que a contemplação do céu aberto e o estudo dos movimentos celestiais assumiram importância fundamental, sobretudo no que diz respeito à agricultura e à criação de gado. Este céu tinha dois aspectos: um aspecto diurno e um noturno. O Sol dominava por completo o primeiro aspecto, enquanto o último revelava os movimentos da Lua e das estrelas. Algumas dessas estrelas tomaram-se conhecidas como "planetas" (significando errantes) devido a seus movimentos errantes; outras foram

chamadas "fixas", não devido a ausência de movimento noturno ou sazonal, mas porque mantinham distâncias fixas entre si.

Como o Sol parecia constituir a fonte de calor e luz capaz de fazer surgir no solo a colheita, no milagre anual do renascimento da vegetação, tomou-se a figura central do universo celeste. Concomitantemente, o homem assumia papel cada vez mais predominante na vida tribal, não apenas por sua força muscular, mas devido a sua habilidade em descobrir novas formas de vida, novos processos na agricultura e na guerra. Tais aquisições muito provavelmente fizeram com que alguns homens especialmente talentosos se sentissem superiores e diferentes. Tal superioridade e diferença foram a princípio interpretadas como uma capacidade "especial" de comunicação, seja com as energias vitais da Terra-mãe, seja com deuses celestiais — ou (em algumas sociedades) considerando-os descendentes diretos de deuses encarnados muito tempo atrás como homens.

Por fim, com o Sol adorado como senhor do céu e "Pai" dos deuses celestiais, que passaram a ser relacionados com o trajeto por ele percorrido anualmente em sua travessia do céu, o zodíaco, desenvolveu-se o conceito de "herói solar". O herói solar era um homem que se tornara semelhante ao Sol, em sua vida e seus feitos. Assim como o Sol era o centro de todas as atividades relativas ao aspecto consciente da vida — o período do dia — o homem radiante e criativo podia sentir-se semelhante a um Sol em sua comunidade, venerado por outros enquanto centro das atividades diurnas de seu universo social. Detinha um papel único; era o "um e único" Sol — ao menos enquanto vivesse. Assumia o papel de Pai da tribo que salvara do desastre. De governante patriarcal da pequena tribo, acabou por tomar-se rei, semelhante a um deus, em tomo do qual gravitava uma sociedade complexa e sua cultura. Por fim, os privilégios anteriormente reservados ao herói ou rei solar passaram a ser considerados direito inato a todo homem. "Todo homem é rei" era o lema político de famoso demagogo americano. O homem tribal fora transformado em indivíduo, teoricamente responsável, automotivado e centrado pela consciência em tomo a um "Soberano interior".

Este processo de individualização simboliza a disseminação do conceito de centralidade. Tal conceito assumiu inúmeras formas religiosas, psicológicas, sociais. No Oriente, foi simbolizado e retratado pela mandala. Mas a mandala enquanto símbolo da integração humana

pode ser relacionada com a idéia de rei universal, *Chakravartin*, o monarca ideal diante do qual todos os reis menores devem inclinar-se, e para o qual a humanidade constituía uma ampla mandala cujo centro vitorioso, integrador e perfeitamente justo era representado por ele.¹ O enfoque clássico da existência e do universo baseia-se neste conceito, expressando-se no sistema heliocêntrico — um Sol central radiante em tomo do qual gira um grupo de planetas sombrios, refletindo o melhor que podem seu multifário poder.

O desenvolvimento de um sistema heliocêntrico e do individualismo no mundo ocidental constituíram processos sincrônicos, possibilitados por uma evolução específica da mente. As faculdades intelectuais de observação e análise, bem como uma certa inventividade e habilidade foram necessárias ao estabelecimento de um modelo heliocêntrico claro e convincente do universo. Da mesma maneira, houve a necessidade de uma mente ativa e de uma linguagem particular por ela elaborada, a fim de formular, justificar e generalizar as primeiras intuições (ou sentimento-experiências) da existência em nós de um *self* centralizado e sustentador, com o qual relacionava-se toda sensação, sentimento e pensamento.

Ao se falar de "centro", afloram novos problemas: Qual a natureza da essência do círculo implícito na idéia de centro? Que tipo de centro é esse? O eixo de uma roda também é um centro mas, de certa forma, refere-se ao espaço vazio. Por outro lado, segundo a teoria heliocêntrica, o centro do sistema solar é uma enorme massa de energia-matéria, que reduz a dimensão dos demais componentes do sistema. Ao contrário das massas solares centrais, estes componentes são globos de matéria sombria. Assim, esse modelo do sistema solar pode ser utilizado simbolicamente a fim de caracterizar e inconscientemente justificar grupos de entidades, nos quais a entidade central detém a maior parte do poder do grupo, irradiando-o sobre os demais, destituídos de força e totalmente sujeitos à atração do centro compacto e incandescente. Traduzido na linguagem da organização social, o sistema heliocêntrico justifica qualquer agrupamento totalitário, conquanto implique ser o indivíduo central um autocrata paternalista beneficente!

1. Ver *Philosophies of India*, de Heinrich Zimmer (Nova York: Meridian Books), págs. 127-139.

O leitor poderia alegar que o sistema solar na verdade constitui o que o astrônomo moderno mostrou após uma variedade de medidas cuidadosas! Contudo, tal objeção não procede, pois este modelo astronômico deve sua existência ao astrônomo, ser humano dotado de sentidos especiais, cuja mente é capaz de inventar um tipo particular de instrumento material que possa fornecer determinados dados, os quais serão por ele sistematizados segundo determinadas suposições ou postulados básicos. Todo ser humano defronta-se com um universo correspondente a sua necessidade, enquanto sistema organizado de consciência e energia material em evolução. A Revolução Copernicana ocorreu no exato instante em que o homem do Renascimento desenvolvia uma nova forma de auto-afirmação individualista, e grandes agrupamentos humanos eram impiedosamente organizados em estados nacionais, dominados por reis poderosos e possuidores, graças ao "direito divino", de todo o país que governavam autocraticamente.

Por isso, denominei a esse estágio evolutivo da consciência humana de período clássico, dominado por conceitos gêmeos: centralismo e nacionalidade. Tais conceitos desenvolveram-se supostamente durante o período clássico da cultura grega, há cerca de vinte e cinco séculos, com prováveis antecedentes na efêmera reforma do faraó egípcio Akhenaton, e na igualmente efêmera experiência de Moisés, cuja visão inicial de Deus como "Eu sou o que sou", ao que parece prontamente modificada a fim de ajustar-se às condições tribais que a visão não podia suplantar (assim como o sonho de paz mundial através da união internacional de Woodrow Wilson não pôde suplantar os antigos modelos de soberania nacional e orgulho cultural).

Com muito poucas exceções, centralização ainda significa para as mentes humanas a concentração de poder no centro; e tal concentração de poder no nível sócio-político (ou no nível psicológico da vontade) na maioria dos casos produz resultados drásticos e via de regra trágicos. Quanto ao conceito de "nacionalidade", em geral relaciona-se com o tipo de lógica aristotélica, baseada no princípio da exclusão (dois objetos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo local no espaço) e na premissa de que as leis de nosso universo material são aplicadas em qualquer local, a qualquer momento, independentemente do observador. Determinados aspectos destes dois princípios foram posteriormente desenvolvidos por pensadores europeus, do século XV ao XX. Contudo, recentemente, novos conceitos passaram a solapar as antigas

premissas ou paradigmas. Ainda assim, a estrutura intelectual por eles produzida não perdeu sua autoridade, pelo simples fato de ainda ser necessário aos seres humanos, levando ao extremo, segundo linhas materialistas, o conceito de individualismo e direitos individuais.

Estou tentando substituir neste livro o conceito de centralidade, pela introdução de um novo conceito, o de *galacticidade*. Adequadamente definido em termos de uma verdadeira quarta dimensão cuja tônica (como já afirmamos) é a *interpretação*, este novo conceito também transformaria o característico racionalismo produzido por nossa civilização ocidental. Por que o termo "galacticidade"? Porque o modelo emergente da Galáxia, se interpretado de modo diferente, pode fornecer-nos uma representação celeste simbolizando a organização humana que também começa a emergir na consciência de alguns pensadores verdadeiramente criativos e futuristas assim como o modelo do sistema heliocêntrico forneceu às culturas clássicas um símbolo apropriado das *possibilidades mais elevadas* de uma organização religiosa e sócio-política-cultural de tipo paternalista e totalitário.

Como já foi demonstrado, a transição do centralismo à galacticidade poderá ser efetuada através da percepção de que nosso Sol é também um dos bilhões de estrelas da Galáxia. Esta é a percepção-chave. Quando o orgulho e o sentimento possessivo de "ser eu" do homem — sentimento que busca perpetuar-se e reproduzir-se por quaisquer meios disponíveis — der lugar à percepção de que este "Eu" não passa de uma das inúmeras partes componentes dentro do "todo maior" da humanidade; quando a consciência humana passar a funcionar segundo os conceitos relativos à "luz", em vez de utilizar os valores materiais associados à existência nos planetas sombrios — então a transição poderá ser concluída com sucesso. A consciência humana se deslocará da esfera tridimensional de materialismo planetário ao espaço quadridimensional, no qual todos os centros de luz se interpenetram. E levará a um verdadeiro estágio holístico e hierárquico (ou seja, "holárquico") da evolução humana.

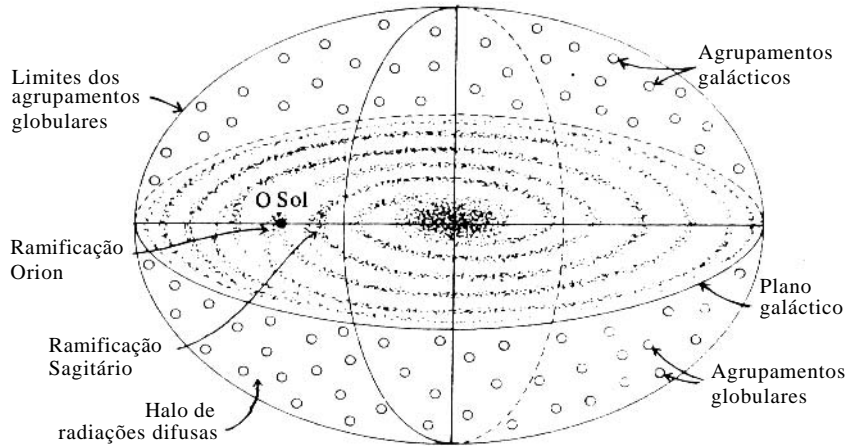
A astronomia moderna até o momento pouco conhece a respeito da constituição da Galáxia como um todo. As estrelas maiores, vistas a olho nu, estão relativamente próximas ao nosso sistema solar, segundo as distâncias astronômicas. Nuvens de matéria sombria aparentemente ocultam aos nossos olhos o núcleo da Galáxia, que se

localiza na direção da constelação de Sagitário. O centro galáctico, interpretado em termos de longitude geocêntrica, localiza-se atualmente a 26°30' de Sagitário. Entretanto, os astrônomos inferiram, por meio de longas e minuciosas observações, que a Galáxia é um sistema em espiral de estrelas e de grupos de estrelas. Também contém vastas "nuvens" de hidrogênio e diversas outras substâncias dispersas pelo imenso campo de atividades que abrange. Essa espiral galáctica aparentemente possui cinco ramificações (número expressivo em vista do significado arquetípico do número 5, relativo aos processos mental-espirituais) e o sistema solar situa-se na extremidade interna da ramificação Órion, terceira a partir do ângulo da Galáxia. O Sol encontra-se a aproximadamente 27 mil ou mais *anos-luz* do centro da Galáxia (um ano-luz corresponde, em termos de distância, a cerca de 5,8 trilhões de milhas). O diâmetro de toda a Galáxia é estimado hoje em mais de 100 mil anos-luz; e o Sol parece girar em torno do "centro" galáctico — seja ele qual for — durante 200 milhões de nossos anos terrestres, embora o trajeto exato percorrido por ele ainda não esteja determinado. O Sol move-se em direção à constelação Hércules; e seu movimento atualmente aponta, em longitude celeste geocêntrica, um ponto no 2°06' de Capricórnio.²

A partir de sua posição específica no interior da Galáxia e distante do centro, é extremamente difícil para o homem fazer uma imagem clara dessa ampla totalidade cósmica, da qual nosso sistema solar é uma pequena parte. Podemos apenas perceber, com certa distinção, o que existe no âmbito relativamente reduzido do todo em que, concretamente, "vivemos, movimentamo-nos e temos nosso ser". O desenho na página seguinte fornece uma idéia geral da estrutura da Galáxia, segundo conseguimos imaginá-la atualmente. Conhecemos da Galáxia apenas uma pequena área em torno do Sol. A estrela mais próxima de nosso sistema solar, Alfa Centauro, encontra-se a 4 anos-luz (mais de 25 trilhões de milhas) de distância.

A forma espiralada de nossa Galáxia não é a única ocorrência no cosmos. Deve haver em nosso universo bilhões de sistemas estelares, também confusamente denominados galáxias, conquanto a palavra "Galáxia" (que significa literalmente "Via Láctea") deve ser reservada ao

2. Ver *Cosmic Cybernetics*, do dr. Theodor Landscheidt (Aalen, Alemanha, 1973).



Visão em Perspectiva da Galáxia
 O "Ovo Áurico" da Galáxia

Nosso Sol situa-se na terceira ramificação, a cerca de 30 mil anos-luz do centro
 (Ramificação Orion)

Astronomy, de Donald H. Menzel (Nova York: Random House, pág. 255)

"universo-ilha" do qual nosso sistema solar faz parte. Uma delas, a galáxia Andrômeda, é maior do que a nossa, e sua localização oferece-nos um quadro belíssimo da estrutura geral, a qual presumivelmente assemelha-se à nossa. Supõe-se que sua distância de nós vá de 1.600.000 a 2.500.000 anos-luz; mas hoje conseguimos detectar a presença de sistemas estelares a uma distância pelo menos duzentas vezes maior.

Sistemas estelares formam o que os astrônomos denominam "agrupamentos". Nossa Galáxia faz parte de um pequeno agrupamento de dezessete sistemas estelares como estes — a Galáxia e o sistema Andrômeda dispõem-se diametralmente opostos dentro do espaço elíptico cujo apside mais longo deve ter uma extensão correspondente a 2 milhões de anos-luz ou mais. Foram descobertos agrupamentos muito mais "povoados", de talvez mil membros, dentro dos diversos setores do céu, mas incrivelmente mais distantes do que as estrelas via de regra associadas às constelações tradicionais. Um agrupamento na constelação da Ursa Maior encontra-se a uma distância de 700 milhões de anos-luz, e estão sendo descobertas outras mais distantes.

Essas distâncias são inimagináveis; são concebidas apenas enquanto abstrações numéricas. E verdade que podem ser reduzidas a uma dimensão mais compreensível, e todos os livros que tentam popularizar as recentes descobertas astronômicas fazem isso, mas tal procedimento não soluciona o problema real, qual seja: o que queremos dizer com distância? Em outras palavras, a questão toma-se ainda mais significativa: O que é espaço?

Em meu livro *The Planetarization of Consciousness*,³ afirmei que só podemos compreender verdadeiramente o espaço em termos de relação. O conceito de espaço origina-se da real experiência de relação. Dois objetos em relação parecem existir no espaço, pois encontram-se a alguma distância um do outro. Daí o princípio de exclusão na lógica clássica afirmar que dois objetos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço. Se dois objetos físicos coexistem, deve haver espaço entre eles, conquanto a distância possa ser infinitesimal. Um espaço extremamente amplo alberga um número infinito de relações. De modo contrário, caso não exista relação — isto é, se o universo encontrar-se em estado de absoluta unidade ("Um sem um

3. Publicado em 1971, e agora em brochura (Harper and Row, Nova York).

segundo", como o Vedanta Hindu descreve Brahman) — o espaço reduz-se ao ponto matemático, um ponto sem dimensão.

Portanto, deve-se pensar no espaço como se oscilasse entre um estado limitado de extensão infinita e outro de não-dimensionalidade, o ponto matemático. Teoricamente, nenhum dos dois estados pode ser atingido; como na filosofia chinesa, o Yang jamais sobrepuja o Yin; nem o Yin sobrepuja o Yang. Contudo, isto não significa que o espaço seja a expressão de uma única forma de relação. Aqui aplica-se o conceito de multidimensionalidade. O espaço unidimensional implica um determinado tipo de relação — isto é, relações lineares. O espaço bidimensional implica relações de comprimento e largura; o espaço tridimensional é o tipo de relação que na nossa interpretação ocorre entre objetos, pessoas e outras entidades *fisicamente materiais*. Um verdadeiro espaço quadridimensional implicaria relações que associariam entidades existentes no estado transfísico de materialidade. Neste estado, todas as entidades essencialmente "se interpenetram".

O conceito de interpenetração pode ser ilustrado de diversas formas. Pense na experiência de ouvir música tocada por uma orquestra sinfônica cujos músicos não estão à vista. Se, como musicistas treinados, sabemos que os sons dos vários instrumentos originam-se de fontes fisicamente distintas — ou seja, existentes no espaço físico — podemos identificar os tons de trompetes, violinos, flautas ou tímpanos. Entretanto, o que nossos ouvidos de fato percebem é uma série de sons complexos. Em qualquer instante da apresentação, um único som chega ao centro do auditório, complexo como deve ser esse som. É um tom composto no qual inúmeras ondas sonoras — de sons básicos, harmônicos ou cadenciados — misturam-se em uma sensação unificada. Em outras palavras, os sons produzidos pelos diversos instrumentos da orquestra interpenetram-se. Relacionam-se com um estado quadridimensional no qual, ao ouvido que escuta, não existe distância em termos de *extensão física*. A sensação de distância na consciência do ouvinte, deve-se ao efeito estereofônico produzido pelo fato de possuir dois ouvidos, ou porque aprendeu intelectualmente a distinguir as diferentes qualidades dos componentes dos sons compostos que escuta.

Um cientista-filósofo, Donald Hatch Andrews, escreveu alguns anos atrás em livro intitulado *A Sinfonia da Vida (The Symphony of Life)*, Lee Summit Mo: Unity Books, 1966), o seguinte: "O universo

é composto não apenas de matéria, nus de música"; e o grande físico Erwin Schrödinger concluiu sua pequena obra frequentemente citada, *O que é a Vida?* com a ousada declaração de que o que conhecemos do universo confere-lhe o caráter mental, em vez de o que tradicionalmente conhecemos como matéria. Schrödinger também enfatiza o fato de que aquilo que de fato observamos é "forma" (Gestalt) e o "hábito da linguagem comum ilude-nos quando nos faz acreditar que a forma deve ser o molde ou forma de *alguma coisa*" e que "é necessário um substrato material para que exista a forma" (*Science and Humanism*, Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1957, pág. 21).

Prosseguindo nesta linha de pensamento, não poderíamos afirmar que espaço é relação ou, para ser mais exato, o estado de relacionamento; e que não precisamos pensar em "entidades" em relação com "espaço"? Ao contrário, *é o espaço que, vibrando, produz o que para nossa consciência assemelha-se a entidades*. Tais entidades — incluindo os seres humanos, com seu sentimento de centralidade e individualidade — são o resultado de interferências produzidas pela influência recíproca de "vibrações espaciais". Assim, pode-se considerar as entidades materiais não como "coisas" que vibram "no" espaço, mas produtos do próprio estado vibratório altamente complexo. Como a ir fluência dessas vibrações espaciais ocorrem em vários níveis vibratórios — cada qual relativo a um modo característico de relação — em geral falamos de três níveis ou formas fundamentais de relação, as quais denominamos matéria, mente e espírito. Matéria, mente e espírito são as três formas mais características de existência, tradicionalmente concebidas pela consciência humana. Possivelmente o homem só consiga imaginar essas três formas essenciais, conquanto suas manifestações sejam extremamente variadas.

Costuma-se afirmar que a arquitetura é música congelada. No mesmo sentido, pode-se dizer que a matéria é a mente "congelada". Sob um de seus principais aspectos, a mente é (orientada para a) matéria; está próxima de seu ponto de congelamento. Sob outro aspecto, é (orientada para o) espírito e chega ao estado de incandescência ou, como afirma-se tradicionalmente, "iluminação". Para a consciência humana, o espírito manifesta-se como luz. Luz é a forma de vibração do espaço, e para a consciência humana representa ou simboliza *o estado de relacionamento que denominamos espírito*.

O espírito é o estado de "relação perfeita".⁴ A consciência iluminada pelo espírito "vê" todo o universo como Harmonia abrangente — como um Acorde perfeito, no qual estão contidas todas as vibrações. Nesse Acorde, o espaço é "preenchido" como um *pleroma* de vibrações. Também a plenitude da consciência, pois consciência é outro termo para relação. Onde existe relacionamento, existe também a consciência; e como existem níveis de relação, existem também níveis de consciência — material, mental e espiritual.

Da mesma maneira, devemos pensar em "forma" segundo três níveis de existência ou percepção: em termos de *matéria* (corpos materiais); de *mente* ("conceitos" que constituem abstrações de dados das experiências do mundo da matéria, e "idéias" que refletem as condições prevalentes no nível do espírito-relação); e de *espírito* — o princípio da forma a nível do espírito, que atua segundo o que a consciência humana denomina Arquétipos, Números, Idéias platônicas, etc.

O leitor talvez considere a passagem anterior uma especulação puramente metafísica. Contudo, qualquer cultura se baseia nessas idéias metafísicas. Não pode haver transformação radical das idéias há muito arraigadas nem dos modelos mentais ou sentimentos básicos — como o de constituir um "Eu" distinto, auto-suficiente e irredutível — sem o surgimento de novos conceitos metafísicos no interior da consciência espiritualmente iluminada. Eles surgem como profundas percepções intuitivas da *necessidade* imperativa de transcender o modelo institucionalizado da mentalidade coletiva característica de uma sociedade que chegou à fase outonal de desintegração. Essas intuições, ou idéias-semente, devem receber uma formulação mental consistente e — ao menos para as mentes abertas e ansiosas por nova luz — convincentes. Todas as novas teorias cosmológicas da moderna astrofísica constituem basicamente formulações metafísicas, conquanto baseiem-se, via de regra, de forma precária e vagamente, em "fatos" revelados pelos nossos instrumentos, ainda mais complexos e que vêm de longe. A era científica precisa hoje de uma formulação transfísica mais do que estritamente metafísica.

4. A filosofia tântrica hindu refere-se à realização máxima do homem como "Experiência da Perfeição" — em sânscrito, *Purna* (ver os conhecidos livros de Sri Woodruff sobre Tantra).

A própria astrologia não tem nenhum significado realmente válido, exceto enquanto aplicação prática de uma metafísica implícita. Infelizmente, o astrólogo é tão desconhecedor ou desinteressado em relação a esse alicerce metafísico quanto o técnico de nível superior o é no que respeita aos conceitos metafísicos dos filósofos científicos e do novo grupo de "filósofos da ciência". Até mesmo os astrólogos sérios, ansiosos por ajudar seus clientes, com frequência não chegam a preocupar-se realmente com o verdadeiro significado da astrologia, o por que funciona e como sua utilização pode afetar psicologicamente os que a ela recorrem. Novamente, não diferem dos tecnólogos interessados em tomar suas invenções cada vez mais eficazes, sem grande preocupação com o uso que a sociedade fará delas — até mesmo quando se torna evidente que, no atual estado em que se encontra a sociedade, a invenção será usada com fins destrutivos.

Como na maior parte dos casos a astrologia tradicional trata de acontecimentos concernentes relação entre seres humanos atuantes no meio ambiente material, ela opera no nível em que os planetas se movem como massas de matéria sombrias e sólidas, dentro do que imaginamos como um sistema heliocêntrico. Até mesmo o Sol central, neste nível, é visto como um aglomerado de matéria com calor extremo, o que o torna fonte de intensas radiações. Tais radiações são interpretadas como "partículas" (fótons), conquanto também pareçam, ambigualmente, comportar-se como "ondas". Essa ambivalência pode relacionar-se com o caráter duplo de "Sol" e "estrela".

Esse dualismo fornece-nos a chave simbólica para uma clara compreensão da possibilidade de mudar nossa consciência, da realidade em nível de *materialidade centralizada* à de *galacticidade*. Simbolicamente mostra-nos qual o próximo passo neste processo de transcendência (não estou usando o termo *transcendência* em sentido absoluto — como quando o filósofo cristão fala de Deus como o "Outro absoluto" e estabelece uma separação absoluta entre Deus, o Criador e o homem, a criatura — mas apenas com o significado de "ultrapassar" as limitações do estado de *fisicalidade* há muito aceito, entretanto não mais exclusivo).

Parece lógico e até mesmo inevitável associar simbolicamente o nível transfísico de consciência ao conceito de galacticidade, porque a Galáxia hoje desafia a mente humana em sua capacidade de imaginação cósmica. Mas tal desafio não é defrontado quando consideramos

as estrelas galácticas da mesma forma materialista (ao menos relativamente) como a astronomia imagina nosso Sol. As duas condições de "Sol" e "estrela" não devem ser consideradas por nossas mentes como existentes em mesmo nível. Quando a mente humana é hipnotizada pelo caráter físico de seu ambiente planetário sombrio e opaco, só consegue imaginar o Sol como uma massa física de matéria extremamente quente, cujo poder resulta de reações nucleares que parecemos capazes de duplicar.

Se insistirmos em permanecer no nível dos planetas sombrios que necessitam de uma fonte central de energia cósmica, poderemos considerar "verdadeiro" tal modelo astrofísico — ou melhor, adequado e válido. Contudo, devemos aceitar pelo menos a possibilidade do Sol, enquanto estrela participante da vasta totalidade da Galáxia, atuar em outro nível de existência, onde a matéria física toma-se *transsubstanciada* em música e mente. Os fundamentos para essa transsubstanciação encontra-se no conceito de espaço esboçado, em termos mais simples, nas páginas precedentes.

A Galáxia, segundo este modelo transfísico, é concebida como um pleroma de formas luminosas produzidas pela ação recíproca das vibrações espaciais. As estrelas são "filhas" do próprio espaço, quando visto rodopiando. São condensações de luz espacial — ou espiritual — na *relação formal* que estabelecem entre si. É uma *relação formal* que, na minha opinião, não obedece aos princípios de centralidade e nacionalidade ou exclusão. Com isto quero dizer que o centro galáctico não é ocupado por uma enorme massa de matéria semelhante a um super-Sol, mas é melhor comparada com o eixo de uma roda. No âmago galáctico, a força cósmica que em nosso universo físico de planetas sombrios denominamos gravidade — ou seu análogo galáctico — deve ser condensada ou concentrada. Nesse âmago, o qual pode constituir o que recentemente os astrônomos consideraram um "buraco branco", o espírito aflora, proveniente de uma dimensão mais elevada ou possivelmente de outro universo.

Isto não significa que o modelo provisório da Galáxia e dos agrupamentos de diversos tipos de sistemas estelares galácticos, esboçado pelos astrônomos, não seja válido. Tal interpretação é feita a partir do que percebem ao analisar cuidadosamente as diferentes evidências de seus instrumentos. Entretanto, também *podemos interpretar* os fatos como referentes ao *reflexo materializado* de "formas de relação vibratória".

as quais no nível galáctico possuem um caráter que transcende a natureza dos relacionamentos entre cada entidade física observada em nosso nível de existência planetária terrestre.

Provavelmente argumentar-se-á que, se nossa consciência não é capaz de atuar no nível de "galacticidade", é inútil pensarmos segundo termos fundamentalmente estranhos nossa consciência da "materialidade"; mas se esta objeção fosse válida, não teria sentido os homens proclamarem *ideais* determinantes, assim esperamos, em nossa vida individual ou coletiva. Neste caso, nenhum credo religioso faria sentido.

O homem primitivo interpretava as estrelas como os corpos radiantes dos deuses. Os cientistas modernos consideram-nas enormes massas de matéria em estado de plasma, no interior das quais ocorrem reações químico-atômicas inimaginavelmente poderosas. Cada modelo ajusta-se ao nível específico da consciência coletiva de homens que o consideram "verdadeiro". Cada modelo é adequado em termos da *necessidade* humana coletiva, à qual busca corresponder. Em uma cultura clássica (sobretudo a cultura européia clássica), homens cuja mentalidade coletiva durante muito tempo fora profundamente condicionada por dogmas religiosos baseados em suposta revelação divina, reagiam a tal condicionamento desenvolvendo uma mentalidade mais analítica, objetiva ou empírica. A natureza dessa mente tornou-a especialmente apta a lidar com o mundo em termos de "materialidade". Também produziu, ou foi relacionada no homem, com um sentimento profundo e instigante de "centralidade". Em conseqüência, o homem cada vez mais passou a atuar segundo impulsos egocêntricos por ele socialmente idealizados como direitos inatos, e justificados como evidência de um centro "divino" imanente, teoricamente capaz de governar os elementos desiguais da personalidade dilacerada entre poderosos instintos biofísicos (ou estímulos psíquicos) e resqúcios de suas crenças religiosas em deuses ou em um Deus. Tal é, ainda hoje, a situação do homem, afora exemplos relativamente raros.

Idealizações, racionalizações e justificativas transcendentais pertencem à esfera dos "mitos"; e mitos são essenciais ao desenvolvimento da consciência humana, assim como utopias são indispensáveis ao crescimento da consciência social do homem. A humanidade só pode transformar-se naquilo que uns poucos visionários imaginaram, no que apresentaram como ideais fascinantes impregnados de carisma e talvez,

ao menos em alguns casos, o que as vidas destes homens demonstraram ser possível "aqui e agora".

Precisamos reconsiderar grande parte do que os astrofísicos apresentam como fatos à luz das afirmativas precedentes. São fatos segundo nossa crença na fisicalidade do reino estelar; mas fatos relativos apenas aos eventos externos que os sentidos materiais limitados conseguem perceber diretamente ou com a ajuda de nossos instrumentos. Como o homem possui uma necessidade intrínseca de ordem, enquanto base para o sentido de segurança, nossas mentes, obcecadas pelo conceito de materialidade física e ansiosas por perceber entidades a partir do que observam, constroem um modelo cósmico de ordem baseado em "constantes" cósmicas. A velocidade da luz, a força da gravidade, a velocidade de alguns processos atômicos, o deslocamento para o vermelho no espectro luminoso de sistemas estelares distantes,⁵ são algumas destas constantes. Acreditamos nesta constância no espaço universal e em qualquer tempo concebível. Tal crença sem dúvida constitui um "mito"; o que não significa, repito, que não seja "verdade", relativamente a nosso presente nível de consciência. Significa apenas que tal crença representa um ideal que, em nosso atual estágio evolutivo, a maior parte dos seres humanos é obrigada a aceitar como válida e necessária, para que se sintam em segurança. Qualquer conceito que perturba esta crença ameaça nosso senso de segurança – de "lei e ordem" universais – sendo de pronto denominado irracional e revolucionário.

Infelizmente para o senso de segurança do homem moderno, a ciência na qual a mentalidade ocidental depositou toda sua fé, com o colapso do antigo sistema medieval de verdades religiosas, produziu um modelo do universo cada vez mais perturbador, pois parece expandir nosso mundo de maneira crescente e inimaginável, tanto no âmbito do

5. Com o aumento da distância entre um objeto em movimento acelerado e o observador, a frequência das vibrações sonoras ou luminosas emitidas por este objeto parece decrescer. Se analisarmos o espectro da luz de uma estrela afastando-se de nós, descobriremos que as características de uns poucos elementos químicos típicos (por exemplo o hidrogênio) — em comparação àqueles provenientes da luminosidade de fonte laboratorial conhecida — são transferidos em direção à extremidade vermelha de frequência mais baixa do espectro. A isto denomina-se deslocamento para o vermelho. Quanto maior a velocidade da estrela que se afasta, mais distante ela está de nós.

infinitamente pequeno quanto no infinitamente grande. Será que estas infinitudes não resultam do fato de, uma vez abandonada a esfera da materialidade planetária e da centralidade solar, não mais podermos conceituar significativamente nossos dados observados anteriormente segundo as constantes universais nas quais ainda nos obstinamos a crer? Será que, se pudéssemos atuar no que denomino nível galáctico, não deixaríamos de lidar com distâncias infinitamente amplas, no espaço da fisicalidade, porque então passaríamos a pensar e atuar no espaço de galacticidade — e também no tempo galáctico, tempo do Todo maior do qual somos simples totalidades existenciais extremamente pequenas?

"Será assim?" Naturalmente trata-se de hipóteses; não podemos ter certeza, exceto se, de alguma maneira, a consciência do homem conseguir aflorar no plano do ser galáctico, ou pelo menos ressonar (ou refletir) a consciência associada ao modelo de relação que constitui a existência galáctica. Caso seja possível tal hipótese atuar como fator de incentivo ao nosso prosseguimento, de maneira mais consistente e segura, no Caminho que, após inúmeras transformações radicais, nos levará ao nível galáctico de consciência, ela se tomará um mito. Esta hipótese fascina nossas mentes, compelindo a consciência a expandir-se além da esfera da fisicalidade para o espaço quadridimensional da galacticidade, das trevas planetárias para a radiância da luz estelar.

Este é um mito, assim como a crença humana em deuses — ou em Deus; contudo, tal mito foi e ainda é indispensável, pois impulsiona os seres humanos à transcendência via de regra heróica de suas limitações físicas e egos saturninos. Assim, o homem percebe sua natureza essencial enquanto ser humano. Estou tentando mostrar neste livro que a humanidade atual, ao que parece, necessita desse mito galáctico; e a popularidade e extraordinária expansão da astrologia, não, obstante em seu nível de validade mais inferior, atesta a existência de tal necessidade. Se conseguirmos perceber qual é a necessidade; se pudermos satisfazê-la por meio da análise convincente daquilo que a consciência humana deve transcender — os conceitos de fisicalidade, centralidade, nacionalidade, liberdade e igualdade segundo interpretação egocêntrica — então os fatos revelados pelos astrofísicos poderão ser a tal ponto transfigurados e transsubstanciados que surgirá a partir daí um modelo inspirado da Galáxia. Tal modelo, evocado pela

faculdade imaginativa de alguns videntes e "imartífices",⁶ inspirará as novas gerações a atingir uma transformação radical da consciência e da sociedade.

6. A palavra "imartífice" — combinado de "imagem" e artífice» — foi cunhada durante a II Guerra Mundial por um perspicaz jornalista californiano, cujo nome esqueci.

As Relações Transpessoais e a Comunidade Galáctica

Talvez seja impossível, tomando-se como base os meios físicos de que dispõem os astrônomos, determinar com exatidão que tipo de matéria constitui o convexo centro de nossa Galáxia. Contudo, vastas "nuvens" de hidrogênio foram detectadas e provavelmente muito pouca coisa mais. Se adicionarmos a isto o fato de que o hidrogênio, e uma quantidade menor de hélio, constituem praticamente 99% da matéria universal que conseguimos perceber — divididos o restante 1% entre elementos atômicos e químicos mais pesados — poderemos chegar a uma conclusão significativa.

O hidrogênio é o elemento mais leve, com átomos constituídos de um próton e um elétron; e aceitemos nós a teoria do *Big Bang*, ou o conceito de Estado Estável ou uma combinação de ambos, o hidrogênio continua a ser a primeira forma de matéria (segundo nosso sentido do termo) a surgir no processo da "criação". O hélio é o segundo na série de elementos atômicos, pois seus átomos são constituídos de dois prótons e dois nêutrons (formando o núcleo) e dois elétrons. No estado plasmático da matéria (o quarto estado, após o sólido, o líquido e o gasoso) e sob temperaturas extremamente elevadas, o hidrogênio (número 1) transforma-se em hélio (número 2), e durante o processo enorme quantidade de energia é liberada na forma de raios gama e neutrinos penetrantes — estas misteriosas "entidades" subatômicas que percorrem em alta velocidade a matéria dos planetas sólidos como se esta não oferecesse obstáculo.

Portanto, podemos afirmar que nos primórdios de nosso universo material surgiu o hidrogênio, proveniente de algum estado pré-material desconhecido e talvez incognoscível, o qual podemos identificar simplesmente como o próprio Espaço — ou uma dimensão mais

elevada do espaço. O hidrogênio pode ser formado repentinamente em uma terrível explosão de protomateria – o *ylem* postulado pelo cosmólogo-físico, George Gamow, ao interpretar a teoria do Big Bang antecipada pelo abade Lemaître. Também pode emergir periodicamente do espaço, sendo o local deste surgimento o núcleo das galáxias.

Seja qual for a causa – e ambas as teorias são reconciliáveis – parece certa a primordialidade do hidrogênio; e se é possível afirmar que o mundo físico representa um *reflexo* da realidade espiritual do cosmos, o hidrogênio, por direito inato, deve ser considerado símbolo do espírito em sua fonte. A distribuição universal do hidrogênio é paralela à "presença" imanente e onipresente, se não do Espírito Supremo ao menos de sua manifestação na esfera da materialidade.

Em nossa Terra, dois átomos de hidrogênio combinam-se com um de oxigênio para formar a água (H₂O). A água é necessária para o que conhecemos como vida; e na atmosfera, o oxigênio (16º elemento) sustenta os processos vitais. O oxigênio também se relaciona com as transformações orgânicas e com o ciclo vida-morte-vida. Mas enquanto o oxigênio é essencial à *vida*, o hidrogênio é a base de operações do *espírito*, cuja atividade na matéria simboliza.

Embora tais afirmativas sejam demonstráveis mítica e não factualmente, são corroboradas secretamente por H.P. Blavatsky em sua grande obra *A Doutrina Secreta* (Ed. original, vol. II) escrita há quase um século:

A Chama Espiritual por si torna o homem divino e perfeito. Mas o que é essa "Chama Espiritual"? Na alquimia é o *Hidrogênio*, enquanto na realidade esotérica é a emanção do Raio procedente de seu número... o Hidrogênio só é um gás no nosso plano terrestre. Contudo, mesmo na química, o hidrogênio é a única forma de matéria existente, no sentido que conferimos ao termo (Ver *Gênese of the Elements*, do prof. W. Crookes, pág. 21), e bastante semelhante ao *protyle*... por assim dizer, ele é pai e criador, ou melhor o *Upadhí* (base) tanto do AR como da ÁGUA, e é fogo, ar e água na verdade — um sob esses três aspectos, daí a trindade química e alquímica. No universo da manifestação ou matéria ele é o símbolo objetivo e a emanção material da entidade Ser subjetiva e puramente espiritual na região dos números. Daí Godfrey Higgins ter comparado, e inclusive identificado, o Hidrogênio ao TO ON, o "Uno" dos Gregos. (pág. 105)

O Hidrogênio está para os elementos e gases do plano subjetivo, como seu númeno está para o mundo dos fenômenos mentais ou subjetivos; pois sua natureza trinitária latente espelha-se nas «és emanções ativas, oriundas dos princípios mais elevados do homem, a saber, "Espírito, Alma e Mente". (pág. 112)

Três fatores fundamentais devem ser ressaltados: 1) O hidrogênio é o primeiro elemento material a ser formado; 2) sua presença é detectável em toda parte como fator dominante; e 3) tudo o que sabemos a respeito do núcleo central de nossa Galáxia é que ela contém uma quantidade extremamente grande de hidrogênio difuso, possivelmente com a exclusão ou quase que exclusão de outros elementos atômicos. Em verdade, é possível que o núcleo galáctico assemelhe-se a uma fonte de onde o hidrogênio jorra constantemente, ou pelo menos jorrou no passado. Não sabemos como funciona o processo, mas recentes teorias astrofísicas sugerem que o núcleo da Galáxia pode ser considerado um "buraco branco", demarcando a emergência do hidrogênio de outro universo, existente talvez em outra dimensão do espaço — enquanto os recém-descobertos "buracos negros" relacionam-se com o desaparecimento das formas finais assumidas pela matéria cósmica em misteriosos vórtices, sugadas por tremendas forças gravitacionais após o colapso de uma estrela ou grupo de estrelas.

Para os ocultistas de várias culturas do passado, o processo de surgimento do hidrogênio no plano físico deve ser interpretado como a materialização (ou manifestação no plano físico) de uma essência numenal referente a um nível mais elevado ("divino") de ser. Religiões, mitologias e teorias metafísicas descreveram tal processo de concretização e "fiscalização" de uma realidade espiritual transcendente nas formas mais variadas. Criaram uma infinidade de imagens adaptadas aos sentimentos e à mentalidade dos povos da época e cultura correspondente. Hoje, como já disse, a astronomia e a ampliação sem paralelos do interesse pela astrologia fornecem-nos uma nova possibilidade de interpretação e simbolização, a qual confere um pano de fundo cósmico para a compreensão do processo de transformação que testemunhamos no nível da consciência humana e no nível de organização social e comunitária. Tal pano de fundo holístico tem antecedentes nos conceitos secretos do passado, visto implicar a existência de uma hierarquia de níveis de existência e consciência que se estendem do mais

puro espírito à mais densa matéria, conquanto evite as personificações mitológicas e os argumentos intelectuais metafísicos abstrusos. Consiste simplesmente em uma tentativa de expansão da consciência humana, do nível de fisicalidade e centralização totalitária do poder em Sóis autocráticos para o nível de "galacticidade".

Esta tentativa envolve não apenas uma expansão, mas também um *novo enfoque* da consciência humana e uma *reavaliação* fundamental dos valores sociais e psicológicos há muito predominantes na mentalidade coletiva da humanidade. Tal processo naturalmente suscita muita resistência em todos os níveis. Ao relacionar os novos ideais e os conceitos astrofísicos que atraem a mente científica, aos quais vem sendo dada grande publicidade, estes ideais podem ser mais facilmente visualizados. A onipresença astrofísica e a primordialidade do hidrogênio — sobretudo no núcleo de nossa Galáxia — toma-se o símbolo de uma onipresença e primordialidade "correspondentes" do espírito.

Os símbolos têm um poder enorme. Por exemplo, alguém poderia avaliar a importância do que ocorreria na consciência coletiva da humanidade se *em toda* parte o modelo da galáxia Andrômeda substituísse o do Cristo crucificado — ou mesmo da cruz — enquanto símbolo de vida espiritual? Contudo, para que fosse espiritualmente válida tal substituição exigiria *em primeiro lugar* a clara compreensão do que denomino "galacticidade". Seria necessária a *desfiscalização* do universo além dos limites de nosso sistema planetário, bem como a compreensão *aplicável na prática* do real significado de galacticidade enquanto ideal reorientador de nossa existência diária e nossa forma de relação interpessoal — por conseguinte a percepção de como transformaria nossa imagem de uma comunidade ideal.

Mencionei, alguns parágrafos atrás, três fatos básicos surgidos a partir das recentes descobertas astrofísicas referentes à distribuição do hidrogênio pelo cosmos. Se traduzirmos estes fatos na linguagem da galacticidade, onde o espírito é simbolizado pelo hidrogênio, teremos um modelo do universo no qual o espírito é a substância original da existência, originando-se desta substância primordial todo o resto. Este "todo o resto" pode constituir apenas 1% do cosmos; ou seja, vivemos em um universo constituído essencialmente de espírito. O Espírito é "substancial" — o que significa, literal e etimologicamente, que o espírito é "subjacente" a tudo. Apresenta-se particularmente condensado, ou transborda em pureza da nascente, no centro das galáxias.

Se existem outros elementos nestes núcleos galácticos, é porque o espaço está repleto de restos bastante disseminados de universos passados — seja qual for o estado em que imaginemos estes resquícios, talvez na forma de átomos ou partículas totalmente isoladas, ou na forma de estática ou dissonância na Grande Harmonia do Espaço, ou como "memórias" inconscientes de fracassos (os *skandhas* da filosofia budista). Estes restos desintegrados de um passado cósmico, no caso de nossa Galáxia, condensaram-se para formar as "nuvens sombrias" que nos obscurecem a fonte radiante do espírito no centro.

Toda estrela irradia o que nós percebemos como luz, bem como diversos outros tipos de vibração. A astrofísica descobriu que o hidrogênio é a fonte dessas radiações. Se os recentes conceitos relativos às reações atômicas no interior das estrelas estiverem corretos — conceitos que o homem conseguiu aplicar à produção de bombas de hidrogênio — o brilho de nosso Sol e das estrelas resultam da liberação de energia produzida por reações nucleares nas quais o hidrogênio representa papel preponderante. A substancialidade do espírito libera-se gradativamente sob várias formas de radiação. Ao que parece, a luz é feita de *partículas* chamadas fótons; contudo, ela se propaga como *onda* também, porque o espírito — e tudo o que existe — pode ser igualmente considerado no nível ainda mais misterioso do Ser como *Espaço vibratório*.

O conceito de galacticidade nos leva a um estado de existência — o qual denominei quarta dimensão do espaço — cuja principal característica é a INTERPENETRAÇÃO. Passamos conscientemente da terceira dimensão, cuja tônica é a fisicalidade, a centralidade e a condição de existência isolada e separativa (ou atomicidade) para a quarta dimensão, onde não há mais separação. Onde não existe separação, surge a possibilidade — em verdade a inevitabilidade e necessidade — de verdadeira comunhão. Não pode haver verdadeira comunhão no nível da fisicalidade e separatividade. A experiência do "Eu" é absorvida na comunhão da experiência do "Nós" — a experiência da interpenetração e mutualidade abrangente.

Quando conseguimos pensar apenas nesta forma de organização representada pelo sistema heliocêntrico, o Sol é i-sol-ado no espaço, em esplendor solitário, controlando patriarcalmente seu grupo de planetas. Neste caso o Sol simboliza nosso igualmente solitário e orgulhoso "Eu sou", o qual, com seu envolvimento em preocupações materiais,

atua sobretudo como ego — o espírito tribal invejoso e possessivo que insiste em considerar o Sol como único Deus. Mas quando o Sol é visto e vivamente compreendido como a estrela que essencialmente é, passa a ser reconhecido como uma forma de *espírito universal* — uma forma entre bilhões de outras. Todas essas formas de espírito são "companheiras" dentro da vasta companhia das estrelas. Não é somente uma "companhia" (cum-panis; literalmente, aqueles que comem do mesmo pão) mas uma comunhão e uma comunidade. Todas as estrelas existem no interior de uma galáxia; comungam.. e comunicam-se, em ondas de luz. São "formas de espírito" vibratórias, que juntas entoam um Acorde cósmico expansivo — motete imenso no qual miríades de vozes comungam em relação interpenetrante.

Nossa sociedade ocidental produziu formas musicais conceituais e artísticas que personificam idealmente esse princípio de relação interpenetrante, e foram feitas diversas tentativas de construção de comunidade. Praticamente todas elas foram destruídas por uma combinação de forças internas e pressões externas, envolvendo em alguns casos aniquilamento total e violento. As forças destrutivas são inevitáveis sempre que a tentativa de vida em comunidade é produzida por motivos de nível físico e egocêntrico. Em certos casos as organizações de tipo "heliocósmico" são produzidas centradas em um personagem "solar", fonte de radiações espirituais; mas as verdadeiras e duradouras comunidades só podem ser erigidas sobre os alicerces da consciência galáctica na qual todos os "comungantes" compartilham.

Isto não significa que a comunidade não tenha um centro; mas esse centro não é ocupado por um super-Sol maciço. O centro é um manancial, fonte *por onde* emerge o espírito; e todos os participantes da comunidade partilham este surgimento. São alimentados em comunhão pelo hidrogênio-espírito emergente; e, em sua forma primordial, este espírito é "nenhuma coisa", não obstante o potencial de um grande número de "coisas".*

No centro galáctico, emerge o potencial infinito como fonte da real existência. A existência é sempre finita; apenas o potencial de existência *pode* ser considerado infinito. Toda comunidade galáctica tem um propósito finito — um local e uma função no Todo universal. Contudo, não é uma função separatista. As Galáxias formam agrupamentos

* No original "*no-thing*" e "*things*", respectivamente.

de galáxias. As comunidades só podem existir e prosperar como comunidades se perceberem e voltarem seus relacionamentos para as outras comunidades dentro da "Comunidade Humana Universal" planetária.

Em um tipo de comunidade galáctica, a integração não depende da existência de um centro "solar" todo-poderoso que instigue cada participante a girar em adoração em volta dele. A integração resulta de uma complexa intenção de seres, cada qual uma "estrela" por si só, a qual aceita seu lugar e função na comunidade. O poder de união é o do amor, da mutualidade e da compreensão. A percepção da unidade é *evocada* na constante e consciente inter-relação de todos os participantes; a totalidade e não a unidade é o princípio centralizador. Esse princípio constitui uma realidade vívida mas imaterial, cujo santuário situa-se no coração de cada comungante. Pode ser sentida como presença unificadora. Deveria ser sentida como poder evocado pelo amor de cada um por todos os demais; e este poder tem substância, porquanto sustenta e subentende a união de todos os participantes que ritualisticamente comungam naquela substância. Em termos astrofísicos, significa que a força gravitacional que mantém a organização galáctica das estrelas integradas não se origina de um enorme super-Sol, mas é o resultado da interação da força gravitacional de *todas* as estrelas componentes. Neste caso atua a coesão de grupo. O processo só é eficaz se a relação entre todas as unidades do grupo é transpessoal.

O termo *transpessoal* possui dois significados, os quais infelizmente não são compreendidos pelas pessoas que os utilizam. Pode significar além da personalidade e de suas necessidades e impulsos biopsíquicos normais; mas também pode significar *através* da personalidade, atuando como uma lente transparente focada no nível da atividade física, ou no nível da mente e dos sentimentos, a "descida" do espírito. Em geral, o devoto e o místico buscam sobrepujar a atração da materialidade biopsíquica e chegar além das percepções transcendentais; por outro lado, o Avatar — e em geral de forma menos pura, o gênio criativo e o grande herói cultural — é um ser humano que mais ou menos deliberadamente abre-se à "descida" do poder espiritual, liberando este poder em atividades social ou culturalmente férteis.¹

1. Ver *Occult Preparation For a New Age*, Dane Rudhyar, Parte III.

Na comunidade galáctica ideal, da qual já falei em diversos livros e panfletos como o "grupo-semente",² as relações transpessoais devem ser consideradas não apenas como transcendentais à atração egocêntrica e passional dos instintos e da possessividade emocional, mas também como concentradoras do poder emergente do espírito em certas atividades funcionais. Este é um ponto muito importante, pois o processo de concentração em muitos casos implica a dedicação conjugada, seja de duas pessoas (talvez, mas não necessariamente, de sexos diferentes) ou de um grupo bastante pequeno de indivíduos com uma relação especial — dedicação a uma determinada função na comunidade. Isto significa que o surgimento central e fundamental do espírito criativo e o fluxo externo de inspiração (ou melhor, "in-espírito") não somente atua dentro e através dos indivíduos, mas pode ter implicações em situações individualizadas.

No âmago de todo ser-estrela na comunidade galáctica existe um *centro de ressonância* completamente ativado ou latente do espírito que ativa o todo. Em verdade, esse centro é o verdadeiro Eu; e podemos imaginar uma "quinta dimensão" da consciência, na qual esses centros estelares encontram-se não apenas em estado de constante inter-relação, mas são idênticos em essência. O iogue hindu tenta transmitir esta percepção, ao dizer a um discípulo: "Eu sou Tu." É a percepção da identidade metafísica do Espírito Supremo e do espírito individualizado e inato, mas na maioria dos casos apenas latente em todo ser humano.

Infelizmente, no nível da existência do qual a maior parte dos seres humanos está consciente durante este período histórico, tal identificação em muitos exemplos traz resultados perigosos ou no mínimo confusos. É muito fácil e tentador para uma pessoa temporariamente iluminada permitir que o que não passou de breve experiência de sintonia perfeita com o poder da Fonte central do espírito submerja no nível da existência física. O que fora uma percepção galáctica do espírito é inconscientemente *fisicalizada* num sentimento "tridimensional" de ser um Sol para um grupo de planetas, em vez de uma estrela que por um instante ecoou ao chamado "quadridimensional" de atividade numa comunidade galáctica. Quando isto ocorre, o orgulho "solar" e a embriaguez espiritual com o poder transcendente adultera a

2. Ver *We Can Begin Again: Together* (Tucson, Arizona: Omen Press, 1974), capítulo "Comunidade e Grupos-semente".

memória da experiência, conferindo-lhe caráter ambíguo. Resultados aparentemente válidos podem ser obtidos em outros indivíduos que são atraídos pela estimulação que o novo "Sol" lhes proporciona; mas no final isso poderá ser a servidão espiritual, não apenas para os devotos atraídos a este tipo de grupo heliocósmico, mas também para o indivíduo que se autoproclamou o Sol.

Quando o indivíduo começa a experimentar a sintonia com o espírito, ele precisa enfrentar uma escolha crucial: ser um Sol, enquanto *sonha* com a identificação ao Supremo Espírito ou, enquanto estrela entre outras estrelas companheiras, dedicar-se a toda a comunidade, seja qual for a fonte espiritual a buscar nele o ponto focal e canal de expressão. Para qualquer indivíduo sincero e espiritualmente honesto, a vida coloca a situação-teste em que deve ser feita a escolha; e quanto mais evoluído e espiritualmente dedicada a consciência, mais sutil e difícil o teste.

Existem três tipos fundamentais de teste, ou melhor, três níveis onde a decisão deve ser tomada ao longo do processo de transformação espiritual do indivíduo. E estes três níveis podem relacionar-se com o caráter específico dos planetas transaturninos, Urano, Netuno e Plutão. De maneira sutil, podem corresponder às três tentações de Jesus no deserto (Mateus 4), se forem compreendidas segundo seu caráter fundamental.

Na primeira tentação, Satanás sugere a Jesus, saído do quadragésimo dia de jejum, que faça as pedras virarem pão. Satanás parece apelar ao poderoso desejo de satisfazer a fome física; mas o indivíduo que se inicia no Caminho da transformação é acometido de outro tipo de fome — a fome de experiências espirituais que não apenas alimentariam sua alma, mas justificariam sua desistência de tudo o que o ego aprecia. Impulsionado pela inquietude uraniana e pela promessa de um exaltado estado de consciência, implícito naquilo que o relâmpago uraniano revelou em um breve instante — ah, tão breve — de percepção do adiante transcendente, o "discípulo no Caminho" anseia por mais, cada vez mais experiências — mais alimento espiritual.

Na segunda tentação, o Demônio sugere a Jesus que prove ser Filho de Deus lançando-se a um precipício, pois se assim proceder, os anjos o cercariam e o levariam em segurança à região mais baixa onde o povo poderia testemunhar o milagre. Este é o teste netuniano; pois aqui está sendo colocada à prova a utilização que o indivíduo faz de

poderes, habitualmente invisíveis ou "secretos", a fim de evitar-lhe o fracasso ao encontrar aqueles que deve ensinar e inspirar. Ele lançará mão da ilusão do poder e prestígio espirituais — ilusão característica de Netuno — a fim de impressionar os que estão ansiosos por acreditar em qualquer coisa aparentemente miraculosa; ou levará a estes a água do espírito, saciando-lhes a sede dessa bebida e oferecendo-lhes a visão de uma realidade "galáctica"!

Na terceira tentação, Satanás apela para qualquer possível resquício do ego no homem que tenta deixar irrevogavelmente para trás a esfera de Júpiter e Saturno — na qual o poder social, a glória, a fama e a idolatria constituem as tentações mais comuns. O aspirante ao renascimento no espírito deve renunciar a todo desejo de poder *sobre* outros seres humanos. Não poderá tomar-se membro confiável e valioso da comunidade galáctica se existir dentro dele o menor desejo, conquanto profundamente inconsciente, de agir como Sol para um grupo de planetas obscuros. Esta é a prova plutoniana de total despojamento — ou, segundo o místico cristão, de absoluta humildade. O indivíduo só pode ser considerado um verdadeiro "companheiro" se desincumbir-se bem da catarse plutoniana.

Podem ser encontradas inúmeras outras provas, mas as três mencionadas no *mythos* de Cristo são profundamente significativas. A fome de experiências espirituais, o desejo de exibição dos poderes miraculosos que o cercam de ilusão transcendente e a profunda ânsia de autoglorificação e poder sobre outros seres humanos — mesmo que seja o poder sutil do curador sobre aqueles que curou generosa e eficazmente: estes são os três apegos mais arraigados, os quais devem ser superados e totalmente erradicados antes que a consciência possa estabilizar-se no nível do ser galáctico.

As formas que a realidade e atividade do indivíduo podem de fato assumir no nível galáctico devem permanecer desconhecidas até que sejam satisfeitas todas as condições para a sua emergência. Não são condições arbitrariamente impostas por alguém ou algum grupo; relacionam-se com o tipo de ordem e organização estrutural atuante no nível galáctico. Cada nível de existência possui seu próprio ritmo, suas "leis da natureza", suas condições de existência. Quando aspira atuar em nível mais elevado do que o da fisicalidade e do tipo de centralidade solar predominante, o homem precisa adaptar sua consciência e o funcionamento da mente — mente consistindo em consciência em um

estado de atividade definitivamente estruturado — às condições desconhecidas de uma ordem transcendente, mas igualmente "real". Conforme passa a compreender gradualmente quais são os novos princípios organizacionais, e sobretudo e na maior parte dos casos, a experienciar talvez drasticamente o que *não* são, o aspirante vive em estado de transição. Realiza, meio-intencionalmente — e com frequência inconscientemente, não sem resistência e confusão — um "rito de passagem".

Trilhar o Caminho secreto é realizar um rito de passagem. A tentativa de ultrapassar a barreira do som em um avião a jato ou superar a força da gravidade também é uma proeza, conquanto relacione-se basicamente com um feito intelectual e coletivo, e o fundamental. A gravidade terrestre para os seres humanos nascidos na biosfera simboliza a totalidade de apegos e submissões que nos constringem ao tipo de sociedade na qual o ego é o senhor orgulhoso ou servo ressentido, se não escravo. Mas o indivíduo encapsulado no mecanismo protetor e em constante contato com sua sociedade não faz a verdadeira passagem, no que se refere à transformação da consciência, mesmo que experimente breves momentos de iluminação. Infelizmente, esses momentos desvanecem-se quando ele é colhido pelos ritmos biosféricos e sociais que na verdade jamais permitiu desaparecessem por completo de sua psique individual.

Nos verdadeiros ritos de passagem, Urano, Netuno e Plutão são os únicos guias; mas não atuam através ou dentro de mecanismos. Atuam dentro do ser total — ou, como hoje em sentido coletivo, na própria substância do progresso social. Estes por sua vez reagem ao condicionamento biológico e biosférico da vida em todas as suas formas no globo.

Urano, Netuno e Plutão são hierofantes camuflados cujo semblante e magnetismo ao mesmo tempo atraem e atemorizam. Inspiram a mudança nos indivíduos; proporcionam visões fugidias de um objetivo impreciso; podem inclusive assustar e constringer a situações de vida ou morte. Acertam todos os pontos fracos da armadura da mente com precisão excepcional. Ferido e aparentemente derrotado por sua própria cegueira intelectual ou emocional, o indivíduo pode facilmente desmoronar, de pura exaustão, se não mantiver em seu coração a vibração da visão simbólica da futura comunidade. Por trás dela, através dela, o céu toma-se vivo, entoando o motete divino da harmonia galáctica. Aos nossos ouvidos desacostumados, os acordes podem soar

dissonantes, pois interpenetram-se desdenhando os padrões seguros de afinidade ancestral e da tonalidade cultural. Mas para aquele cujos ouvidos o estio obstruídos pela cera espessa da entropia biológica, o vasto acorde de diferenças estelares transubstancia-se em um êxtase de luzes unificadas. Ele se vê cercado de "agrupamentos globulares" de fontes radiantes luminosas que, apesar de muitas, são uma só. À semelhança de Dante, ele pode contemplar a vasta Rosa celestial em cujo núcleo palpitante jatos de hidrogênio-espírito são promessas de novos mundos.

O Desafio da Galacticidade na Astrologia Humanista

O mito que exalta deve tomar-se inspiração prática a uma vida mais elevada em meio às condições atuais. Como um astrólogo, em cujo coração e mente os clientes vertem suas inseguranças, esperanças, medos, complexos e tormentos pode proporcionar-lhes uma compreensão nova, criativa e regeneradora de seu passado, um enfoque mais dinâmico das crises ou incertezas do presente e um sentimento íntimo do que podem realizar se ousarem defrontar o desafio do espírito transformador?

Eis aí o que todo astrólogo verdadeiramente "humanista" que leva seu trabalho a sério deve ansiar conhecer. Mas a resposta à pergunta conforme foi apresentada acima não pode ser formulada em termos gerais. O espírito atua de maneira focal apenas em casos bem definidos, deixando à mente a tarefa de generalizar e simbolizar o "ainda desconhecido" na forma de imagens e mitos. Contudo, de que outra maneira pode ser revelado ao que indaga ansioso o próximo passo em qualquer situação senão na forma de símbolos?

Naturalmente qualquer situação de vida, com seus problemas pessoais, é fruto de um conjunto único de circunstâncias, antecedentes e futuras possibilidades. Entretanto, também pode ser compreendido como uma variação particular sobre um dos relativamente poucos temas. Tais temas são os arquétipos. O homem, enquanto membro de determinada cultura, considera-os sob luz especial. A qualidade dessa luz — o caráter da compreensão humana — muda conforme a consciência da "totalidade cultural" coletiva e do indivíduo nascido neste campo de atividade sócio-cultural, expande-se e efetiva mais potencialidades cósmicas inerentes ao Homem arquetípico.

Quando a consciência passa do estado de centralidade e materialidade heliocósmica ao de galacticidade, vê-se inevitavelmente cercada.

por uma infinidade de problemas de reajuste intelectual e emocional. Na tentativa de solucionar tais problemas, os indivíduos adentram muitos caminhos de indagação psicológica. Cada caminho segue uma linha específica, repleta de simbolismos conscientes e inconscientes. Como poderia ser diferente, ante o fato amiúde despercebido de que cada caminho baseia-se em premissas ou paradigmas não demonstráveis? Algumas destas, reforçadas pelo sistema sócio-educacional, são consideradas garantidas; mas outras resultam de um repúdio mais ou menos intencional ao que foi aprendido na infância ou através da participação em determinado grupo.

Atualmente, nos EUA, o indivíduo que busca auxílio no psicanalista ou psiquiatra habituais aceita, implicitamente — tenha ou não consciência disto — os paradigmas de sua sociedade ocidental específica. Se consultar o típico astrólogo que se autopromove, será seguido um enfoque *extracultural*, o qual representa uma combinação ambígua de atitudes conscientes e semiconscientes. O enfoque contracultural da maioria dos astrólogos humanistas é condicionado por uma forma de protesto de certa maneira obscura contra os postulados e, ao mesmo tempo, uma forma de escapar desses postulados reforçados pela mentalidade institucionalizada da sociedade atual. Esta se torna transcultural se o pesquisador sentir intuitivamente que está vivendo num estado transitório entre duas culturas — uma delas em lenta obsolescência, a outra ainda em condição pré-natal — e achar que deve tomar uma posição positiva, criativa e transformadora no que se refere a essa situação. Inevitavelmente, ele terá de usar palavras, sintaxe e dados produzidos pela atual consciência grupal e seus instrumentos, produtos, na sua maior parte, de antigos conceitos e atitudes; contudo, ele é capaz de ver através deles e de reinterpretá-los segundo a nova visão.

O enfoque galáctico, que este livro propõe-se apenas a *evocar*, pois defini-lo com precisão seria hoje impossível, deve ser denominado "transcultural" e não "contracultural". Nosso atual conhecimento da Galáxia é demasiado vago e incompleto para servir como alicerce sólido e consistente para um tipo de enfoque astrológico definitiva« mente "galáctico". Contudo, estimulados pelo sentimento intuitivo emergente de que no momento a humanidade está caminhando rumo a um novo estado, conquanto ainda não formulado claramente, de consciência individual, podemos lançar mão do modelo astronômico radicalmente transformado a fim de simbolizar esse estado de consciência

e de ser ao qual aspiramos; e assim poderemos sentir nossa sintonia com a realidade cósmica e com os ritmos galácticos de forma a transcender não só a atitude antropocêntrica individualista da nossa cultura euro-americana oficial, mas também o enfoque piedoso e infantil do homem antigo.

Até que o novo modelo do universo esteja mais definido e estruturalmente consistente, tal sintonia deve permanecer na esfera da intuição, exceto no exemplo raro da atuação da mente visionária; mas hoje sabemos o suficiente para perceber a emergência de alguns fatores básicos que podem ser transmutados em grandes símbolos apontando novas percepções de vida. O problema do astrólogo voltado para o futuro está em como usar esses símbolos na interpretação de cartas natais que revelariam o modo como a nova realidade e consciência podem afetar a evolução psicológica e espiritual do indivíduo que o astrólogo está tentando guiar para o caminho da autotransformação.

Para tentar solucionar esse problema, é necessário em primeiro lugar perceber que a astrologia clássica é uma combinação ambígua, na qual as intuições antigas (e os termos característicos das religiões vitalistas) misturam-se com os conceitos materialistas e mecanicistas do período copernicano da nossa sociedade ocidental. Naturalmente, a ambigüidade mais evidente relaciona-se com os dois conceitos do zodíaco; o zodíaco sideral de *constelações de estrelas* e o zodíaco tropical dos signos, representando doze seções da órbita terrestre. Outra ambigüidade resulta da análise do Sol e da Lua de um ponto de vista antigo, considerando ambos como duas luminárias e, na prática astrológica moderna, como "planetas" — embora a "astrologia solar" confira extraordinária importância ao Sol. Uma terceira ambigüidade reside na denominação estrelas "fixas" — designação incompatível até mesmo com o antigo modelo celeste, pois neste todo corpo luminoso celeste estava em movimento; a única coisa "fixa" eram as configurações formadas pelas estrelas à medida que o céu como um todo se movia numa combinação dos ciclos diário e anual.

Quando um astrólogo fala em conjunção entre uma estrela e um planeta, só está pensando na *longitude* zodiacal dos mesmos. Contudo, inúmeras estrelas possuem uma *latitude* celestial bastante alta, enquanto os planetas, que sempre estão em movimento dentro da faixa

estreita do zodíaco, possuem latitudes baixas. Esta diferença na latitude desfaz o significado da conjunção (ou oposição). Portanto, a prática diária desmente a tridimensionalidade do universo. Na astrologia que depende exclusivamente do plano zodiacal para seus cálculos e símbolos, tampouco faz sentido falar de "pontos médios". Por exemplo, Amares, a grande estrela vermelha da constelação de Escorpião (mas atualmente encontra-se a cerca de $9^{\circ}23'$ de Sagitário no zodíaco tropical, ou seja, na longitude celestial de $249^{\circ}23'$), possui uma latitude celeste meridional de cerca de $4^{\circ}30'$, enquanto Sírius, a estrela mais brilhante (longitude de $103^{\circ}43'$, ou $13^{\circ}43'$ de Câncer) possui uma latitude meridional de cerca de $39^{\circ}30'$. A distância longitudinal entre as duas estrelas, por conseguinte é de $145^{\circ}42'$, e seu ponto médio estaria em $26^{\circ}34'$ de Virgem. Mas falar deste ponto médio equivaleria a ignorar a diferença de 35 graus em suas latitudes; ou seja, comprimir o hemisfério meridional celeste em uma panqueca representada pelo zodíaco tropical — uma faixa estreita com uma pequena extensão de apenas alguns graus a cada lado da eclíptica.

Por outro lado, se considerarmos as estrelas Régulus ($29^{\circ}27'$ de Leão e $0^{\circ}30'$ latitude norte), Spica ($23^{\circ}28'$ de libra e 2° latitude sul), e Antares ($9^{\circ}23'$ de Sagitário e $4^{\circ}30'$ latitude sul), as três estão tão próximas do plano da eclíptica quanto os planetas; assim, os dois grupos de corpos celestes relacionam-se entre si; e seus pontos médios podem ser considerados significativos. Os pontos médios entre Régulus e Spica recaem no $27^{\circ}01'$ de Virgem. Vale observar que se situa na mesma posição do ponto médio (o que para mim não tem lógica) entre Sírius e Antares. O ponto médio entre Spica e Antares deveria recair na longitude $226^{\circ}28'$ ou no $16^{\circ}26'$ de Escorpião.

Não podemos orientar-nos significativamente em meio a tantas incertezas e ambigüidades se atentarmos em demasia para as informações fragmentadas e amiúde contraditórias oriundas do estudo minucioso de antigos registros deixados por sociedades cujos paradigmas e sentimentos básicos não são os mesmos que os nossos. A maioria desses registros, feitos aos poucos, na verdade originam-se do período de transição entre as eras antiga e clássica, ou seja, entre os séculos VI e I a.C. — período tão confuso quanto o atual. A astrologia individual em seus primórdios remonta ao século IV, ou talvez ao século V a.C. A arte da horoscopia, desenvolvida na Grécia, no Egito, em Roma e, posteriormente, nos séculos clássicos, do XVI ao XVIII, nas cortes da

aristocracia ou com motivos políticos e militares, representa apenas uma forma transicional de utilizar dados celestes em situações e fatos pessoais, forma adaptada a um período que enfatizou e acabou por glorificar o ego e seus desejos. O uso do zodíaco na horoscopia está relacionado com o período histórico onde ocorreu a ascensão do Sol até a posição de importância e centralidade incontestados, a qual, ao menos no que se refere às regiões mediterrâneas, teve como sua manifestação mais dramática a adoração, de curta existência, a Aton, o Sol-disco, pelo faraó Akhenaton.

A percepção de que o universo é uma totalidade "viva" não deve ser confundida com a adoração a uma figura ou símbolo central que domina o mundo. Na forma mais pura e metafísica de Vitalismo, o Espaço (com maiúscula) simboliza a energia-substância divina criativa de onde tudo se origina. O Espaço encontra nas estrelas pontos focais ou lentes *através das quais* exterioriza seu potencial de existência, e as constelações representam hierarquias divinas criativas, constituindo cada qual uma qualidade ou princípio cósmico específico. Durante o dia, o Sol as empana, pois concentra num foco todo-poderoso e altamente centralizado a energia vital criativa de determinada constelação diante da qual passa um mês do nosso ano terrestre. O Sol simplesmente canaliza a força cósmica de um dos doze aspectos fundamentais do Espaço divino representados pelas constelações do zodíaco. Tais aspectos da energia cósmica do Espaço são *necessários* ao homem e a todos os organismos vivos do nosso planeta, a fim de realizarem eficazmente seu potencial de existência.

Segundo esse conceito vitalista (ou mito) as demais constelações, suficientemente acima ou abaixo do plano da órbita terrestre de forma a não serem "zodiacais", também constituem enormes fontes de poder cósmico, mas *em geral* a humanidade não consegue usar as energias emanadas por essas constelações extrazodiacais. Ainda assim, as estrelas maiores dessas constelações refulgem sobre a Terra parte de sua força, e os seres humanos que de alguma maneira conseguem responder — e cujo "destino" é responder — a esses extraordinários poderes tomam-se "possuídos" por eles. O que pode redundar em espetacular sucesso, fama, ou fracassos igualmente extraordinários, ou mesmo a ruína e doenças incomuns. Os astrólogos medievais conheciam suficientemente essas idéias vitalistas arcaicas, a ponto de atribuir às "estrelas fixas" mais brilhantes a capacidade de provocar condições

anormais ou supernormais nas vidas das pessoas em cuja carta natal se combinassem com o Sol, a Lua e qualquer outro dos quatro Ângulos, sobretudo como Ascendente e o Meio-do-Céu.

Qualquer fenômeno celeste cuja existência aparentemente não se ajuste aos padrões conhecidos e compreensíveis de ordem (os cometas, por exemplo) acaba por receber um significado mais ou menos "sinistro". Atualmente, nossa consciência da ordem cósmica adquiriu nova qualidade e foi bastante ampliada. Altera-se o caráter do que compreendemos como ordem cósmica, e o mesmo ocorre com a qualidade e o nível de nossas interpretações astrológicas. A *Galacticidade* relaciona-se com uma forma de ordem recém-imaginada e evocada por recentes descobertas astronômicas, conquanto ainda sejamos incapazes de defini-la.

Enquanto a astronomia busca estabelecer a existência de uma ordem nos fenômenos celestes, a função da astrologia é transformar essa ordem observada em "mito" — isto é, numa série de símbolos inter-relacionados capazes de direcionar de maneira consistente e viva o progresso lento e incerto dos indivíduos e das sociedades rumo à realização do potencial inerente ao homem enquanto realidade arquetípica. O zodíaco, com toda a interpretação imensamente variada e diversa de seus doze signos, constitui um mito. *Em sua forma atual*, provavelmente representa o legado de um grupo de sábios que formavam uma espécie de "Fraternidade Secreta", ou de sacerdotes que se tornaram conhecidos como "caldeus" e em alguns casos "sabeus", conquanto não saibamos ao certo a origem desses nomes nem o grupo de homens inicialmente designados por esses termos. Segundo a Enciclopédia Britânica ("História da Astrologia") os conceitos astrológicos chegaram ao mundo grego "através de um sábio da Babilônia, Beroso, que fundou uma escola por volta de 640 a.C. na ilha de Cós e talvez tivesse entre seus alunos Tales de Mileto (639-548)". Contudo, o que resta dos escritos de Beroso em geral denomina-se "apócrifos" e o que ele chama de registros de uma antiguidade ampla são desacreditados pelos historiadores modernos, que insistem em condensar os períodos mencionados em inúmeros Livros antigos, seja de origem babilônica ou hindu, em uns poucos milhares de anos.

De acordo com meu ponto de vista, sempre que os "fatos" são suscetíveis de muitas interpretações contraditórias e variáveis, mais vale pensar em *validade* do que em *verdade*. A despeito da antiguidade

ou não do zodíaco de doze signos, sua *utilização* na *forma atual* é condicionada pelos conceitos clássicos baseados na necessidade de lidar com situações criadas por seres humanos relativamente individualizados e seus problemas. Tais situações não existiam no passado remoto de nossa atual humanidade; e deve ser enfrentada a possibilidade de profundas mudanças, ocasionadas pelas condições da "Nova Era". O enfoque galáctico da astrologia que sugiro constitui uma tentativa de enfrentar essa possibilidade, interpretando com espírito criativo as novas descobertas da astronomia.

O conceito de zodíaco, por conseguinte, deve ser reinterpretando mesmo se atualmente, devido a razões práticas, o astrólogo não possa dispensá-lo. Constitui um padrão de referência básico; contudo, conforme salientei na primeira parte de meu livro *Às Casas Astrológicas*, esse conceito perderia grande parte da sua importância num tipo de astrologia verdadeiramente "centrada no indivíduo", na qual o "globo natal" tridimensional substituiria nossas atuais cartas natais bidimensionais. Novamente deve ser feita cuidadosa distinção entre o que hoje denominamos, um tanto ambigualmente, zodíaco e a divisão geral de qualquer ciclo em doze fases, cada qual com um significado característico.

Quando o "astrólogo esotérico" vê no zodíaco um modelo mítico da descida da "Alma" para a matéria e sua reascensão ao encontro de seu estado espiritual original, ele utiliza a jornada celeste anual do Sol em aparente movimento como drama simbólico no qual o Sol é representado pela Alma. Contudo, na verdade o que ele simboliza ou diviniza é o ciclo sazonal da vegetação em zonas temperadas do hemisfério norte — ou seja, o processo vital na biosfera. O que é lógico e significativo em sociedades baseadas na agricultura e na criação de gado, mas este mito perde a maior parte de sua importância quando aplicado aos problemas de um indivíduo egocêntrico moderno, cujas experiências pessoais pouca relação guardam com as estações. Entretanto, esta mudança radical no padrão de vida básico dos seres humanos não invalida o significado arquetípico da divisão de um ciclo em doze partes e do espaço que circunda o homem sobre a superfície da Terra, ou do sólido geométrico, o dodecaedro, cujo significado cósmico foi ressaltado por Pitágoras e Platão.

Este esquema de doze divisões pode ser aplicado a um conceito revitalizado das Casas astrológicas, quando o indivíduo de fato é

considerado no centro de uma mandala tridimensional, seu "globo natal". E poderia ser utilizado na astrologia galáctica se conhecêssemos suficientemente a estrutura de toda a Galáxia — o que infelizmente não ocorre. Nem mesmo sabemos se o nosso sistema solar é parte de um sistema subgaláctico, ou se o Sol gira à volta de uma estrela maior, ou participa de uma comunidade subgaláctica, na qual o princípio de galacticidade atua, em lugar do de centralismo solar.

Devido à nossa falta de conhecimento, as pessoas podem afirmar que o próprio conceito de galacticidade é prematuro. Mas todas as utopias sociais e ético-filosóficas o são! Elas anunciam e tentam formular em linhas gerais o que deverá ocorrer mais cedo ou mais tarde. Imprimindo o ideal na consciência de seres humanos e pequenos grupos e comunidades, estes sonhos tomam possível o aparentemente impossível. Gradualmente, difundem e transformam as práticas, sentimentos e comportamentos pessoais de um número cada vez maior de indivíduos tocados pela visão. No mínimo, suscitando questões básicas; e a habilidade e coragem de fazer perguntas que vão à raiz dos conceitos e desafiam os paradigmas geralmente aceitos são essenciais à evolução humana.

Só é possível caminhar passo a passo. Falar em astrologia "humanista" constituiu um passo. Passar do conceito humanista para o "transpessoal" baseado no princípio de galacticidade é outro passo que deve ser dado pelo astrólogo enquanto ser humano, em vez de memorizar livros que apresentam velhos procedimentos ou novas técnicas cuja importância é supostamente comprovada através de estatísticas de validade duvidosa. ?Mo importa tanto o que encontramos e acrescentamos a uma carta astrológica, mas sim como consideramos a carta a qual o nosso conceito do homem e do seu destino ou propósito no universo — e como podemos formular significativamente estes dados em termos que inspirem o cliente.

Contudo, o "leitor" interessado sem dúvida ainda perguntará como aplicar os conceitos apresentados neste livro na sua apresentação das cartas natais individuais, e se as estrelas "fixas" *devem* ter mais importância do que em geral lhes é atribuída. A estas questões só posso ensaiar respostas da melhor maneira possível neste momento.

O fato de atualmente a maioria dos astrólogos referirem-se ao Sol e à Lua como "planetas" já indica a ruptura, não obstante confusa, com um enfoque estritamente heliocêntrico. Tampouco pode ser

considerado um retrocesso ao enfoque antigo. Isto mostra que o astrólogo considera os dez planetas (incluindo o Sol e a Lua) símbolos das dez *funções* básicas atuantes em qualquer sistema organizado de atividades inter-relacionadas e interdependentes. Este é o enfoque do astrólogo humanista — um enfoque holístico. Estabelece-se uma interpretação "orgânica" entre todos os fatores marcados numa carta natal circular, a qual representa uma mandala em cujo centro se encontra o indivíduo "Eu", como princípio integrador. Nada há de errado nesse modelo, pois este de fato simboliza a atuação humana atual. A consideração do potencial de "galactização" da consciência humana só *acrescenta* a este modelo uma interpretação nova e repolarizada do significado atribuído a 1) o Sol; 2) os planetas transaturninos, Urano, Netuno e Plutão; e 3) as estrelas.

1) Segundo nossa interpretação galáctica, o Sol recebe um significado duplo. Enquanto Sol, centro de um sistema de planetas, ele é a fonte da energia vital primordial. Em geral, considero o Sol como símbolo do combustível específico ao motor da personalidade — existem pelo menos doze tipos de combustíveis, cada qual representado pela posição do Sol nos signos do zodíaco, portanto pela relação especial entre a Terra e o Sol no nascimento.

Por outro lado, o Sol considerado uma estrela — entre bilhões de outras na Galáxia — simboliza o conjunto característico de possibilidades de consciência e atividade exterior que definem o reino humano e o arquétipo Homem. Ou seja, a relação física real da Terra e do Sol no momento do nascimento de um ser humano indica simbolicamente como esse organismo recém-nascido se sintoniza *com um determinado aspecto* de todo o potencial inerente ao Homem, e por conseguinte, reflexivamente e biopsiquicamente, com a "natureza humana". Se mencionássemos apenas doze destes aspectos da natureza humana, estaríamos naturalmente generalizando demais — daí a pouca validade da astrologia solar popular, sobretudo porque analisa somente a posição do Sol no zodíaco. Exige-se um estudo mais aprofundado, relacionada com o nível mais individualizado dos valores humanos. Os símbolos dos 360 graus do zodíaco referem-se teoricamente a este nível. Discuti esses símbolos e seus significados no meu livro *An Astrological Mandala*. O conjunto de símbolos "sabeus" que reinterpretei talvez não seja definitivo no que concerne ao significado dos graus

do zodíaco, mas atualmente é o mais significativo, não apenas pelo seu conteúdo, mas também devido ao modo extraordinário como foi obtido (ver "Os Símbolos Sabeus: Sua Origem e Estruturas Internas", Parte 1, cap. 2).

O símbolo do grau do zodíaco onde se localiza o Sol natal de um indivíduo fornece alguma indicação — não obstante ambígua em muitos casos — referente ao aspecto específico da natureza humana que este indivíduo desenvolveria caso cumprisse seu potencial humano inato em sintonia com o amplo modelo geral da Galáxia, em cujas atividades o Sol toma parte. Em termos mais simples, o grau do Sol natal relaciona-se com o propósito essencial da vida do indivíduo, compreendendo-se a palavra "propósito" em sentido transcendente à categoria social de propósito culturalmente determinado.

A guisa de ilustração, tomarei a carta natal do grande ocultista e filósofo alemão Rudolph Steiner, homem de inúmeros talentos filosóficos, esotéricos, educacionais e artísticos, clarividente e fundador do Movimento Antroposófico. Steiner nasceu com o Sol a 9°20' de Peixes; e o 10° grau de Peixes tem o seguinte símbolo e interpretação:

Aviador prossegue em sua jornada, voando por entre nuvens que ocultam o solo: a habilidade humana de desenvolver poderes e artes que, transcendendo as limitações naturais, possibilitam-lhe a atuação em esferas mental-espirituais. Ele o faz como um indivíduo no comando de poderosas energias, mas também como herdeiro dos esforços de incontáveis inovadores e administradores... o símbolo evoca a aquisição de mestria. (An Astrological Mandala.)

Sem dúvida, este símbolo é bastante adequado, conquanto não se deduza daí que Steiner foi um "Mestre"! Simplesmente, ele representou o florescimento de uma longa tradição cultural, ao que parece direta ou indiretamente relacionada com o Movimento Rosa-Cruz.¹

A carta natal do presidente Dwight Eisenhower, nascido quando o Sol encontrava-se no 22° grau de Libra — a apenas 5 graus de Urano — fornece outro exemplo. O interessante símbolo do grau, como na maioria dos casos, não deve ser interpretado literalmente, não obstante apontar para uma qualidade, a qual pode ter sido função de Eisenhower mostrar na sua vida muito especial.

1. Sua carta é mostrada em meu livro *Person-Centered Astrology* (Lakemont, Ga.: CSA Presa, 1972); *Astrologia Centrada na Pessoa*, Editora Pensamento, São Paulo, 1990.

Uma criança dá de beber aos pássaros numa fonte: A preocupação das almas simples com o bem-estar e saúde dos seres menos desenvolvidos, sedentos de renovação de vida... este símbolo, a relação entre "criança" e "pássaros" implica uma harmonia espontânea e ingênua no nível espiritual, um toque da alma no nível dos sentimentos puros... . palavra-chave: solicitude.

Na carta natal de Albert Einstein, o Sol localiza-se no 24° grau de Peixes, assim simbolizado:

Numa ilha cercada pela vasta amplidão do mar, as pessoas vivem em íntima interação — palavra-chave: centralização.

Seja qual for o significado do símbolo na vida pessoal e espiritual de Einstein, vale notar que sua Teoria da Relatividade, hoje oficialmente aceita, desafiou o conceito de infinidade espacial, levando ao modelo de "ilhas universos". Einstein centralizou inúmeras idéias novas num conceito integrador, e assim presumivelmente realizou seu propósito de vida.

Via de regra, o símbolo não apenas precisa ser reinterpretado segundo a situação de vida específica; mas o indivíduo talvez não consiga realizar a tarefa arquetípica à sua frente de maneira espiritual e construtiva. O caso de Benito Mussolini, símbolo do fascismo moderno, é significativo se recordarmos que seu movimento fascista nasceu do temor à disseminação de uma nova onda comunista na Itália pós-I Guerra Mundial.

Uma garota "hippie" *enfrenta uma senhora conservadora e antiquada:* relativo à crise coletiva, cultural e social que nos desafia a perceber a *relatividade dos valores sociais*.

Neste curioso símbolo percebemos um novo ideal de existência desafiando a velha ordem. Mussolini optou por enfrentar o desafio destruindo impiedosamente tudo e todos que parecessem proclamar a necessidade de reforma de um sistema obsoleto.

2) Salientei em capítulos anteriores que Urano, Netuno e Plutão, conquanto estejam *no* sistema solar, não *pertencem* a ele. Representam a tentativa trifacetada de modificar a consciência humana do estado tridimensional Sol-Saturno de relativo cativo para o nível galáctico

quadridimensional. Considero essencial tal interpretação do caráter e da função dos planetas transaturninos, pois permite ao astrólogo dar um significado construtivo e transformador — não obstante possa ser catártico — a uma variedade de eventos externos e confrontos internos que nossa sociedade, bem como a maioria dos psiquiatras e psicólogos, não conseguem avaliar à luz de uma orientação espiritual e construtiva.

Na vida atual, Urano, Netuno e Plutão simbolizam tudo o que pode ajudar a grande maioria das pessoas, e as diversas culturas e grupos sócio-religiosos que ainda exigem a fidelidade inquestionável das pessoas, a aceitar a presente crise (e as iminentes) como única maneira de alcançarem um estado de existência total e orientado espiritualmente. Até mesmo o episódio psicótico ou, em nível nacional, a série de eventos cataclísmicos (sejam eles telúricos ou criados pelo homem) podem constituir um meio para a transformação radical e para o renascimento espiritual. Contudo, isto só poderá ocorrer se a principal característica do futuro for no mínimo imaginada, tomando-se assim um ideal consciente e ansiado pelo qual o homem deve lutar. Não bastam a profunda lassidão e repugnância à atual condição, o que só fará precipitar a destruição prematura e gratuita que condenam a revolta à futilidade.

Para que Netuno e Plutão sejam integralmente aceitos como hierofantes que nos guiam rumo à nova vida, é preciso que exista a visão uraniana; e sem a compaixão e compreensão incondicional da relação interpessoal representada por Netuno, a atividade simbolizada por Plutão deverá ser drástica e cruel, mesmo se fria e intelectualmente justificável nas presentes condições. Assim, a forma como estes três planetas de polarização galáctica relacionam-se entre si — através de aspectos, "Rodas" e/ou *pontos médios*² —

2. As Rodas astrológicas — via de regra denominadas "Arábicas" — constituem índices do estado da relação entre dois corpos celestes em movimento a diferentes velocidades, quando esta relação se relaciona com o Ascendente ou com os outros três Ângulos. A roda mais usada é a Rodada Fortuna, que relaciona a posição do Sol e da Lua com o Ascendente da carta natal. Ela é calculada somando-se as longitudes da Lua e do Ascendente e subtraindo-se ao total a longitude do Sol lá discorri amplamente sobre as Rodas em *O Ciclo de Luação* (Ed. Pensamento, São Paulo). As Rodas de Urano com Netuno e Plutão, e de Netuno com Plutão, podem ser calculadas da mesma maneira.

O ponto médio entre dois planetas representa apenas, ao menos teoricamente, o local do zodíaco onde suas atividades misturam-se de maneira mais conceituada. São considerados "pontos sensíveis", e naturalmente eles são muitos, pois teoricamente cada um dos planetas possui dois pontos médios em oposição.

deve ser cuidadosamente estudada; não apenas de maneira estritamente analítica, mas segundo o modelo holístico emergente de suas interrelações. Esse modelo deve ser comparado com o produzido pelos planetas entre Saturno e o Sol; este último é estudado segundo o par já mencionado de planetas complementares (Júpiter-Saturno, Vênus-Marte, Sol e Lua), e os relacionamentos potencialmente transformadores, e até mesmo catárticos entre Urano e Saturno, Netuno e Júpiter, Plutão e Marte - além de, em outro sentido, Plutão e Mercúrio - dois aspectos da mente.

Os trânsitos dos planetas transaturninos pelo Sol, a Lua e os quatro Ângulos são extremamente importantes no primeiro estágio do estudo de uma carta natal. Esses trânsitos, e a idade do indivíduo cujo mapa está sendo analisado, são questões primárias, junto com a época em que ocorrem as "Luas Novas progredidas"³ e as conjunções Júpiter-Saturno - bem como as Casas natais em que surgem. Por exemplo, a Casa da última conjunção Urano-Plutão, por volta do 17º grau de Virgem, pode fornecer importante pista quanto ao caráter da ânsia de autotransformação (ou reforma e renascimento coletivos) na vida da pessoa. Se este indivíduo estiver aberto a mudanças, não bloqueando consciente ou inconscientemente o potencial de transformação, a Casa em que ocorreu a conjunção caracteriza *o campo mais significativo* para a concentração deste processo de metamorfose parcial, ou pelo menos de repolarização. Na carta dos Estados Unidos (com o meio de Sagitário elevando-se)⁴ esta conjunção Urano-Plutão caiu na nona Casa, a da expansão, aventuras estrangeiras, diplomacia, filosofia e religião — e, nos anos de 1965-66, a Guerra do Vietnã tomou-se questão crucial e transformadora, e o uso das drogas psicodélicas polarizou o Movimento da Juventude. A conjunção ocorreu na 1ª Casa, e próxima ao Ascendente do ex-Presidente que na época — feliz ou infelizmente — planejava a campanha eleitoral para 1968.

3. Para um estudo do "ciclo de luação progredido", ver *O Ciclo de Luação*, cap. 7 (Editora Pensamento, São Paulo).

4. Ver meu livro *The Astrology of America's Destiny*. Salientei nesse livro a importância de Netuno cruzando o Meio-do-Céu da carta dos Estados Unidos quando começava a ser posto em andamento o projeto atômico. Urano fez o mesmo trânsito quando Nixon foi eleito em 1968; Plutão situava-se nos mesmos graus durante a campanha presidencial de 1972; e Netuno cruzou o Ascendente natal dos Estados Unidos em 1976 — ano do Bicentenário e de outra campanha presidencial.

As Casas em que ocorrem o longo sextil de Netuno e Plutão — e, nas pessoas nascidas em torno de 1900, a Casa da conjunção destes planetas em 1891-92 — devem ser cuidadosamente analisadas, *caso* o indivíduo seja verdadeiramente suscetível ao chamado global para a reorientação e renascimento espiritual. Todos esses aspectos — sobretudo as conjunções, oposições e quadraturas, na maior parte dos casos — relacionam-se com a *potencialidade* das experiências individuais ou coletivas que estimulam o processo de transformação. Na verdade, todo aspecto, trânsito ou progressão nos quais estão envolvidos os planetas transaturninos, podem produzir essa estimulação. Nesses casos, o astrólogo de consciência galacticamente orientada pode intuir as oportunidades de transformação que se apresentam a ele ou a seus clientes; e o aflorar desta abertura à consciência *pode* compensar a habitual resistência forte e instintiva à mudança. Eu disse "pode"; contudo, em muitos casos, também pode gerar o medo, se a possível mudança é considerada uma *futura* possibilidade, ou seja, um desafio que talvez ele ainda não esteja pronto a enfrentar.

A Astrologia não deve ser considerada uma ciência *profética*. A tarefa do astrólogo consiste em auxiliar o indivíduo a compreender as implicações mais profundas, objetivas e transformadoras do que acontece *no momento da consulta* — ou, no máximo, a natureza das tendências já reconhecidas pelo cliente, mas cujo possível significado aparentemente ainda não foi compreendido, à luz do crescimento espiritual.

Portanto, para o astrólogo, a questão fundamental reside em avaliar a capacidade de o cliente reagir construtivamente ao que lhe é apresentado como possibilidade ou tendência, sobre a qual precisa concentrar sua atenção. Deve-se tomar o máximo cuidado para que sejam evitadas reações psicológicas nefastas. O astrólogo deve ter em mente que, não obstante o que possam indicar Urano, Netuno e Plutão separadamente — sejam acontecimentos concretos ou tendências do desenvolvimento pessoal — essas indicações se referem a *um processo triplo* que deve ser considerado enquanto totalidade complexa. O importante é como o ser humano percorre o caminho da autotransformação da forma melhor e mais significativa. É um caminho, e um processo. Começa na escuridão das florestas terrestres — naturais ou feitas pelo homem — e termina na luz-consciência da qual nossa Galáxia é o símbolo celeste e representação real.

3) Se tentarmos dar um significado preciso ou episódico àquilo que os astrólogos clássicos denominam "estrelas fixas", na verdade pouca base teremos onde firmar um julgamento convincente. A obra frequentemente citada de Vivian E. Robson, *The Fixed Stars and Constellations in Astrology* (Londres, 1923) proporciona uma série de dados de fontes helenistas, medievais ou clássicas, nas quais seria não apenas uma imprudência confiar, mas também psicologicamente perigoso. Outros livros, como a valiosa *Encyclopedia of Astrology*, de Nicholas de Vore (Nova York, 1947), pode ser ainda mais destrutivo na interpretação do que indicam as estrelas em conjunção com o Sol, a Lua e os Ângulos natais. Cedo ou tarde algum "astrólogo científico" fará um exaustivo estudo estatístico da suposta influência das estrelas, provavelmente quando próximas ao Ascendente e/ou ao Meio-do-Céu; o que deverá acarretar mais problemas e resultados infelizes quando os dados estatísticos — os quais podem ser valiosos em termos de *grupos maiores* — forem usados nas predições individuais, onde a estatística não tem valor.

Os planetas possuem significados no sistema solar devido a sua escala hierárquica — ou, mais simplesmente, suas distâncias do Sol central. Também adquirem significado segundo a posição relativa a nós no sistema, que somos observadores sobre a Terra — ou seja, geocentricamente; Vênus e Mercúrio dentro, e os demais fora da órbita terrestre. Estes são significados arquetípicos e fundamentais; a partir deles é possível deduzir-se uma grande variedade de características secundárias, terciárias, etc., referentes aos traços superficiais e reações pessoais. Infelizmente, como já salientei, a estrutura interna da Galáxia é quase totalmente desconhecida. O conhecimento tradicional das estrelas é geocêntrico; os homens perceberam seu brilho e sua pouca luminosidade, bem como as linhas geométricas (constelações) por elas formadas no céu. Hoje, por meio de complexas observações e cálculos, os astrônomos podem deduzir a luminosidade "absoluta" e as distâncias relativas; mas resta-nos muita incerteza. Se existe um sistema subgaláctico do qual faz parte nosso Sol, juntamente com as estrelas mais brilhantes a nossos olhos, não conhecemos sua organizado estrutural dentro do espaço-campo cujo diâmetro pode medir cerca de 10 mil anos-luz.

Enquanto estrela, o Sol naturalmente envolve-se em interações entre as estrelas de nona Galáxia. Tal envolvimento atua na dimensão galáctica de existência cósmica, assim como a inter-relação de planetas

de nosso sistema é significativa em termos de valores heliocósmicos. A junção de ambos os níveis, galáctico e heliocósmico, só poderá produzir confusão, sobretudo se considerarmos a astrologia uma linguagem em que são usados símbolos de diferentes ordens. Por outro lado, vemo-nos compelidos a aceitar a possibilidade de os acontecimentos no nível da totalidade galáctica mais elevada e abrangente alterarem as condições de existência das unidades menores em seu interior. Devemos tentar diferenciar as relações estrela-estrela — ou seja, como o Sol, enquanto estrela, é diretamente afetado por sua relação com outras estrelas galácticas — e as condições gerais, prevalentes a qualquer momento em todo o campo da Galáxia.

No primeiro caso, estamos lidando com mudanças em nosso Sol, transmitidas à biosfera terrestre pelos raios solares e segundo o estado de todo o campo de atividade solar e interplanetário. Enquanto, no segundo caso, consideramos como tudo na Terra é afetado pelo estado global do espaço galáctico, no qual existimos, assim como os peixes habitam o mar. Desta maneira, um operário de fábrica é afetado não só pela reação do dono da fábrica às leis e regulamentos estabelecidos pelo Estado e aos procedimentos de seus amigos e concorrentes, como também pelo "estado geral da nação" à qual tanto ele quanto o dono da fábrica pertencem — isto é, pela situação econômica global (os custos do que ele tem de comprar) e os hábitos de sua sociedade.

Na linguagem astrológica simbólica, o estado da "nação" galáctica deve ser avaliado e interpretado tomando-se o plano galáctico (também chamado equador galáctico) como plano de referência fundamental. Este plano galáctico é facilmente visualizado, pois nossa Galáxia tem o formato de um disco alongado com um centro bojudo. Para medir a posição das estrelas na Galáxia em relação com seu plano equatorial, precisamos de um ponto de partida. Antes de 1961, esse ponto de partida situava-se onde o equador galáctico cruzava o equador celeste (extensão do plano do equador terrestre) na constelação de Áquila; mas em 1961, os astrônomos decidiram usar um ponto diferente, e a longitude galáctica hoje é medida à leste do centro da Galáxia, em Sagitário. Um dos motivos para a mudança foi harmonizar a posição de um anel de radiação rádio/hidrogênio exatamente no que hoje é a longitude galáctica 0°. A latitude galáctica é medida ao norte (positivo) e ao sul (negativo) do equador galáctico. As quatro direções do plano galáctico são consideradas convergentes na direção das constelações Cisne, Carina, Sagitário e Auriga, e nosso Sol aproxima-se de Cisne e

Hércules e afasta-se de Carina. Mover-se para Auriga implicaria mover-se em direção à margem da Galáxia; mover-se para Sagitário, mover-se em direção ao centro galáctico. O Sol, repito, está longe do centro galáctico, e localiza-se na extremidade interna da ramificação Órion da Galáxia,

A questão fundamental é a seguinte: o astrólogo moderno que busca refletir em termos galácticos, deve reter o antigo enfoque estritamente geocêntrico e empírico dado à suposta "influência" de estrelas *solitárias*, ou tem condições de adotar um enfoque mais holístico e verdadeiramente galáctico, interpretando as características das estrelas segundo sua posição na Galáxia e sua natureza e "idade" como estrelas?

Parece evidente faltar-nos conhecimento suficiente para seguir a segunda linha de raciocínio; contudo, podemos incorporar certa consistência lógica à nossa atitude. Enquanto a astrologia se basear no que ocorre no céu próximo ou num dos lados do plano da eclíptica apenas as conjunções das estrelas próximas a este plano (isto é, de baixa latitude celeste, norte ou sul) com os planetas de nosso sistema solar serão levadas em consideração. Em outras palavras, só consideraremos significativa as interações de estrelas e planetas em movimento ao longo do plano de atuação de nossa *Terra* no sistema solar, isto é, o zodíaco. (Este plano situa-se próximo ao Plano Invariável do sistema solar o qual, em termos da mecânica celeste, simboliza a estabilidade da relação orbital entre os planetas e o Sol central.) Por outro lado, o plano equatorial galáctico, inclinado 62 graus em relação ao plano equatorial terrestre, está longe de coincidir com o plano da eclíptica logicamente, tal fato pode ser interpretado da seguinte maneira: a relação *atuante* do Sol com seus planetas é bastante diversa em orientação da relação de *camaradagem* com as estrelas companheiras dentro da totalidade galáctica.

Devido às latitudes extremas de Plutão, podemos permitir ao cinturão zodiacal uma extensão de 18 graus de cada lado da eclíptica, o que incluirá as estrelas mais brilhantes entre aquelas capazes de afetar os planetas em movimento ao longo da eclíptica. Betelgeuse, com a latitude sul de 16°2' (atual longitude zodiacal 28°23' de Gêmeos), ainda pertenceria a esta categoria, mas não Sírius (latitude 39°36' — longitude a 13°43' de Câncer), nem Polaris, Vega, Fomalhaut ou as estrelas da Grande Ursa. Algol, tradicionalmente considerada a estrela mais funesta do céu, suposta causadora de "desventura, violência,

decapitação, enforcamento, eletrocussão e violência em massa" (Robson, *The Fixed Stars*), tampouco seria incluída. Contudo, algumas das estrelas mais frequentemente mencionadas, tais como Alcíone (uma das Plêiades, longitude de 29° de Touro), Aldebarã (9°25' de Gêmeos), Al Hecka (24°24' de Gêmeos), Tejat e Dirah (1° de Câncer), Wahat (18°08' de Gêmeos), Asellus Norte e Sul (começo de Leão), Régulus (29°17' de Leão), Spica (23°28' de Libra), Khambalia (6°34' de Escorpião), South Scale (14°42' de Escorpião), Antares (9°23' de Sagitário) encontram-se próximas à eclíptica.

Se, entretanto, considerarmos os possíveis efeitos causados por uma estrela em qualquer ponto do céu, não sobre planetas do nosso sistema solar, mas sobre a consciência e o caráter de um *ser humano* que habita a superfície do nosso globo, face a face com o céu, *qualquer estrela com que o indivíduo possa relacionar-se*, consciente ou inconscientemente, deve ser considerada e dotada de significado. Ainda assim, a determinação desse significado continua a ser extremamente difícil, e nossa tradição clássica talvez não seja aplicável ao estado de consciência e comportamento social do homem moderno. Contudo, uma coisa parece certa à luz da lógica e da consistência. Uma estrela só deve ser considerada "influyente" se é encontrada ascendendo (no Ascendente), ou culminando no Zênite e pondo-se no Ocidente — e, possivelmente, se ela está no Nadir, afeta o âmago do indivíduo. Tal influência não deve guardar nenhuma relação com o caráter do signo do zodíaco no qual recairia caso sua posição fosse reduzida à longitude celeste. Tampouco a prática ptolomaica de caracterização da influência estelar segundo a natureza de dois planetas deve ser considerada teoricamente válida, conquanto possa dar uma vaga idéia da qualidade da influência, caso fosse de fato sentida.⁵

Tal influência não deve ser sentida, e provavelmente não o é de forma *individualizada*, se a consciência não for suficientemente evoluída para corresponder de forma consciente aos *valores* galácticos; contudo, o indivíduo pode ser envolvido numa resposta coletiva, por exemplo como pertencendo a um país ou cidade, ou como membro de uma raça ou religião perseguida — também é razoável supor que o Sol, enquanto estrela, é afetado todas as vezes pela condição do campo

5. Para mais informações referentes à interpretação clássica tradicional das "estrelas fixas", ver Apêndice.

galáctico onde se move. Tal efeito provavelmente é transmitido a todo o sistema solar na forma de radiações. Estas podem influenciar o clima terrestre, produzindo seca ou dilúvio, eras glaciais e talvez até mesmo terremotos, os quais por sua vez poderão afetar com maior ou menor gravidade a vida dos indivíduos.

Não considero nosso conhecimento sobre essas questões suficientemente confiável para justificar as declarações abundantes nos livros de astrologia; e mais uma vez devo ressaltar o fato de que até mesmo estatísticas cientificamente confiáveis não indicam o modo como *determinado indivíduo* poderá reagir ao fator estudado estatisticamente. Embora um fato astrológico seja construtivo em 75% dos casos, o cliente que busca o astrólogo sempre pode pertencer aos 25% para quem o fato pode ser destrutivo ou de todo inócuo. Isso pode parecer óbvio a qualquer indivíduo que pensa; contudo, pode não ser, a julgar as afirmações constantemente ouvidas nos círculos astrológicos.

Alguns leitores intrigados poderão indagar qual o valor da astrologia. Na minha opinião, ela ajuda as pessoas a realizar e conhecer suas experiências segundo um modelo de referência transubjetivo e transpessoal — um modelo holístico, no qual cada aspecto da personalidade, e até mesmo experiência transformadoras, *encontram sua posição e função mais significativas na fase específica do processo vital de crescimento e realização do potencial inato.*

Se eu não acreditasse pessoalmente na possibilidade de a astrologia proporcionar esse tipo de auxílio, eu nada teria a fazer neste campo, que seria deixado aos adivinhos e aos artistas. Predições relativas aos sistemas materiais, constituídos por um grande número de unidades estudadas por físicos e químicos são valiosos para o aumento do controle humano sobre o ambiente potencialmente hostil e para a organização do comportamento diário ou mesmo costumeiro. Mas predições relativas a fatores humanos psicometais e individuais não serão apenas autogratificantes a longo prazo; elas inevitavelmente materializarão e mecanizarão nossa "imagem do homem". Os resultados a princípio poderão parecer, externamente, impressionantes em termos materiais; contudo, o resultado final estará fadado à frustração espiritual. Também poderá ser fisicamente destrutivo, e a humanidade atual vê-se compelida a enfrentar semelhante possibilidade.

Esta é a questão fundamental, e não se esta ou aquela técnica, nova ou consagrada pela antiguidade, produz mais ou menos

resultados que possam ser arrolados; isto é, se "funciona" ou não. Assim como qualquer linguagem nacional "funciona" para os cidadãos de uma nação cujas mentes foram treinadas para pensar e comunicar em termos de um conjunto de símbolos e sons vocais, dos quais é feita a linguagem, da mesma forma quaisquer sistema e técnica astrológicos consistentes e bastante utilizados podem funcionar para os astrólogos treinados para usá-los de modo regular e inteligente. Essa técnica funciona para eles, porque é mais sintonizada com a mentalidade deles e de seus clientes.

Da mesma maneira, um psicólogo freudiano via de regra atrai homens e mulheres para cujos problemas uma análise freudiana, pelo menos no começo, é a melhor solução. A solução poderá produzir novos problemas, que por sua vez poderão exigir uma investigação junguiana ou transpessoal, pois a consciência humana não é estática. Defrontar determinada dificuldade em certo nível pode redundar no desafio de um nível de consciência mais elevado ou profundo, e a este nível um conjunto de desordens ou oportunidades de crescimento mais significativo poderá surgir. O mesmo ocorre no que se refere a um enfoque astrológico. A popular astrologia de signo oferecida em colunas de jornais e artigos de revistas prepara o terreno, conquanto de maneira primária e ineficaz, para o despertar da consciência individual para a "influência" de fatores extrapessoais e supersociais, portanto, para a participação no ritmo universal. Talvez esta seja uma consciência ingênua, baseada em conceitos gerais e — da maneira como são formulados — até mesmo falsos. Mas não é isto o que ocorre com as religiões estabelecidas, nas quais estátuas de santos ou a imagem de um Deus paternal e barbudo, sentado no trono em alguma parte do céu, são oferecidas à veneração? Não obstante, tais práticas antropomórficas ingênuas podem e de fato "funcionam" para a pessoa possuidora de fé inquebrantável, e para *elas* os milagres de fato acontecem. A questão, neste caso, não é se os milagres acontecem "realmente", mas se isto produz o crescimento duradouro da consciência, ou leva a uma servidão mais profunda, ao nível da consciência que toma possível o acontecimento misterioso. As estatísticas da porcentagem de enfermos miraculosamente curados durante uma peregrinação a Lourdes, na França, não teria nenhum significado, pois não são os fatos físicos que importam, mas o estado de consciência dos seres humanos e a capacidade de evoluírem além do estado em que se encontravam no começo do processo.

Mesmo que externamente pareça gloriosa, uma civilização estritamente ordenada de autômatos humanos constituiria o mais trágico fracasso que a humanidade poderia experimentar. Hoje passamos por uma crise profunda e talvez decisiva do planeta, dominado pela nossa cultura ocidental, a qual fracassou na formulação de perguntas suficientemente fundamentais, ou melhor, ofereceu respostas tragicamente, entorpecedoras e materialistas às questões básicas: O que é o homem, e qual o significado da sua existência? A astrologia atualmente praticada nos Estados Unidos e na Europa, seja ao nível de adivinhação ou no estatístico-científico, é o resultado de uma mentalidade coletiva, cujos modelos racionais, controladores e egocêntricos originam-se da antiga Grécia e Alexandria, posteriormente cristalizados em Roma. Chegou o momento dos conceitos e procedimentos clássicos serem transformados em resposta ao surgimento de uma nova espiritualidade, capaz de repolarizar por completo e expandir a consciência dos grupos cada vez maiores de seres humanos que estão tomando consciência dos novos níveis de existência e possibilidade de crescimento enquanto indivíduos.

A eles é dedicado este livro, o qual sem dúvida não constitui uma declaração definitiva. Este livro pretende ser um chamado à reorientação e transcendência, uma tentativa de evocar possibilidades inimaginadas, um desafio à compreensão criativa. Se fala de planetas remotos e de estrelas ainda mais distantes, é porque a astrologia, hoje mais do que nunca, representa um meio conveniente, já que popular, de simbolizar a habilidade humana em estabelecer uma sintonia da sua consciência e vida com os ritmos dos planos de existência sempre mais elevados. Se compreendermos esses ritmos e todas as implicações de uma dimensão galáctica da consciência, na qual todas as formas de existência se interpenetram em incessante contribuição para a harmonia suprema da Totalidade cósmica, então seremos bem-sucedidos em plantar esta compreensão naquele aspecto da nossa mente cuja função consiste em construir novas estruturas de comportamento individual e coletivo; e, por fim, a humanidade emergirá da era de conflitos e frustrações, da fome e poluição, para a era de harmonia planetária, para a plenitude do ser.

Apêndice

Provavelmente o livro mais completo sobre "estrelas fixas" é o de Vivian E. Robson, *The Fixed Stars and Constellations in Astrology*. No prefácio de 5 de julho de 1923, Robson menciona sua gratidão ao livro de Alvidas (cuja obra *The Fixed Stars* também foi publicada) e a um trabalho extenso e fascinante de Richard Hinckley Allen, publicado primeiro em Nova York, em 1899, e republicado em 1936.

Este último não trata de interpretações astrológicas tradicionais, mas estuda as fontes e inúmeras variações dos nomes das estrelas, e suas associações mitológicas e equivalentes nas culturas não-ocidentais — sobretudo a hindu e a chinesa. A maioria dos nomes na verdade chegou à Europa Medieval através dos astrólogos árabes; mas o termo "árabe" talvez cause certa confusão, pois refere-se ao povo das regiões onde outrora floresceu a Babilônia, mas em cujas veias corria muito pouco sangue árabe. Segundo a idéia de Arnold Toynbee, qual seja a de que a cultura árabe restaurou a extinta "civilização siríaca", os astrólogos árabes herdaram portanto, senão literal pelo menos psiquicamente, a preocupação com as estrelas que, desde os dias da Grécia antiga tem sido associada à Caldéia. Talvez seja mais proveitoso estudar aquele livro e a associação mítica de idéias implícita nos nomes das estrelas, do que confiar na caracterização da influência de uma estrela segundo a natureza de um ou dois planetas com os quais a estrela supostamente se relaciona; pois tal relação estabeleceria a conexão de dois grupos de entidades que atuam em dois níveis diferentes (ou dimensões) da existência. utilizando-se tais "correspondências", talvez seja perdido o essencial da caracterização.

Escreve Robson: "As estrelas fixas conferem força e energia aos planetas e modificam seus efeitos, mas ao mesmo tempo a natureza do

planeta exerce forte influência controladora sobre o resultado." Ele também assevera que, "a influência das estrelas fixas difere daquelas de planetas por ser bem mais dramática, súbita e violenta... produzindo tremendos efeitos durante períodos curtos e, após levar os nativos de determinado signo a uma grande altura, deixa-os cair subitamente e provoca uma série de desastres dramáticos e inesperados... pode-se considerar como regra relativamente estabelecida a de que as estrelas não atuam sozinhas, exceto talvez naqueles casos em que estão situadas nos Angulas, por conseguinte seu efeito-chefe é transmitido pelos planetas. Ao que parece, elas formam uma base subjacente sobre a qual o horóscopo é construído, e se um planeta cai sobre uma estrela, seu efeito é grandemente ampliado, conferindo-lhe uma proeminência na vida que apenas sua posição e aspecto no mapa não justificam". (págs. 92-93.) Ptolomeu não propôs regras para a determinação da natureza de uma estrela em termos de um ou dois planetas. Se dois planetas são mencionados, o primeiro "é considerado o representante da influência principal da estrela. O segundo denota um tipo de influência modificadora".

Robson classifica e estuda cento e dez estrelas, listando-as segundo sua longitude celeste, por conseguinte segundo sua posição no zodíaco tropical. Tais posições mudam gradualmente, devido ao movimento denominado precessão dos equinócios, a uma taxa média de 1 grau de longitude em setenta e dois anos. Seguem-se os nomes e supostas naturezas de algumas das estrelas mais freqüentemente citadas pelos astrônomos modernos. As posições dessas estrelas são dadas segundo *The Astrological Annual Referente Book* (Símbolos e Signos, Califórnia) para o ano de 1972.

SÍRIUS (13°43' de Câncer — latitude sul 39°36') Esta estrela, a mais brilhante de todas, é considerada da natureza de Júpiter e Marte. É a Estrela Cão (constelação *Canis Majoras*) e aparentemente predispõe a mordidas de cio, mas por outro lado confere honra, fama e riqueza jupiterianas. Segundo *Esoteric Astrology*, de Alice Bailey, Sírius mantém importante relação 'com o nosso Sol, do qual constitui, em sentido cósmico, o Eu superior. Talvez este seja o motivo pelo qual, quando o Sol está em conjunção com Sírius em longitude, às vezes distribui grande poder. É o caso da carta natal dos Estados Unidos de 4 de julho de 1776.

Sirius foi chamada por H.P. Blavatsky (em *A Doutrina Secreta*) a "Grande Instrutora da Humanidade", e relacionada com Mercúrio e Buda, ou com a sabedoria.

ALDEBARÃ (9°25' de Gêmeos — 5°29' latitude sul) Estrela de primeira grandeza, olho esquerdo da constelação de Touro; para os antigos penas, uma das quatro Guardiãs dos Céus, da natureza de Marte segundo Ptolomeu; confere honra mas também é associada à violência e aos acidentes.

ANTARES (9°23' de Sagitário — 4°34' latitude sul) Estrela binária no coração da constelação de Escorpião; da natureza de Marte e Júpiter, sugerindo honra, riqueza, mas também violência, enfermidades, traição, etc.

VEGA (14°56' de Capricórnio — 61°44' latitude norte) Da natureza de Vênus e Mercúrio. Conquanto acredite-se que forneça caridade, requinte, também traz uma série de características desagradáveis. Dentro de aproximadamente onze mil anos, ela se tomará nossa Estrela Polar.

SPICA (23°28' de Libra — 2°03' latitude sul) Na constelação de Virgem, esta estrela recebe especial importância por parte dos astrólogos siderais, na determinação do relacionamento entre o zodíaco dos signos e o das constelações. Diz-se que esta estrela tem um caráter benéfico, sobretudo quando próxima ao Ascendente ou ao Meio-do-Céu — sendo da natureza de Vênus e Marte, ou Vênus e Júpiter.

RIGEL (16°27' de Gêmeos — 31°08' latitude sul) Estrela da natureza de Júpiter e Marte, e BETELGEUSE (28°23' de Gêmeos — 16°02' latitude sul) da natureza de Marte e Mercúrio, são estrelas de primeira grandeza da constelação Orion. Há muito tempo acredito que Betelgeuse (significando em árabe, "A Casa do Senhor") relaciona-se de alguma maneira com a iminente Era de Aquário, enquanto Régulus presidiu a Era de Peixes, iniciada, segundo meus cálculos, logo após sua entrada no signo de Leão. Atualmente Régulus está passando pelo último grau de Leão, simbolizado pela Esfinge, entrada do caminho secreto que leva à Grande Pirâmide e, no interior desta, à Câmara de Iniciação. Quando Régulus deixar o signo de Leão, Betelgeuse entrará no signo do solstício, Câncer. Começará a Era de Aquário.

RÉGULUS (29°17' de Leão — 0°28' latitude norte) Da natureza de Marte e Júpiter. Em inúmeras culturas, esta estrela é denominada Rei, Soberano ou Poderoso. Representa o coração do Leão celeste. Bastante próxima da eclíptica, está quase completamente recoberta pelo Sol no dia 21 de agosto. Em altitudes bem mais elevadas, a Cauda do Leão é DENEbola, considerada da natureza de Saturno e Vênus, a qual confere poder militar, honra, riqueza, mas também no final fracasso ou enfermidade.

ALCÍONE (29°38' de Touro — 4°02' latitude norte) Conquanto seja uma estrela de menor luminosidade das Plêiades, na antiguidade era considerada centro de nosso universo. Escritores esotéricos conferem grande importância às Plêiades, relacionando este grupo de estrelas com Sírius, como também às estrelas da Grande Ursa (ver *Esoteric Astrology*, de Alice Bailey).

POLARIS (28°11' de Gêmeos — 66°06' latitude norte) Nossa atual Estrela Polar na constelação da Ursa Menor, é da natureza de Saturno e Vênus. No próximo século, o eixo polar da Terra apontará para ela com exatidão jamais conseguida.

ARCTURUS (23°51' de Libra — 30°46' latitude norte) Tem a natureza de Marte e Júpiter (como Antares) segundo Ptolomeu, mas Alvidas acreditava que tivesse a natureza de Vênus e Mercúrio. Relaciona-se com a Ursa Maior, a Grande Ursa, e é uma das primeiras estrelas mencionadas em registros remotos.

ALTAIR (1°24' de Aquário — 29°19' latitude norte) A natureza desta pálida estrela amarela no pescoço da constelação da Águia foi caracterizada de diferentes maneiras segundo diferentes autores — Marte e Júpiter, Saturno e Mercúrio, até mesmo Urano.

FOMALHAUT (3°29' de Peixes — 21°08' latitude sul) Esta estrela do céu meridional também pertenceu outrora às quatro Estrelas Reais da antiga Pérsia, Guardiã do Sul, caracterizando então o solstício de inverno. Sua natureza é dada por uma combinação de Vênus e Mercúrio.

Essas características, e as declarações de Vivian Robson citadas anteriormente, foram escritas numa época em que a natureza, -

dimensão e estrutura da Galáxia não eram inteiramente compreendidas. Podem ser válidas no nível clássico, e para a astrologia clássica que vem sendo utilizada há séculos. Para o astrólogo que atua neste nível, ansioso por satisfazer as expectativas de clientes condicionados pelo conceito popular de astrologia enquanto ciência profética — na melhor das hipóteses apenas enquanto meio de analisar o caráter — o enfoque tradicional dado às "estrelas fixas" tem alguma validade. Contudo, já que, na maioria dos casos, características dramáticas e espetaculares são atribuídas a essas estrelas, o conhecimento dessas características pode aumentar os temores já presentes ou as expectativas doentias de fama e fortuna nas pessoas fascinadas por este ramo da astrologia. Ou seja, qualquer tendência à paranóia será ainda mais acentuada. O valor do conhecimento depende sempre da habilidade de quem conhece em usar os dados de maneira construtiva, isto é, sua habilidade em assimilar o conhecimento e colocá-lo a serviço da auto-realização plena. Por este motivo, repito que o trunfo mais valioso de um astrólogo é a capacidade de intuir a habilidade do seu cliente em usar qualquer informação ou interpretação dada de maneira significativa e válida. Tal capacidade é particularmente necessária se o que é dito pelo astrólogo relaciona-se com acontecimentos espetaculares, e sobretudo se o astrólogo sugere a possibilidade de um caráter ou destino que transcende as expectativas normais no cliente, considerando sua idade e nível cultural.

Epílogo

Segue-se uma tentativa de apresentar o mais sucinta e claramente possível os conceitos metafísicos em que se baseia o modelo do universo e da Galáxia introduzidos neste livro. Alguns tópicos, citados brevemente até o momento, são melhor desenvolvidos em meu livro *A Planetarização da Consciência*.

Ao considerarmos a centralidade aparente do nosso sistema solar, pensamos nele em termos tridimensionais. Uma massa central de energia governa todas as partes componentes do sistema de duas formas fundamentais: mantém o sistema integrado através da força gravitacional, mas também irradia energia incessantemente, em vários níveis de frequência. A entidade central rege o comportamento do sistema; constrange, mas ilumina e vivifica. Este é o arquétipo do autocrata beneficente, o Patriarca divino.

Na mandala habitual, o centro é ocupado por uma entidade com a qual toda a mandala se relaciona e para a qual convergem as partes mais ou menos diversas, desiguais ou conflitantes de toda a figura geométrica. A mandala é usada como meio de centrar a consciência, em cujo campo mental uma variedade de conteúdos e formas efêmeras encontram-se em constante movimento, amiúde sem rumo e em desalinho. O ideal que todas as "grandes religiões" tentam personificar é a unificação de todos os homens que habitam esta mandala-globo, a Terra. A fim de centralizar tal processo de unificação, as religiões teístas enfatizam a existência de Deus, o Supremo. Devido ao nível de consciência da maior parte da humanidade, ao menos nos últimos milênios, este ideal de centralidade grande parte do tempo tem sido "fisicalizado"; o Deus Uno assumiu uma aparência física, em geral "à imagem e

semelhança" do homem. Também foi adorado como o disco solar, Aton; e os ocultistas falam a seu respeito como o Sol Central ou Espiritual. Hoje, com a popularização da forma em mandala da nossa Galáxia, muitos crêem na existência de uma gloriosa super-Estrela no centro da Galáxia. Infelizmente (ou talvez felizmente) escondida a nossos olhos humanos por nuvens de poeira (as quais podem simbolizar o estado de consciência humano oprimido pelo carma), esta super-Estrela pode ser o "Sol Espiritual" dos sábios ocultistas e místicos, em tomo do qual todas as estrelas da nossa Galáxia evoluem, como outrora os cortesãos circundavam reverentes o trono do imperador persa, ou qualquer "rei por direito divino".

Pode ser que exista essa super-Estrela no centro da nossa Galáxia em espiral; contudo, segundo os poucos dados disponíveis e as diversas percepções intuitivas, provavelmente ela não existe. O centro não constitui uma massa específica de energia-substância de tremendo poder e extensão, mas ao contrário um "buraco branco", de onde emerge a energia, ou há muito tempo emergiu no espaço quadridimensional do campo galáctico — uma fonte e não uma bola enorme de matéria em estado plasmático. Portanto, o que mantém a Galáxia integrada como totalidade cósmica não é a gravidade gerada por um centro imenso, mas *a interação harmônica da força gravitacional de todas as estrelas galácticas*. Isto é, a força holística da Comunidade Galáctica, da qual toda estrela participa, porque nenhuma estrela está separada das demais. Todas se interpenetram, constituindo uma verdadeira Comunidade cósmica.

Isto não significa, repito, que não exista uma área central. O princípio de centralidade está *implícito* na convergência das forças gravitacionais de todas as estrelas. Também estaria implícito no surgimento periódico de nova energia-substância na fonte central. Nesse local de poder, uma dimensão mais elevada da existência — que denominei quinta dimensão do espaço — exerce uma ação centrífuga sobre o espaço quadridimensional da Galáxia, do qual apenas entrevemos o reflexo na nossa consciência tridimensional de fisicalidade. É este reflexo que alguns astrônomos tentam interpretar como um "buraco branco" do qual emerge hidrogênio novo (ou protohidrogênio). O "buraco branco" é polarizado pelo "buraco negro" para onde a matéria velha é irresistivelmente atraída por imensas e poderosas forças gravitacionais.

Quando falo de uma quarta dimensão do espaço (que nada tem *a ver* com a quarta dimensão de Einstein, o tempo, usada com o propósito de medida), fica implícito o Princípio de Ligação ou Correspondência; e Correspondência implica Forma, seja no nível mental ou físico. O conceito de uma quinta dimensão do espaço baseia-se no princípio de que uma "vontade de ser" deve ser postulada na raiz de todas as formas de existência. Também pode ser expressa afirmando-se que o impulso de tornar-se círculo ou esfera é inerente a todo ponto matemático. É um impulso extremamente poderoso, implicando não apenas expansão, mas criatividade.

A criatividade constitui um dos dois aspectos do Movimento cósmico, e neste nível do Espaço só existe Movimento, ou Força em movimento. Ela foi simbolizada na Índia antiga como a Grande Respiração. Ao ato de criação *cosmogônico* — a exalação da energia — segue-se um processo *catacósmico* (a inalação), no qual tudo retrocede ao estado de ponto, praticamente sem dimensão. "Buracos Brancos" e "Buracos Negros" constituem estágios críticos desses dois processos. Na China este dualismo do Movimento foi representado pelas forças Yin e Yang contidas no círculo; o círculo que simboliza o Tao inefável, a realidade máxima do Espaço — a qual também poderia ser denominada sexta dimensão.

Na quinta dimensão atingimos o espaço metacósmico, estado de pura energia, além do que se possa imaginar: Contudo, não adianta tentar "imaginá-lo", pois ele transcende todas as formas ou imagens espaciais. O espaço neste nível encontra-se em estado de união "metacósmica" com o Tempo, considerado infinito além de toda possibilidade de medida. Quando o impulso criativo impera (quando o Yang é mais poderoso do que o Yin), o Tempo manifesta-se e nasce um universo do "amor" do Espaço e do Tempo. Durante a metade cosmogônica do processo o Tempo, segundo nossa medida física, flui muito lentamente. Conforme o impulso catacósmico para a reabsorção no ponto, transforma-se em forte ansiedade (predominância do Yin), o Espaço se contrai, o Tempo se acelera e a Consciência se expande. O Agora "infinito" corresponde ao ponto matemático. Segundo certos astrônomos, as estrelas próximas ao centro galáctico são mais velozes do que as que se encontram nas extremidades distantes da Galáxia. Ao aproximarmos-nos do centro da Criatividade, o que experimentamos como Tempo, subjacente ao processo de mudança, pode ser considerado "mais curto".

A interpenetração é o fato básico no nível quadridimensional de existência no Espaço galáctico. Neste nível, o tempo constitui um fator de definição bem menos rígido do que nas condições tridimensionais de existência física e de centralidade maciça. Os campos interpenetrantes da consciência — estrelas jovens e velhas — podem compartilhar sua experiência. Pressupõe-se que a evolução grupal é mais importante do que a individual. A evolução do todo condiciona a das partes. A comunidade condiciona a individualidade. Mas *condicionamento* neste nível não pode significar *controle* exercido por uma força centralizada. Como já vimos, não existe uma força "centralizada"; nenhum governante ou burocracia maciça. O poder emergente do espaço quinqüedimensional *não permanece no centro*. Está em toda parte. No nível reflexivo da fisicalidade, atua como a onipresença do hidrogênio.

Um idêntico centro de criatividade constitui o poder no interior de cada estrela; contudo, cada estrela representa seu papel em harmonia com o todo galáctico, e inúmeros são os papéis — é o que parece para nós, que observamos o jogo das luzes nas telas físicas da nossa esfera celestial.

No simbolismo bidimensional, esta esfera é um círculo cujo raio pode ser determinado pela intensidade do impulso criativo no "Ato Criador" quinqüedimensional. Mas se esta intensidade varia, e percebemos essa variação na diferença de tamanho e forma das galáxias, é porque a liberação cosmogônica de energia-substância — até onde podemos entendê-la através de seus efeitos — atua de forma dualística. O que quer que seja liberado, sempre abre caminho em duas direções. No nível físico mecânico, falamos de movimento ou rotação no sentido horário ou anti-horário; no nível metapsicológico mais qualitativo, podemos afirmar que, realizado um novo potencial de existência, tal processo está destinado a redundar tanto em "sucesso" quanto em "fracasso"

A bipolaridade é a lei da existência, ao menos até onde podemos imaginar a existência concreta. A existência é um processo cíclico, e ao final de cada manifestação cíclica, encontramos tanto o sucesso quanto o fracasso, ou no simbolismo da vegetação anual, tanto a semente quanto as folhas mortas. Todo ciclo de existência deixa alguma *tarefa não-concluída*, algum resto ou sobra. Portanto, um novo ciclo deve ser iniciado — nova liberação cosmogônica de energia deve irradiar-se centrifugamente, da quinta para a quarta dimensão do espaço — a fim de

que os restos do ciclo anterior (seu "carma") possam ser tratados. As matérias químicas constituintes do humo produzido pela decomposição de substâncias outrora vivas deve receber uma "segunda chance" de participar da totalidade da existência orgânica.

Se a Harmonia absoluta — embora dinâmica — é o alicerce supremo de toda existência em todos os níveis, o dualismo de sucesso e fracasso ao fim de um ciclo cósmico não pode perdurar — isto é, não pode perdurar no nível de atuação do Tempo. O Tempo atua onde quer que se possa pensar em existência, no sentido real do termo (existência). Sem o tempo não há possibilidade de processo nem seqüência de estados ou fases em um tipo de atividade cíclica, nem atividade ou movimento. A forma como os homens sentem o poder do tempo e medem o caráter seriado dos acontecimentos existenciais é suscetível de diversas variações, pois a consciência humana pode *experimentar e interpretar a mudança* de muitas maneiras. Contudo, isto não afeta a inevitabilidade fundamental do tempo. Se a condição suprema da existência pode ser simbolizada pelo Grande Sopro de Brahma, este símbolo também implica mudança, processo e tempo. O único estado "além" do tempo seria o da consciência capaz de manter perpétua e imutavelmente a percepção do *equilíbrio* permanente destas duas fases perfeitamente compensatórias. É a este estado de consciência que se refere o Tao.

Como existem ciclos dentro de ciclos, é lógico admitir a possibilidade de que um Tao supremo e abrangente — se quisermos conceber o auge da hierarquia das totalidades cósmicas — pode refletir-se em um grau de intensidade ou abrangência em gradual redução, à medida que são atingidos níveis mais inferiores da existência — cada nível estabelecendo suas próprias limitações quanto à percepção da Harmonia cósmica. A essa consciência do Tao, em níveis planetários e cósmicos denominei "consciência cósmica": Essa consciência apreende todo um ciclo (eon) em sua totalidade, dos estados alfa aos estados ômega. Ela deve ser capaz de experimentar cada fase do processo cíclico tanto na direção do sucesso como do fracasso. Neste sentido, essa consciência deve ser imanente e transcendente. Seria a consciência "divina".¹

1. Seres que se desenvolvem no caminho da desintegração, porque não se coligam ao propósito inerente ao ato da criação, atingem-no através da inconsciência e da aniquilação. A fim de sobreviver, precisam alimentar-se de vidas e mentes mais fracas; mas acabam sendo tragados pelos vórtices das trevas.

Deus é um Eon onipresente — vale observar que "eon" é um anagrama da palavra "um".* O conceito de Eon é dinâmico; abrange todas as mudanças dentro de um ciclo. O conceito de Um é estático, porquanto implica, no mais puro sentido metafísico, "um sem segundo" (na metafísica hindu advaita, não-dual).

A única forma de um centro individual de consciência viver de alguma maneira a força deste "Um" consiste em tomar-se Seu agente em nosso mundo físico-mental. Este é o caminho dos avatares, que trazem a consciência quinqüedimensional do "Um" divino para o nível tridimensional da atividade planetária e humana. Deus *age através* do avatar — na medida em que este esteja aberto, pronto e capaz de ser o terminal terrestre dessa descida da criatividade e do poder de transformação radical.

Contrariamente — conquanto ambos os caminhos relacionem-se com cada passo — o caminho místico leva à percepção da "unidade". Contudo, esta pode ser uma percepção extremamente elevada ou baixa, de acordo com a extensão e abrangência do estado de consciência da "totalidade". A verdadeira percepção da totalidade implica uma intuição mais ou menos vívida da interpenetração das partes do todo, o que termina por levar a uma constante *experiência de totalidade e consciência da unidade*. Esta é a consciência quadridimensional.

O reflexo dessa consciência deve iluminar a mente do astrólogo que busca interpretar a carta natal de um indivíduo no nível mais-do-que-físico. Os acontecimentos são experiências tridimensionais. O Sol central no indivíduo pode lidar eficazmente com estes acontecimentos e controlá-los; mas se não perceber que é também uma estrela, só poderá atuar como ego limitado pela consciência física. Se o Sol individualizado no ser humano perceber sua condição essencial de estrela, aprenderá gradualmente a descobrir seu lugar na companhia cósmica das estrelas galácticas, cujo reflexo físico terrestre — infelizmente obscurecido com frequência pelas nuvens, ou seduzido por miragens — é a humanidade (1974-75).

* *One*, em inglês.

ÍNDICE REMISSIVO

- Abordagem transpessoal da realidade, 154,155,167,179
- Abraão, 32
- Adler, Alfred, 127
- ADN, 17
- Advaita, 60
- Akhnaton, 134,164
- Alarico, 111
- Allen, Richard Hinckley, 181
- Alma, noite escura da, 66; mente, espírito e, 153
- Alquimia, 44, 83, 95, 149
- Alvidas, 181, 184
- Amor, glamour de, 60; como poder unificador, 154
- Amor de Cristo (ágape), 45, 59
- An Astrological Mandala: The Cycle of Transformation and its 360 Symbolic Phases, 62n, 84n, 122, 126, 168, 169
- An Astrological Timing: The Transaction to the New Age, 89n, 111, 113n
- Andrews, Donal Hatch, 139
- Antroposofia, 169
- Aristóteles, 134
- Arquétipos, 51, 72, 94, 109, 127, 160, 165; história e, 110; o espírito e, 140; o Homem e, 168; o inconsciente e, 96, os números e, 136; o sistema solar e, 185; o tarô. e, 62; os planetas e, 33, 48, 70, 174
- Assagioli, Roberto, 68, 127
- Asteróides, 33-36
- Astrologia: as imagens e a, 61; arábica, 181; arcaica (local centralizada), 16, 80, 168; como linguagem simbólica, 17, 18, 34, 39, 81, 175; como símbolo de expansão da consciência, 16; consciência galáctica e, 146, 150; função da, 142, 160-162, 173-174, 178-179, 185, 191; galáctica, 21, 29, 82, 161, 166, 175, 176-177, 180; geocêntrica, 18, 164, 176; heliocêntrica (clássica), 18, 142-143, 163, 164, 175, 180, 181, 185; humanista, 158, 167; longitude zodiacal, 162-163; pontos intermediários, 122-123, 162-164, 171; sideral, 183; signo solar, 162, 168, 179
- Astrologia da Personalidade, 30, 48n
- Astrology American, 33
- Astrology of America's Destiny, The , 104n, 115, 172n
- Astronomia, 33, 110, 143, 148, 165; clássica, 10-11, 18, 21, 134-135; moderna, 13, 15, 28, 51, 64, 80, 134, 135-138, 165, 166, 174, 175, 182, 187, 188
- Ataque a Pearl Harbor, 100, 106, 125
- Atman, 29, 51
- Átomo, núcleo do, como um espelho do self, 15
- Aura, 45
- Aurobindo, Sri, 73, 101
- Avatar, 52, 55, 58, 90, 191
- Bab, 93
- Bach, Eleanor, 33n
- Bacon, Francis, 9, 97
- Baha'i, 93
- Bailey, Alice, 18, 184
- Balcãs, guerra dos, 85, 105, 117
- Berne, Erik, 61
- Beroso, 165
- Bhagavad Gitã, 111
- Bíblia, 32
- Biosfera, 23, 27, 38, 41, 69, 73, 75, 81, 130, 158, 166, 175
- Bismark, Otto Eduard. Leopold von, 101
- Blavatsky, H.P., 14, 149-150, 183

Bodhisattva, 45, 58
 Bonaparte, Napoleão, 65, 92, 98, 117
 Brahma, 60, 190
 Brahman, 51, 68, 139
 Buber, Martin, 68
 Buda, 183; Gautama, 110
 Budismo, 24; zen, 41, 72, 107
 Buracos brancos, 10, 143, 150, 187, 188
 Buracos negros, 10, 150-151, 187
 Caminho (Senda) de iniciação e transformação, 39, 41-42, 50, 73, 77, 83, 94, 146, 156, 158, 173
 Cadillac, Antoine de la Mothe, , 88
 Campos energéticos, os, 23
 Casas Astrológicas: O Espectro do Experiência Individual, 16, 80n, 91n, 166
 Carlos Magno, 113
 Carma, 48, 65, 67, 78, 88, 95, 102, 103, 122, 124, 187, 190
 Cartier, Jacques, 92
 Catolicismo, 87, 91, 98, 112; Papado e, 101, 112
 Centralidade, 25, 132, 133, 134, 135, 140, 142, 143, 144, 146, 186
 Ceres, 33
 César, Júlio, 87
 Ciclo de luação, 115, 119
 Ciclo de Lunação, 119, 171n, 172n
 Ciclos, 39, 54, 64, 66, 67, 71, 108, 189, 190; consciência galáctica e, 20; da Era de Peixes, 105; divisão em doze partes de, 166-167; do zodíaco e das estações, 46n; luação, 115, 119; relação entre os planetas e, 26, 85, 119; vida, morte, vida, 149
 Ciência cristã, 93
 Ciência, crescimento da, 11, 19-20, 145; moderna, 11, 12, 13, 15, 19-20, 93, 142, 150
 Civilização, 76 Clóvis 1, 113
 Coletivo, 41, 49, 69, 70n, 115; individual e, 48; mente, 73
 Colombo, Cristóvão, 113
 Compaixão, 58, 60
 Compromisso de Henry Clay, O, 116
 Comunismo, 36, 53, 96, 170
 Corrida (em busca) do Ouro, 100
 Confúcio, 32
 Consciência: arcaica (vitalista), 16, 17, 20, 24, 130, 131-13 3, 144, 161, 164; clássica (heliocêntrica), 12, 20, 27-29, 35, 37, 41, 82, 99; coletivo, 104, 151; cósmico, 44, 50, 71-72; galáctica (holárquica), 27, 28, 29, 37, 41, 44, 48, 50, 51, 53, 55, 59, 61, 66, 82, 94, 107, 130, 134-135, 143, 144, 146, 151, 152, 153, 160, 168, 173, 180, 191; quinta dimensão, 68, 155, 190; saturniano-jupiteriano, 54
 Consciência galáctica. Ver Consciência, galáctica
 Copérnico, Nicolau, 9, 10; revolução copernicana, 9, 10, 18, 134
 Cromwell, Oliver, 99; era cromwelliana, 114
 Crookes, W., 149
 Cruzadas, 86, 112, 114
 Cubismo, 150
 Curie, Marie Sklodowska, 10
 Cristandade, 12, 90, 111, 113, 142, 156; visão de Deus, 25
 Cristo, 29, 60, 113, 151; as três tentações de, 156-158; descida ao inferno, e, 67, 68
 Dadaísmo, 105
 d'Alembert, 88
 Dante, 159
 Darwin, Charles, 93; teoria darwiniana da evolução, 11
 de Chardin, Teilhard, 82
 Democracia, 40, 90, 111
 Depressão, 40, 74, 84, 96, 105, 106, 124
 Descartes, René, 9

- Deus, 179; como um eon, 190; mito de, 146; o Sol e, 152; religiões teístas e, 186-187; sombra e, 71; visão clássica de, 144; visão cristã de, 24, 111; visão hebraico-cristã de, 68
- de Vore, Nicholas, 174
- Dharma, 44, 107
- Diaghilev, Sergei Pavlovich, 105
- Diderot, Denis, 88
- Doutrina da Correspondência, 19
- Dreyfus, Alfred, 104-105
- Drogas, 59, 87; psicodélicas, 59, 96, 115, 118, 172
- Dulles, John Foster, 118
- Eckart, Meister, 25
- Edito de Nantes, 114
- Ego, e egocentrismo, 72, 85, 155, 166; como estrutura psicológica, 22, 25, 26, 37, 43, 44, 49, 55, 58, 59, 61, 62, 68, 82, 87, 96, 106, 153, 157, 191; sociedade ocidental e, 16, 25, 26, 38, 43, 75, 96, 106, 146, 153, 158, 180
- Einstein, Albert, 10, 19; carta natal de, 170-171; teoria da relatividade, 112, 170, 188
- Eisenhower, Dwight, D., 118; carta natal de, 169
- Elizabeth I, 96
- Empirismo, sociedade ocidental e, 24, 112, 144, 176
- Engels, Friedrich, 89, 93 Eon, 190
- Ephemerides of the Asteroids Ceres, Pallas, Juno and Vesta, 33n
- Era de Aquário, 89, 113, 183
- Era de Peixes, 39, 121, 183
- Era de Proibição, 105
- Era do Jazz, 86, 95, 105
- Era elizabetana, 114
- Era romântica, 93, 100
- Era vitoriana, 93, 100, 104
- Eros, 70
- Espaço, 16, 31, 148, 174; biosférico, 26, 27; galáctica (transfísica), 26, 27, 28, 29, 38-39, 42, 56, 139-140, 143-144, 146-147, 151, 152, 175, 187-190; heliocósmica, 26, 27, 28, 38, 152; hierarquia do, 27, 28; quinta dimensão, 187-190; tempo e, 13, 20, 38, 188-189
- Espírito, 127, 151, 152-153, 154, 155, 156, 157, 160; descida do, 154; matéria e, 52, 71; matéria, mente e, 140-141; mente, alma e, 150; vida, matéria e mente, 20
- Espiritualidade hebraico-cristã, 68
- Estados Unidos, 106; carta natal dos, 89, 91-92, 104, 105, 115-117, 119, 120-121, 124-127, 172, 182; Constituição dos, 92, 114; Declaração da Independência, 92, 96
- Estrelas, 27, 175-178, 181-185, 187, 189
Ver também Estrelas fixas
- Estrelas fixas: AI Hecka, 177; Alcíone, 106, 177, 184; Aldebarã, 177, 183; Alfa Centaurus, 136; Algol, 176; Altair, 184; Antares, 163, 177, 183; Arturus, 184; Asellus do Norte, 177; Asellus do Sul, 177; Betelgeuze, 176, 183; Denebola, 184; Dirah, 177; Fomalhaut, 176, 184; Khambalia, 177; Polaris, 176, 184; Rigel, 183; Régulo, 107, 121, 163, 177, 184; Sírius, 163, 176, 182, 184; Spica, 163; Tejat, 177; Vega, 176, 183 Ver também Estrelas
- Fascismo, 36, 76, 170
- Fatos, no que se constituem, 11-12, 165
- Fermi, Enrico, 125
- Filipe I, Luis, 100
- Físicos, 104, 178; astrofísicos e, 141, 145, 150, 151, 152, 154; clássicos, 24; modernos (nuclear), 13, 21, 55; quantum/quânticos, 102

Ford, Gerald, 127
 Francisco José I, 100
 Fraternidade secreta, 73, 165
 Freud, Sigmund, 104, 127; carta natal de, 76
 Galileu, 9, 10, 96
 Gamow, George, 149
 Gandhi, Mahandas Karamchand, 101
 Gravidade da terra, 28, 56, 95; galáctica, 38, 81, 146, 158, 187; ou sistema solar, 9, 143, 185; plutoniano, 76; solar, 56, 80
 Hancock, John, 90
 Hearst, William Randolph, 104
 Hélio, 148-149
 Hidrogênio, 44, 136, 145n, 148, 150, 152, 175, 187, 189; e bomba, 118; como símbolo do espírito, 150, 151, 159
 Higgs, Godfrey, 149
 Hinduísmo, 51, 52, 68, 70, 80, 155, 191
 Hippias, 87, 118
 História: relação com a consciência e, 110-111
 Hitler, Adolf, 106, 125, 126
 Holarquia (visão holárquica), 23, 24, 27, 130, 135; níveis holárquicos de organizações, 14, 20
 Holismo, visão de mundo holista, 22, 34, 135, 150; vs. visão do mundo atomista, 14, 24n
 Humanismo, 19
 I Ching, 62
 Idades vitalistas, 16 Ver também Período arcaico
 Idéias de semente, 141; Deus-semente, 111; período da semente, 115
 Império romano, 181
 Imagens: natureza transformadora das, 61-63
 Inconsciente, 49; Netuno e, 49, 96; Plutão e, 69, 71, 75, 92, 156
 Inconsciente individual e coletivo, 48, 83
 Individuação, processo de, 68
 Individualismo, 12, 18, 28, 35, 48, 132, 135; e ego, 16, 25-26, 63, 75-76
 Interpenetração, como a quarta dimensão da realidade, 12, 21, 28, 29, 36, 51, 68, 135, 139-140, 152, 153, 180, 187, 191
 Ioga, 45, 107
 Islã, 86, 112
 Jefferson, Thomas, 90
 Joana D'Arc, 86, 114
 João XXIII, Papa, 101
 Jung, C.G., 18, 49, 61, 68, 70, 101, 127, 179
 Júpiter: como função planetária, 30, 31, 32, 33, 35, 39, 44, 45, 48, 62, 119, 123; exemplos da função planetária de, 99, 102, 104, 110, 115, 119n, 124, 126-127, 172, 182, 184, 185
 Júpiter (deus grego), 62n
 Káli, 70
 Kali Yuga, 70
 Kama deva, 70
 Kennedy, John F., 115, 116
 Kennedy, Robert, 115
 Kepler, Johan, 9, 10
 King, Martin Luther, 115
 Krishna, 29
 Kumaras, 49n
 Kunkel, Fritz, 61
 Landscheidt, Theodor, 136n
 Lao-Tzé, 111
 Lei de Bode, 33
 Lemaître, abade, 149
 Lênin, V. I., 101
 Liberdade, 36, 40, 58
 Lincoln, Abraham, 103, 117
 Litton, Bulwer, 77
 Loja branca, 29, 49
 Lua: ascendente, Sol e, 119-121, 171n; como função planetária, 167; exemplos da função planetária, 85, 100, 102, 104, 107, 115, 125, 126, 164, 174; Saturno e, 33; vs. Sol, como a luz da noite, 19, 132, 162, 172

- Luís XIV, 77, 86, 99, 114
- Lutero, Martinho, 91; Reforma de, 114
- Mandala, 62, 132; carta natal como, 168; , galáctica como, 187; globo natal como, 167; terra como, 78, 168
- Maomé, 32
- Maria (da Bíblia), 58
- Marte: como função planetária, 30, 32, 33, 34, 35; exemplos da função planetária, 75, 87, 99, 115, 124, 182, 183, 184; Júpiter e, 62; Mercúrio, Vênus e, 109; Plutão e, 44, 67, 69, 70, 75, 172; Plutão, Vênus e, 44; Saturno, Júpiter e, 37, 43; Saturno, Vênus e, 48; Vênus e, 32, 47, 48, 172 Marx, Karl, 89, 93
- Maslow, Abraham, 50
- Matemática, materialidade, 14,17,18,64, 78, 93, 112, 142, 143; sociedade ocidental e, 144,145,149,160,162,178
- Matemática, comunicação e, 52; natureza simbólica da, 11
- Matéria, 9, 10, 70, 112, 143, 145, 148; vida, mente e espírito, 20, 27, 71, 140
- McKinley, William, 104,116
- Meditação, 46, 55, 62, 106
- Mente: alma, espírito e, 150; consciência e, 22-23, 42, 157; cósmica, 72, 96; heliocêntrica vs. galáctica, 29; matéria, espírito e, 140-141; pensamento claro, 51; vida, matéria e espírito, 20
- Menzel, Donald H., 137
- Mercúrio: como função planetária e Júpiter, 31; exemplos das funções planetárias, 99, 104, 124, 183, 184; Marte, Vênus e, 109; Netuno e, 44; Plutão e, 71, 172; Saturno e, 31; Sol e Vênus, 30, 37, 43; Vênus e, 30, 62, 174
- Milagres, 179-180; e Cristo, 157-158
- Misticismo, 12, 13, 73; cristão, 157
- Mito: da astrologia, 81, 83, 160-162; da ciência moderna, 145; da consciência galáctica, 146; da descendência da alma, 166; da liberdade e da igualdade, 81; de Deus, 146; de morte, 146; do zodíaco, 165; necessidades de, 12, 82, 145
- Mitologia: grega, 49n, 62n, 70; hindu, 52,70
- Moisés, 134
- Movimento humanista, 87, 88, 93, 112
- Movimento dos Direitos Civis (Estados Unidos), 115
- Música, 76n, 97, 139-140, 143; universo como, 140, 141
- Mussolini, Benito, 77, 106; carta natal de, 170
- Nações Unidas, 97
- Napoleão I. Ver Bonaparte
- Napoleão 111, 116
- Nazismo, 76
- Neoclassicismo, 76n, 77
- Neo-escolasticismo, 76
- Netuno: como função planetária, 40, 45-46, 71, 73, 75, 77, 94, 120-127, 157; duração da órbita, 82, 109; em Aquário, 100-101; em Áries, 101, 110, 113; em Câncer, 102, 114, 123; em Capricórnio, 98, 99, 113, 117; em Escorpião, 98, 102; em Gêmeos, 101, 104, 111, 113; em Leão, 82, 95-96, 98, 102; em Libra, 82, 88, 89, 97-98, 113, 118, 125; em Peixes, 100; em Sagitário, 98-99, 114, 118; em Touro, 101, 110, 125; em Virgem, 96-97, 125; exemplos da função planetária, 123, 125, 173; Júpiter e, 44, 67, 99, 172; Júpiter, Saturno e, 45; Mercúrio e, 44; órbitas de, 52, 74, 113; Plutão e, 19, 52, 59, 69, 73, 76. 78. 111-115. 172:

- Plutão, Urano e, 26, 30, 36, 38, 41, 42, 45, 47, 49, 50, 66, 67, 78, 82, 84, 107, 108n, 118, 122-127,156,158,168,171,173-174;
Prosérpina, Plutão, Urano e, 29, 67, 84; Saturno e, 58, 61, 101; Urano e, 34, 35,44,47-63,66, 71,95,116-119, 120-122
- New Mansions for New Man, 30n, 33
- Newton, Isaac, 9, 10, 21
- Nirvana, 60
- Nixon, Richard, 118-119, 126, 172n; carta natal de, 121-123; e Watergate, 53
- Nuclear (atômico), poder, 86, 94, 97, 106,118,172n
- Numerologia, e períodos históricos, 111-113
- Occult Preparations for a New Age, 52n, 154n
- Ocultismo, 12, 29, 39, 49n, 73-74, 77, 90, 150, 157, 187
- Origem do globo, 166
- Ouranos, 62n
- Paine, Thomas, 90
- Pasteur, Louis, 93
- Paulo, 113
- Pedro, o Grande, 87
- Período arcaico, 110n, 130, 177
- Período clássico, 87, 134, 163; espírito clássico, 99, 100; heliocentrismo e, 9-10, 24, 25, 133
- Período holárquico, 130
- Person - Centered Astrology, 169n
- Piazzi, Giuseppe, 33
- Picasso, Pablo, 11
- Pitágoras, 111, 166
- Pizarro, Francisco, 92
- Planck, Max, 10, 19, 104
- Planetarização da Consciência, 24n, 71n, 138, 186
- Planetarização da Consciência e Podemos Recomeçar - Juntos, 24n, 155n
- Plutão: como função planetária, 36, 39-41, 44, 45, 52, 64-78, 118, 176; em Áries, 85, 89,92,93,110,115; em Aquário, 92, 113; em Câncer, 85, 89, 94, 102, 123; em Capricórnio, 91-92; em Escorpião, 90, 94, 99, 112, 113; em Gêmeos, 87, 93-95, 101, 104, 111, 114; em Leão, 86-87, 94, 113, 125, 126; em Libra, 85, 88-90, 94; em Peixes, 92-93, 113, 116; em Sagitário, 90, 94; em Touro, 93, 110; em Virgem, 88, 94, 107, 115; duração da órbita, 82, 109; exemplos da função planetária, 118, 125, 126, 173; Marte e, 44, 67, 69, 70, 76, 172; Marte, Vênus e, 44; Mercúrio e, 72, 172; Netuno e, 19, 52, 58, 69, 73, 76, 78, 110-115, 171; Netuno, Prosérpina, Urano e, 29, 67, 84; Netuno, Urano e, 26, 30, 36, 38, 41, 42, 45, 47, 49, 50, 66, 67, 78, 82, 84, 107, 108n, 119, 122-127, 156, 168, 170, 171, 173-174; Saturno e, 65, 184; Urano e, 115-117
- Polaridade, 189; do céu, e da terra, 16, 17; do individual e do coletivo, 48; do sol e da lua, 19
- Polarização, 59 Ponto de transformação, 123-127
- Pontos intermediários, 122-133,163-164, 171
- Prática de Astrologia, A, 30
- Primeira Guerra Mundial, 85, 89, 94, 95, 98,102,105,117,125,170
- Progoff, Ira, 61 Prometeu, 49n
- Prosérpina, 64; Urano, Netuno, Plutão e, 67,84
- Protestantismo, 98
- Psicologia, 104, 127, 130; para, 107; profunda (moderna), 68, 72, 73, 87, 90, 96; reducionista, 63, 75
- Psicologia profunda freudiana, 101
- Psicossíntese, 68

Ptolomeu, 18, 67, 177, 182, 184
 Pulse of Life, 48n
 Purna, 141n
 Química, 178; astrologia e, 17
 Raaum, Carroll, 62
 Racionalismo, sociedade ocidental e, 24, 50, 77
 Reconstrução, 117
 Reforma, 114
 Reich, Wilhelm, 74
 Relação, princípio da, 188
 Relação de direitos como um mito cultural, 11
 Renascimento, 15, 87, 93, 113, 114, 134
 Revolução americana 91
 Revolução bolchevista, 105
 Revolução francesa, 91, 92, 98
 Revolução industrial, 35, 39, 48, 58, 85, 89,92
 Revolução russa, 76n, 85
 Robson, Vivian E., 174, 181-183, 184
 Rodada Fortuna, 120, 121, 122, 171n
 Roda do Espírito, 120-121, 122
 Rodas arábicas, 119-122, 171; Roda da Fortuna e, 119, 120, 121, 122; Roda do Espírito e, 120-121, 122
 Roentgen, Wilhelm Konrad, 10
 Roosevelt, Franklin D., 101; carta natal de, 125, 126; e o New Deal, 96, 104
 Rosa-cruz, 39n
 Rousseau, Jean-Jacques, 88, 91
 Rudhyar, Dane, 52; carta natal de, 121
 Sankaracharya, 60
 Saturno: como função planetária, 26, 29, 30,33,35,36,38,44,45,48,49,60, 62, 65-67, 68, 75, 76, 82, 109, 123; exemplos da função planetária, 99, 103, 104, 111, 115, 118, 124, 125, 126, 172; Júpiter e, 31, 47, 48, 54, 109, 157, 172; Júpiter, Marte e, 37, 43; Lua e, 33; Marte, Vênus e, 48; Mercúrio e, 31; Netuno e, 58, 62, 10 101; Plutão e, 64, 66, 184; Sol e, 30, 31, 38, 42, 76, 172; Urano e, 42-44, 67, 76, 103, 172
 Saturno (deus grego), 62, 84
 Schoenberg, Arnold, 76n
 Schrödinger, Erwin, 140
 Segunda Guerra Mundial, 86, 95, 105, 118,125,147n
 Self individual, 51, 82, 96
 Self universal, 25, 51, 68, 155
 Semente, 67, 73, 189; auge da, 93-94; grupo da, 155
 Sexo, 74-76; como amor, 60
 Shiva, 52
 Símbolo, 51; astronomia como, 162; Cristo como, 151; em astrologia, 62n, 162; em linguagem, 179; em matemática, 11; galáxia como, 36; galáxia de Andrômeda como, 151; hidrogênio como, 15 151; necessidade do, 12
 Símbolos sabeus, 62, 168; a carta natal de Einstein e, 170-171; a carta natal de Eisenhower e, 169; carta natal dos Estados Unidos e, 125; carta natal de Mussolini e, 170; Netuno, Plutão, Urano e, 123; na carta natal de Nixon, 122; na carta natal de Steiner e, 169; na carta natal de Rudhyar, 121
 Sincronicidade, 18
 Sistema solar arcaico vs. visão clássica do, 130-135; abordagem galáctica ao, 21-29; geocêntrica vs. visão heliocêntrica, 9-10, 18; visão heliocêntrica, 12, 18-19, 21, 24,27-29,96,135, 152
 Smuths, Jan, 14, 24
 Sócrates, 111
 Sol: ascendente, Lua e, 119-121, 171n; como alma, 166; como dentro do sistema solar, 9, 15, 18, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 38, 42, 52, 56,67, 73, 80, 81, 85, 90, 107, 109, 112, 133, 142, 152, 155, 164, 167, 170, 174, 176, 191;

- como estrela, 25-26, 27, 29, 30, 39, 51, 60, 67, 81, 135-137, 152-153, 166, 168, 174, 177, 191; como função planetária, 167; exemplos da função planetária, 100, 102, 103, 107, 119n, 125, 126, 164, 169, 174, 182, 183; Mercúrio, Vênus e, 30, 37, 43; vs. Lua como luz do dia, 19, 80, 131-133, 162, 172; Saturno e, 30, 31, 38, 42, 76, 172; Urano e, 42-44
- Sombra, 35, 49-50, 71
- Stálin, Josef, 118
- St. Exupery, Antoine de, 74
- Steiner, Rudolf, 60; carta natal de, 169-170
- Stravinsky, Igor, 76n
- Stulman, Julius, 14
- Sufis, 12, 114
- Surrealismo, 105
- Tales de Mileto, 165
- Tao, 188, 190
- Tarô, 62
- Tecnologia: crescimento da, 86, 94, 96, 106, 125; implicações do crescimento da, 19, 142; Revolução Industrial, e, 92
- Tempo: galáctico, 146; espaço e, 13, 21, 38, 146, 188-189; quinta dimensão, 188-189
- Teosofia, 39n, 73; Sociedade teosófica, 93
- Teoria do Big Bang, 148, 149
- Teoria do estado constante, 148
- Terra: 27, 28, 36, 67; como centro do sistema solar, 9; como globo da mandala, 186; como membro de um sistema solar, 18, 24, 33, 34, 38, 39, 50, 80-81, 85, 112, 168, 174, 175, 176, 178; como organismo, 49n, 60, 87, 130-132, 149; Sole, 80-81, 84-85, 167 Ver também Biosfera
- Titius, David, 33
- Tombaugh, C.W., 84
- Toynbee, Arnold, 181
- Transcendente, 154, 159; consciência galáctica e, 82, 142, 144, 155, 157, 180; da consciência de Saturno, 38, 50, 63; do tempo e espaço, 13; espaço galáctico e, 56; hidrogênio e, 141; Netuno e, 57; nos relacionamentos entre as pessoas, 155; Plutão e, 69, 74; processo tântrico e, 57; quinta dimensão da realidade e, 188
- Transformação, 31, 61, 83, 86, 161; astrologia e, 160, 165, 171, 178; consciência da quinta dimensão e, 190; consciência galáctica e processo de, 29, 40, 82, 110, 130, 146, 150, 167, 179; mythos e, 83; Netuno e Plutão e o processo de, 173; Netuno e o processo de, 61, 62, 100; períodos de consciência e, 44; Plutão e o processo de, 88, 93, 94; Roda da Fortuna, Roda do Espírito e, 120; "Senda" e processo de 67-69; Urano e Plutão e o processo de, 172; Urano e o processo de, 42, 43, 54, 56, 106; Urano, Netuno e Plutão, e o processo de, 29, 36, 38, 39, 42, 47-48, 66, 67, 107, 123, 126-127, 156, 158, 170, 171, 173 Ver também Ponto de transformação, Caminho da iniciação e da transformação
- Transmutação, 107; Netuno e, 42, 57; Plutão em 65, 71; sofrimento e, 71; Urano, Netuno e Plutão, 3, 45, 82
- Transsubstanciação, Plutão e, 42, 71; Sol e, 143-144; sofrimento e, 71
- Tríptico Astrológico, 30n
- Um, 59, 70, 191
- Universo: como uma projeção da necessidade humana, 11-13; "senso comum" vs. "desmaterialização" do, 10-11, 15
- Urânia, 62n

Urano: como função planetária, 39, 45, 112, 156; duração da órbita, 82, 109; em Áries, 105, 106, 110, 111, 115, 123, 124; em Aquário, 100, 105-106, 123; em Câncer, 106, 117; em Capricórnio, 98, 99, 105, 117; em Escorpião, 104; em Gêmeos, 103,106,107, 123; em Leão, 82, 107; em Libra, 82, 88-90, 104, 118, 169; em Sagitário, 104; em Touro, 104, 106, 107, 110, 125, 126; em Peixes, 105; em Virgem, 107, 115, 116, 127, 172; exemplos da função planetária, 87, 116, 118, 184; Netuno e, 34, 35, 44, 47-63, 71, 94-95, 117, 118, 120-121; Netuno, Plutão e, 26, 29, 30, 36, 38, 41, 45, 47, 49, 50, 66, 67, 78, 84, 107, 108n, 119, 122-127, 156, 158, 168, 170, 171, 173-174; Netuno, Plutão, Prosérpina e, 29, 67, 84; Plutão e, 114-117; Saturno e, 42-44, 67, 75, 103, 172; Sol e, 42-44

Vácuo, 78

Vedanta, 139

Vênus: como função planetária, Marte e, 32, 47, 48, 172; exemplos da função planetária, 99, 104, 115, 124, 125, 183, 184; kumaras e, 49n; Marte, Mercúrio e, 109; Marte, Plutão e, 44; Marte, Saturno e, 48; Mercúrio e, 30; Mercúrio e Sol, 30, 37, 43

Victória, 116

Visão de mundo atomística vs. holística de mundo, 14, 24n

Wagner, Richard, 76n

Wallace, Henry, 74

Watergate, 53, 63, 89, 118, 126

Wilson, Woodrow, 95, 102,124,134

Woodruff, Sri, 141n

World Institute Council, 14

Yin e Yang, 17, 52, 139, 188

Zen. Ver Budismo

Zimmer, Heinrich, 133n

Zodiaco: tropical, 67, 104; tropical vs. sideral, 80-81, 163

Zoroastro, 111

Martin Schulman

O Ascendente - A Sua Porta

Kármica

Relacionamentos Kármicos

Marion D. March & Joan McEvers

Seu Horóscopo, seu Destino

Curso Básico de Astrologia

(3 vols.)

Alda Marian Jangl

Astrologia e Espiritualidade -

Para cada Signo do Zodíaco,

uma Oração

Donna Cunningham

Astrologia e Cura Através das

Vibrações

Pauline Stone

A Astrologia do Karma

Dane Rudhyar

Astrologia Tradicional e

Astrologia Humanista

A Dimensão Galáctica da

Astrologia

Urna Mandala Astrológica

A Astrologia da Transformação

A Astrologia e a Psique Moderna

Alexandre Volguine

As Significações dos

Enquadramentos nos

Horóscopos

A Técnica das Revoluções Solares

Gérard Edde

A Astrologia das Nove

Constelações

Richard Strauss

Indícios Cármicos no Mapa Natal

Gregório José Pereira de Queiroz

As Qualidades Primitivas na

Astrologia

Os Signos e a Carreira

Profissional

Determinação Local e Estado

Cósmico

Sasha Fenton

Signos Lunares

Theodore Lati

Manual do Horóscopo Chinês

Liz Greene

A Astrologia do Destino

Os Planetas Exteriores e seus

Ciclos

Relacionamentos

Liz Greene & Howard Sasportas

O Desenvolvimento da

Personalidade

A Dinâmica do Inconsciente -

Grupos de Estudos e Pesquisas

sobre Astrologia Psicológica

Liz Greene & Stephen Arroyo

Júpiter e Saturno - Uma Nova

Visão da Astrologia Moderna

Stephen Arroyo

Astrologia: Prática e Profissão

Astrologia, Psicologia e os Quatro

Elementos

Relacionamentos e Ciclos da Vida

Lois H. Sargent

Astrologia e Relacionamento

Donald H. Volt

Signos Interceptados e Reencarnação

Charles E. O. Carter

Enciclopédia de Astrologia

Psicológica

Os Aspectos Astrológicos

Richard B. Vaughan

A Astrologia em Linguagem

Moderna

Tracy Marks

A Astrologia da Autodescoberta

Landis Knight Green

Manual do Astrólogo

Carlos Alberto Boton

Tábuas de Casas para o

Hemisfério Sul

Donna Van Toen

Os Nodos Lunares na Astrologia

Suzanne White

A Nova Astrologia

Alexander Ruperti

Ciclos de Evolução

Nancy Anne Hastings

Progressões Secundárias

CURSO BÁSICO DE ASTROLOGIA

Vol. I — Princípios fundamentais

Marion D. March e Joan McEvers

Existem muitos livros de introdução à Astrologia, mas somente esta série segue o método inédito e sistemático de Marche McEvers.

Este *Curso básico* mostra como o leitor deve proceder, passo a passo, para aprender os conceitos fundamentais da Astrologia.

As lições são cuidadosamente elaboradas e terminam com um questionário organizado para testar o progresso do leitor.

O segredo do sucesso deste curso está no modo como o seu método envolve o leitor no processo de aprendizagem, através de exercícios fáceis e de testes bem elaborados.

O *Curso básico de Astrologia* compreende três volumes:

VOLUME I — Princípios fundamentais

VOLUME II — Técnicas de cálculo e de interpretação

VOLUME III — Análise do horóscopo

Os volumes são autônomos, podendo ser adquiridos e estudados separadamente.

Neste 1 volume, as lições versam sobre o simbolismo básico dos signos, dos planetas, das casas e dos aspectos. Além de analisar cada planeta em relação a cada signo, casa e aspecto. Como exemplos, são estudados os horóscopos de algumas personalidades de renome mundial no campo das letras, das artes, dos esportes e da política.

EDITORA PENSAMENTO

O ASCENDENTE

Sua Porta Kármica

Martin Schulman

O Ascendente é um dos mais importantes pontos do mapa astral. A maioria dos estudantes de astrologia aprende que o Ascendente simboliza a aparência física e que ele rege nossa visão pessoal da vida. Mas quantos de nós têm consciência de que o Ascendente é um importante indicador kármico? Neste livro, Martin Schulman nos leva numa viagem através do Zodíaco percorrendo signo por signo a fim de nos mostrar como o Ascendente é, de fato, um ponto de convergência que filtra o ser interior para o mundo. O Ascendente é a "porta" que usamos para expressar o que está contido no nosso horóscopo. São os seguintes os principais tópicos abordados neste volume pelo autor:

- * O karma pessoal;
- * Como superar a negatividade;
- * O Ascendente e os nodos lunares;
- * Descrição dos 12 possíveis ascendentes e o que eles significam em termos de karma pessoal.

Mapas exemplificativos fazem parte do livro, que é uma leitura indispensável para todos quantos estiverem interessados em entender as possíveis implicações kármicas do horóscopo.

EDITORA PENSAMENTO

O CICLO DE LUNAÇÃO

Dane Rudhyar

A astrologia moderna dá singular importância ao dia do nascimento da pessoa cuja vida e caráter estão sendo estudados. As revistas de astrologia, obrigadas a se apoiarem em dados simplificados e generalizados, têm sido em parte responsáveis pela excessiva ênfase dada ao que chamamos de "signo solar". Por isso, desenvolveu-se entre as pessoas o hábito de dizer: "Sou de Áries", ou "Sou de Virgem" — significando que, na data do seu nascimento, o Sol estava localizado no signo zodiacal de Áries ou de Virgem, como se mais nada existisse ou se movesse por ali.

No entanto, cada momento do mês ou do dia pode ser significativamente caracterizado pelos ciclos de lunação, que constituem o resultado da combinação dos movimentos periódicos do Sol e da Lua entre os demais corpos celestes. Assim sendo, podemos também dizer: "Sou do primeiro quarto da Lua", ou "Sou da fase da Lua cheia", com a mesma razão com que dizemos: "Sou de Libra".

Tendo em vista esses aspectos, os seres humanos podem ser divididos de conformidade com o significado simbólico dos períodos mais importantes dos ciclos de lunação. E, quando isso é feito, o fator básico usado como alicerce para essa classificação não é apenas o Sol, mas o relacionamento Sol-Lua.

Em *O ciclo de lunação*, Dane Rudhyar — um dos astrólogos mais conceituados da atualidade — ensina como classificar astrologicamente as pessoas de acordo com os ciclos lunares e ilustra suas considerações examinando os mapas de nascimento de grandes nomes da História mundial, que se destacaram na política, nas ciências, nas letras, nas artes e na religião, como Roosevelt, Kennedy, Stalin, Marx, Freud, Jung, Walt Whitman, Goethe, Lizt, Joana d'Arc, Sri Aurobindo e Alice Bailey, entre outros.

EDITORA PENSAMENTO

OS ASTROS E O AMOR

Liz Greene

Os astros e o amor é o primeiro guia astrológico completo sobre a vida, o amor e o relacionamento entre as pessoas.

Nele o leitor encontrará múltiplas informações, muitas vezes inesperadas e surpreendentes, de como interpretar a sua "rubrica" astrológica, assim como as estruturas sutis e complexas que formam a sua personalidade, o papel representado pelo ascendente, os mitos a que o signo astral está ligado e as personalidades que o ilustraram com o seu comportamento.

Esta obra de Liz Greene ensina ainda a descobrir por que alguns traços do caráter das pessoas parecem opor-se aos do signo sob o qual elas nasceram e, sobretudo, a desvendar esse mistério que são "os outros". E é neste particular, segundo a autora, que a astrologia mostra o seu lado mais prático: *"Mais do que qualquer outra coisa, ela ajuda na compreensão, e é da compreensão que nasce a verdadeira tolerância (não a condescendência). Dela também nasce a compaixão, que é uma das pedras fundamentais da construção do amor."*

Muitas das revelações contidas nestas páginas poderão perturbar, divertir ou mesmo chocar o leitor, mas o objetivo maior da autora é que cada um conheça a si mesmo e as pessoas com as quais se relaciona como se fossem um livro aberto, com vistas à busca de um equilíbrio e de uma felicidade sempre crescentes.

EDITORA CULTRIX

ASTROLOGIA — A Escolha da Hora Certa

Gregory Szänto

Há nos negócios humanos uma corrente cujo fluxo ao ser seguido, leva ao sucesso; Desprezado, todo o curso da vida do homem Confina-se aos baixios e às tormentas.

(Shakespeare — Júlio César)

A astrologia de eleição ou astrologia eletiva é a arte de escolher o momento certo para dar início a um empreendimento. A escolha do tempo certo é a essência da vida. Para tudo existe uma hora certa e uma hora errada. Agir na hora certa é garantia de sucesso; agir na hora errada, sinal infalível de fracasso.

Astrologia — A Escolha da Hora Certa é um livro cujo objetivo é mostrar como escolher a hora certa. O potencial da astrologia de eleição, como sucintamente se costuma chamá-la, é grande, maior talvez do que o de qualquer outra área da astrologia, pois é o único ramo dessa ciência no qual podemos dizer que temos uma escolha, pois em vez de interpretar um horóscopo já existente, criamos um.

Este livro tem o potencial de ajudá-lo a escolher o momento certo para assinar contratos, começar a construção de uma casa, abrir firmas, optar por um novo emprego, inaugurar uma loja, etc., etc., etc.

EDITORA PENSAMENTO

PLUTÃO NO SEU MAPA ASTROLÓGICO

Donna Cunningham

Sendo os assuntos de Plutão conhecidamente preocupantes, vale a pena trazê-los à tona?

- Sim, quando vemos pessoas atormentadas pela culpa voltando a amar a si mesmas.
- Sim, quando pessoas perseguidas por segredos terríveis rompem seu isolamento e recuperam a auto-estima, aprendendo a compartilhá-los com as pessoas certas.
- Sim, porque o propósito deste livro não é apenas compreender as dificuldades de Plutão, mas encontrar os instrumentos de cura para elas.

Plutão no Seu Mapa Astrológico é um livro que trata de maneira direta e profunda do tipo plutoniano e explica como Plutão pode atuar na sua carta natal e de que modo os problemas se manifestam.

Donna Cunningham apresenta o assunto de modo compassivo e caloroso, porém sem evasivas. e vai diretamente ao cerne da questão tratando de tópicos como:

- Culpa, ressentimento e medo;
- Segredos emocionais e de que modo eles contribuem para o isolamento da pessoa;
- Plutão e a necessidade de poder e de controle;
- A psicologia da vítima;
- Morte e transformação;
- As conseqüências positivas que advêm da fuga da tristeza.

Neste livro, você encontrará sugestões maravilhosas que irão ajudá-lo não só a diagnosticar os problemas de Plutão como também os meios para curá-los, usando os trânsitos plutonianos de modo positivo e para o seu autodesenvolvimento.

De Donna Cunningham, a Editora Pensamento já publicou *Astrologia e Cura Através das Vibrações*, *Um Guia Astrológico para o Conhecimento de Si Mesmo* e *A Influência da Lua no seu Mapa Natal*.

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 272-1399

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-3722

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP

A DIMENSÃO GALÁCTICA DA ASTROLOGIA

O Sol também é uma Estrela

Dane Rudhyar

Neste livro, Dane Rudhyar expande a filosofia astrológica tradicional introduzindo uma visão galáctica do sistema solar:



"Quando o sol é visto como a estrela que fundamentalmente é, um plano de referência galáctico toma forma na consciência do homem, conferindo potencialmente um novo significado a todos os padrões e eventos do nosso tradicional sistema solar. A princípio, os fatos planetários permanecem o que são. As órbitas, a velocidade de revolução e a inter-relação cíclica entre suas posições no céu parecem aos olhos humanos não mudar; mas a interpretação desses fatos se altera. ... Todo o sistema solar é visto sob uma nova luz: a luz da relação deste com a Galáxia."

Em *A Dimensão Galáctica da Astrologia* Dane Rudhyar demonstra como uma compreensão aprofundada de Netuno, de Urano e de Plutão podem conduzir-nos a experimentar o nível galáctico de consciência. O "desafio da galacticidade" para a astrologia humanística revela e libera novas perspectivas quando aplicado aos horóscopos individuais. Suas novas interpretações dos planetas transaturninos oferecem um instrumento para a transformação do planeta em que vivemos e do modo como usamos a astrologia na vida diária.

EDITORA PENSAMENTO